

ISSN: 2237-9967

VOL.

13

Nº 23

JAN-JUN/2024

O dispositivo

Revista Interinstitucional dos Programas de
Pós-Graduação em **Comunicação Social**
da PUC Minas e da UFMG

U F *m* G



// Expediente

Revista Dispositiva, v. 13, n. 23, jan a jun de 2024

Dossiê - Mídia, gênero e esporte

Editores do Dossiê

Ana Carolina Vimieiro (Universidade Federal de Minas Gerais)
Tatiane Hilgemberg (Universidade Federal de Roraima)

Editores Executivos

Profª Dra. Ana Karina de Carvalho Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais)
Prof. Dr. Carlos d' Andrea (Universidade Federal de Minas Gerais)
Prof. Dr. Pablo Moreno Fernandes Viana (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Profª Dra. Verônica Soares da Costa (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Conselho Científico (ordem alfabética)

Camila Quesada Tavares (Universidade Federal do Maranhão)
Cynthia Mara Miranda (Universidade Federal do Tocantins)
Debora Cristina Lopez (Universidade Federal de Ouro Preto/Universidade Federal do Paraná)
Denise Carvalho (Universidade Estadual de Campinas)
Edson D'Almonte (Universidade Federal da Bahia)
Elisa Piedras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Fernanda Carrera (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Gabriela Borges (Universidade do Algarve/Universidade Federal de Juiz de Fora)
Igor Sacramento (Fundação Oswaldo Cruz/Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Jeder Janotti Junior (Universidade Federal de Pernambuco)
Jose Luiz Aidar Prado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Juliana Freire Gutmann (Universidade Federal da Bahia)
Markus Stauff (University of Amsterdam)
Mauro Porto (Tulane University)
Nuno Manna (Universidade Federal de Uberlândia)
Patrícia Rossini (School of Social and Political Sciences)
Peter W. Schulze (University of Cologne)
Rafael Barbosa Fialho Martins (Universidade Federal de Juiz de Fora)
Rafael Grohmann (Universidade de Toronto)
Raquel Recuero (Universidade Federal de Pelotas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Silvio Koiti Sato (Escola Superior de Programa e Marketing)
Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso)
Thaiane Oliveira (Universidade Federal Fluminense)
Wendy Willems (London School of Economics and Political Science)

Assistência Editorial (Projeto FAPEMIG APQ-04928-23)

Adrielle Aparecida da Silva Ferreira (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Gracila Ferreira Vilaça (Universidade Federal de Minas Gerais)
José Lemos Monteiro Filho (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Equipe de Divulgação Científica (Projeto FAPEMIG APQ-02807-22 | 34947)

Eduardo Lopes Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais)
Samuel Rubens (Universidade Federal de Minas Gerais)
André Veloso (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas

Coordenação: Prof. Dr. Conrado Moreira Mendes

Collegiado: Prof. Dr. Marcio de Vasconcellos Serelle e Profª Drª. Fernada Nalon Sanglard

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG

Coordenação: Profa. Dra. Paula Guimarães Simões

Subcoordenação: Prof. Dr. Daniel Reis Silva

// Indexadores



FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

D612	Dispositiva [recurso eletrônico]: v. 1, n. 1 (2012-) - Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. Semestral. ISSN 2237-9967 - versão eletrônica Nota: 2012 até o momento (versão on-line) 2012 a 2013 (semestral) 2014 a 2015 (anual) 2016 (semestral até o momento) Continuação de: Dispositiva Título da capa: Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG (v. 1, n. 1, 2012 - v. 3, n. 1, 2014 ; v.5, n. 2, 2016 - v. 11, n. 19, 2022) - Dispositiva: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas (v. 4, n. 1, 2015 – v. 5, n. 1, 2016) - Parceria entre as revistas Dispositiva e a Revista Estudos de Jornalismo ISSN: 2182-7044 (v. 11, n. 20, 2022 até o momento) - Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG. Disponível em: < https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva > 1. Comunicação Social - Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. III. Título.
------	---

REVISTA DISPOSITIVA, BELO HORIZONTE,
V.13, N. 23, JAN/JUN (2024) //
ISSN: 2237-9967 //
DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967>

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Av. Dom José Gaspar, 500, prédio 13 - 3º andar - Coração Eucarístico - Belo Horizonte/MG - CEP: 30535-901.

Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich)
Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - Sala 4234 - 4º andar - CEP: 31270-901 - Belo Horizonte/MG

contato principal: dispositiva@pucminas.br

Este obra está licenciado com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



SIB PUC MINAS

CDU: 659.3(05)

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

// Sumário

// Artigos Dossiê

Editorial: O primeiro de muitos dossiês sobre esporte e gênero na Comunicação

Ana Carolina Vimieiro, Tatiane Hilgemberg 1

Pioneiras em transmissões radiofônicas de jogos de futebol no Brasil: apontamentos históricos sobre a experiência da Rádio Mulher na década de 1970

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro 10

Cores na cobertura: o colorismo como desafio à representatividade no jornalismo esportivo

Karina Santos, Nair Prata 30

Racismo e sexismo na mídia esportiva: a reprodução de discursos racistas e os regimes racializados de representação na cobertura futebolística

Vinícius Oliveira, Soraya Barreto Januário 45

Para além de Rayssa Leal: entre a construção de um ídolo esportivo e as estratégias de visibilidade midiática do skate feminino na transmissão do Super Crown SLS 2022

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto 61

No extremo da profissão: gênero feminino e o jornalismo esportivo de aventura

Aelton Melo Junior, Denise Tavares da Silva, Luis Oscar Calvano Colombo 77

Vem torcer com a gente! análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do GE

Ana Lúcia Nishida Tsutsui 94

Cheer: um documentário memorialístico para pensar as relações de poder e gênero no esporte

Viviane da Silva 116

Marcas do esporte boxe feminino midiatizado: análise a partir de Untold – deal with the devil

Vivianne Azevedo Gomes Limeira, Geilson Fernandes de Oliveira 132

Do precário partilhado à reorganização do sensível: dissensos em documentários brasileiros sobre futebol

Francisco Alves Junior, Jorge Cardoso Filho 150

Esportes e relações de gênero e sexualidade em Heartstopper: atuação de imagens de controle e movimento de autodefinição

Pedro Augusto Pereira 167

Da Coligay ao “Clube de Todos”: os discursos institucionais do Grêmio Foot-ball

Porto Alegrense sobre diversidade sexual

Soraya Damasio Bertoncello 182

O árbitro Igor Benevenuto e a saída do armário no futebol: disputas de sentidos em redes digitais

Ana Júlia Amorim Oliveira, Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça 202

// Entrevista

Pesquisa, ativismo e memória: reflexões sobre o estudo do futebol de mulheres no Brasil

Rafaela Cristina de Souza, João Vítor Nunes Marques, Olívia Pilar 214

// Resenha

Uma luz sobre a história centenária das mulheres no futebol brasileiro

Érika Alfaro de Araújo 230

// Artigos tema livre

A retórica publicitária em torno da I.A.: uma análise da campanha brasileira da ferramenta Bard (Google)

Renato Gonçalves Ferreira Filho 238

Jornalismo científico em ambiente multiplataforma: reflexões sobre o estudo do futebol de mulheres no Brasil

As narrativas espraiadas do Ciência USP 251

EDITORIAL

O PRIMEIRO DE MUITOS DOSSIÉS SOBRE ESPORTE E GÊNERO NA COMUNICAÇÃO

EDITORIAL

THE FIRST OF MANY SPECIAL ISSUES ON SPORT AND GENDER IN COMMUNICATION

Ana Carolina Vimieiro ¹
Tatiane Hilgemberg ²

A ampla literatura sobre gênero e esporte no Brasil e internacionalmente nos indica com clareza que o esporte é uma instituição generificada e generificadora (Knijnik, 2010; Birrell, 2000). Um dos fenômenos sociais mais característicos da vida moderna (Sevcenko, 1992) e uma das maiores instituições do Planeta por atravessar as vivências de milhares de pessoas em diversos lugares (Rubio, 2002), o esporte diz dos valores vigentes em uma dada sociedade, assim como auxilia na construção da ordem de gênero dessa mesma sociedade.

Como apontam os estudos, o futebol no Brasil, por exemplo, é uma instituição importante para a socialização, sobretudo dos meninos (Bandeira; Seffner, 2013). São nos campinhos e nas arquibancadas que eles aprendem noções importantes de honra e formas adequadas de serem homens. É o futebol também que se ensina as meninas desde novas que aquele não é o lugar delas.

A despeito do título de democrático e democratizador (DaMatta, 1982), o esporte foi, por quase todo o século XX, um fenômeno predominantemente masculino. Apesar da longa história de luta das mulheres para fazerem parte de esportes como o futebol, as modalidades nas quais elas encontraram espaço e menos empecilhos para a prática foram aquelas ligadas a noções como graciosidade e delicadeza (Goellner, 2003), o que nos revela o papel do esporte para a manutenção de formas hegemônicas de feminilidade.

Historicamente, o esporte foi espaço de controle dos corpos das mulheres através, por exemplo, da popularidade de práticas corporais como a ginástica no início do século XX (Schpun, 1997) e a articulação contemporânea do exercício físico à estética

¹ Professora permanente do PPGCOM/UFMG e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (Coletivo Marta), acvimieiro@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1911-1264>, <http://lattes.cnpq.br/8370680932684640>.

² Professora permanente do PPGCOM/UFRR e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (Coletivo Marta), tatianehilgemberg@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2112-0944>, <http://lattes.cnpq.br/7787909473384451>.

(Adelman, 2003). Foi também historicamente excludente com corpos dissidentes (gordos, por exemplo) e com masculinidades subalternizadas, como a histórica desconexão que homens gays sentiram e ainda sentem com a imensa maioria das modalidades esportivas revela.

Por outro lado, o esporte é, ainda, espaço de busca por auto expressão e autonomia como mostra a resistência das mulheres para praticarem futebol (Bonfim, 2019) e modalidades vistas como masculinas como as lutas. É lugar de múltiplas apropriações conforme demonstram as torcidas queer ou LGBTQIA+ no futebol (Pinto, 2017) e as organizações de campeonatos voltados para esse público no âmbito amador (Camargo, 2020).

A nomeação da recente Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023 de "a Copa do Mundo mais gay de todas" (*The Washington Post*, 2023) – em função das mais de 100 atletas e técnicas/os abertamente LGBTQIA+ – demonstra que modalidades como o futebol de mulheres podem ser muito mais diversas do que ambientes como o futebol profissional/espetacular de homens ou modalidades muito midiáticas e altamente populares em outros países, como o rugby, o futebol americano e o basquete masculinos, em que é quase impossível para um atleta assumir identidades sexuais não hegemônicas.

No caso da mídia esportiva, a cobertura jornalística dos esportes de mulheres tem sido estudada amplamente no mundo e no Brasil desde os anos 1970 e 1990, respectivamente (Bruce et al., 2010; Devide et al., 2011). Esses trabalhos encontraram resultados razoavelmente semelhantes, ao longo do tempo, e que foram bem resumidos por Toffoletti (2016) e Vimieiro et al. (2023): baixo nível de cobertura e transmissão e, quando são mencionadas, as mulheres são representadas de formas banalizadas e sexualizadas que diminuem suas conquistas e/ou reafirmam papéis heteronormativos.

Mais recentemente, há mudanças significativas nesse cenário, com um aumento do nível da cobertura e transmissão e imagens mais complexas, que Toffoletti (2016) chama de "*hot and hard*" (sexy e forte), ou seja, narrativas que sexualizam corpos fortes sob uma ótica de um empoderamento despolitizado. A cobertura de esportes masculinos a partir de perspectivas de gênero e/ou outras categorias que se interseccionam com gênero, como raça, sexualidade e deficiência são lacunas na área, como revelam os dados de Vimieiro et al. (2023). Algumas exceções são, por exemplo, a pesquisa de Figueiredo (2014) sobre mulheres-atletas com deficiência e a de Mühlen e Goellner (2012) que compara feminilidades com masculinidades do esporte.

O dossiê **Mídia, gênero e esporte**, que com muita alegria aqui apresentamos, é fruto de uma parceria entre as professoras Ana Carolina Vimieiro, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Tatiane Hilgemberg, da Universidade Federal de Roraima. Ambas são pesquisadoras do Coletivo Marta – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas. Esta edição da Dispositiva se debruça sobre as relações entre gênero e esporte no âmbito da Comunicação a partir dos aparatos midiáticos e de perspectivas interacionais e relacionais, trazendo doze artigos que transitam pela temática descontinuando os mais diversos aspectos históricos e interseccionais, mergulhando em

análises audiovisuais, jornalísticas nas mais variadas plataformas, lançando luz sobre modalidades distintas.

O artigo de abertura “**Pioneiras em transmissões radiofônicas de jogos de futebol no Brasil: apontamentos históricos sobre a experiência da Rádio Mulher na década de 1970**”, de Raphaela Xavier de Oliveira Ferro (UFSC), apresenta uma análise importante da *Rádio Mulher*, emissora que, durante a década de 1970, realizou transmissões esportivas, principalmente de futebol, com uma equipe formada exclusivamente por mulheres. Com poucos trabalhos que se debruçam sobre a iniciativa pioneira e que resistia não só à ditadura, mas também à proibição da participação de mulheres no futebol, a análise que trabalha com entrevistas das mulheres que se envolveram com o projeto mapeadas em pesquisas e veículos de comunicação vem fortalecer a bibliografia sobre a participação de mulheres na história do radiojornalismo esportivo.

Os dois textos seguintes, “**Cores na cobertura: o colorismo como desafio à representatividade no jornalismo esportivo**”, de Karina Santos (UFOP) e Nair Prata (UFOP), e “**Racismo e sexismo na mídia esportiva: a reprodução de discursos racistas e os regimes racializados de representação na cobertura futebolística**”, de Vinícius Oliveira (UFPE) e Soraya Barreto Januário (UFPE), dialogam ao reconhecerem que todas as mulheres são atravessadas por múltiplas identidades, entendendo que uma mulher nunca é simplesmente “mulher”. O artigo de Karina Santos e Nair Prata aponta que o racismo perpassa de diversas formas a vida profissional das jornalistas esportivas negras, uma vez que as jornalistas aceitas nessa área geralmente têm um padrão eurocêntrico. Assim, a pesquisa conclui que a ausência de mulheres negras de pele retinta no telejornalismo esportivo do Brasil pode ser resultado da ação do colorismo, preconceito que valoriza pessoas de pele mais clara e que apresentam características mais próximas das eurocêntricas. Já o artigo de Vinícius Oliveira e Soraya Barreto Januário discute casos de manifestação racista pronunciadas por atores ligados aos veículos de mídia, propondo necessária reflexão acerca dos impactos causados por esses discursos e dos motivos pelos quais tais violências são recorrentes no campo da imprensa especializada.

Indicando novas formas de cobertura midiática de atletas mulheres, o quarto texto da coletânea, “**Para além de Rayssa Leal: entre a construção de um ídolo esportivo e as estratégias de visibilidade midiática do skate feminino na transmissão do Super Crown SLS 2022**”, da pesquisadora Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto (Unesp), evidencia que durante a transmissão ao vivo do Super Crown SLS 2022 as enunciações eufóricas acerca de Rayssa Leal servem de reforço para a consolidação de sua imagem como atleta de alto rendimento e com excelente retrospecto competitivo, em um processo de construção de uma potencial ídolo esportivo de um esporte nativo marginalizado e eminentemente masculino.

Com foco na participação da jornalista Carol Barcellos no episódio *Ultramaratona do Atacama*, do programa de televisão *Planeta Extremo*, veiculado na *TV Globo*, o artigo “**No extremo da profissão: gênero feminino e o jornalismo esportivo de aventura**”, apresentado por Aélton Alves de Melo Júnior (UFF), Denise Tavares (UFF) e Luis Oscar

Calvano Colombo (UFF), discute a mulher jornalista no mercado de trabalho, principalmente no jornalismo esportivo. Os achados da análise evidenciam que a presença de Carol Barcellos como mulher jornalista especializada em esportes de aventura incorpora os atributos ideológicos associados à “nova mulher”, mas, também, paradoxalmente, algumas concepções conservadoras como o cuidado feminino para com os indivíduos masculinos em termos que emulam um longo histórico de subalternidade.

A pesquisadora Ana Lúcia Nishida Tsutsui (Unesp), com o artigo **“Vem torcer com a gente! Análise da Copa do Mundo feminina 2023 nas redes sociais do ge”**, propôs-se analisar os perfis do globoesporte.com, portal de notícias esportivas do *Grupo Globo*, no *Facebook*, *Instagram*, *X*, *YouTube* e *TikTok* durante o evento. A pesquisa aponta resultados ambíguos: se, por um lado, verificou uma atitude torcedora e entusiasta, de apoio e valorização em relação à competição e um cuidado maior na seleção de expressões e imagens na representação das atletas, evitando sua objetificação ou sexualização; por outro, aponta que o espaço concedido foi restrito e houve a predominância de comentários machistas, misóginos e de depreciação por parte dos seguidores dos perfis. Com esses resultados, o estudo ajuda a lançar luz sobre os desafios enfrentados pelas mulheres nas arenas esportivas.

Os quatro textos seguintes lidam com uma lacuna importante nos estudos da área de Comunicação e Esporte, em que pouco se produziu sobre representações de gênero para além do jornalismo: os objetos audiovisuais. Em **“Cheer: um documentário memorialístico para pensar as relações de poder e gênero no esporte”**, Viviane da Silva (UFMG) analisa como se dão as disputas de memória acerca dos relatos presentes nas introduções das duas temporadas da série documental *Cheer*, lançada em 2020 pela *Netflix* e que foca no *cheerleading*. Conectando com as discussões sobre memória, lugares de memória e disputas de memória, Viviane da Silva explora as narrativas da série que é composta de filmagens de treinos e entrevistas que aprofundam nas relações e vidas pessoais dos personagens. Em diálogo com a literatura sobre gênero e esporte, a pesquisadora debate como as representações de feminilidade aparecem na série, destacando as relações de poder e a violência escancaradas no esporte que afetam, principalmente, mulheres e menores de idade.

Em **“Marcas do esporte boxe feminino midiatizado: análise a partir de *Untold - deal with the devil*”**, Viviane Limeira Azevedo Gomes (UFRN) e Geilson Fernandes de Oliveira (Uneb) focam na série nomeada no título do artigo, também da *Netflix*, que explora momentos polêmicos da história do esporte vivenciados nos bastidores de eventos esportivos como basquete, hóquei, tênis e boxe nas décadas de 1990 e 2000. A análise tem como cerne o episódio que conta a trajetória da boxeadora Christy Martin (1968-), conhecida no mundo do boxe não apenas pelo seu desempenho no ringue, mas, também, por diversas situações conflituosas envolvendo a sua vida pessoal, por exemplo, o fato de ter sido baleada e esfaqueada por seu ex-marido e ex-treinador Jim Martin. O trabalho dialoga com conceitos como midiatização e com perspectivas de gênero para olhar para as construções discursivas e narrativas produzidas pela série em torno da atleta. Alguns dos apontamentos advindos da análise se referem aos traços de

feminilidade que a boxeadora precisava exibir para se tornar mais palatável midiaticamente e como a produção mobiliza um certo discurso de superação das mulheres no esporte para provocar identificação e interesse do público.

Já em **"Do precário partilhado à reorganização do sensível: dissensos em documentários brasileiros sobre futebol"**, Francisco Alves Júnior (UFRB) e Jorge Cardoso Filho (UFRB) fazem uma leitura comparativa de três documentários brasileiros, *Subterrâneos do futebol* (Maurice Capovilla, 1965), *Fora de campo* (Adirley Queirós, 2009) e *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil* (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020), buscando entender mudanças e permanências estéticas na realização de documentários brasileiros sobre o futebol. Os autores examinam a concepção de cena de dissenso do filósofo francês Jacques Rancière e buscam expor as relações de poder entre sujeitos que compõem os enredos. Por exemplo, *Bola na trave* se dedica a pensar a precariedade da profissão da atleta mulher do futebol feminino, modalidade que mesmo atualmente é vista com desconfiança pelos patrocinadores e espectadores, o que parece reforçar a ideia de que mulheres não são capazes de produzir identificações, emoções e engajamento. Os pesquisadores estabelecem aproximações e distanciamentos entre os documentários, levando em consideração que foram produzidos em épocas diferentes e contam com estratégias poéticas diversas.

O último texto dedicado ao audiovisual é **"Esportes e relações de gênero e sexualidade em *Heartstopper*: atuação de imagens de controle e movimento de autodefinição"**, de Pedro Augusto Pereira (UFMG). O artigo se dedica a analisar a mencionada série, focando em como os esportes ajudam a determinar *hierarquias* e papéis de gênero entre os personagens. *Heartstopper* é uma produção original da *Netflix* no estilo "garoto encontra garoto" e é centrada em dois personagens, Charlie Spring (Joe Locke) e Nick Nelson (Kit Connor) que se conhecem e se apaixonam num colégio exclusivo para rapazes. No artigo, Pedro Augusto Pereira se baseia nos conceitos de imagens de controle e autodefinição da socióloga estadunidense Patricia Hill Collins para olhar para as relações do protagonista, Charlie, com os esportes, sobretudo a partir da entrada dele no time de rugby da escola. Como afirma o pesquisador, o rugby aparece na história como definidor do que é ser homem de verdade, da heterossexualidade e da virilidade.

Os trabalhos finais do dossiê estabelecem diálogo com o artigo de Pedro Pereira ao também tematizarem gênero e sexualidade com foco, porém, no futebol e em outros objetos empíricos. Soraya Bertoncello (PUC-RS) em **"Da Coligay ao 'Clube de Todos': os discursos institucionais do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense sobre diversidade sexual"** analisa 17 postagens feitas pelo clube gaúcho em seu *Instagram* oficial de 2019 a 2023 e que têm como tema central as sexualidades não hegemônicas. A potência de se olhar para os discursos especificamente desse clube estão, diz a autora, em elementos como o mito do gaúcho macho, o entendimento de que no Rio Grande do Sul se pratica um futebol mais viril e na existência da Coligay, torcida gremista formada por homens gays na década de 1970. Dialogando com a literatura sobre masculinidades,

Soraya Bartoncello aponta que as publicações sobre o assunto são ainda raras e provocadas principalmente por datas comemorativas e situações pontuais.

O último artigo, de Ana Júlia Amorim Oliveira (Ufop) e Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Ufop/UFMG), “**O árbitro Igor Benevenuto e a saída do armário no futebol: disputas de sentidos em redes digitais**”, como bem anuncia o título foca no ato raro no futebol profissional de homens no Brasil em que um de seus atores expressa publicamente que é gay. Trata-se do anúncio, ocorrido no podcast *Nos armários dos vestiários do Globo Esporte (GE)*, que teve bastante repercussão em 2022. É justamente para as reverberações do anúncio que os autores se voltam, ao analisarem os comentários feitos na divulgação do podcast no perfil oficial do GE. Ana e Felipe identificam três constelações de sentido “Futebol não é lugar de bicha”, “Preconceito duplo” e “Representatividade importa”, que revelam as possibilidades e impossibilidades de ser gay no mundo do futebol brasileiro.

O dossiê ainda conta com uma entrevista e uma resenha. A entrevista, intitulada “**Pesquisa, ativismo e memória: reflexões sobre o estudo do futebol de mulheres no Brasil**”, é conduzida por Rafaela Cristina de Souza (UFMG), João Vítor Nunes Marques (UFMG) e Olívia Pilar (UFMG) com uma das pesquisadoras mais importantes da subárea de esporte e gênero no Brasil: a professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente professora visitante na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Silvana Goellner. Silvana tem uma vasta produção acadêmica na área e tem se engajado em diversas ações ativistas em defesa do futebol de mulheres. Em trabalho recente, Vimieiro e colegas (2023) identificaram que Silvana Goellner é a autora com o maior número de trabalhos e o maior número de citações em artigos sobre gênero e esporte publicados em periódicos brasileiros de 2000 a 2020.

A resenha “**Uma luz sobre a história centenária das mulheres no futebol brasileiro**”, de Érika Alfaro de Araújo (Unesp), debruça-se sobre a importante obra *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios*, uma história social (1915-1941), de 2023, de Aira Bonfim. Fruto do mestrado da autora, finalizado em 2019 no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), a obra de 2023 apresenta fontes históricas inéditas em uma proposta cuja ideia central é a de contar histórias das mulheres que jogaram bola nos primórdios da modalidade no Brasil, antes mesmo de a prática ser proibida por lei no território nacional, o que aconteceu em 1941. Aira analisa as narrativas da imprensa sobre o futebol de mulheres e os materiais do acervo do Centro de Memória do Circo. Uma das visadas mais inovadoras do trabalho é justamente olhar para a presença de mulheres jogando futebol em espetáculos circenses.

Destacamos que este é o primeiro dossiê de uma revista da Comunicação no Brasil sobre esporte e gênero. Esperamos que venham muitos outros no futuro. Nós, editoras, fizemos um esforço para que o resultado final contasse com uma diversidade de autoras e autores, instituições, perspectivas teóricas, objetos empíricos e modalidades esportivas. Acreditamos que deu certo. Vale ressaltar a riqueza de objetos empíricos e modalidades exploradas: relatos/entrevistas de mulheres jornalistas esporti-

vas, imagens de mulheres negras que atuam no telejornalismo esportivo, falas racistas proferidas por jornalistas esportivos em meios de comunicação e nas mídias sociais, transmissões televisivas de campeonatos, quadros especiais em programas televisivos, séries audiovisuais documentais e ficcionais, filmes documentários, perfis oficiais de veículos de comunicação e conversas de pessoas comuns nas redes sociais digitais e, por fim, a comunicação institucional de clubes de futebol. Ainda que a maioria dos textos seja sobre futebol de forma direta ou secundária, tivemos, também, a satisfação de poder publicar artigos sobre skate, esporte de aventura, *cheerleading*, boxe e *rugby*.

Dois artigos livres completam este 23º número da revista **Dispositiva**. Em “**A retórica publicitária em torno da I.A. Generativa de texto: uma análise da campanha brasileira da ferramenta Bard (Google)**”, Renato Gonçalves Ferreira Filho, da ESPM-SP, volta-se para os sentidos atribuídos pela *Big Tech* à sua ferramenta de inteligência artificial generativa de texto. Analisando anúncios veiculados na mídia social X (antigo *Twitter*), o autor identifica os quatro principais aspectos da campanha sobre o *Bard*: super humanização, didatismo, trivialidade cotidiana e otimização de recursos.

Já o trabalho “**Jornalismo científico em ambiente multiplataforma: as narrativas espalhadas do Ciência USP**”, de Daniela Savaget e Maurício Guilherme Silva Jr. (ambos do Centro Universitário UNA), investiga os elementos que compõem a narrativa convergente no site e em quatro mídias sociais do projeto vinculado à Universidade de São Paulo. As temáticas abordadas e as vozes ouvidas e silenciadas no jornalismo científico também são parte da discussão proposta pelos autores.

Esta edição foi produzida com recursos do Edital 005/2022 – Apoio a ações de divulgação da ciência, da tecnologia e da inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Processo APQ 02807-22, do Projeto “Da comunicação à divulgação científica: plataformas de mídias sociais para popularização do conhecimento científico publicado na revista **Dispositiva**”. Contou, ainda, com recursos do edital 008/2023 – Programa de Apoio a Publicações Científicas e Tecnológicas, Projeto APQ 04928-23, intitulado “Aperfeiçoamento editorial e novas práticas de edição e divulgação da revista **Dispositiva**”

Boa leitura!

Referências

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 445-465, 2003.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- BIRRELL, Susan. Feminist theories for sport. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. **Handbook of sports studies**. London: Sage, 2000. p. 61-76.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos:** uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRUCE, Toni; HOVDEN, Jorid; MARKULA, Pirkko. Key themes in the research on media coverage of women's sport. In: BRUCE, Toni; HOVDEN, Jorid; MARKULA, Pirkko. **Sportswomen at the Olympics:** A global content analysis of newspaper coverage. Rotterdam: Sense Publishers, 2010. p. 1-18.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. **O futebol nas ciências humanas no Brasil.** Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 589-604.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. p. 19-42.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. Motriz: **Revista de Educação Física**, v. 17, p. 93-103, 2011.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Gênero e Deficiência: Uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484-497, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte:** masculinidades & feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, p. 165-184, 2012.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Pelo direito de torcer:** das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RUBIO, Kátia. Do olímpico ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130-143, 2002.

SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuados e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, Mônica Raisa. (org.). **Gênero sem fronteiras.** Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 45-71.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen – Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; SOUZA, Olívia Luiza Pilar de. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 3, p. 196-222, 2023.

PIONEIRAS EM TRANSMISSÕES RADIOFÔNICAS DE JOGOS DE FUTEBOL NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA "RÁDIO MULHER" NA DÉCADA DE 1970

**PIONEERS IN RADIO TRANSMISSIONS OF FOOTBALL GAMES IN BRAZIL:
HISTORICAL NOTES ABOUT THE EXPERIENCE OF "RADIO MULHER" IN THE
1970'S**

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro ¹

Resumo

No início da década de 1970, a *Rádio Mulher*, estabelecida em São Paulo (Brasil), realizou transmissões esportivas, principalmente de futebol, com uma equipe formada exclusivamente por mulheres. Com a intenção de ampliar o conhecimento a respeito dessa experiência e contribuir para o fortalecimento da literatura sobre a participação feminina na história do radiojornalismo esportivo, elabora-se pesquisa bibliográfica e documental a partir de registros discursivos das profissionais que atuaram na cobertura de jogos de futebol pela emissora à época. No material analisado, identifica-se a presença recorrente do machismo institucionalizado e da forma velada do preconceito. Também é possível enumerar algumas das estratégias de preparação e abordagens que as profissionais usavam durante as transmissões.

Palavras-chave

transmissões de futebol; mulheres; radiojornalismo esportivo; *Rádio Mulher*.

Abstract

At first half of the 1970s, *Rádio Mulher*, established in São Paulo (Brazil), made sports broadcasts, mainly of soccer, with a team formed exclusively by women. With the intention of expanding knowledge on the subject and contributing to the strengthening of the literature on female participation in the history of sports radio journalism, bibliographic and documentary research is carried out based on discursive records of professionals who worked in the coverage of soccer games by the station. It is identified in the analyzed material: the recurring presence of institutionalized and also veiled prejudice. It is also possible to enumerate some of the forms of preparation and approaches they used for and during the broadcasts.

Keywords

soccer broadcasts; woman; brazilian radio journalism; sports journalism; *Rádio Mulher*.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), raphaelaferro@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5887-0939>, <http://lattes.cnpq.br/7476602574162559>.

Introdução

Durante a primeira metade da década de 1970, era possível acompanhar, no Brasil, especificamente em São Paulo, transmissões de jogos de futebol em que as vozes ouvidas eram exclusivamente de mulheres. A equipe da *Rádio Mulher* (à época, 930 AM) estreou em 15 de junho de 1971. A emissora encerrou suas atividades em 1976, mas muitas mulheres saíram antes, com o crescente aumento da participação masculina nas jornadas esportivas. “Desmotivadas pelo preconceito, nenhuma delas vingou na imprensa esportiva daquela época. A maioria simplesmente desistiu da profissão, porque depois de cinco anos a *Rádio Mulher* achou que estavam faltando homens na equipe” (Ribeiro, 2007, p. 221).

De acordo com Ediane Mattos e Valci Zuculoto (2017), a equipe feminina das transmissões esportivas contava com Zuleide Ranieri e Claudete Troiano como narradoras; Leilah Silveira como comentarista; Germana Garilli e Jurema Lara como repórteres (função em que também se revezavam Zuleide e Claudete); e Lilian Loy como plantonista. André Ribeiro (2007) também cita a participação da árbitra Lea Campos como comentarista de arbitragem; de Branca Amaral na reportagem; além de Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro no plantão feito da sede da emissora. “Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida” (Ribeiro, 2007, p. 221).

Apesar do pioneirismo, da relevância histórica e da especificidade de uma equipe de mulheres atuando profissionalmente em transmissões de competições de futebol no rádio brasileiro em um período de política ditatorial no Brasil e em que o futebol feminino, por exemplo, era proibido por lei (Bonfim, 2019), há pouca bibliografia a respeito. Em pesquisa pelo termo “Rádio Mulher” nos portais de teses e dissertações e de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), não há nenhuma ocorrência especificamente sobre a emissora, assim como suas transmissões esportivas, entre os resultados. A partir de busca pelo mesmo termo no site *Google Scholar*, é possível encontrar referências a ela, isto é, trabalhos acadêmicos em que a rádio é citada, principalmente indicando as transmissões de futebol, mas sem o desenvolvimento de conteúdo e discussão a respeito da história e das práticas adotadas à época.

Em geral, artigos, teses e dissertações indicam que houve, na década de 1970, em São Paulo, uma rádio em que a maioria das profissionais eram mulheres: a *Rádio Mulher*. O principal exemplo está no livro de Gisela Ortriwano (1985), ainda atualmente referenciado em estudos acadêmicos. “Em 12 de maio de 1969 é criada a Rádio Mulher, de São Paulo, a primeira emissora brasileira a se especializar exclusivamente em assuntos femininos, fundamentada em moldes norte-americanos e europeus” (Ortriwano, 1985, p. 24).

Também é comum que pesquisadoras e pesquisadores citem a existência da emissora de forma pontual em investigações acerca de jornalismo esportivo, narração esportiva e elaborações sobre temáticas que relacionam esses temas a gênero (Scott,

2019). É o que ocorre, por exemplo, nas teses de Márcio Guerra (2006), Noemi Bueno (2018) e Ciro Götz (2022) e nas dissertações de Ediane Mattos (2019) e Érika Araújo (2021). As pesquisas não abordam conteúdos, discussões e registros referentes a essas transmissões, entre outros fatores, pela ausência de arquivos sonoros das mesmas.

Visando a ampliar o conhecimento a respeito e contribuir para o fortalecimento da bibliografia sobre a participação de mulheres na história do radiojornalismo esportivo, desenvolveu-se esta pesquisa. Com base nos nomes indicados por Mattos e Zuculoto (2017) e Ribeiro (2007), procurou-se documentos – depoimentos, entrevistas e matérias de caráter jornalístico – em que é possível identificar discursos das mulheres que fizeram parte da equipe esportiva da *Rádio Mulher* na década de 1970. Para a busca digital por recortes e conteúdos com falas dessas mulheres a respeito do período em que atuaram nas transmissões esportivas da *Rádio Mulher*, foi utilizada a ferramenta comum de pesquisa do *Google* e as específicas dos acervos dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* – que apareceram na primeira pesquisa.

Com base nesse material levantado, foram desenvolvidas pesquisa bibliográfica e análise documental, como método e como técnica (Moreira, 2017) e também segundo os direcionamentos de André Cellard (2008), com o intuito de compreender as especificidades das transmissões feitas por mulheres e ampliar a percepção sobre a realidade profissional que elas viviam no rádio esportivo naquele período. Em todos os materiais relacionados, buscou-se percepções das profissionais no tocante à realidade que vivenciaram enquanto pioneiras do radiojornalismo esportivo em transmissões de competições de futebol. Além disso, atentou-se para a ocorrência de elementos que contribuam para a ampliação do conhecimento a respeito da história da *Rádio Mulher* e especificamente sobre as transmissões esportivas realizadas exclusivamente com profissionais mulheres.

A pesquisa se justifica pela necessidade de melhor elaboração do registro da presença das mulheres no relato histórico das diferentes áreas, inclusive no rádio brasileiro (Betti; Zuculoto, 2021), e também pelas implicações presentes na relação entre gênero e futebol. Como explica Simoni Guedes (2020), ainda hoje, as mulheres não integram o grupo daqueles que têm autorização discursiva quando o assunto é futebol. “Falar sobre futebol com propriedade seria uma prerrogativa masculina pois, em princípio, na concepção mais difundida por aqui, trata-se de um saber que decorre de uma prática, até muito recentemente, interditada às mulheres” (Guedes, 2020, p. 18).

Por isso, entre os objetivos, nesta investigação, também se visa à contribuição para a discussão sobre gênero no jornalismo esportivo. Como analisam Maria Thereza Souza e André Capraro (2020), apesar de serem maioria na imprensa nacional, as mulheres ainda têm baixa representatividade no ambiente esportivo e futebolístico, em que convivem com o fato de não serem identificadas como sujeitos autorizados para tal (Ferro, 2022). Destaca-se, ainda, a maior resistência do rádio à atuação profissional de mulheres (Rocha; Sousa, 2011) e a excepcionalidade da narração feminina. Não há registro exato de quantas vozes femininas já foram ouvidas narrando jogos de futebol em emissoras de rádio no Brasil.

Como consideram Juliana Betti e Valci Zuculoto (2021, p. 3), “a não regularidade e a inexistência de estudos mais abrangentes sobre as profissionais femininas e suas contribuições para desenvolvimento histórico do rádio brasileiro vêm acarretando um processo de exclusão e apagamento”. De acordo com as autoras, a ausência do relato consolida uma ausência da própria história (Betti; Zuculoto, 2021), fortalecendo um contexto geral de memoricídio feminino. Constância Duarte (2022) relaciona o termo à negação da participação das mulheres ao longo da história, o que é perceptível tanto na história do rádio como na do futebol.

Rádio Mulher

Primeira emissora a se especializar em assuntos considerados femininos, a Rádio *Mulher* tinha sua programação voltada principalmente para moda, horóscopo, música romântica e consultórios (Ortriwano, 1985). No anúncio publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 11 de maio de 1969, sobre a estreia da emissora, que seria no dia seguinte, o convite era direcionado às mulheres, com a promessa de que a rádio ofereceria músicas, programetes e informações sobre “moda, culinária, criança, compras, sorrisos”, além de “toda a arte e a graça feminina” (*O Estado de São Paulo*, 1969).

Em blog pessoal em que divulga pesquisas históricas, o jornalista Geraldo Nunes (2021) apresenta a história da rádio informando que ela chegou a ter 136 funcionários, sendo 132 mulheres que atuavam desde a produção e apresentação até a direção geral, em São Paulo, na rua Granja Julieta, em Santo Amaro.

A informação quantitativa está presente em matéria do jornal *O Estado de São Paulo* da década de 1970 (Rádio..., 1974). O presidente do Centro das Tradições de Santo Amaro (Cetrasa), José Carlos Bruno (2021), registra na página do museu no *Facebook*, referenciando, além da própria memória, o *Jornal de Santo Amaro*, que a programação da rádio, inicialmente, era prioritariamente musical, com destaque para a veiculação de músicas brasileiras, com programas de cinco minutos em que constavam depoimentos de especialistas sobre temas como decoração, psicologia, moda e saúde.

“Foram sendo introduzidos programas diários, como o programa Hebe Camargo, e, alguns com até 03 (três) horas de duração, sempre com o objetivo de falar com a mulher e não só falar para as mulheres, ouvindo, orientando e aconselhando sobre os mais diferentes problemas” (Bruno, 2021). A propaganda impressa da emissora anunciava que estava entre suas funções: informar, prestar serviços, esclarecer, aconselhar e que as músicas tocadas seriam as que “elas” pedem, gostam e querem ouvir (Nunes, 2021). Em outro material publicitário (Bastos, 2020), há a indicação de que os programas informativos de cinco minutos eram veiculados a cada meia-hora de programação musical, entre 7 horas e 19 horas.

A emissora também foi a primeira na qual as mulheres começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo no *Estado de São Paulo*, segundo Ediane Mattos e Valci Zuculoto (2017). Até o início dos anos 1970, como escreve Paulo Vinicius Coelho (2008, p. 34), “era quase impossível ver mulheres no esporte” em redações jornalísticas. Jus-

tamente nessa época, a *Rádio Mulher* começou suas transmissões de jogos de futebol com uma equipe exclusivamente feminina na cobertura esportiva. A decisão partiu do proprietário da emissora, Roberto Montoro (Ribeiro, 2007), que, como conta Zuleide Ranieri (Brocanelli, 2015), teve a concordância de seu sócio e irmão, Antonio Montoro.

As mulheres tiveram uma participação significativa desde os primeiros anos do rádio paulista. No entanto, foi somente em meados dos anos 1970 que elas começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado. A *Rádio Mulher* foi a primeira a ter uma equipe exclusivamente feminina nos esportes, transmitindo também futebol. Todas as funções eram exercidas por mulheres, desde as administrativas, como chefe de reportagem, discotecaria, motorista do carro de reportagem, técnica de som, entre outras. Claudete Troiano e Zuleide Ranieri revezavam as funções de narradora da partida e repórter de campo, os comentários ficavam a cargo de Leilah Silveira, as reportagens eram responsabilidade de Germana Garili e Jurema lara, e Lilian Loy era a plantonista da equipe. A iniciativa recebeu algumas críticas, em razão do preconceito existente no ambiente, até então de hegemonia masculina, de que mulher não entende de futebol. (Mattos; Zuculoto, 2017, p. 7-8).

As autoras relatam que a iniciativa das transmissões com mulheres gerou muita desconfiança em relação ao sucesso da equipe no trabalho de cobertura nos estádios, mas houve aumento da audiência e retorno financeiro por meio de venda de espaços publicitários (Mattos; Zuculoto, 2017). André Ribeiro (2007) considera que a proposta era inovadora e que havia machismo perceptível por parte dos homens da imprensa esportiva da época. "Durante cinco anos essa turma conseguiu manter-se, apesar do preconceito dos homens – jogadores e jornalistas – dentro e fora dos gramados" (Ribeiro, 2007, p. 221). Contudo, segundo o autor, o que teria sido determinante para que Roberto Montoro desistisse do projeto foram os baixos índices de audiência.

De acordo com o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2020), Montoro buscou maior adesão do público convidando homens para a equipe das transmissões de futebol, ou seja, como definiu Zuleide Ranieri, casando a rádio. Na edição do dia 30 de outubro de 1973 do jornal *Folha de São Paulo*, há, inclusive, uma referência a um casamento da emissora em nota curta: "Roberto Montoro envia-nos o gentil convite para o casamento da Rádio Mulher [...], esquece-se de revelar o nome do noivo (talvez um lapso de pai ciumento). Obrigado a casá-la por motivos de Ibope, achará Montoro que seu futuro genro não está a altura de sua dileta filha" (Recado..., 1973).

Dois anos depois, em conteúdo especial relacionado ao Ano Internacional da Mulher, o mesmo veículo apresentou um depoimento de uma mulher que trabalhou na rádio sobre a dificuldade da manutenção de equipe exclusivamente feminina:

Depoimento importante foi o de Aurora Portela, contando a experiência de 3 anos da *Rádio Mulher*, ex-*Rádio Santo Amaro*. "No início, queríamos fazer uma rádio de e para mulheres, mas não conseguimos obter profissionais em número e qualidade suficiente para isso. Das 7 operadoras de som com que a equipe teve início, por exemplo, só permane-

ceu na função uma delas. A persistência e a constância são ingredientes necessários ao trabalho no rádio (seja 'masculino' seja 'feminino') e em geral, mulheres fogem a isso", comentou Aurora. (A Comunicação..., 1975, p. 35).

Por causa da reformulação do dial em São Paulo, em 1974, a *Rádio Mulher* foi transferida dos 930 AM para a frequência 1260 AM, o que contribuiu para a queda de audiência e também teria afetado a equipe esportiva (Nunes, 2021). À época, muitas das mulheres aqui citadas já não estavam mais na emissora. Nos anos seguintes, o número de vozes femininas nos microfones da emissora foi sendo reduzido. Em reportagem da *BBC Brasil*, Naian Lopes (2023) afirma que o jogador Pelé (Edson Arantes do Nascimento) cogitou levar o projeto das transmissões com mulheres para a *Rádio Clube de Santos*, o que não chegou a ser efetivado. Ainda assim, o grupo consagrou a mineira, nascida em Fortaleza de Minas, Zuleide Ranieri, que faleceu em 2016 (Micheletti, [2017?]), como narradora pioneira em transmissão esportiva no Brasil e, segundo Götz (2020), como uma das primeiras na função em âmbito mundial².

A permanência dessas mulheres por alguns anos no meio esportivo também contribuiu para que, em 1974, fosse criada uma lei que permitisse que as jornalistas entrassem nos vestiários masculinos (e homens nos femininos) para obter declarações pós-jogo (Guerra, 2006) – Claudete Troiano afirma que a equipe da *Rádio Mulher* não chegou a ter essa oportunidade (RedeTV, 2020). De acordo com Josué Belarmino e Julia Medeiros (2018, p. 143), o pioneirismo feminino empreendido por Zuleide Ranieri e Lea Campos – comentarista na *Rádio Mulher* e a primeira mulher do mundo a arbitrar partidas de futebol – "serviu de exemplo e inspiração a outras mulheres posteriormente". André Ribeiro (2007) faz referência a um depoimento de Zuleide Ranieri, que não está mais disponível no site indicado em sua obra, sobre a experiência:

"Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem que dividir o mesmo local de trabalho conosco. [...] Tínhamos uma relação muito boa com os jogadores, e em alguns casos até tínhamos vantagem. Em um jogo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em um ato de cavalheirismo disse: "Dou entrevistas sim, mas as mulheres primeiro", lembra Zuleide. (Ribeiro, 2007, p. 221).

Conforme essa pesquisa inicial do que já foi escrito e falado sobre a *Rádio Mulher* e suas transmissões esportivas, há a presença de marcas do preconceito sofrido pelas profissionais. Em alguns casos, como na declaração da narradora pioneira citada por Ribeiro (2007) ou em referências aos comentários elaborados pelas mulheres nas transmissões sobre os atributos físicos dos jogadores e a vestimenta das equipes (Zuculoto; Mattos, 2017), detalhes da experiência vivida são apontados de forma positiva, apesar de fazerem parte de uma estrutura discursiva que remete ao machismo.

2 A narradora Zuleide Ranieri afirma ter feito sua estreia em um jogo entre seleções internacionais em 1972 (Lima, 2022). Entretanto, "segundo o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2020), a primeira transmissão de futebol da *Rádio Mulher* ocorreu em 15 de junho de 1971, com a cobertura de um amistoso entre Palmeiras e Portuguesa de Desportos, no Palestra Itália, com narração da própria Zuleide Ranieri" (Ferro; Zuculoto, 2023).

O próprio bordão utilizado pelas locutoras à época – “uma mulher a mais no estádio, um palavrão a menos” – demarcava um ideal de feminilidade (Bueno, 2018), remetendo a características sociais que eram aceitas para mulheres. Também tendo efeito de sentido de justificação, como se fosse necessário um motivo para a permissão à presença delas em estádios e na mídia esportiva.

Elas dizem

A partir de pesquisa digital feita por meio do uso, como palavras-chave, dos nomes das mulheres que compuseram as transmissões de jogos de futebol na *Rádio Mulher* na década de 1970, indicados por Ediane Mattos e Valci Zuculoto (2017) e André Ribeiro (2007), foram identificados dois trabalhos acadêmicos em que constam entrevistas com alguma delas: “Mulheres jornalistas no mercado de trabalho: a luta pela igualdade de gênero ainda não acabou” (Cardoso, 2017) e “Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990” (Santos, 2019). Além desses, também foram considerados para a análise, que ainda está em desenvolvimento e faz parte de uma pesquisa maior sobre a narração de transmissões esportivas por mulheres no Brasil, onze documentos digitais em que foram identificadas entrevistas com algumas das profissionais da equipe esportiva da Rádio Mulher ou conteúdos relevantes sobre elas.

São eles: 1) matéria publicada na edição de 4 de julho de 1971 do jornal *Folha de São Paulo*, sob o título “As mulheres em campo, transmitindo jogo” (Lima, 1971); 2) matéria publicada na edição de 29 de outubro de 1971 da revista *Placar*, sob o título “Para quem quer gols numa voz macia: Rádio Mulher” (Franco, 1971); 3) matéria publicada na edição de 17 de novembro de 1986 da revista *Placar*, sob o título “A voz das mulheres deixou o estádio” (Ribeiro, 1986); 4) matéria publicada na edição de 28 de novembro de 1991 do jornal *O Estado de São Paulo*, sob o título “Claudete, uma pioneira que quebrou tabus” (Fonseca, 1991); 5) matéria publicada pelo site *O Guia dos Curiosos* em 18 de maio de 2015, com entrevistas de Claudete Troiano, Germana Garilli e Jurema Iara: “Projeto sobre futebol feminino dá destaque para as pioneiras da Rádio Mulher” (Duarte, 2015); 6) entrevista concedida por Zuleide Ranieri à *Radioamantes no Ar* em novembro de 2015 (Brocanelli, 2015); 7) entrevista concedida por Germana Garilli em matéria audiovisual publicada em 2017 na página do Campeonato Paulista de Futebol no *YouTube* (Federação Paulista de Futebol, 2017); 8) texto publicado no blog *UOL Esporte Vê TV* sob o título “Claudete relembra vida no futebol e ‘empurrão’ para Renata Fan na Record” (Torralba, 2017); 9) programa de Natália Lara sobre Zuleide Ranieri, em que constam recortes de jornais da época, e entrevistas com Claudete Troiano e com o filho da narradora, Paulo Ranieri, de 2020 (Lara, 2020); 10) entrevista concedida por Claudete Troiano ao programa *Luciana By Night* em 2020 (RedeTV, 2020); 11) reportagem da *BBC News Brasil* sobre a Rádio Mulher, com falas de Claudete Troiano (Lopes, 2023). Também foram considerados trechos de duas matérias da *Folha de São Paulo* – “Uma vida de muitas esperas” (Landini, 1972) e “O radio neste ano” (Silva, 1973).

O esforço inicial da pesquisa se ateve à descrição de elementos que contribuem para o detalhamento do registro histórico sobre a emissora e as suas jornadas esportivas em que atuavam somente mulheres. Para a análise, buscou-se a identificação de como as profissionais da equipe esportiva da *Rádio Mulher*, na década de 1970, percebiam a realidade que vivenciaram como pioneiras do radiojornalismo esportivo brasileiro em transmissões de competições de futebol. Além disso, atentou-se para a ocorrência de elementos que contribuam para a ampliação do conhecimento a respeito das transmissões esportivas realizadas exclusivamente com profissionais mulheres, assim como de suas práticas, técnicas e vivências, com destaque para afirmações relativas às questões de gênero (Scott, 2019).

As primeiras matérias noticiosas encontradas durante a pesquisa, do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Placar*, publicadas, respectivamente em julho e outubro de 1971, acionam sentidos de feminilidade para falar sobre a possibilidade das transmissões de jogos de futebol com uma equipe exclusivamente feminina – como referências ao “colorido das saias femininas” e à maciez da voz. “A equipe esportiva da Rádio Mulher nasceu anteontem, dia 2 [de julho]. Cinco jovens, de 19 a 23 anos, prontas para iniciar uma nova experiência no rádio esportivo brasileiro”, anuncia Nelio Lima (1971), que indica a publicitária Helena Marques como chefe da equipe de mulheres que faria as transmissões de futebol e “futuramente também turfe” – a equipe seria composta, naquele momento, por cinco mulheres, mas somente Helena e a também publicitária Gilda Godói são nomeadas no texto.

Lima (1971) relata que os primeiros problemas seriam ligados aos fatos de que não se permitia a entrada de mulheres na área de imprensa do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, onde elas teriam de estar para as transmissões, e de que a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo (Aceeisp) não admitia mulheres em seu quadro de associados. Ele ainda apresenta – acionando a ideia de objetividade/imparcialidade a partir da estratégia de ouvir lados contraditórios (Sponholz, 2009) – uma opinião jocosa de um radialista a respeito da ideia.

Em um depoimento apresentado pelo repórter na matéria, Helena busca justificar a criação da equipe reforçando que há pretensa intenção de realizar trabalho sério e inovador, em busca de um tom mais sereno para os comentários sobre os jogos. Ela informa, também, sobre a proposta de intercalar os períodos das partidas com músicas e reforça o público feminino como alvo. “Nosso objetivo é justamente evitar monotonia. Sabemos, por experiência própria, que uma das causas da falta de interesse da mulher pelas transmissões esportivas é justamente a monotonia”, argumenta Helena (Lima, 1971, p. 16).

Na revista *Placar* de 1971 (Franco, 1971), as mulheres da equipe esportiva são identificadas apenas por um nome: a locutora indicada pelo apelido Baby, a repórter Germana [Garilli], e a comentarista [Jurema] Iara. Há, ainda, o tom jocoso na indicação de que uma delas foi entrevistada por um repórter de uma rádio mineira durante jogo entre São Paulo e Inter, porque os ouvintes de Belo Horizonte não acreditavam na transmissão por mulheres. Em declaração transcrita na notícia, Baby precisa defender

que o que elas queriam é apenas ser[em] “tratadas como profissionais” e “respeitadas como tal” (Franco, 1971, p. 18). O repórter também destaca que, mesmo as transmissões já tendo sido iniciadas, ainda havia impasse com a Aceesp, que não tinha entregado credenciais de imprensa às mulheres, o que atrapalhava principalmente o trabalho da repórter de campo.

Ainda na década de 1970, verifica-se, pelo menos, dois registros indiretos sobre as transmissões esportivas feitas pela *Rádio Mulher* a partir da busca nos acervos de *O Estado de São Paulo* e da *Folha de São Paulo*. Em um, há a indicação de que algumas esposas de jogadores tinham ciúmes das repórteres da emissora que trabalhavam com a cobertura de futebol (Landini, 1972). Em outro (Silva, 1973), a experiência da emissora não é diretamente citada, mas é possível distinguir uma crítica geral do autor de artigo opinativo sobre rádios em que há programação sobre futebol:

Outras coisas que marcaram neste ano [...]: a programação esportiva da hora do almoço da Rádio Gazeta, comandada por Milton Peruzzi. Não adianta os chamados órgãos de pesquisa tentarem ignorar. É dela a maior audiência masculina daquele horário porque ela fala o idioma de quem gosta de futebol (Silva, 1973, p. 44).

Walter Silva (1973) ainda menciona modificações que geravam expectativa de que a *Rádio Mulher* melhorasse, pela atuação de um novo profissional, Walter Guerreiro, mas sem se referir às transmissões esportivas. As transmissões de futebol da *Rádio Mulher* teriam se encerrado em 1975, de acordo com Débora Ribeiro (1986), mas a saída das mulheres se deu antes. Em matéria posterior, da revista *Placar*, na década de 1980, Jurema Iara lembra que a equipe perdeu a credibilidade porque havia mulheres que entravam nos vestiários para “paquerar” os jogadores dizendo-se da rádio (Ribeiro, 1986).

Quando a repórter da revista *Placar* reporta a história da equipe feminina, por meio de entrevistas com algumas das profissionais que atuaram nela, opta por destacar histórias que se relacionam à ideia de respeito e ao machismo de jogadores conhecidos, como Pelé, no primeiro caso, e Leão, no segundo. Há referências ao pitoresco, como o bordão sobre palavrões, a citação das “belas pernas” do próprio Leão, que teria virado um “gatinho” para pedir para ser entrevistado após ser ignorado pela equipe por ter sido machista. O tom da matéria é de descontração, o que desconsidera o profissionalismo da atividade.

Além disso, Ribeiro (1986) destaca que elas tiveram dificuldade em encontrar mais mulheres para trabalhar nas transmissões e informa em que área profissional atuavam, naquele momento, as quatro mulheres citadas – Germana Garili, Jurema Yara, Claudete Troyano e Leilah Silveira (os nomes aparecem escritos dessa forma na reportagem analisada) – sem detalhar sobre a não permanência delas na imprensa esportiva.

Além da falta de oportunidades na área, ainda atualmente, conforme análise de Rebeka Meirelles (2022), é comum que as mulheres optem por não permanecerm atuando no jornalismo esportivo por não estarem dispostas a enfrentar todos os desafios de um ambiente que permanece masculino. Leonardo Pacheco e Silvio Silva

(2020) consideram que, para conseguirem continuar nesse mercado, é comum que as jornalistas silenciem-se e naturalizem constrangimentos e comportamentos machistas de colegas, dirigentes, técnicos, jogadores, torcedores etc.

Quando não o fazem, é recorrente que troquem de área de atuação profissional, como foi o caso das profissionais do jornalismo esportivo da *Rádio Mulher*. Nesse contexto, muitas delas são esquecidas, como em algumas situações, Zuleide Ranieri, por exemplo. Assim como no texto de Débora Ribeiro (1986), a referência a Zuleide Ranieri como pioneira a narrar um jogo de futebol em transmissão de rádio no Brasil não aparece em reportagem de Rosa Fonseca (1991).

Em matéria correlata à reportagem sobre a inserção de mulheres em programas da cobertura esportiva (Fonseca, 1991), que apresenta enfoque sobre a estética feminina e o assédio de jogadores, a repórter refere-se a Claudete Troiano como pioneira, escreve sobre a invasão dos campos de futebol pelo “microfone cor-de-rosa da equipe de esportes da extinta Rádio Mulher” (Fonseca, 1991, p. 6), o alvoroço da torcida quando as via em campo, o preconceito de colegas jornalistas que riram da profissional quando ela disse que entrevistaria Pelé e apresenta algumas estratégias citadas por Troiano para atuar na cobertura de jogos de futebol. De acordo com Fonseca (1991), a jornalista treinava a voz por muitas horas seguidas, assistindo torneios de divisões inferiores e narrando jogos de botão do irmão, e fazia amizade com as esposas dos jogadores para suprir o hiato de informação devido à ausência nos vestiários, onde os atletas eram entrevistados.

Em entrevista concedida a Marcelo Duarte (2015), Troiano afirmou que a principal dificuldade era a relação com os cronistas esportivos, que “tinham muito ciúme”. Aqueles que eram educados com elas são chamados de “cavalheiros” por Garilli. Ela e Troiano também relataram, em depoimentos transcritos pelo jornalista, que para além da conduta sempre citada de que os jogadores as “paqueravam”, também havia a aproximação para que elas os ajudassem a escrever cartas românticas, a fazer escolhas estéticas e frequentar salão de beleza. Nesse material, ainda há referência a um microfone rosa que Germana Garilli utilizava à época.

A repórter informou a Duarte (2015) que a equipe fez cursos de futebol e que as profissionais se esforçavam para não cometerem nenhum erro, por serem muito cobiçadas. Uma frase de Jurema Lara, que Zuleide Ranieri (Brocanelli, 2015) identifica como capitã da equipe à época, indica que havia uma cobrança para que justificasse alguns de seus comentários: “Quando eu falei que o Rivellino era o canelinha de vidro, porque nunca o vi entrar numa dividida, o Roberto Montoro ficou horrorizado, mas quando eu expliquei e ele entendeu, me deu forças”, reproduz Duarte (2015).

A matéria se encerra com depoimento de Claudete Troiano, que afirma que não tinha consciência da importância do que faziam na *Rádio Mulher* à época e conta que disse a Renata Fan, apresentadora de programa esportivo na *Rede Bandeirantes de Televisão*, para que não ficasse de enfeite, “não ser usada como objeto de decoração do estúdio”, reconhecendo que a colega se tornou uma das melhores no jornalismo esportivo.

Em matéria de Karla Torralba (2017), ela reforça que se incomodava com a presença de mulheres nos programas esportivos só como uma figura bonita, sendo que tinham capacidade para mais. Em depoimento para Lopes (2023), ela acrescenta que “existia machismo naquela época. Até hoje existe. Durante muito tempo, depois do nosso trabalho que durou cerca de cinco anos, a mulher ainda era utilizada apenas como decoração nos programas esportivos de televisão, imagina naquele tempo”.

Em entrevista em áudio, publicada no YouTube em 2015 (Brocanelli, 2015), Zuleide Ranieri também ressalta a atuação de Renata Fan, indicando que ela poderia ser uma boa narradora em transmissões, mas, ao mesmo tempo, desmerece uma experiência que tinha sido recente, em que Renata Silveira foi selecionada para a função a partir de um concurso (Ferro, 2021). “Eu lembro dessa experiência da Rádio Globo do Rio, mas eu acho, eu cheguei a ouvir a gravação dela de narração, mas com todo respeito que eu tenho, porque nem conheço, mas achei como narradora fraca, principalmente a Rede Globo de Televisão e Rádio é muito exigente”, avaliou Ranieri, sem considerar o longo período sem nenhuma referência na narração nem indicar os critérios de sua opinião.

Ao contrário do que outros materiais analisados indicam, nessa entrevista, a ex-narradora afirma que, na sua época, havia “um respeito absoluto” (Cardoso, 2017) e que a equipe não teve muitos problemas com colegas de trabalho de outros veículos, apesar de demonstrarem desconfiança: “será que vai vingar?”. Depois, ela se refere a situações de preconceito sofrido por ela e pelas colegas de emissora, citando a entrevista de Troiano com Pelé. A repórter contou a ela posteriormente que alguns colegas a repudiaram depois desse momento ou passavam a ignorá-la quando ela conseguia alguma entrevista específica pela qual os outros repórteres buscavam.

Troiano também relata que havia colegas que ficavam desconfiados e passavam informações erradas para comprometê-las (RedeTV, 2020; Lopes, 2023). Internamente, entre as integrantes da equipe da *Rádio Mulher*, a apresentadora afirma que não existia clima ruim de trabalho. “Já era tão difícil entrar em um campo totalmente ocupado por homens em todos sentidos – por críticos, jogadores, torcedores –, então entre nós foi sempre tudo muito bem”, afirmou para Naian Lopes (2023).

Ranieri explica que, quando passou a integrar a equipe esportiva, a rádio já estava estabelecida e a ideia das transmissões por mulheres em andamento. Todavia, ainda não foi possível identificar por esta pesquisa se houve alguma narradora antes dela na emissora. Para a prática, ela conta que a sua referência de narração era Fiori Gigliotti, enquanto diz que Claudete Troiano se assemelhava mais ao estilo de Osmar Santos. Em entrevista à *RedeTV* (2020), Troiano salienta que a narração que elas faziam era “em ritmo como de homem, não teve uma coisa diferente por ser uma equipe feminina”.

Zuleide Ranieri identifica como natural o estranhamento das pessoas à época, considerando que outras mulheres ainda não tinham desempenhado as funções em que elas atuavam. E lembra de duas reações diferentes de torcedores: ao mesmo tempo que elas recebiam muitas cartas, também ouviam no estádio; “quando vibrava muito com um gol de qualquer de um dos dois times sempre escutava aquele gritinho de ‘vai para casa’, ‘vai para cozinha’, ‘vai fazer comida’”, afirma Ranieri em entrevista a Rodney

Brocanelli (2015) e também para Lenize Cardoso (2017). Ela enfatiza que foi quem criou o bordão da transmissão, sobre a presença de mulheres no estádio significar menos palavrões ditos durante as partidas.

A narradora acredita que o fato de escolherem, ao invés de melhor jogador em campo, o mais elegante, o mais educado ou o que tinha olhos mais bonitos chamava audiência, mesmo considerando que as transmissões contavam com mais ouvintes homens do que mulheres. O entrevistador concorda afirmando que “com certeza, um projeto como esse chamava atenção do público mesmo” (Brocanelli, 2015). Esse reforço do respaldo dos homens à cobertura esportiva da *Rádio Mulher* também está presente na matéria da revista Placar de 1986 (Ribeiro, 1986), em que Germana Garilli faz questão de reforçar que havia ouvintes homens das transmissões, citando motoristas de táxi que as abordavam.

Ao mesmo tempo, para Lopes (2023), Claudete Troiano descreve que havia um espanto da torcida, por não estar acostumada a ver mulheres dentro de campo até a chegada da equipe da *Rádio Mulher*. A apresentadora conta que, à época, só tinha uma fotógrafa, já de “idade avançada”, do jornal *O Estado de São Paulo* atuando em campo no jornalismo esportivo além delas (Lopes, 2023).

Mesmo assim, é recorrente no que elas dizem, com base nos materiais analisados, a falta de percepção anterior sobre a relevância de serem as primeiras mulheres a ocuparem muitos espaços antes exclusivamente masculinos. Em outro vídeo disponível no *YouTube* (Federação Paulista de Futebol, 2017), Germana Garilli reforça que ela e as colegas da equipe esportiva da *Rádio Mulher* não tinham consciência de que estavam abrindo um campo profissional para as mulheres. Trata-se de algo que Claudete Troiano confirma em dois momentos (Duarte, 2015; RedeTV, 2020).

Garilli também explica algumas das suas estratégias como repórter: lembra de fazer pesquisas sobre futebol em jornais e relata estratégia de falar de assuntos mais leves no início das entrevistas com os jogadores para abrir espaço para as questões sobre o jogo em si na sequência (Federação Paulista de Futebol, 2017). Em entrevista para Joyce Santos (2019), Garilli também relata que não fazia perguntas no intervalo, reforça muito o respeito como referência da sua relação em campo na cobertura para as transmissões e detalha como reagiu quando o empresário de Pelé pediu que os colegas evitassem palavrões por causa dela:

Ela relata que o empresário do Pelé: “sempre falava para turma dos repórteres para moderarem a voz e o palavreado porque tinha uma colega mulher. Por isso, mesmo dentro dos repórteres eu nunca sofri nada. Pelo contrário, a gente até brincava”. No entanto, “eu liberei, eu falei para o empresário do Pelé: o sapo de fora sou eu, estou no ambiente de trabalho de vocês, vou fazer parte, fique à vontade, não vai me ferir nenhum palavreado, não dirigido a mim, mas entre a turma” (Santos, 2019, p. 21).

Essa percepção de “sapo de fora” aparece de forma implícita em outras declarações das profissionais. Cardoso (2017) analisa que, para as mulheres da década de

1970, ingressar no jornalismo esportivo já era uma oportunidade que as extasiava, o que pode interferir na problematização de situações machistas. Natália Lara (2020) apresenta recortes de jornais da época que versam sobre: o aumento da audiência – em um deles, há declaração de Ranieri sobre alta concorrência de anunciantes para as transmissões –; o estímulo à presença de mulheres no estádio – o que também se refletiu na prática do futebol feminino, segundo Santos (2019) –; em paralelo à curiosidade dos ouvintes tradicionais de rádio esportivo; e a referência a um “futebol mais humano”. Há um deles, da época em que Luciana Mariano começou a narrar na televisão, na década de 1990, que tem na legenda de uma foto, em que estão Ranieri e Mariano, o estado civil de ambas.

Invisibilidade e desconfiança

O detalhamento descritivo dos registros se faz necessário em decorrência da ausência de pesquisas que abordem a história da *Rádio Mulher*, como um todo e na especificidade das transmissões de jogos de futebol na década de 1970. O interesse limitado da área acadêmica pela existência da emissora reforça a ideia de um cenário de memoricídio, que, como explica Constância Duarte (2022, p. 16), designa “o processo de opressão e negação” da participação das mulheres ao longo da história. Assim, são relegados às pioneiras, e sobre elas, o silêncio e a invisibilidade, que se perpetuam (Duarte, 2022).

Por isso, entre os resultados aqui apresentados, destaca-se a identificação do quadro majoritariamente feminino da rádio, em boa parte de sua existência sob essa nomenclatura – o que tem indicação numérica em matéria de jornal. Com base nisso, entende-se a importância de dar continuidade à pesquisa, ampliando-a com entrevis-tas e pela perspectiva da história oral para aprofundar a discussão sobre a dificuldade de manter as mulheres nas diferentes funções do rádio à época, compreendendo o contexto social do momento histórico analisado, tanto em decorrência deste como por causa da pressão de índices de audiência e da crítica especializada.

A respeito das vivências e práticas das profissionais que atuaram nas coberturas de jogos de futebol pela *Rádio Mulher*, os textos refletem como o contexto social teve influência na experiência profissional dessas mulheres. A década de 1970, como explica Cristina Bruschini (1994), é quando se inicia o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho no Brasil, mas numa perspectiva mais restrita de guetos ocupacionais. As áreas do jornalismo e do esporte eram das ainda fechadas para mulheres (Bueno, 2018), considerando que, até 1979, o futebol e outras modalidades vistas como impróprias para elas tinham sua prática proibida para mulheres brasileiras, por decreto oficial (Bonfim, 2019). Mesmo hoje, conforme Guedes (2020), o número de mulheres exercendo profissões como árbitras, comentaristas, narradoras, técnicas é muito inferior ao de homens.

Todavia, o estranhamento à presença delas e a desconfiança que pode ser per-cebida em muitas das declarações aqui indicadas eram ainda maiores à época. O que

ocorria tanto pelo ineditismo daquela atividade feminina, mas principalmente pelo contexto social em que as mulheres eram relacionadas a uma ideia de exclusividade ao âmbito doméstico e às responsabilidades familiares, apesar das transformações de comportamento que estavam em curso (Bruschini, 1994).

Os traços da cultura patriarcal da sociedade (Meirelles, 2022), presentes ainda atualmente, mas que tinham ainda maior ênfase na década de 1970, aparecem nos dizeres das profissionais do jornalismo esportivo da *Rádio Mulher*, demarcando o pretenso não pertencimento delas ao espaço profissional do rádio e ao ambiente do futebol. Eles estão na resistência que as jornalistas percebiam em seus pares, nos constrangimentos durante a atividade profissional, na cobrança excessiva em relação às práticas adotadas e na necessidade de desenvolverem estratégias específicas para suprir a ausência de informação por não poderem estar em todos os ambientes em que a crônica esportiva atuava à época.

Entre essas marcas, também está o tom jocoso adotado por repórteres nas matérias jornalísticas que tiveram as transmissões esportivas da *Rádio Mulher* como pauta, na década de 1970 e mesmo alguns anos depois. Coberturas que refletem uma ideia de construção hierárquica da relação entre o feminino e o masculino, como discute Scott (2019), nessa área como na sociedade em geral. Ainda assim, por estarem inseridas naquele contexto, também como sujeitos sociais, as falas das profissionais aqui consideradas indicam a pouca percepção do caráter pioneiro da iniciativa à época, apesar de o incômodo a respeito de como eram recebidas e de como depois passaram a conceber a inserção figurativa de mulheres no jornalismo esportivo.

Considerações

A experiência de transmissões esportivas da *Rádio Mulher* é pioneira, assim como a emissora foi em ter o público feminino como alvo. Como reforçam Juliana Betti e Valci Zuculoto (2021), ainda se sabe pouco sobre como se deu a participação de mulheres no desenvolvimento do rádio brasileiro. Recuperar registros sobre a contribuição de mulheres para a relevância e a inovação nesse meio é imprescindível para reduzir o apagamento histórico, o que é mais perceptível em áreas que mesmo hoje são majoritariamente masculinas, como a cobertura esportiva e principalmente o futebol.

Na reportagem da *BBC*, Lopes (2023) destaca, por exemplo, que a inserção de uma pessoa para atuar como comentarista de arbitragem na transmissão radiofônica de futebol foi uma inovação da *Rádio Mulher*, com a atuação pioneira (entre homens e mulheres) de Lea Campos, primeira mulher a atuar profissionalmente como juíza de futebol no mundo (Campos, 2021). “A ideia de colocar uma ex-árbitra para analisar os lances polêmicos acabou sendo vista como revolucionária. A *TV Globo*, por exemplo, só tomou uma iniciativa semelhante em 1989, com Arnaldo Cesar Coelho” (Lopes, 2023).

A partir desta pesquisa inicial, já é possível perceber que, à época, as transmissões esportivas por mulheres eram marcadas pela convivência constante com o machismo institucionalizado, por exemplo, indicam os relatos da impossibilidade de

estar em estádios e nos vestiários, onde eram realizadas entrevistas com jogadores de futebol. Também é identificável a ocorrência de formas veladas do preconceito, que está, inclusive, no bordão reforçado a cada conteúdo a respeito da *Rádio Mulher*: “uma mulher a mais no estádio, um palavrão a menos”, como nas declarações que envolvem o estranhamento dos pares e o tratamento de jogadores, que vai do ríspido a um “respeito” que teria sido conquistado por elas, não existente sem essa condição.

Além disso, também há a percepção de como o posicionamento sobre outras mulheres atuantes no jornalismo esportivo, posteriormente, pode ser variado e, em alguns casos, carregado por marcas estruturais do preconceito de gênero. Em observação inicial, por meio da pesquisa exposta neste artigo, confirma-se o pioneirismo da *Rádio Mulher* e a necessidade de ampliar o conhecimento sobre as transmissões e as mulheres que trabalhavam na cobertura esportiva. A descrição analítica da constituição histórica da emissora e da equipe que fazia as coberturas de jogos de futebol aqui estabelecida é um primeiro passo na busca por sanar a incipiência de conteúdos e discussões acadêmicas a respeito.

Referências

A COMUNICAÇÃO do ângulo feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 35, 21 out. 1975.

ARAÚJO, Érika Alfaro de. **Mulher e futebol**: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019. 2021. 287 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Bauru, 2021.

BASTOS, Maurício. **#8m O ano era 1970. Por iniciativa do publicitário e empresário Roberto Montoro, foi inaugurada em São Paulo a Rádio Mulher, primeira emissora dedicada exclusivamente ao público feminino**. 8 mar. 2020. Instagram: @mauricio-bastosradio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9d5Vj0JOr6/?igshid=-13vl1xk65bi11>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BELARMINO, Josué Dantas; MEDEIROS, Julia Maria Alves de. Do campo à narração esportiva: o espaço das mulheres no futebol brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO DO ESPORTE, 9., 2018, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Abragesp, 2018. p. 150-151.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, Remoto. **Anais** [...]. Juiz de Fora: Alcar, 2021. p. 1-12.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BROCANELLI, Rodney. Radioamantes no Ar relembra a equipe esportiva da Rádio Mulher formada só por mulheres em um papo com Zuleide Ranieri. **Blog Radioamantes**. São Paulo, 16 nov. 2015. Disponível em: <https://radioamantes.com/2015/11/16/radioamantes-no-ar-relembra-a-equipe-esportiva-da-radio-mulher-formada-so-por-mulheres-em-um-papo-com-zuleide-ranieri/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRUNO, José Carlos. **Santo Amaro sempre na vanguarda - a Rádio Mulher uma estação radiodifusora criada para o público feminino**. São Paulo, 17 dez. 2021. Facebook: @Cetrasa.Oficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/jcbruno1970/posts/1005061280110549/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, [S. l.], n. 2, p. 179-199, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102>. Acesso em: 2 abr. 2024.

BUENO, Noemi Corrêa. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal**. 2018. 408 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.

CAMPOS, Lea. Mulheres no apito. Somente os que lutam triunfam – a surpreendente história de luta de Lea Campos por ela mesma. In: SILVA, Leandro de Lima e (Org.). **A carreira do árbitro de Futebol: pilares e inovações**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

CARDOSO, Lenize Villaça. Mulheres jornalistas no mercado de trabalho: a luta pela igualdade de gênero ainda não acabou. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: SBPJor, 2017. p. 1-14.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO (São Paulo). **Rádio Mulher**. 2020. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/>. Acesso em: 6 mai. 2024.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Constância Lima. Apresentação. Na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história**. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. Livro eletrônico.

DUARTE, Marcelo. Projeto sobre futebol feminino dá destaque para as pioneiras da Rádio Mulher. **O Guia dos Curiosos**, 18 mai. 2015. Disponível em: <https://www.guiadoscuriosos.com.br/esportes/projeto-sobre-futebol-feminino-da-destaque-para-as-pioneiras-da-radio-mulher/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **A vanguardista do jornalismo esportivo.** 21 nov. 2017. YouTube: @paulistao. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p9pyLwBgZe8>. Acesso em: 6 dez. 2023.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em transmissões esportivas no Brasil: mapeamento histórico da presença feminina na narração em veículos de rádio, televisão e internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/raphaela-xavier-de-oliveira-ferro.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. O sujeito autorizado no jornalismo esportivo sobre futebol. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4., 2022, São Paulo. **Anais eletrônicos[...]** São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro, 2022. p. 1-16. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/776711/>. Acesso em: 6 mai. 2024.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2000. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 105-133, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832/5375>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FONSECA, Rosa. Claudete, uma pioneira que quebrou tabus. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 6, 28 nov. 1991.

FRANCO, Ricardo. Para quem quer gols numa voz macia: Rádio Mulher. **Revista Placar**, São Paulo, p. 18, 29 out. 1971.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. A **narração de futebol no contexto de rádio expandido**. 2022. 266 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 66-86, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/53822>. Acesso em: 6 dez. 2023.

GUEDES, Simoni Lahud. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020. p. 15-19.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LANDINI, Dinaura. Uma vida de muitas esperas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 24, 22 dez. 1972.

LARA, Natália. Zuleide Ranieri: **A primeira narradora esportiva do Brasil** – A história. 21 set. 2020. YouTube: @NataliaLara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2uoH4SCWZJ8>. Acesso em: 6 dez. 2023.

LIMA, Nelio. As mulheres em campo, transmitindo o jogo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 16, 4 jul. 1971.

LIMA, Taiane Anhanha. Rádio Mulher: a voz do protagonismo feminino no futebol. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro, 2022. p. 1-21.

LOPES, Naian. Rádio Mulher: o veículo que enfrentou o machismo nos anos 1970 e acabou perdendo. **BBC News Brasil**. 11 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx8pj2x039no>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MATTOS, Ediane Teles de. **A trajetória das profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina**. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom, 2017. p. 1-13.

MEIRELLES, Rebeka Vaz da Costa. **Sexismo no jornalismo esportivo**: como as mulheres jornalistas vivenciam e lidam com a cultura patriarcal organizacional do esporte. 2022. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2022.

MICHELETTI, Marcos Júnior. Zuleide Ranieri. Primeira mulher a narrar futebol no Brasil. **3º Tempo - UOL**, São Paulo, [2017?]. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/zuleide-ranieri>. Acesso em: 6 dez. 2023

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017. p. 269-279.

NUNES, Geraldo. Transmissão da final do futebol feminino fez lembrar o pioneirismo da Rádio Mulher. **Blog do Geraldo Nunes**. São Paulo, 27 set. 2021. Disponível em: <https://blogdogeraldonunes.blogspot.com/2021/09/transmissao-da-final-do-futebol.html?spref=tw>. Acesso em: 6 dez. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Anúncio, São Paulo, p. 41, 11 maio 1969.

ORTIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-14, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YWnfSyZZcTZCbZs3bkvZSPQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RÁDIO Nacional vai demitir 250. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 18, 24 abr. 1974.

RECAO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 8, 30 out. 1973.

REDETV. **Claudete Troiano treinava narração de jogos com futebol de botão.** 6 out. 2020. YouTube: @redetv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UvCI-4qavxEg&t=91s>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Débora. Onde anda: A voz das mulheres deixou os estádios. **Revista Placar**, São Paulo, p. 80, 17 nov. 1986.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil. Impulso – **Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Piracicaba (SP), v. 21, n. 51, p. 7-18, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/434/545>. Acesso em: 6 dez. 2023.

SANTOS, Joyce Alves dos. **Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 a 1990.** 2019. 55 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos (SP), 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 48-80.

SILVA, Walter. O radio neste ano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 44, 18 dez. 1973.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo futebolístico: em busca de representatividade e respeito. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro.** Santa Maria: Editora UFSM, 2020. p. 170-187.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade:** além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

TORRALBA, Karla. Claudete relembra vida no futebol e “empurrao” para Renata Fan na Record. **UOL Esporte**. São Paulo, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2017/11/17/claudete-relembra-vida-no-futebol-e-empurrao-pa-ra-renata-fan-na-record/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles de. As mulheres no rádiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Alcar, 2017. p. 1-15.

Recebido em: 22 jan. 2024
Aprovado em: 18 mar. 2024

CORES NA COBERTURA: O COLORISMO COMO DESAFIO À REPRESENTATIVIDADE NO JORNALISMO ESPORTIVO

**COLORS ON NEWS COVERAGE:
COLORISM AS A CHALLENGE TO REPRESENTATION IN SPORTS JOURNALISM**

Karina Santos ¹
Nair Prata ²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar se a ausência de mulheres negras de pele retinta no tejornalismo esportivo do Brasil pode ser resultado da ação do colorismo. Para isso, foi realizada uma análise de imagem descritiva de sete mulheres negras que atuam no meio, tendo como aporte o conceito de transcodificação de Johanna Smit (1987). O embasamento teórico sobre o colorismo foi feito por meio das autoras Juliana Góes (2022) e Alessandra Devulsky (2021). Além de estudos como Grada Kilomba (2019) e Frantz Fanon (2008), que possibilitaram as discussões sobre a subjetividade das pessoas negras. A partir desse movimento, percebemos vestígios de que o colorismo pode afetar a inserção da mulher negra de pele retinta no jornalismo esportivo.

Palavras-chave

colorismo; jornalismo esportivo; mulheres negras; raça; gênero.

Abstract

This article aims to investigate whether the absence of dark-skinned black women in sports journalism in Brazil may result from the action of colorism. To this end, a descriptive image analysis of seven black women working in the field was conducted, using Johanna Smit's (1987) concept of transcoding as a basis. The theoretical foundation on colorism was provided by authors Juliana Góes (2022) and Alessandra Devulsky (2021), along with scholars such as Grada Kilomba (2019) and Frantz Fanon (2008), who enabled discussions on the subjectivity of black people. From this movement, we find evidence that colorism may affect the inclusion of dark-skinned black women in sports journalism.

Keywords

colorism; sports journalism; black women; race; gender.

¹ Mestranda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. karina.peres@aluno.ufop.edu.br. <https://orcid.org/0000-0003-0154-5216>. <https://www.escavador.com/sobre/560639742/karina-carolina-peres-santos>.

² Orientadora do trabalho. Doutora em Linguística Aplicada (UFMG), com estágio de pós-doutoramento na Universidad de Navarra (Espanha). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). nairprata@uol.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-9127-7720>. <https://www.escavador.com/sobre/6042854/nair-prata-moreira-martins>.

Introdução

No dia 16 de janeiro de 2024, Leila Pereira, presidente do clube de futebol Sociedade Esportiva Palmeiras, realizou um ato que vem sendo classificado como histórico. Leila, que é a única mulher à frente do comando de um clube de futebol de elite no Brasil e na América Latina, convocou uma coletiva de imprensa aberta exclusivamente para jornalistas esportivas mulheres. O objetivo foi chamar atenção para a desigualdade de gênero presente no meio e reforçar a importância de ter cada vez mais profissionais mulheres ocupando espaços na imprensa especializada em esportes. Porém, outro fato chamou atenção: entre as 26 jornalistas que compareceram na coletiva, somente uma era negra. Seu nome é Eduarda Gonçalves, repórter esportiva dos canais por assinatura *ESPN Brasil* e *Star Plus Brasil*.

A coletiva de imprensa convocada pela presidente do Palmeiras pode ser percebida como um dos avanços que o meio esportivo vem demonstrando nos últimos anos em relação à equidade de gênero. No dia 22 de novembro de 2022, Renata Silveira se tornou a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo na TV aberta. A partida foi entre Dinamarca e Tunísia e foi transmitida pela *TV Globo*. Desde 2021, Natália Lara também vem ocupando o cargo de narradora na mesma emissora. A função de comentarista teve uma maior abertura nos últimos anos, Ana Thaís Matos, Renata Mendonça e Alline Calandriní são algumas das mulheres que vem exercendo a função na *Rede Globo* e no canal por assinatura *SporTV*.

A cobertura da Copa do Mundo Feminina 2023 feita pelos canais esportivos do Brasil demonstrou esses avanços. Foi a primeira vez que a equipe de jornalistas escalados para cobrir o evento foi composta majoritariamente por mulheres. Nas redes sociais, o portal *Dibradoras* divulgou uma foto fazendo um comparativo entre a cobertura do campeonato em 2019 e em 2023, exaltando o aumento das jornalistas. Porém, nas imagens publicadas, é possível enxergar a mesma disparidade que a coletiva do Palmeiras: das 21 jornalistas que aparecem na imagem, apenas duas são negras.

Figura 1- À esquerda, foto das jornalistas esportivas 2019; à direita, em 2023



Fonte: Dibradoras (2023)

Diante desse cenário, quando comparamos os avanços de gênero relacionados com os de raça, vemos que ele ainda é irrisório. O presente artigo identificou 15 mulheres negras que atuam ou já atuaram no jornalismo esportivo televisivo, são elas: Rita Andrade, Lica Oliveira, Karine Alves, Débora Gares, Roberta Garcia, Denise Thomaz Bastos, Raphaelle Seraphim, Cynthia Martins, Duda Gonçalves, Jordana Araújo, Júlia Belas, Natália Silva, Bianca Santos, Luiza Santana e Bruna Rodrigues. Outra questão que chama atenção no meio é a ausência de mulheres de pele retinta.

Este adjetivo significa uma cor mais intensa, mais escura. Portanto, este artigo entende as pessoas negras retintas como aquelas que possuem o tom de pele mais escuro. A maioria das jornalistas identificadas possuem a pele negra clara, que pode ser entendida como aquela que se aproxima da cor marrom³. Essa tonalidade frequentemente classifica as pessoas como morenas e está ligada ao estereótipo da mulata brasileira. O baixo número de mulheres negras na área esportiva pode ser entendido como o reflexo do racismo presente na sociedade e que impõe uma série de barreiras para que elas consigam chegar lá. Entre eles, podemos observar os estereótipos ligados a raça, desigualdade social e no acesso à educação, além da seleção racial.

Porém, podemos observar outra questão que recai sobre as mulheres negras no jornalismo esportivo, principalmente aquelas que possuem a pele retinta: o colorismo. Esse termo foi criado por Alice Walker (1983) e diz respeito sobre o preconceito baseado na tonalidade da pele, em que pessoas de pele negra com tons mais claros são mais aceitas socialmente do que aquelas com a pele negra retinta. Além disso, outros traços fenotípicos atribuídos às pessoas negras também são desvalorizados, por exemplo, lábios grossos, nariz largo e cabelo crespo.

Dessa forma, o presente artigo busca evidenciar a ausência de mulheres negras de pele retinta no jornalismo esportivo televisivo e explicitar que esse fenômeno pode estar correlacionado ao colorismo. Para isso, a abordagem teórica é realizada com base nas autoras que estudam o tema como Juliana Góes (2022) e Alessandra Devulsky (2021). Também é feita uma análise de fotografias de sete jornalistas negras que atuam como repórteres esportivas na televisão. Essa etapa tem como metodologia a análise de imagem por meio da transcodificação (Smit, 1987).

O movimento de análise nos permite identificar vestígios que apontam para a existência do colorismo no jornalismo esportivo brasileiro. Isso porque, das sete mulheres analisadas, nenhuma possui a pele retinta, e somente duas têm o cabelo crespo. Podemos argumentar que a ausência dessas mulheres na área é uma das consequências do colorismo, que, assim como as outras formas de racismo, contribui para definir quais espaços as pessoas negras podem ter acesso. De modo que, quanto mais escura a cor da pessoa for, menos oportunidades e vantagens sociais ela vai ter.

Brasil, um país miscigenado: o início da valorização do branco

Assim como a história de muitos outros países, o Brasil foi marcado pela exploração dos europeus. Em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, Grada

³ Após pesquisa bibliográfica, constatou-se que não existe um consenso e/ou conceito definido do que é considerado uma pessoa negra de pele clara ou uma pessoa negra de pele retinta. Os pesquisadores e pesquisadoras negras, constatados aqui neste trabalho, dão indícios do que seriam essas categorias. Sendo assim, nesta pesquisa, optou-se por trazer essas definições próprias do que é uma pele negra retinta e uma pele negra clara.

Kilomba (2019) aponta para a relação desse processo com a construção da imagem que as pessoas negras têm de si. A autora explica que esse sistema começou com as relações de poder e violência dos colonizadores. Eles, os brancos, fantasiavam que nós, os sujeitos negros, queríamos possuir algo que os pertencia: a terra, os frutos.

Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. “Estamos levando o que é Delas/es” torna-se “as/es estão tomando o que é Nosso.” Estamos lidando aqui com um processo de negação, no qual o senhor nega seu projeto de colonização e o impõe à/ao colonizada/o (Kilomba, 2019, p. 34).

Com base nesse movimento, Kilomba argumenta que a branquitude é construída por meio da exploração do Outro, visto que acontece uma divisão dentro desses sujeitos que só reconhecem suas partes boas e as partes que eles negam, as ruins, são projetadas no Outro: “o sujeito negro torna-se então aquilo que o sujeito branco não quer ser relacionado” (Kilomba, 2019, p. 34). Esse processo desumaniza as pessoas negras que passam a ocupar “uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer” (Fanon, 2008, p. 26).

Dessa forma, as pessoas negras têm sua identidade forçada a partir dessa relação, que implica uma constante violência. O lugar do não-ser do sujeito negro está intrínseco em diversas estruturas sociais e se desdobra em outras formas de opressão, de modo que não somente a subjetividade do ser negro é pautada pelo branco, mas também suas características físicas.

Portanto, aspectos como o cabelo crespo, o nariz largo, os lábios grossos, a cor da pele e tantas outras características típicas da população negra também foram rejeitadas e vistas como ruins. Na obra *História Social da Beleza Negra*, Giovana Xavier (2021) explora a maneira com que a indústria capitalista dos cosméticos de beleza dos Estados Unidos se apropriou dessa rejeição para vender a ideia de uma nova beleza, que, na verdade, estava conectada com as políticas eugenistas.

Ao normatizar a brancura como padrão universal, referência de limpeza, urbanidade e progresso, a indústria da beleza, com sua publicidade, será um dos principais espaços de popularização da eugenica e dos valores supremacistas brancos. Em contraposição, o mercado, através das propagandas, associará imagens de pessoas negras e indígenas a produtos do trabalho doméstico (farinhas, detergentes, óleos) e ao consumo de álcool (Xavier, 2021, p. 77).

O Brasil exportou as políticas eugenistas, que são baseadas na ideia de hierarquia de raças, na qual o branco seria geneticamente superior aos negros. Ela começou a ser difundida com o racismo científico, que pretendia explicar biologicamente as características dos homens, baseados na crença de que existiam evidências científicas

que comprovavam a superioridade ou a inferioridade de uma raça. A teoria foi trazida pelos europeus e incorporada no País pelos intelectuais brasileiros.

É sob esta visão racista sustentada pela “ciência” que vai sendo tecida a cultura brasileira. Sendo o Brasil um país com um enorme contingente de populações negra e essencialmente mestiça – o que para a maioria das teorias racistas era sinônimo de atraso rumo ao progresso, de impureza, de degeneração (Scwarcz, 1996 apud Oliveira, 2008).

Sendo assim, devido ao grande número de negros, o Brasil estava fadado ao fracasso, que só seria remediado com a injeção de sangue branco na população. No pós-abolição, a miscigenação passou a ser incentivada com o objetivo de solucionar o problema étnico-racial.

Sua origem provém da convicção de que o sangue “branco” iria purificar o sangue primitivo, “africano”, permitindo a eliminação física destes e a formação gradativa de um povo homogêneo: “branco” e “civilizado”. É esta crença que explica a legitimidade da imigração dos europeus para o país mais discretamente nos tempos do processo imigratório, que se inicia em 1818, e mais explícita, a partir da República em 1889. No projeto de imigração brasileiro, a questão racial é um conceito orientador, assim imigrantes estrangeiros, sim; mas europeus/brancos (Oliveira, 2008).

A ideologia do branqueamento contribui para desenvolver a ideia de que as pessoas brancas são superiores às negras levando a uma supervalorização de tudo que venha da raça branca. Essa apreciação também acontece na mídia, de modo que o padrão estético identificado tanto no telejornalismo quanto no jornalismo esportivo foi construído tendo como base essas questões. Coloca sobre os ombros das jornalistas negras o peso de não se encaixarem no padrão estético que é valorizado pela sociedade. Pavan e Sansoni (2022) explicam que a sociedade capitalista além de se apropriar e reforçar esse padrão, também utiliza de uma lógica sexista, que dispõe o corpo da mulher como um meio para o lucro.

Abarcado pela lógica do sistema de capital, no qual, neste contexto, os corpos são considerados mercadorias, a coisificação das mulheres é um traço cultural que enxerga o corpo feminino como um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades de qualquer tipo (Pavan; Sansoni, 2022, p. 29).

Conforme essa reflexão, podemos perceber que o padrão eurocêntrico das jornalistas esportivas, identificado na coletiva de imprensa convocada por Leila Pereira e na fotografia publicada pelo site *Dibradoras*, é utilizado pelo meio como uma estratégia capitalista para atrair a audiência da classe masculina, que ainda hoje, mesmo com o avanço nas discussões sobre gênero e esporte, é vista como o principal público dos conteúdos esportivos.

A pele branca, os olhos claros e os cabelos loiros e lisos são mais valorizadas e aceitáveis socialmente. Isso influencia no padrão de mulheres que vão conseguir atuar na área e principalmente das mulheres negras que serão aceitas no jornalismo esportivo. De modo que o tom da pele será um norteador para a inserção das jornalistas racializadas.

Quanto menos preta, melhor

Como discutido na seção anterior, a cor da pele da população estava ligada ao sucesso ou ao fracasso da nação. Com essa ideia, a teoria eugenista e as tentativas de branqueamento da população brasileira ganharam força, de modo que a imigração de europeus foi incentivada. Dessa forma, o Brasil ficou conhecido por ter um povo miscigenado: uma mistura entre brancos, indígenas e pretos. Entretanto, apesar de ser romantizada, a miscigenação do povo brasileiro foi produto do estupro colonial, que, primeiro, utilizava a violência sexual contra mulheres indígenas e, posteriormente, com as mulheres escravizadas. Esses processos também ajudaram a formar o mito da democracia racial, um conceito cunhado por Gilberto Freyre, que passa a falsa ideia de que, no Brasil, não há racismo e que, aqui, todas as raças vivem em harmonia.

Essa ideologia prejudica o avanço das discussões sobre o racismo no Brasil, visto que nega que ele exista, mas, além disso, a miscigenação e as ideias de democracia racial causaram uma distorção na forma como as pessoas negras se enxergam e se definem na sociedade. Ao questionar “Qual é a sua cor de pele?”, o Censo do IBGE, por meio da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (Pnad) de 1976, recebeu 136 respostas diferentes autodeclaradas sobre a cor da pele, entre elas: morena-bem-chegada, morena-jambo, queimada de praia, cor-de-ouro, puxa-para-branco, mulata, preto, negro, turva, pardo, entre outras. Esses dados podem revelar a dificuldade que as pessoas negras sentem em se identificar nesse grupo, visto todas as questões discutidas na seção acima.

Atualmente, as diferentes definições da cor da pele foram unificadas na categoria parda, o IBGE, por exemplo, utiliza cinco categorias raciais em suas pesquisas: branco, preto, indígena, amarelo e pardo. Entretanto, apesar de existir diferenças nos tons de pele, a categoria parda foi agrupada à de pretos.

Pardos esses que são associados a algum grau de mestiçagem racial, enquanto, por outro lado, não são identificados como brancos por não terem ascendência europeia visível em algum traço físico peculiar. O pendor racial atinente aos pardos aproxima, assim, este grupo dos negros, dos quais fazem parte (Devulsky, 2021, p. 19).

Essa categorização racial e a dificuldade que algumas pessoas demonstram em se identificarem como negros pode ser pensada a partir do colorismo. De acordo com Góes (2022), a criação do termo foi atribuída a Alice Walker (1983) e se refere ao preconceito ou ao tratamento especial baseado na cor da pele feito por pessoas do mesmo grupo racial. O conceito começou a ganhar força entre os próprios negros de classe

média, que, segundo Walker (1983), preteriam as negras de pele clara em detrimento daquelas com a pele escura.

"Logo, colorismo é a comunidade negra voltando se contra si" (Góes, 2022, p. 3). Reflexão que também é feita por Devulsky (2021, p. 21): "o colorismo tem o condão de opor pessoas da mesma comunidade, umas contra as outras, permitindo que pessoas negras possam se estranhar por conta de suas diferenças".

No Brasil, há vestígios de que essa hierarquização ainda existe. No País, algumas pessoas são classificadas de acordo com suas características físicas, sendo que aquelas que se aproximam dos fenótipos de pessoas brancas são mais aceitas socialmente. Isso cria uma apreciação da pele clara, de modo que o colorismo "tem como causa a maneira pela qual compreendemos a condição negra, inferiorizada e subjugada ao branco" (Devulsky, 2021, p. 22). Dessa forma, observamos que há uma diferença entre o colorismo discutido por Walker (1983) e o colorismo existente no Brasil.

Embora a autora reconheça que o colorismo representa a incorporação de lógicas brancas (como a valorização da pele clara), na sua obra, o colorismo é definido como um sistema de opressão criado dentro da comunidade negra. Contudo, no Brasil, a hierarquização das pessoas segundo fenótipo é estabelecida por classes dominantes contra as dominadas. Ou seja, tal hierarquização tem caráter fortemente interracial – ela é um sistema criado por brancos para garantir a dominação de negros (Góes, 2022, p. 9).

Essa ideologia tem diversas consequências, principalmente na identificação racial. No Brasil, pessoas de pele clara, que se identificam como pardas, ocupam um não-lugar racial: pretas demais para serem brancas e brancas demais para serem negras. "Portanto, a categoria 'pardo' serve para agregar todos aqueles que tiveram sua identidade racial destruída pelo racismo" (Góes, 2022, p. 16).

Nesse ponto, voltamos a Kilomba (2019) e Fanon (2008), que trazem a reflexão sobre como a subjetividade do negro é construída a partir do olhar branco e forma os estereótipos sociais de que o branco representa o inteligente, o valioso e o bom, enquanto o negro reflete o contrário. Nesse processo de desumanização, de modo consciente ou inconsciente, o negro se vê obrigado a "assemelhar-se ao branco e negar a sua própria negritude, portanto, era a única maneira de tornar-se gente" (Góes, 2022, p. 14).

O capitalismo se aproveitou dessa lógica e, em mais um processo de violência, criou produtos que ajudam as pessoas negras a se tornarem brancas: os clareadores de pele. Giovana Xavier (2021) ressalta que, nos Estados Unidos, os clareadores de pele, que foram uma febre na imprensa de 1900 a 1920, significavam para as pessoas negras algo muito além do que somente um produto de beleza. Ele era visto como uma alternativa para que elas pudessem se manter vivas e seguras. "Isso faz sentido, considerando os linchamentos e as barreiras em situações corriqueiras sob as normas do Jim Crow, como beber água, usar um banheiro público ou tomar um café, sem contar estudar, ir ao médico e alugar uma casa" (Xavier, 2021, p. 80). A autora ainda reforça que ser um negro de pele clara também era visto como a possibilidade de conquistar a as-

censo social. Mais de 100 anos depois, tanto os produtos clareadores de pele, quanto a busca pela sobrevivência, ainda persistem na realidade das pessoas negras.

O infográfico “A violência contra as pessoas negras no Brasil em 2022”, pertencente ao Anuário Brasileiro de Segurança Pública, revela que, na última década, foram assassinadas mais de 408 mil pessoas negras no Brasil, o que representa 78% do total de homicídios do período. Esse grupo também é a maior vítima da violência policial: pessoas negras foram 84,1% dos mortos pelas polícias e 67,7% dos policiais assassinados.

O documento ainda mostra que as mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio e sofrem 13,3% mais assédio do que as mulheres brancas. Em suma, os dados podem indicar que quanto mais negro, maior a possibilidade de sofrer algum tipo de violência. Portanto, atualmente, não ser lido como uma pessoa negra ainda pode ser entendido como uma estratégia de sobrevivência.

Além disso, essa tática está presente no mercado e na lógica capitalista. Em 2016, a propaganda de um creme branqueador na Tailândia afirmava: “você precisa ser branca para vencer”. Mais recente, em 2022, o depoimento da nigeriana Ellen, ganhou o mundo após a jovem contar sua experiência utilizando um produto que prometia clarear a pele.

Durante o uso do produto notei que minha pele ficou mais clara, as manchas de acne sumiram [...] As pessoas nas redes sociais diziam: uau, adoramos essa cor, queremos essa cor de pele, é melhor que a anterior. Eu me sentia limpa, revigorada (BBC, 2022).

No Brasil, quando se trata de indicadores socioeconômicos, padrões de mobilidade social, desigualdades de renda e de oportunidades educacionais, pretos e pardos ocupam praticamente o mesmo lugar de desigualdade quando comparados aos brancos. Fato que leva alguns pesquisadores a agrupá-los em uma única categoria para fins de investigação social. Isso acaba dificultando a obtenção de dados separados sobre cada uma das categorias.

Entretanto, desde a década de 1970, a discriminação contra os pardos vem sendo registrada no País. Porém, quando comparados aos negros, os pardos apresentam uma percepção mais baixa de atos de discriminação racial. “Temos uma situação paradoxal: os pardos estão extremamente próximos dos pretos no que toca à desigualdade de oportunidades e de resultados e ao mesmo tempo longe destes quanto à percepção do preconceito e da discriminação” (Daflon; Carvalhes; Feres Júnior, 2017).

Como argumentado até aqui, a afirmação dos autores pode ser explicada pela dificuldade de identificação racial que esse grupo encontra, que atrapalha a percepção sobre as diferentes formas de o racismo atuar. Além disso, como a sociedade aprendeu a aceitar o branco como características positivas, ser mais claro implica ter uma melhor aceitação social.

Mas por que ter a pele mais clara traz privilégios para a pessoa afro-descendente, se ela ainda assim não será identificada como branca? Porque ela, mesmo sendo identificada como “negra” pela sociedade racista, o que significaria que ela não poderia desfrutar dos mesmos

direitos que uma pessoa branca, ainda assim é mais “agradável” aos olhos da branquitude e deve/pode por isso ser “tolerada” em seu meio (Djokic, 2015).

Um fato que ajuda a exemplificar esse argumento são os dados dos bens declarados por raça por candidato nas eleições de 2022. Os números mostram que o valor declarado pelas pessoas que se identificam como brancas era de R\$1.793.089,00, enquanto dos pardos era de R\$903.261,00 e o dos candidatos negros foi de R\$430.670,00. Esses números mostram que a cor da pele está diretamente ligada aos acessos que uma pessoa consegue ter na sociedade brasileira.

Os dados aí mostram o abismo estrutural na qualidade de vida de negros em relação aos brancos e intergrupo - pretos em relação aos pardos [...] A cor da pele ajuda a melhorar a classe social, facilita o crescimento profissional, a compra de móveis e imóveis (Akotirene, 2022).

O jornalismo esportivo televisivo pode ser entendido como um dos espaços sociais nos quais podemos perceber essa facilidade de acesso que a cor provoca. Entre as jornalistas negras identificadas até o momento na dissertação que está em desenvolvimento (da qual este artigo é um desdobramento), sete delas trabalham com produtos audiovisuais, sendo elas: Débora Gares, Karine Alves, Duda Gonçalves, Jordana Araújo, Rafaelle Seraphim, Denise Thomaz Bastos e Bia Santos. Apesar de se considerarem negras, todas elas possuem traços que as aproximam da aparência que seria tolerável pela branquitude.

Para corroborar com esse argumento, realizamos uma análise descritiva de fotografias publicadas pelas jornalistas citadas acima em suas redes sociais. Pensando no objetivo deste trabalho, que é o de observar a presença do colorismo no jornalismo esportivo, o estudo das imagens realizado nesta pesquisa não busca aprofundar a relação entre outros elementos e signos que compõem as fotos no tocante à figura das mulheres. Desse modo, utilizamos a transcodificação, que, de acordo com Smit (1987), é o ato de traduzir uma foto em palavras, como método de análise das imagens.

Desenvolvemos uma descrição da aparência e características físicas das mulheres que julgamos serem relevantes para o objetivo deste artigo. Portanto, observamos e destacamos o tom de pele das jornalistas e outros traços físicos notáveis de descendência africana.

Como argumentado nas seções anteriores, o colorismo refere-se à maior aceitação que pessoas de pele negra clara possuem socialmente em comparação com os negros de pele escura. Portanto, buscamos, na análise, identificar jornalistas esportivas de pele retinta, de modo que as que não apresentarem essa tonalidade são analisadas como negras de pele clara. É importante ressaltar que essa análise não pretende corroborar com o colorismo e classificar as pessoas negras de acordo com o tom de pele; o nosso objetivo com este estudo é demonstrar, de forma objetiva, como o colorismo pode afetar a presença de mulheres negras de pele retinta no jornalismo esportivo brasileiro.

Análise das imagens

Figura 2 – Débora Gares ao lado da taça da Copa do Mundo Feminina



Fonte: Instagram @deboramires

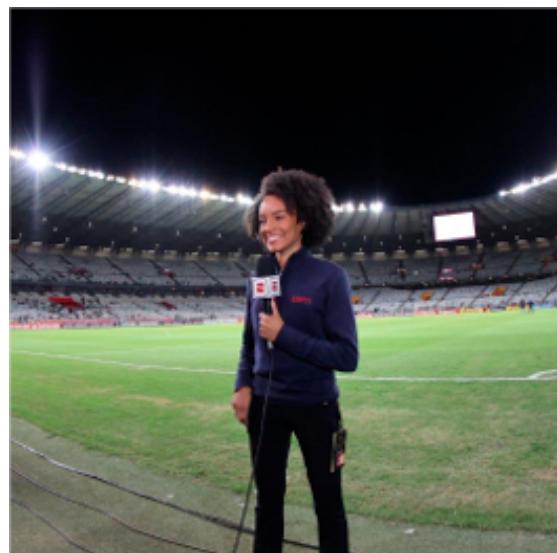
Débora Gares, da Figura 2, atualmente, é repórter esportiva dos canais *TV Globo* e *SporTV*, uma mulher negra de pele clara, com nariz e boca fina. O cabelo da jornalista é cacheado e, na imagem, está com luzes loiras.

Figura 3 – Karine Alves apresentando o Esporte Espetacular



Fonte: Instagram @karinealveska

Na Figura 3, vemos Karine Alves, que, hoje é apresentadora da *TV Globo* e do *SporTV*. Ela também possui pele clara, nariz e boca fina, cabelos cacheados e com luzes loiras.

Figura 4 - Duda Gonçalves durante cobertura pela ESPN

Fonte: Instagram @dudacg_

Duda Gonçalves, que vemos na Figura 4, é repórter dos canais *ESPN* e *Star+*, ela é uma mulher negra de pele mais escura em comparação às outras duas jornalistas já analisadas, mas também não possui uma pele retinta. Da mesma forma, ela tem nariz e boca fina. Duda tem o cabelo crespo.

Figura 5 - Jordana Araújo

Fonte: Instagram @jordanaaraaujo

Jordana Araújo, na Figura 5, é comentarista do *Band Esporte Clube* e, assim como Duda Gonçalves, é uma mulher negra de pele mais escura em comparação às duas primeiras jornalistas analisadas, mas não tem a pele retinta. Ela possui o nariz fino e lábios grossos e o cabelo black, como ela mesmo denomina em seu Instagram.

Figura 6 – Rafaelle Seraphim com uniforme da TV Globo

Fonte: Instagram @rafaelleseraphim

Na Figura 6, vemos Rafaelle Seraphim, que é comentarista de futebol na *Globo* e no *SporTV*. Ela é uma mulher negra de pele clara, com nariz fino e lábios pouco grossos. Na imagem, ela está utilizando tranças, penteado utilizado pela comunidade negra, mas sem as tranças, a jornalista tem o cabelo cacheado.

Figura 7 – Denise Thomaz Bastos com microfone na mão

Fonte: Instagram @dtbastos

Denise Thomaz Bastos, que vemos na Figura 7, é repórter da *TV Globo* e *SporTV*. Ela é uma mulher negra de pele clara, com nariz fino e lábios pouco grossos e de cabelo cacheado.

Figura 8 – Bia Santos com uma bola na mão

Fonte: Instagram @falasemgritar

Bianca Santos, da Figura 8, é a jornalista de pele mais escura entre as sete analisadas, de modo que o seu tom é o que mais se aproxima da cor retinta. Ela também é a que possui o cabelo mais crespo. Entretanto, Bianca ainda possui lábios e nariz fino e é a única que não atua nos canais de televisão e sim no canal *Fala sem Gritar*, do YouTube.

Essa análise revela que existe um padrão de mulheres negras que conseguem ocupar um espaço de destaque nessa área. Apesar de todas elas se identificarem nesse grupo racial, a sociedade brasileira, com base em diversos discursos racistas, como o do mito da democracia racial, aprende a aceitar as pessoas negras com características suavizadas pela mestiçagem, enquanto rejeita as que apresentam os fenótipos demarcadores da raça negra, como os lábios grossos, narizes largos, pele retinta e cabelo crespo.

Essa lógica é apropriada pelos meios de comunicação, que fazem concessões e incluem profissionais negros, mas que apresentam características que vão ser mais facilmente aceitas pela audiência. Portanto, isso acaba dificultando a inserção de mulheres negras de pele retinta na área, hipótese que pode ajudar a entender, somado com outros fatores, a ausência dessas mulheres no jornalismo esportivo.

Considerações finais

Ao observarmos o cenário atual da imprensa esportiva, vemos que a área, mesmo que ainda longe do ideal, está mostrando um avanço em relação à equidade de gênero. Hoje, é possível ver um número maior de mulheres exercendo a função de repórteres e apresentadoras de programas dedicados ao esporte. Entretanto, quando olhamos para a raça, vemos que o cenário é ainda mais desafiador.

A partir das inferências feitas neste artigo, é possível observar que o racismo perpassa de diversas formas a vida profissional das jornalistas esportivas negras. Uma delas é a dificuldade de inserção na área. Isso porque existe um padrão de jornalistas que são aceitas nessa área. Ele busca, de forma geral, mulheres que tenham um padrão

eurocêntrico, de modo que essa classificação afeta diretamente as mulheres negras.

Realizamos uma análise a fim de identificar que a maioria das profissionais racializadas que atuam em canais televisivos são mulheres que se encaixam em um padrão que, de certa forma, se aproxima do eurocêntrico. Por exemplo, das sete jornalistas observadas, a maioria possui lábios e nariz finos, além disso, a maioria dos cabelos são cacheados, alguns com mechas loiras. Somente duas têm o cabelo crespo. Diante disso, vemos que pode existir a ação do colorismo no jornalismo esportivo, visto que esse preconceito valoriza pessoas de pele mais clara e que apresentam características mais próximas das eurocêntricas.

Esse padrão começou a ser implementado com as políticas eugenistas e reforçado pelo incentivo à miscigenação, que buscava justamente clarear a população brasileira. É importante destacar que a descrição das jornalistas realizada neste estudo não tem o intuito de definir a negritude dessas mulheres, mas, sim, identificar como o colorismo atua para que mulheres de pele retinta não sejam identificadas na área. Portanto, é possível supor que esse preconceito acaba dificultando a inserção de mulheres negras de pele retinta nessa área. Tal hipótese pode ajudar a entender, somada a outros fatores, a ausência dessas mulheres no jornalismo esportivo.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O colorismo é a maneira pela qual o racismo potencializa os seus efeitos de exclusão.** 30 ago. 2022. @carlaakotirene. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ch5H0EDJIKG/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

DAFLON, Verônica Toste; CARVALHAES, Flávio; FERES JÚNIOR, João. Sentindo na Pele: Percepções de Discriminação Cotidiana de Pretos e Pardos no Brasil. Dados – **Revista de Ciências Sociais**, v. 60, n. 2, p. 293 a 330, abr./ jun. 2017.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

DJOCIK, Aline. Colorismo: o que é, como funciona. **Geledes**, 26 fev. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/?amp=1&gclid=Cj0KCQjw1OmoBhDXARIsAAAYGSGJBNPcQHmzgxFM40Lh_j5U_3hAZ6VpFDLgKbX-VbYDINXEgrEJRgDkaAgzCEALw_wcB. Acesso em: 8 out. 2023.

GÓES, Juliana Moraes. Reflexões sobre pigmentocracia e colorismo no Brasil. Reves – **Revista Relações Sociais**, v. 5, n. 4, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: UFBA, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **A violência contra pessoas negras no Brasil:** 2022. São Paulo: FBSP, 2022. Infográfico.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Qual é a sua cor de pele?** Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (Pnad) de 1976. Rio de Janeiro: IBGE, 1976.

JARDIM, Cláudia. "Você só precisa ser branca para vencer": propaganda de creme branqueador gera polêmica. **BBC News Brasil**, 9 jan. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160109_publicidade_brancos_tailandia_cj_lab. Acesso em: 8 out. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, Idalina. **A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira**. Paraná: Secretaria de Estado da Educação; Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2008.

PAVAN, Maya; SANSONI, Nicole. A mercantilização do feminino: capitalismo e padrão estético. **Revista PET Economia**, v. 2, n. 2. 2022.

"TINHA 22 anos, mas parecia ter 40 após clareamento de pele". **BBC News Brasil**, 8 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62470417>. Acesso em: 8 out. 2023.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Análise da imagem**: um primeiro plano. Tradução. Brasília: IBICT, 1987.

VICENZO, Giacomo. Colorismo: O que é e como ele afeta a vida de negros de pele retinta? **Ecoa UOL**, São Paulo, 8 set. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/o-que-e-colorismo-e-como-ele-afeta-a-vida-de-negros-de-pele-retinta.htm>. Acesso em: 20 jan. 2024.

XAVIER, Giovana. **História Social da Beleza Negra**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**: prosa mulherista. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Recebido em: 01 fev. 2024
Aprovado em: 15 abr. 2024

RACISMO E SEXISMO NA MÍDIA ESPORTIVA: A REPRODUÇÃO DE DISCURSOS RACISTAS E OS REGIMES RACIALIZADOS DE REPRESENTAÇÃO NA COBERTURA FUTEBOLÍSTICA

RACISM AND SEXISM IN THE SPORTS MEDIA: THE REPRODUCTION OF RACIST SPEECHES AND RACIALIZED REPRESENTATION REGIMES IN SOCCER COVERAGE

Vinícius Lucena de Oliveira ¹
Soraya Maria Bernardino Barreto Januário ²

Resumo

A reprodução de discursos atravessados por violências étnico-raciais e de gênero no âmbito da comunicação esportiva é o tema central deste artigo. Por meio de um estudo de casos envolvendo atores ligados à mídia futebolística brasileira e de uma revisão bibliográfica, propõe-se uma reflexão acerca dos impactos causados por esses discursos e dos motivos pelos quais tais violências são recorrentes no campo da imprensa especializada. Com um caminho metodológico que mescla os Estudos Críticos do Discurso e a Interseccionalidade, observa-se que discursos do tipo agem no sentido de reforçar alteridades e atuarem nos processos de construção do "Outro". Destaca-se, ainda, a influência da reprodução dos chamados regimes racializados de representação no universo futebolístico sobre a construção de identidades e na instituição (e sustentação) de interdições e hierarquias fundamentadas em distinções étnico-raciais e de gênero.

Palavras-chave

esportes; futebol; mídia; racismo; representações étnico-raciais.

Abstract

The reproduction of racist and gender biased discourses in sports media is the main subject of this paper. Through a case study, it brings an analysis of speeches by professionals related to football coverage in Brazil along with a bibliographic review. This study aims to provoke discussion about the impact caused by these discourses and about the reasons why these violations are still common when it comes to football media. Following theoretical and methodological parameters of Critical Discourse Studies, we observe that the reproduction of this kind of discourses help fixing alterities, constructing the "Other" and maintaining social hierarchies; the results of this research also point to the fact that the formation of identities and subjectivities might be influenced by the existence of racialized regimes of representation.

Keywords

sports; football; media; racism; ethno-racial representations.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (PPGDH/UFPE); vinicius.lucenao@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0842-0922>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6547268449827574>

² Doutora em Ciências da Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), soraya.barreto@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0405-6381>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9445751629301499>

Introdução

O futebol, por ser uma das manifestações culturais mais populares no contexto brasileiro, é atravessado por diversas problemáticas que se fazem presentes no convívio social. O racismo, que se manifesta de forma recorrente no universo futebolístico, é um desses problemas. Das proibições, nos tempos marcados pelo amadorismo do futebol no País, à incorporação do negro no esporte – que se dá em consonância com um discurso favorável à construção de uma identidade nacional brasileira na qual há a disseminação de uma narrativa que destaca positivamente uma imagem idealizada do atleta negro, ligada estreitamente a aspectos da corporalidade, em um sistema de “integração racial” que, contraditoriamente, reforça hierarquias e sustenta a branquitude em um local privilegiado, relacionado à racionalidade (Abrahão; Soares, 2009) –, é possível notar que as questões étnico-raciais são latentes no âmbito do esporte mais popular do Brasil. Colocado nesse lugar que, paradoxalmente, junta o louvor à “identidade negra” (Abrahão; Soares, 2009) e a hierarquização racial, o jogador negro se torna alvo preferencial de ataques, muitas vezes amparados por ditos explicitamente racistas.

De acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, elaborado pelo Observatório Racial do Futebol (2023), no ano de 2022, foram registrados 111 episódios de discriminação racial envolvendo atores vinculados ao futebol brasileiro. Entre as vítimas, segundo o estudo, estão atletas, árbitros, torcedores, profissionais ligados aos clubes, integrantes da imprensa esportiva e familiares de atletas. Do frequente uso de estereótipos raciais (Hall, 2016; Hylton, 2009; MacNeill, 2006) às recorrentes injúrias raciais (Abrahão; Soares, 2009; Esteves, 2020; Vieira, 2003), os ataques, de acordo com o levantamento em questão, ocorrem em diversos ambientes: dentro dos estádios, nas redes sociais digitais, na imprensa, entre outros espaços.

Aqui, interessam-nos, particularmente, os casos nos quais a manifestação racista é pronunciada por atores ligados aos veículos de mídia. No universo de 74 casos de racismo levantados pelo Observatório Racial do Futebol ao longo de 2021, sete atos discriminatórios partiram de membros da imprensa esportiva (Observatório, 2022). Já no ano seguinte, em 2022, quatro episódios do tipo foram registrados (Observatório, 2023). Os casos em questão compreendem comentários com teor racista difundidos em meios de comunicação – como emissoras de rádio e TV, jornais impressos e redes sociais – e em perfis pessoais de comunicadores. Em todos eles, futebolistas negros são colocados em situações de desumanização por meio de discursos que reforçam os processos de diferenciação (Carneiro, 2023; Hall, 2016).

Nota-se, ainda, que tais episódios costumam ser atravessados por marcadores de gênero. Tais intersecções podem ser observadas, em especial, no caso das agressões cometidas pela equipe responsável pela transmissão oficial da Série A1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, direcionadas a mulheres que, na ocasião, defendiam o Esporte Clube Bahia em uma partida disputada em abril de 2021 contra a Associação Atlética Nápoli, de Santa Catarina. O caso ficou marcado pelos comentários proferidos pela dupla envolvida na cobertura do jogo, que, em determinado momento, associou

características físicas das atletas ao exotismo e a uma suposta vantagem esportiva, estabelecendo comparações entre as jogadoras e outras figuras negras ligadas à cultura popular.

Ao longo deste artigo, também analisamos outro caso que ganhou notoriedade devido à repercussão que obteve nas redes sociais digitais à época do ocorrido. Na *ESPN Brasil*, um dos principais canais especializados em coberturas esportivas da TV fechada no País, dois comentaristas, sendo um deles um ex-atleta de futebol, julgaram que dois atletas negros da Sociedade Esportiva Palmeiras enfrentavam uma “queda de rendimento” que seria, segundo eles, justificada, entre outros aspectos, pelo uso de *dreadlocks*³.

Conforme os estudos dos casos mencionados nos parágrafos anteriores e de outras ocorrências, nas quais os discursos racistas são reproduzidos por profissionais de imprensa no âmbito da cobertura futebolística, propõe-se uma análise discursiva sobre como tais comentários – que são perpetuados constantemente em produtos midiáticos como o esporte de alto nível – recuperam enunciados e práticas historicamente repetidas no contexto da cultura (Gonzalez, 2020; Vieira, 2003) e, assim, acabam por sustentar relações de desigualdades através de “reproduções ideológicas” (Van Dijk, 2011).

Tais enunciados atribuem aos corpos negros características desumanizadoras, associando determinados traços ao “exotismo” (Souza, 1990; Carneiro, 2023). Nesse processo de instituição da diferença, os corpos negros são colocados, violentamente, em um lugar ligado à primitividade, ao animalesco. Aspectos biologizantes são ressaltados em um processo de fixação da alteridade, que coloca a figura do homem branco em um lugar de centralidade (Carneiro, 2023).

Pretendemos, assim, situar os casos recentes de manifestações racistas na mídia esportiva em uma conjuntura mais ampla, um processo contínuo de construção do que Stuart Hall (2016) chama de regime racializado de representação. Para ele, “todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a ‘diferença’ é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um regime de representação” (Hall, 2016, p. 150). Nesse sentido, adotamos uma abordagem que coloca o discurso em uma posição central na perpetuação do racismo nas sociedades contemporâneas (Van Dijk, 2010). Ainda, entendemos que as identidades e as formas de opressão não são experienciadas de forma isolada, mas de maneira interconectada e interdependente (Collins; Bilge, 2021).

Por isso, recorremos a uma metodologia interseccional, que implica não apenas o reconhecimento das interações entre diferentes categorias de identidade, mas também à observação de como essas categorias se intersectam e influenciam as experiências individuais e coletivas (McCall, 2005); incluindo a identificação de padrões ou disparidades que surgem quando se olha para essas confluências. A partir daí, situamos os casos em questão em uma rede maior, cuja existência suscita, entre outras

³ Os *dreadlocks*, ou *dreads*, são penteados com origens milenares nos quais os cabelos se entrelaçam em formas cilíndricas. Atualmente, a adoção desse estilo costuma estar relacionada a uma afirmação de identidades negras ou relacionadas à cultura rasta.

consequências, o afastamento de mulheres – negras, em especial – do universo da mídia esportiva (Seraphim, 2022) e a reiteração de determinados regimes racializados de representação (Hall, 2016).

Representações e diferenciação na mídia

Há um arcabouço, em contínuo processo de construção, constituído por pesquisas dos campos das ciências sociais, da comunicação e de áreas correlatas que se debruçam sobre as questões étnico-raciais no futebol brasileiro. Existem estudos que abordam a inserção do negro no universo futebolístico no contexto da profissionalização do esporte no Brasil (Abrahão; Soares, 2009); que avaliam a questão da integração social e a possibilidade de ascensão social por meio do esporte, bem como aqueles que analisam as disparidades percebidas na ocupação de cargos diretivos ou com poder decisório no futebol (Vieira, 2003; Oliveira; Barreto Januário, 2022); outros focam em episódios específicos, mas que oferecem caminhos para a compreensão de um cenário maior, como o caso do processo de culpabilização do goleiro Moacir Barbosa pela derrota da seleção brasileira diante do Uruguai na Copa do Mundo de 1950 (Abrahão; Soares, 2009); há, ainda, os que trazem objetos mais recentes e denunciam a perpetuação das mais diversas práticas racistas no âmbito do esporte brasileiro (Oliveira; Barreto Januário, 2022; Esteves, 2020) e analisam os efeitos da estereotipagem direcionada a corpos negros no esporte (Abrahão; Soares, 2011; Hylton, 2009).

No entanto, nosso objetivo é promover um debate sobre episódios nos quais questões de raça, atravessadas por marcadores de gênero, estão no centro de determinadas agressões praticadas no âmbito da mídia esportiva.

Antes de discutirmos, especificamente, o que acontece na imprensa especializada, é importante reiterar que o problema das representações marcadas pelo racismo no contexto da mídia e da cultura brasileira, no geral, atinge uma parcela considerável das produções e manifestações culturais. Silva e Rosemberg (2007) analisam como racismo se manifesta na literatura, nos livros didáticos, no cinema, na televisão, em telejornais e em outros formatos jornalísticos. Entre os problemas apontados pelos autores estão um problema de representatividade que pode ser observado na maioria dos veículos. Trata-se de um constante silenciamento da mídia sobre as desigualdades raciais (tal silenciamento acaba por negar a existência do racismo e reforçar o mito da democracia racial), a colocação do branco em um lugar de superioridade⁴ e o uso recorrente de estereótipos raciais, transpassados por marcadores de gênero (Silva; Rosemberg, 2007, p. 99).

Adotando uma abordagem de cunho interseccional, Lélia Gonzalez (2020) também identifica diversas situações em que os corpos negros, em especial os corpos

⁴ No original: "En los diversos medios discursivos se trata al blanco como el representante natural de la especie. Sus características se consideran la norma de la humanidad. La conclusión del estudio de Rosemberg puede sintetizar los resultados observados en diversos medios: «Entre las formas latentes de discriminación contra los no blancos, tal vez la más constante sea la negación del derecho a la existencia humana –al «ser»–: el blanco es el representante de la especie. Por esta razón, se entiende que sus atributos son universales» (Rosemberg, 1985: 81). La naturalización y universalización de la condición del blanco se transfieren a la representación del público al que se dirigen los mensajes. En diversos medios de comunicación, el público se construye discursivamente como supuestamente blanco" (Silva; Rosemberg, 2007, p. 99).

das mulheres negras, são colocados em um local de subalternidade em manifestações da cultura popular (como a música e o carnaval), na imprensa e na comunicação cotidiana. As reproduções de discursos racistas nessas esferas funcionam como pedagogias culturais e discursivas do que significa ser mulher e negra para a sociedade. Tais representações estariam diretamente relacionadas aos processos de construção das identidades.

Ao discorrer sobre representações, linguagem e significados, Stuart Hall (2016) fala sobre a questão da construção das identidades, relacionando-a ao processo de construção de sentidos através da linguagem. Segundo ele, “o sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem ‘pertencemos’ – e, assim, ele se relaciona a questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos” (Hall, 2016, p. 21-22). É justamente na demarcação do outro, na reiteração dos processos de diferenciação, que os discursos racistas na mídia se ancoram.

Em uma tentativa de elucidar o papel que o reforço das alteridades exerce sobre a perpetuação do racismo, partimos do conceito de dispositivos de racialidade, cunhado por Sueli Carneiro (2023). A autora constrói essa ideia com base na noção foucaultiana de dispositivo, que consiste em uma articulação entre uma multiplicidade de elementos (discursos, instituições, leis, proposições morais, filosóficas, entre outros) que marcam as relações de poder e “têm uma função estratégica dominante” (Carneiro, 2023, p. 28). Carneiro (2023) diz que essa noção “oferece recursos teóricos capazes de apreender a heterogeneidade de práticas que o racismo e a discriminação racial engendram na sociedade brasileira” (Carneiro, 2023, p. 28).

Dada a definição do conceito, a autora passa a se debruçar sobre a questão da alteridade, da ontologia da diferença. Um dispositivo, segundo ela, institui “a constituição de uma nova unidade em cujo núcleo se aloja uma nova identidade padronizada, e, fora dele, uma exterioridade oposta, mas essencial para a afirmação daquela identidade nuclear” (Carneiro, 2023, p. 28). O Outro, portanto, torna-se a base da construção do Ser.

Diante disso, o dispositivo de racialidade produz uma dualidade calcada na diferenciação, com o Eu hegemônico, branco, “dotado de razoabilidade”, em um local de referência, sendo colocado como a própria personalização da ideia de humanidade. Nesse sentido, todos os que “desviam” desse padrão de humanidade, todo o “Outro”, passam por um processo de assujeitamento, coisificação e desumanização.

A autora cita, ainda, a existência de determinadas interdições que compõem um sistema excludente que nega aos corpos negros a noção de humanidade. Segundo ela, esse sistema opera diretamente no sentido do controle da mobilidade social por grupos sociais hegemônicos, o que impede que determinados corpos ocupem as chamadas “esferas privativas da branquitude” (Carneiro, 2023).

Sobre diferenciação e hierarquização pautadas em um ideal de branura, Sueli Carneiro (2023) diz que “o dispositivo de racialidade, ao demarcar a humanidade como sinônimo de branura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão” (Carneiro, 2023, p. 35). Assim, traços fenotípicos, características físicas, são tidos como elementos diferenciadores.

Quando focarmos, mais adiante, nos ditos racistas proferidos por pessoas ligadas à imprensa esportiva, percebemos a recorrência desses elementos diferenciadores e avaliamos os impactos que tais construções discursivas exercem sobre os corpos negros no universo futebolístico.

No tocante aos elementos diferenciadores nas práticas discursivas, retomamos a ideia do “mito negro”, de Neusa Santos Souza (1990). Ao discorrer sobre os efeitos subjetivos do racismo e os impactos das disparidades nas relações étnico-raciais sobre a esfera psicológica, a autora fixa o conceito do “mito negro”, um “conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação” (Souza, 1990, p. 25).

Tal regime de representação – aqui estabelecemos um diálogo com as ideias de Stuart Hall (2016), dos Estudos Culturais; um pouco mais à frente, abordamos o conceito em questão – é ancorado no apelo à alteridade, à distinção racial em seu aspecto cultural, com características que remetem a parâmetros biologizantes, definindo e reforçando lugares de poder e dominação através da desumanização, da coisificação dos corpos, das subjetividades e das culturas negras (Souza, 1990).

A autora menciona, ainda, a estereotipagem – objeto também explorado, com maior profundidade, nas obras de pensadores dos Estudos Culturais como Bhabha (2007) e Hall (2016) – como um dos mecanismos acionados no contexto de reprodução desse regime de representação. Os efeitos dos discursos construídos por meio dessas representações – da coisificação, da desumanização, da reiteração da ideia moderna de que associa o branco ao padrão de humanidade e racionalidade – sobre as subjetividades negras é discutida tanto na obra da própria Neusa Santos Souza (1990) quanto em escritos clássicos de Frantz Fanon (2023).

Outro aspecto caro à nossa pesquisa é a relação entre a reprodução dos discursos racistas e o afastamento das pessoas negras das posições de poder, como cargos diretivos, no caso de instituições, ou postos incumbidos da responsabilidade de tomar decisões. De acordo com Moreira (2019), “a associação da negritude com elementos negativos e a associação da branquitude com elementos positivos permite que as pessoas brancas sejam representadas como sujeitos superiores e também os únicos capazes de atuar de forma competente na esfera pública” (Moreira, 2019).

Com base nas ideias expostas, podemos conectar esse conjunto de práticas discursivas ao que Stuart Hall (2016) chama de regime de representação ou, no caso de situações que envolvem atores racializados, regimes racializados de representação, nos termos do autor.

Sobre a “representação” em si, Hall (2016) diz que tal termo está relacionado à produção de sentidos através do uso da linguagem e que há dois “sistemas de representação”: um que “nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências entre as coisas [...] e o nosso sistema de conceitos, nossos ‘mapas conceituais’” (Hall, 2016, p. 38) e um segundo que “depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos e organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos” (Hall, 2016, p. 38).

Em *O espetáculo do outro*, Hall (2016) também correlata a ideia foucaultiana de poder à representação e à diferença. Segundo ele, o poder (no âmbito do simbólico, do cultural) comprehende “o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira, dentro de um determinado ‘regime de representação’” (Hall, 2016, p. 193), o que, em determinados casos, resultaria nas chamadas violências simbólicas. Nesse contexto, os regimes de representação são definidos como “todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a ‘diferença’ é representada em um dado momento” (Hall, 2016, p. 150).

A partir dessa noção de regimes racializados de representação e da ideia de que os todos discursos retomam ideias preexistentes, podemos afirmar que há uma recorrência nos discursos racistas pronunciados na mídia (Silva; Rosemberg, 2007). Tais discursos se utilizam de um certo léxico, acionando determinados termos e imagens. Em seguida, analisamos esse repertório e observamos como ele costuma ser acionado no âmbito da cobertura jornalística esportiva.

A construção do outro na mídia esportiva

Entre 2021 e 2022, ao menos treze casos de discriminação racial no âmbito do futebol brasileiro foram protagonizados por profissionais da imprensa esportiva (Observatório, 2023; Observatório, 2022). Estabelecemos, em meio a esse escopo, uma amostragem intencional. O objeto deste artigo é composto por episódios que recuperaram alguns dos discursos racistas mais recorrentes no contexto da cobertura futebolística.

O primeiro caso envolve a equipe de futebol de mulheres do Esporte Clube Bahia. Em abril de 2021, em uma partida válida pela série A1 (primeira divisão) do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, atletas do clube baiano foram vítimas de comentários racistas proferidos por profissionais envolvidos na transmissão da partida⁵. Durante a transmissão ao vivo, por meio da plataforma digital *MyCujoo*, o comentarista Edson Florão mencionou os “cabelos exóticos” e a “vantagem” na estatura das jogadoras da equipe nordestina, composta, em sua maioria, por mulheres negras.

“Bahia, que está aí com a sua vantagem de estatura, com esses cabelos exóticos, pelo menos meia dúzia (das jogadoras). A Nine, lateral direita, tem o cabelo mais exótico, me parece, dessa equipe do Bahia” (Observatório, 2022), disse o comentarista, referindo-se aos cabelos crespos das atletas. O comentário, que coloca os corpos em questão em um lugar associado ao exotismo (Souza, 1990), chegou a ser endossado pelo narrador, Paulo Cesar Ferrarin: “Eu até ‘tava’ brincando com esses cabelos. Parece a Margareth Menezes [cantora], lá da Bahia” (Observatório, 2022).

Após a transmissão, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) emitiu uma nota de repúdio aos “comentários preconceituosos” proferidos pela equipe de transmissão e pediu o afastamento dos profissionais à plataforma *MyCujoo*, que acatou a recomendação

⁵ JOGADORAS do Bahia são alvo de comentários racistas em transmissão. Correio, Salvador. 25 abr. 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/KwJaLgIk>. Acesso em: 24 jan. 2024.

e afirmou que “todas as equipes de transmissão recebem orientações prévias para que esse tipo de situação não aconteça”⁶. Já o Esporte Clube Bahia publicou um vídeo institucional em repúdio às atitudes da dupla envolvida na transmissão. A peça, compartilhada nas redes sociais do clube, contou com a participação de atletas e da cantora Margareth Menezes⁷.

O episódio, que culminou com o afastamento dos dois homens das transmissões do Brasileirão Feminino, possui um componente de gênero indissociável. Collins e Bilge (2021) definem a interseccionalidade como uma abordagem analítica que considera que categorias como raça, gênero, classe, orientação sexual, entre outras, devem ser lidas como categorias que “se sobrepõem e funcionam de maneira unificada” (Collins; Bilge, 2021, p. 15).

Na sociedade brasileira – e, por conseguinte, no contexto da prática esportiva no País –, as mulheres negras foram colocadas, historicamente, em uma situação de vulnerabilidade, sob “uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida” (Carneiro, 2011, p. 127). Como herança das estruturas coloniais que fundaram a formação social brasileira – apontadas por Sueli Carneiro (2020) como “o ‘cimento’ de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades” – tal segmento da sociedade foi constantemente associado a práticas laborais, como pontua Lélia Gonzalez (2020).

Nesse processo, também destacam-se violências relacionadas a questões estéticas com premissas que se abarcam num ideal dominante de beleza (Moreno, 2008), de modo que, no processo de construção das alteridades, do Outro incompatível com os padrões de brancura, “as marcas visíveis dos corpos se convertem em motivos para a discriminação racial e para a opressão” (Fonseca; Guzzo; 2018)⁸. Cabe ressaltar, ainda, que essas questões que marcam o corpo, numa perspectiva de gênero, são catapultadas para ataques misóginos que versam sobre a hipersexualização do corpo feminino e o racismo observado na hierarquização das características de raça, para além das questões de sexualidade, por exemplo.

Tais “marcas visíveis” são, de acordo com Souza (1990), frequentemente acionadas em discursos racistas. Enunciados como os descritos anteriormente nesta seção podem ser relacionados ao regime representacional que a autora chama de “mito negro”, que, no episódio em questão, é evocado pela relação estabelecida pelos comentaristas entre os corpos negros e o exotismo. Percebemos a influência da estereotipagem (Hall, 2016) a partir do momento em que a equipe de transmissão destaca uma suposta vantagem física dos atletas negros na partida, recuperando discursos que limitam as jogadoras negras a capacidades estritamente ligadas a aspectos da corporalidade. Tais discursos são comumente reproduzidos no âmbito da cobertura esportiva e foram objeto de estudo em diversas ocasiões (Hall, 2016; Hylton, 2009).

⁶ CBF se manifesta contra fala racista em transmissão do Brasileirão Feminino. Gazeta Esportiva. São Paulo. 26 abr. 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/Nw21zb48>. Acesso em: 20 mar. 2024.

⁷ COM JOGADORAS e Margareth Menezes, Bahia se posiciona após racismo em transmissão. ESPN. São Paulo. 26 abr. 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/aw21zPXV>. Acesso em: 20 mar. 2024.

⁸ No original: “las marcas visibles de los cuerpos se convierten en motivo de discriminación racial y de opresión”.

Ao discorrer sobre o chamado “racismo cotidiano”, Grada Kilomba (2019) fala, em primeira pessoa, dos efeitos que ataques semelhantes aos sofridos pelas atletas do Bahia, taxadas como “exóticas” na ocasião, podem ter sobre a mulher negra e sobre a construção das suas subjetividades:

Toda vez que sou colocado como “outra” – seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” excitada, a “outra” selvagem, a “outra” natural, a “outra” desejável ou a “outra” exótica –, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido (Kilomba, 2019, p. 78, grifo do autor).

Kilomba (2019) ainda aborda, em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, a questão dos cabelos lidos pela branquitude como “sinais repulsivos da negritude”, como podemos observar no caso supracitado. A autora chama atenção para o fato de determinados penteados, em certos contextos, são carregados de um posicionamento político:

Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. (Kilomba, 2019, p. 126-127, grifo do autor).

O uso do discurso em questão em um produto midiático ainda denota a existência de relações de poder no ecossistema que compreende as práticas esportivas. Aqui, destacamos o caráter simbólico do poder, como apontado por Hall (2016), visto que determinados atores se veem autorizados a representar o outro sob a lógica da diferenciação, reforçando os chamados regimes racializados de representação (Hall, 2016).

Meses após o caso envolvendo as atletas do Bahia, dois comentaristas da *ESPN Brasil* foram acusados de racismo nas redes sociais. Em um programa no estilo mesa redonda, o jornalista Fábio Sormani e o comentarista Zé Elias, ex-jogador profissional de futebol, teceram críticas a dois atletas negros que, à época, atuavam pela Sociedade Esportiva Palmeiras (SP). As críticas feitas por Sormani, entretanto, relacionavam uma suposta “falta de foco” e uma “queda de rendimento” dos jogadores Danilo e Patrick de Paula a intervenções estéticas realizadas pela dupla; na ocasião, um dos atletas adotou um penteado com *dreadlocks*. No debate transmitido ao vivo, o comentarista falou:

Você vê o Danilo com o cabelo rastafári... os caras estão deslumbrados. O Patrick de Paula foi pego em uma quebrada aí durante a noite e foi afastado. Precisa ver como é que essa molecada está se comportando. O meu meio campo do Palmeiras é Danilo e Patrick de Paula, mas esses caras não estão entregando. E por que esses jogadores não estão entregando? É chuteira colorida, rastafári, fitinha... divisão do foco. [...] Ao invés de passar seu tempo estudando o adversário, você passa seu tempo na frente do espelho olhando o rastafári (Fórum, 2021)⁹.

Há, nas falas dos comentaristas, símbolos de um processo de infantilização comumente acionado no universo do futebol dos homens. Sandra Corazza (2000) observa a ação de um “poder infantilizador” sobre o homem adulto, fenômeno que fomenta a docilização de subjetividades e identidades, fazendo com que o sujeito seja entendido como vulnerável ou incapaz (Corazza, 2000). Como exemplo emblemático disso está a referência da mídia ao “Menino Ney”, em relação ao jogador Neymar Júnior¹⁰. Essa infantilização, especialmente em casos como o exposto no parágrafo anterior, coloca os sujeitos do discurso em uma posição de inaptidão, de “deslumbramento” – termo usado pelo comentarista, que adota um tom paternalista em sua fala, para se referir à dupla de atletas do Palmeiras – diante de determinadas situações.

Se, por um lado, há a infantilização típica das masculinidades de forma geral, especialmente no discurso midiático; existe, ainda, uma tratativa diferenciada ligada às masculinidades negras. Nesse sentido, o homem negro precisa performar uma virilidade hiperbólica, na qual a potência do seu corpo seja matéria de sua diferenciação (Gonzalez, 2020), não cabendo “queda de rendimento”.

Ao discorrer sobre os processos de racialização e a construção das subjetividades, Faustino (2014) aborda os impactos que a chamada “reificação racializada” exerce sobre os homens negros. Se “‘Ser negrão de verdade’ implica [...] ter habilidades para os esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal [...] ser ‘macho ao quadrado’ em todas as situações exigidas, e só a partir desses atributos ser reconhecido” (Faustino, 2014, p. 91), pode-se observar que as masculinidades que apresentarem supostos desvios a essas expectativas, que não corresponderem a esses estereótipos, serão alvo de críticas – como vimos no caso em questão – e podem vivenciar, segundo o autor, “um sofrimento psíquico intenso, pois além de não ser reconhecido como homem por ser negro, não consegue ser reconhecido como homem negro em todos os atributos reificados que envolvem este reconhecimento” (Faustino, 2014, p. 92).

Assim, torna-se evidente o racismo atrelado à identidade negra e à ideia estereotipada em torno do homem negro, num processo de subalternização das masculinidades negras (Carneiro, 2020). Ao destacar os *dreadlocks* dos jogadores, os comentaristas revelam como a constituição de uma identidade autônoma se vê impedida, já que o modelo de identificação normativo-estruturante é o do homem branco e de sua cultura, como propõe Isildinha Nogueira (2021).

⁹ ZÉ ELIAS e Sormani cometem racismo ao comentar cabelo de jogadores do Palmeiras. Revista Fórum, 27 set. 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/XwJaBzI9>. Acesso em: 24 jan. 2024.

¹⁰ A NOITE de gala do Menino Ney. Correio Braziliense, Brasília. 13 jan. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/Aw92qI9D>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Em outra ocasião, o jornalista Adroaldo Guerra Filho, conhecido popularmente como Guerrinha, da *Rádio Gaúcha de Porto Alegre*, afirmou que o treinador Roger Machado – então vinculado ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS) – tinha “a alma mais branca” que a dele (Observatório, 2023). O caso, que aconteceu em agosto de 2022 e ganhou repercussão nas redes sociais digitais, pode ser lido como um exemplo de como a brancura costuma ser colocada em um lugar de referência, de humanidade. A afirmação feita pelo comentarista, por exemplo, traz, nas entrelinhas, um dito racista: corpos que se distanciam do padrão estabelecido pela branquitude, via de regra, não possuem a chamada “alma branca” e, portanto, devem ser considerados maus exemplos.

Os possíveis efeitos de discursos como os que foram reproduzidos ao longo desta seção estão relacionados, entre outros fatores, à fixação da alteridade e à consequente hierarquização com base na aproximação ou no distanciamento dos corpos no tocante a um padrão de brancura. Sobre o processo de construção do Outro por meio da alusão constante às diferenças, Kilomba (2019) diz, com uma série de questionamentos, que o “processo de discriminação” ocupa um papel central na diferenciação:

Quem é “diferente” de quem? É o *sujeito negro* “diferente” do *sujeito branco* ou o contrário, é o *branco* “diferente” do *negro*? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma *branca*. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “Outras/os” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação (Kilomba, 2019, p. 75, grifo do autor).

Nesse processo de fixação da alteridade através dos regimes racializados de representação, é fundamental direcionar o olhar a quem detém o poder de falar, quem está na condição de objeto e quem é o sujeito (Kilomba, 2019)?

O estudo “Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?” – publicado em 2023 pelo Gema (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – aponta que, nos principais veículos jornalísticos do Brasil, 84,4% dos que escrevem são brancos; 6,1%, pardos; 3,4%, negros; 1,8%, amarelos; e apenas 0,1%, indígenas¹¹. A pesquisa descreve, ainda, que “a maioria das autorias são assinadas por homens brancos e, na sequência, por mulheres brancas. Em menores proporções estão os homens negros e as mulheres negras, respectivamente” (Portela; Sá; Feres Jr.; Lemos; Mina, 2023). Há, portanto, evidências que indicam a predominância dos pontos de vista brancos no âmbito da produção jornalística (incluso o jornalismo esportivo) no Brasil.

¹¹ PORTELA, Poema; SÁ, Izabele; FERES JR., João; LEMOS, Fernanda; MINA, João Pedro. Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil? Rio de Janeiro: Gema, IESP-UERJ, 2023. Disponível em: <http://tinyurl.com/vcapaj86>. Acesso em: 24 jan. 2024.

O poder de controle das esferas discursivas está relacionado a uma cadeia mais ampla. Para Moreira (2019), “a identidade racial branca é um lugar de poder social e também um mecanismo de reprodução de relações raciais hierárquicas. Mais do que uma mera designação racial, ela indica um lugar de privilégio em função do pertencimento ao grupo racial dominante” (Moreira, 2019).

Considerando a existência dessa estrutura marcada por hierarquias baseadas em critérios étnico-raciais, “o discurso é similar a outros recursos sociais valorizados que constituem a base do poder e cujo acesso é distribuído de forma desigual” (Van Dijk, 2008, p. 18).

Assim, é possível afirmar que os regimes racializados de representação (Hall, 2016) são constituídos, no âmbito da comunicação esportiva, por um determinado repertório que reforça hierarquias étnico-raciais, atravessadas por questões de gênero, a partir de estratégias como a estereotipagem, a desumanização, o reforço de diferenças em aspectos corporais para ressaltar a existência do Outro e de um padrão do qual esse Outro se distancia, entre outras.

A centralidade do discurso e a construção de identidades

Outros pontos que devem ser destacados na análise de casos de violências circunscritas por aspectos étnico-raciais e de gênero na imprensa são o alcance e a credibilidade dos meios nos quais esses discursos são veiculados. Para Fischer (2002), a mídia possui um caráter pedagógico, desempenhando um papel central na “constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (Fischer, 2002).

No mesmo sentido, podemos afirmar que certos discursos – perpetrados pelos regimes de representação que norteiam boa parte da produção cultural no contexto das sociedades ocidentais – tendem a exercer, especialmente quando veiculados em canais de amplo alcance, uma influência na manutenção das configurações sociais vigentes.

Van Dijk (2008; 2016) discorre, ao longo de sua obra, sobre a centralidade do discurso na perpetuação do racismo e de outras opressões existentes nas sociedades latino-americanas. Para o autor, “a maior parte dos membros dos grupos dominantes aprendem o racismo através dos discursos de uma ampla variedade de fatos comunicativos” (Van Dijk, 2016, p. 25).

Essa legitimação do racismo, ainda segundo Van Dijk (2008), acontece através do discurso¹², que, por sua vez, está diretamente ligado ao exercício do poder simbólico. O autor defende que as chamadas “elites simbólicas”, que controlam a maior parte do acesso ao discurso, possuem um papel central na construção e na reprodução de determinados conceitos e valores ideológicos que podem ter uma penetração no

¹² Vale ressaltar que, segundo o autor, tais discursos compreendem, além de produtos jornalísticos e culturais, as mais diversas formas de comunicação cotidiana (Van Dijk, 2008).

convívio social e, consequentemente, resultar em um reforço das hierarquias étnico-raciais e de gênero.

Van Dijk ainda explica que tais processos se dão, principalmente, por demonstrações mais “sutis” de racismo. Marcados por um racismo quase velado, esses discursos se assemelham aos que analisamos na seção anterior. Não se tratam, exatamente de manifestações mais evidentes da discriminação racial (atos que costumam ser repudiados pela sociedade e que podem ser enquadrados como ações criminosas), mas de enunciados que incorporam – de formas naturalizadas, por vezes proferidos de formas não deliberados e, portanto, pouco perceptíveis – os regimes racializados de representação de Stuart Hall (2016), o mito negro de Neusa Santos Souza (1990), a estereotipagem no âmbito da prática esportiva (Hylton, 2009), entre outros artifícios que colocam os corpos negros em uma posição de subalternidade (Gonzalez, 2020; Carneiro, 2023).

Nesse contexto, é fundamental reiterar que a cultura exerce uma influência sobre a construção dos sujeitos (Hall, 2016). É em contato com os “sistemas classificatórios” existentes que nos posicionamos e definimos quem somos e como agimos. Em outras palavras, a cultura, os sistemas classificatórios e os regimes de representação têm o poder de constituir os sujeitos, em um processo contínuo, passível de constantes transformações, de produção de identidades (Hall, 2016).

A influência do discurso na perpetuação de violências étnico-raciais e de gênero, no entanto, não implica a existência de um receptor passivo. Hall (2016) afirma que as identidades e as subjetividades são construídas conforme uma série de negociações que os próprios sujeitos agenciam com as representações culturais que os interpelam.

Considerações finais

A partir de um estudo de casos ancorado em uma metodologia interseccional (McCall, 2005) associada aos caminhos metodológicos apontados pelos Estudos Críticos do Discurso (ECD), notamos que a cobertura esportiva contemporânea é atravessada, de diversos modos, por marcadores étnico-raciais e de gênero que incidem, de maneira interseccional, sobre boa parte dos produtos midiáticos vinculados ao futebol. Isso ocorre através da reprodução de discursos ancorados na diferenciação, com enunciados que reforçam o imaginário do Outro racializado e, consequentemente, sistemas de hierarquização baseados na proximidade ou no distanciamento de um padrão cujo referencial é a brancura; da reprodução de estereótipos raciais e de gênero; entre outras violências que podem ser lidas como estratégias de manutenção e exercício de um poder simbólico.

Ao longo das páginas anteriores, discorremos, ainda, sobre como tais problemas incidem sobre as subjetividades, sobre o processo de construção de identidades e a demarcação dos espaços destinados aos corpos negros no âmbito da prática esportiva.

É válido, por fim, ressaltar que, como tudo o que está inserido no âmbito da cultura, o campo das representações não é dotado de um caráter estático. Os regimes de representação, segundo Stuart Hall (2016), são mutáveis, passíveis de transforma-

ções. Essas possíveis mudanças ocorrem, de acordo com o autor, devido a uma série de negociações e lutas travadas entre os sujeitos que podem resultar em processos de subversão da fixação dos significados.

Hall (2016, p. 211) diz que, nesses processos, “o significado começa a escorregar e deslizar”. Assim, “novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos” (Hall, 2016, p. 211).

É nessa janela aberta para transformações que situamos esta pesquisa. Problemas como a recorrente reprodução de discursos tomados por violências étnico-raciais e de gênero, bem como a sub-representação de pessoas negras em veículos de imprensa (Portela; Sá; Feres Jr.; Lemos; Mina, 2023), devem ser denunciados e questionados, inclusive no âmbito da academia. Assim, considerando o papel desempenhado por esses discursos na manutenção de hierarquias que vão além do campo dos esportes e perpassam outras esferas do convívio social, faz-se necessária a construção de uma imprensa esportiva fortemente comprometida com o respeito às diversidades.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n. 2-3, p. 9-23, jan. 2009. Disponível em: <https://cutt.ly/JeuEqx2E>. Acesso em 22 dez. 2023.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3033>

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CORAZZA, Sandra. **História da infância sem fim**. Ijuí: Unijui, 2000.

ESTEVES, Emerson Maciel. **Pele alva e pele alvo**: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol. 2020. 88f. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <https://t.ly/vLxba>. Acesso em 12 nov. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva A. (Org.) **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: v. 28, n. 1, p. 151-162, jun. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>

FONSECA, Inara; GUZZO, Morgani. Feminismos y herida colonial: una propuesta para rescatar los cuerpos secuestrados en Brasil. **Tabula Rasa**, n. 29, p. 65-84, 2018. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.n29.04>

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.

HYLTON, Kevin. **Race and Sport: critical race theory**. Oxford: Routledge, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACNEILL, Margaret. Estudos de mídia do esporte e a (re)produção de identidades. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 9-38, set. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338527002.pdf>. Acesso em 27 mai. 2024.

MCCALL, L. **The complexity of intersectionality**. Signs, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1779-1800, 2005.

MORENO, R. **A beleza impossível** – mulher, mídia e consumo. São Paulo: Ágora. 2008.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

OBSERVATÓRIO Racial do Futebol. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2021**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2022. Disponível em: <https://t.ly/jJloX>. Acesso em: 10 nov. 2023.

OBSERVATÓRIO Racial do Futebol. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2022**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2023. Disponível em: https://observatorio-racialfutebol.com.br/Relatorios/2022/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2022.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

OLIVEIRA, Vinícius Lucena; BARRETO JANUÁRIO, Soraya. Questões étnico-raciais no futebol contemporâneo: como o racismo estrutural opera no esporte mais popular do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa, UFPB, 2022. **Anais** [...]. Disponível em: <http://tinyurl.com/4zxxe6p2>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PORTELA, Poema; SÁ, Izabele; FERES JR., João; LEMOS, Fernanda; MINA, João Pedro. **Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?** Rio de Janeiro: Gemaa, IESP-UERJ, 2023. p. 1-21. Disponível em: <http://tinyurl.com/vcapaj86>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SERAPHIM, Rafaelle. E eu não sou uma mulher? In: **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2021**. Porto Alegre: 2022. p. 154-155.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia. Negros y blancos en los media brasileños: el discurso racista y las prácticas de resistencia. In: VAN DIJK, Teun. (Org.). **Racismo y Discurso en América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2007. p. 89-136.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun. **Racismo y discurso en América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2011.

VAN DIJK, Teun. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica**, s8-s29. 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189>

VAN DIJK, Teun. Análisis del discurso del racismo. **Crítica y emancipación**: revista latinoamericana de ciencias sociales, año II, n. 3, p. 65 -94, 1º sem. 2010.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, v. 42-43, p. 221-244, jan./ jul. 2003. Disponível em: <http://tinyurl.com/29heb6st>. Acesso em: 24 jan. 2024.

Recebido em: 24 jan. 2024
Aprovado em: 18 mar. 2024

PARA ALÉM DE RAYSSA LEAL: ENTRE A CONSTRUÇÃO DE UM ÍDOLO ESPORTIVO E AS ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE MIDIÁTICA DO SKATE FEMININO NA TRANSMISSÃO DO SUPER CROWN SLS 2022

**BEYOND RAYSSA LEAL: BETWEEN THE BUILDING OF A SPORTS IDOL AND
THE MEDIA VISIBILITY STRATEGIES OF WOMEN'S SKATEBOARDING IN THE
TRANSMISSION OF THE SUPER CROWN SLS 2022**

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto ¹

Resumo

Nativo marginalizado, juvenil, contracultural e predominantemente masculino cis, o skate se configurou como um território hostil à presença feminina. Tecendo brechas e resistências e incorporando às identidades os estigmas postos sobre elas, as skatistas, na contemporaneidade, alcançaram reconhecimento e visibilidade midiática. Referência na modalidade e sinônimo de uma juventude bem-sucedida, Rayssa Leal é um desses ídolos femininos nos "carrinhos". É sob o viés da semiótica discursiva que olhamos para as isotopias presentes nos discursos emitidos na transmissão do *Super Crown SLS 2022*, principal campeonato da modalidade, feito pela *TV Globo*. Construída como alguém que sabe, pode, quer e deve fazer, as isotopias discursivas presentes apontam para a construção da skatista maranhense como ídolo feminino praticante de um esporte nascido marginalizado e, ademais, da atleta como sinônimo de um skate feminino próspero.

Palavras-chave

skate street; visibilidade midiática; transmissão ao vivo; skate feminino; Rayssa Leal.

Abstract

Native marginalized, youthful, counter-cultural and predominantly cis male, skateboarding has become a hostile territory for women. By weaving gaps and resistances, and incorporating the stigmas placed on them into their identities, contemporary female skateboarders have achieved recognition and media visibility. A reference in the sport and synonymous with successful youth, Rayssa Leal is one of these female idols in the "carts". It is through the lens of discursive semiotics that we look at the isotopias present in the discourses broadcast by *TV Globo* during the *Super Crown SLS 2022*, the sport's main championship. Constructed as someone who knows, can, wants to and should do, the discursive isotopias present point to the construction of the skater from Maranhão as a female idol practicing a sport that was born marginalized and, furthermore, of the athlete as a synonym for prosperous competitive female skateboarding.

Keywords

street skateboarding; media visibility; live streaming; women's skateboarding; Rayssa Leal

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Câmpus de Bauru, SP. Email: moniquefogliatto@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2402-4309>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnnpq.br/1978015198230381>

Introdução

Califórnia. Anos 1960. Motivados por uma seca histórica na região litorânea estadunidense, os jovens surfistas encurtaram suas pranchas, usadas para “dropar” sobre as ondas, adaptaram rodas a elas e saíram pelas cidades em busca de equipamentos urbanos que lhes possibilitassem realizar manobras nativas do surfe (Brandão, 2014). Bancos, corrimões, escadarias foram palco para o deslizar das rodinhas de skate.

Aos poucos, os espaços urbanos partilhados ganharam novos ocupantes, em sua maioria homens cis e jovens, que viam nos “carrinhos” uma alternativa de resistir a uma sociedade patriarcal e conservadora mesmo diante das revoluções sociais, políticas e econômicas que marcaram a década. Marginais, vagabundos, baderneiros: estes foram alguns dos estigmas postos sobre essa tribo urbana juvenil e que, inevitavelmente, marcaram a trajetória histórica dessa prática, principalmente no caso brasileiro, que vivia os anos de chumbo da ditadura militar (Machado, 2011).

A repressão teve efeito contrário e, a cada dia, novos adeptos e espectadores aderiam à prática, criando uma identidade própria distinta daquela que lhe deu origem (Brandão, 2014). Não demorou até que a atividade virasse alvo de interesse mercadológico, força motriz para que o skate se convertesse em prática esportiva. As competições, financiadas primeiramente por empresas do ramo, culminaram em um cenário competitivo consolidado, acarretando na profissionalização dos skatistas, que puderam viver do esporte.

Composta predominantemente por uma juventude ávida por mudanças na mentalidade conservadora instituída, a prática do skate era, também, composta predominantemente por homens, que delimitava espaços ligeiramente aceitáveis para a presença feminina no esporte, até então incipiente. As poucas que se aventuravam sobre os carrinhos, sobretudo a partir da década de 1980, tiveram seu histórico marcado por brechas e resistências, (re)significando estigmas e marginalizações postas sobre elas. Aos poucos, elas foram ganhando espaço e representatividade, resultando no atual cenário de prosperidade vivenciado pelo skate feminino competitivo.

No caso brasileiro, destaca-se a presença de Rayssa Leal, atleta maranhense conhecida como “Fadinha do skate” ou “Fadinha skatista”² devido à popularização de um vídeo compartilhado em redes sociais em que realiza uma manobra nomeada como *heelflip* em uma escadaria de Imperatriz (MA) após os desfiles de Independência do Brasil no ano de 2015, então aos sete anos³. Ao chamar a atenção de Tony Hawk pela sua pouca idade e altas habilidades técnicas sobre o skate, Rayssa ganhou os holofotes midiáticos e passou a disputar campeonatos com maior relevância, sagrando-se atleta profissional.

² A matéria mais expressiva sobre a apresentação de Rayssa Leal como a “Fadinha do skate” se deu no Esporte Espetacular, programa dominical jornalístico-esportivo da TV Globo, em dezembro de 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4530473/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/09/fadinha-skatista-do-ma-encontra-com-campeoes-dos-x-games.html>. Acesso em: 23 mar. 2004.

Entre vice-campeonatos mundiais, títulos brasileiros, vitórias no X Games (considerada a Olimpíada dos esportes radicais) e até mesmo a prata olímpica inédita na estreia do skate nos Jogos de Tóquio (2020), Rayssa Leal se firmou frente aos holofotes midiáticos como alguém midiaticamente interessante de ser acompanhada. O excelente retrospecto competitivo da atleta e seu simbolismo pós-olímpico fez com que, inevitavelmente, Rayssa servisse como metonímia para um skate feminino próspero, consolidado e rentável, sendo construída como ídolo feminino e juvenil de uma modalidade nativa masculina e contracultural.

Dona de um excelente retrospecto competitivo no ano de 2022, ganhando todas as três etapas da principal competição da modalidade, o *Skate Street Skateboarding* (SLS), Rayssa era vista como favorita para a disputa do Super Crown SLS daquele ano. Neste artigo, observamos a transmissão *in loco* feita pela *TV Globo* por meio do programa jornalístico-esportivo *Esporte Espetacular*, a fim de compreender o papel desempenhado por Rayssa como agente catalisador para a consolidação da imagem de uma modalidade recém-popularizada e, sobretudo, entender o processo de construção da atleta como ídolo esportivo e referência de um skate feminino que valia a pena ser acompanhado.

Skate feminino competitivo: entre estigmatizações e reconhecimentos

Funa Nakayama, Chloe Covell, Pâmela Rosa e Rayssa Leal⁴. É impossível falar de skate street feminino na contemporaneidade e não acionar a figura de algumas delas. Mas esta nem sempre foi a realidade das mulheres no cenário esportivo do skate. O protagonismo feminino no skate competitivo é, sem dúvida, fruto de resistências tecidas por um conjunto de mulheres que abriram caminho para que uma “nova geração” pudesse alcançar visibilidade midiática (Figueira; Goelnner, 2009).

Pouco se sabe sobre os caminhos históricos dos primeiros passos do skate feminino, cujo passado é marcado por silenciamentos e esquecimentos discursivos. Resistindo e contestando espaço e representatividade em uma prática contracultural e essencialmente machista, nomes como Patty McGee – primeira skatista profissional ainda na década de 1960 –; Peggy Oki – única componente dos Z Boys (1970), um dos grupos mais icônicos da história do skate vertical – e a brasileira Leny Cobra – exaltada pela revolução no skate feminino trazendo *ollies*, *flips* e *fakies*, manobras até então “masculinas”, nos pés de uma garota.

Na contramão dos feitos inéditos, chocavam-se os valores morais, sociais, econômicos e políticos vigentes à época, sobretudo no Brasil, que vivia os anos de chumbo da ditadura militar. Em um contexto marcado por efervescentes revoluções, que fez emergir questões relacionadas às atribuições de funções sociais de gênero, coexistiam

⁴ Estas são algumas atletas de destaque por seus retrospectos competitivos no universo competitivo do *skate street*: Funa Nakayama, japonesa, bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2020); Chloe Covell, promessa australiana de 12 anos que conquistou etapas do SLS 2023 e X Games, considerado as olimpíadas dos esportes radicais; Pâmela Rosa e Rayssa Leal, brasileiras referências na modalidade *street* que estiveram na estreia olímpica do esporte em Tóquio (2020) e, ao todo, detêm de quatro títulos na principal competição da modalidade, a *Skate Street Skateboarding* (SLS).

resquícios do conservadorismo e patriarcalismo. Para elas, o ambiente doméstico e seus afazeres; para eles, a rua (DaMatta, 1997), validando os múltiplos papéis exercidos pelos homens na vida em sociedade.

Como qualquer produto social, essas configurações eram recorrentes no universo do skate. Para eles, valores como perigo, aceitação do risco e violência eram exaltados, incentivando o desfrute do *ilinx* (Caillois, 1980) e a execução de manobras plásticas. Já a elas, os olhares atravessados, mesmo quando ainda ocupavam o posto de meras espectadoras. Para aquelas que insistiam em praticá-lo, prevaleciam três isotopias temáticas: 1) aquela “à procura de um homem”, cujos corpos eram hiper sexualizados e explorados pelas mídias de nicho em prol do “consumo masculino”; 2) a “acompanhante”, vista como um troféu a ser exposto; e 3) a que “tentava ser um homem” (Anderson, 1999), baseado em seus comportamentos e indumentárias.

Esses “lugares comuns” atribuídos às skatistas eram fruto, essencialmente, de uma oposição dada no nível fundamental semiótico discursivo (Barros, 1999): homem x mulher. Desta, desdobravam ao menos outras duas: “feminilidade x masculinidade”; e “delicadeza x brutalidade”, bastante significativa quando se trata de skate feminino competitivo. Isso demonstra que a visibilidade, já consolidada na contemporaneidade, é uma realidade recente, possibilitada, principalmente, pela ressignificação dos valores e estereótipos fixados a elas, colocados em constante discussão.

Os primeiros registros históricos de mulheres skatistas em competições da modalidade deixam claras as brechas tecidas por elas: nomes como Leni Cobra, Mirinha e Mônica Polistchuck, referências da gênese do skate feminino brasileiro, dividiam espaço nas competições com os homens, ainda em meados da década de 1980, revelando um apagamento discursivo de um histórico hostil e sexista para elas. Competir com eles significava estar sob uma “réguia masculina” valorativa, traduzido como uma forma sutil de inferiorização. Esquecia-se, propositadamente que eles, considerados mais habilidosos e experientes, já estavam sobre as pranchas do asfalto duas décadas antes. Aos olhos dos juízes, elas apenas executavam as “manobras de base”, primárias no skate masculino e, por isso, pouco pontuadas, mas que demonstrava um importante avanço em se tratando de skate de mulheres (Figueira; Goelnner, 2011).

Desconstruindo os valores de feminilidade associados a delicadeza, fragilidade e beleza femininas, aquelas que se lançavam aos “perigos” das manobras plásticas do skate carregavam consigo marcas – fruto das inevitáveis quedas sofridas –, uma afronta aos valores estéticos de uma “mulher feminina”. Para além da isotopia temática feminina de “ser como um homem” ou dos valores de hiper sexualização e fragilidade, as cicatrizes eram vestígios de um nível técnico feminino na execução de manobras, em uma tentativa de provar que elas também podiam fazer aquilo que eles faziam (Bäckström; Nairn, 2018).

Tecendo resistências, elas começaram a adentrar nesse cenário hostil na década seguinte, consagrando a vitória de Leni Cobra no primeiro campeonato feminino, em 1987 na cidade de Guaratinguetá (SP). A partir dela, vieram X Games, Campeonatos Mundiais da World Skate e, por fim, em 2015, a Street League Skateboarding (SLS), que

sagrou a vitória da brasileira Letícia Bufoni. O cenário competitivo próspero deu visibilidade e reconhecimento às atletas, principalmente no caso brasileiro, que se converte em potências das rodinhas com as figuras de Pâmela Rosa, bicampeã mundial, e Rayssa Leal, esta última transformada em nossa temática de pesquisa.

A expectativa da campeã: os valores de uma transmissão agendada para a vitória inédita de Rayssa Leal

Falar de transmissão esportiva na televisão aberta é, inevitavelmente, falar de futebol masculino. Visando à massiva audiência e ao retorno financeiro envolvido, o esporte tem espaço cativo na programação semanal da maior emissora do País. Mas, afinal, o que leva à TV Globo a incluir outras modalidades em sua grade? Quais as razões para que essa visibilidade fosse dada ao skate, nativo contracultural e marginalizado a ponto de merecer uma transmissão ao vivo em um domingo pela manhã? Por que essa transmissão foi de uma final feminina, já que o esporte nasce hostil a elas?

Antes de tecer considerações a respeito do *corpus* desta pesquisa, é preciso dizer que a transmissão daquele domingo é, antes de mais nada, uma escolha pautada no princípio da visibilidade midiática. E isso, primeiramente, deve-se ao sucesso de audiência durante as transmissões de sua estreia olímpica, em Tóquio, nas madrugadas da grade da *TV Globo*. A prata olímpica inédita de uma menina de 13 anos alçou visibilidade à atleta e à modalidade, em um processo de consolidação de identidades por meio da construção de ídolos esportivos. Nesse sentido, utilizando-se de figuras esportivas de destaque, o papel dos meios de comunicação, principalmente daqueles que detêm a força imagética como prova de ocorrência, é o de tornar-se “marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (Matta, 1999, p. 85).

Muitos são os fatores que levaram à crescente visibilidade midiática do skate no caso brasileiro. Um universo competitivo próspero e consolidado é a consagração do Brasil como “potência das rodinhas” nas duas categorias escolhidas para se tornarem olímpicas – *street* e *park*. Isso fez com que as pranchas do asfalto ganhassem os holofotes midiáticos. A estreia, que aconteceria na edição de Tóquio (2020) no Japão, adiada para o ano seguinte em razão da pandemia de Covid-19, foi anunciada ainda em 2016, durante a cerimônia de encerramento da edição sediada pelo Rio de Janeiro.

À época, já eleita como dona dos direitos de transmissão da edição olímpica de Tóquio, a *Rede Globo* decidiu transmitir as primeiras competições da modalidade. Foi assim que, em janeiro de 2017, o telespectador acompanhou o primeiro campeonato de skate em TV aberta. A familiarização com as dinâmicas internas da modalidade e o forjar de um potencial público espectador marcaram a cobertura do Rio Bowl Jam, no Rio de Janeiro, feita no quadro *Verão Espetacular*, componente do dominical matutino *Esporte Espetacular*. Já a primeira transmissão de uma competição feminina viria no ano seguinte, com a transmissão do *Skate Park Internacional*, em Itajaí (SC). Visando à apresentação de atletas com potencial chance de medalha, a transmissão ainda familiarizaria o público com as dinâmicas de uma das categorias olímpicas do skate em

Tóquio (2020), o *skate street*.

É fato que o maior espaço para cobertura de eventos esportivos de skate deve-se ao sucesso midiático da transmissão olímpica da modalidade. A radicalidade, a predominância juvenil e a instauração de uma nova perspectiva de competição, em que valia mais a superação de si do que o ato de vencer o adversário, fizeram com que o skate ganhasse os holofotes midiáticos e a atenção dos espectadores. O horário de transmissão, em plena madrugada brasileira, não foi um impedimento, alcançando 12 pontos⁵ de audiência. E o retorno não veio apenas em índices. Além do crescimento das buscas por "skate" em 44%, as conquistas fizeram crescer o consumo de materiais relacionados à prática: skates, equipamentos de proteção e até mesmo aulas para iniciantes⁶.

Aliás, grande parte dessa popularidade dada ao skate também se deve a uma figura, Rayssa Leal. Tratava-se de uma medalha inédita, na estreia da modalidade em Olimpíadas, conquistada por uma menina de 13 anos. Considerada a mais jovem medalhista da história do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Rayssa ainda compôs o pódio mais jovem dos Jogos Olímpicos desde sua primeira edição moderna, em 1896. Tornando-se a única medalhista brasileira no skate feminino, a skatista maranhense ganhou os holofotes midiáticos e o coração dos brasileiros.

Mas por que Rayssa merecia "ser vista"? Isso perpassa, antes de mais nada, por uma questão mercadológica, uma escolha editorial que, sustentada pelo retrospecto competitivo da atleta naquele ano, objetivava alçar visibilidade à modalidade, já que a emissora detém os direitos de transmissão olímpica de Paris (2024). Nesse sentido, torna-se perceptível a questão de que "A televisão não apenas seleciona eventos esportivos e imagens sobre eles, mas fornece definições do que foi selecionado; ela interpreta os eventos para nós, fornece uma estrutura de significados na qual o evento faz sentido" (Matta, 1999, p. 85).

Desde a dobradinha histórica brasileira em uma final de SLS, em 2019, com a primeira vitória de Pâmela Rosa e o vice-campeonato de Rayssa Leal, a carreira da skatista maranhense vinha em uma trajetória crescente de conquistas. A prata olímpica em Tóquio (2021), o segundo vice-campeonato da SLS (2021), o ouro dos X Games Chiba (JPN) (2022) e, até então, a nota mais alta em uma competição oficial de *skate street* feminino (8,5) são importantes marcos de visibilidade da carreira da atleta.

Todavia, foi após vencer as três primeiras etapas da SLS 2022, disputadas em Jacksonville, Seattle e Las Vegas (EUA) que Rayssa teve os holofotes midiáticos nacionais voltados para ela. Sob a expectativa de um título inédito profissional de Rayssa, com base no excelente retrospecto competitivo daquela temporada, e, igualmente, da possibilidade de tricampeonato de Pâmela Rosa, que a *TV Globo* optou pela transmissão da etapa como parte do *Esporte Espetacular*, ocorrida em solo brasileiro em 6 de novembro.

⁵ Disponível em: <https://exame.com/casual/surfe-e-skate-impulsionam-audiencia-da-olimpiada-principalmente-no-brasil/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

⁶ Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/08/efeito-rayssa-atrae-meninas-para-aulas-de-skate-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Nesse momento, põe-se a questão a respeito dos valores-notícias envolvidos na decisão pela transmissão realizada. Segundo Wolf (2003, p. 202), tal conceito aciona os “critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.

No objeto aqui analisado, trata-se do fator ineditismo. Sagrada como referência e potencial ídolo esportivo feminino e jovem em uma modalidade nativa masculina e marginalizada, Rayssa foi, inevitavelmente, força motriz para a transmissão realizada, que se soma a outros fatores, tais como a possibilidade de registro de uma vitória histórica *in loco* que foi peça fundamental para que a emissora “quebrasse”, pela primeira vez, o calendário de transmissões competitivas de skate.

É de modo “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (Barros, 1999, p. 11) que olhamos para a transmissão realizada em 6 de novembro de 2022 como parte do programa jornalístico-esportivo dominical Esporte Espetacular. Longe de um recorte centrado na performance competitiva de Rayssa Leal, que naquela data conquistaria o título que faltava em sua prateleira de vitórias, cabe-nos desvelar o modus operandi da emissora em: 1) construir um ídolo esportivo feminino de uma modalidade nativa marginalizada e 2) consolidar o cenário competitivo do skate feminino como midiaticamente relevante, pautado, sobretudo, pela expectativa do título inédito da atleta maranhense. Mas, afinal, quais são as tematizações presentes nas enunciações apresentadas no decorrer da transmissão do evento sob as lentes da TV Globo? Perpassando um total de 28 planos narrativos, sendo 20 enunciados de estado e 8 enunciados de fazer ao longo de pouco mais de uma hora e meia de transmissão, foi possível constatar a presença de um sujeito do fazer “Rayssa Leal” que, em conjunção com o objeto-valor “título inédito do Super Crown SLS” se modaliza a poder, saber, querer e dever fazer (Barros, 1999).

Longe de apresentar ou discorrer sobre cada um dos enunciados que compõem o corpus, é a partir das isotopias discursivas que verificou-se três construções de “Rayssas” distintas: 1) a competitiva; 2) a favorita; e 3) a humanizada. Articulando as modalizações da atleta em poder, querer, saber e dever fazer, essas representações construídas sobre a atleta ajudam tanto a construí-la como ídolo feminino de um esporte marginalizado, quanto atuam como metonímia para um skate feminino competitivo próspero e sólido.

Centrada no retrospecto competitivo da atleta, a potencial transformação de Rayssa como ídolo esportivo jovem e feminino atravessa a proposta de um agendamento midiático bem-sucedido, colocando em xeque a:

grande arma da mídia, tanto para vender os espetáculos, como chamar a atenção das audiências para que assistam determinadas competições. A mídia precisa dos ídolos para tornar o espetáculo mais atraente, assim, atletas que realizam performances acima da média passam a ocupar grandes espaços (Sobrinho apud Mezzaroba; Pires, 2010, p. 6).

A competidora

A primeira das isotopias temáticas postas sobre a skatista maranhense é a que talvez melhor sintetize a modalização da atleta em poder, querer, dever e saber fazer em busca do objeto valor “título inédito da SLS” naquela tarde de domingo. Enquanto a modalização do “poder-fazer” é justificada pela ocorrência da competição e de sua classificação antecipada; o “querer-fazer” é evidente e parece reforçar o argumento da vitória potencial da atleta naquela data, já que, nas palavras de Letícia Bufoni: “a Rayssa veio pra brigar pelo título”.

Apesar de constar como campeã da edição de 2021 no quadro de últimas competidoras vitoriosas construído pela organização internacional do evento, Rayssa havia conquistado dois vices, em 2019 e 2021. A informação errônea não é desmentida de pronto, ficando evidente nos discursos de Letícia Bufoni, sua referência na modalidade, em “Bateu na trave tantas vezes e não conseguiu” ou em “Depois de dois vices, depois de tudo que você passou hoje”, palavras da repórter Júlia Guimarães, ambas após a vitória da atleta.

Figura 1 – In

:competição



Fonte: GloboPlay

Já a modalização do dever-fazer é, talvez, a mais “escondida” das modalizações, dependendo da apreensão de alguns pressupostos por parte dos telespectadores. É evidente que, enquanto atleta de alto rendimento e com tamanha visibilidade, Rayssa deva-fazer para validar o investimento por parte dos patrocinadores de sua carreira. Discursivamente, essa modalização do sujeito do fazer Rayssa Leal fica a cargo das referências à indumentária eleita para se apresentar naquela data, elemento essencial da composição da identidade da prática desde que a mesma ainda se configurava como

atividade de tempo livre juvenil (FIGURA 1).

Impossibilitados de destacar os patrocinadores da atleta, devido a questões contratuais, narrador e comentaristas exaltam a importância do “estilo” no universo do skate. Frases como “Olha essa calça”, de Geninho Amaral, ou “Ela tá com um tênis incrível [...] tá fazendo toda a diferença no estilo dela”, de Letícia Bufoni, deixam nas entrelinhas as evidências do “valor comercial” detido pela atleta. Longe de ser apenas uma blusa preta de manga longa, um colar com pingente, uma calça colorida, um tênis preto ou uma touca.

O estilo próprio, típico da prática jovem, também perpassa a escolha subjetiva por parte da atleta, mas sempre trazendo no corpo roupas com logos de empresas como Nike, o energético Monster e o Banco do Brasil, patrocinadores oficiais de sua carreira. Neste caso, a skatista maranhense torna-se suporte para a visibilidade midiática dessas empresas, levando à modalização do sujeito a dever-fazer.

Por fim, a isotopia de “competidora” ainda passa por uma Rayssa que sabe-fazer, daquela que domina a execução e as técnicas específicas da modalidade, trazendo à cena também a figura de um cenário competitivo feminino de alto nível. A capacidade técnica da atleta, que reúne uma série de manobras que ela tem “na base” e que rendem a ela boas notas é, frequentemente, rememorado por parte dos comentaristas Letícia Bufoni e Geninho Amaral. Através da atribuição de voz por parte do narrador, Everaldo Marques, os dois atribuem valor à competidora, como presente em “A Rayssa é impressionante”, “é muita elegância” ou “Foi perfeito. Olha isso, muita velocidade”.

Munidos de um poder-dizer e sustentados por um saber-fazer, os dois envolvidos reforçam a proposta de uma Rayssa Leal competitiva, diferente das demais. Esta última afirmação é evidente nas palavras de Geninho Amaral, o qual atesta que o destaque da atleta se dá “na dificuldade das manobras e o jeito que ela anda. A leveza, o estilo. Isso faz total diferença”.

Durante as performances na pista que esse saber-fazer é adjetivado com mais ênfase. Conquistando a maior nota já na primeira volta, um 6.7, Rayssa é posta como aquela, nas palavras de Letícia, coloca “pressão em todo mundo” fato que também é destacado por Everaldo, afirmando que “Rayssa destruiu todo mundo na primeira volta” ao se referir à boa volta de Pâmela Rosa – outra brasileira favorita na disputa – ou em “se tem alguém que consegue suportar essa pressão e entregar grandes resultados sob pressão, é ela”, reforçando a capacidade técnica da atleta.

Entre “Monstro” e “Gênia do esporte mundial”, contidos nos discursos dos adjuvantes narrativos envolvidos na cobertura, a jovem skatista é colocada como alguém que sabe-fazer, mas carrega consigo a leveza quando atua como competidora. Assim, as construções discursivas eufóricas sobre as habilidades técnicas de são atestadas a partir de um poder-dizer e saber-fazer que envolvem a figura dos comentaristas. Assertivas como “a Rayssa é impressionante”, “é muita elegância” ou “Foi perfeito. Olha isso, muita velocidade” reforçam a isotopia de “competidora de alto nível” sobre Rayssa Leal.

Paralelamente, a construção isotópica discursiva presente aqui também traz a consolidação de skate feminino competitivo sólido e de alto nível, reforçado pela te-

matização de uma disputa “Brasil x Japão” na contagem de títulos daquela competição. Isso fica evidente no destaque feito pela repórter Júlia Guimarães, que questiona “Vocês falaram aí, né, essa disputa entre japonesas e brasileiras, será que hoje vai ter desempate na disputa particular entre elas?” A seguir, a profissional destaca o potencial de Pâmela Rosa, que buscava o tricampeonato, ou Rayssa, que vivia um “momento mágico” de conquista das três etapas anteriores daquela temporada na competição.

Mas é na última manobra da “Super Final” que se pode inferir a construção de uma disputa parelha entre o skate feminino brasileiro e japonês, muito baseado no saber-fazer técnico das atletas. Naquele momento, Rayssa era a única representante brasileira na competição, disputando o título com Poe Pinson, estadunidense, e outras duas japonesas, Momiji Nishiya e Funa Nakayama, que compuseram com ela o primeiro pódio olímpico da modalidade em Tóquio – fato demarcado ainda no início da transmissão. É assim que a última performance de Rayssa naquele evento foi, nas palavras de Everaldo Marques: “A hora da verdade”.

Naquele momento, a atleta brasileira ocupava o terceiro lugar na disputa, dependendo de um 5.8 para vencer. Movida por um “querer-fazer” e munida das estratégias competitivas que lhes permitia saber as manobras melhores avaliadas para alcançar o topo do ranking, Rayssa entrou na pista dependendo não apenas de uma boa nota, mas torcendo pelo erro ou menor valoração das manobras de suas adversárias, uma espécie de “acidente” no percurso narrativo daquela que foi recorrentemente construída como a favorita da disputa, deixando evidente o alto nível do *skate street* feminino competitivo. Mesmo após o acerto, a vitória de Rayssa ficou a cargo da valoração inferior atribuída à manobra de Funa Nakayama, já que Momiji Nishiya havia errado em sua última tentativa.

A favorita

A segunda recorrência figurativa nas construções discursivas feitas sobre a skatista maranhense é “A favorita”. A recorrência dessa isotopia temática sobre Rayssa Leal parece ser uma estratégia de fazer-crer-verdadeiro componente do contrato fiduciário estabelecido entre a *Globo* e a audiência. Durante todo o decorrer da competição, a atleta brasileira não tem voz, apenas fala-se sobre ela: suas habilidades, seus trejeitos, suas potencialidades.

Modalizada a querer-fazer e motivada por um saber-fazer, as representações construídas sobre Rayssa são uma possível justificativa para a transmissão da competição de skate pela emissora. Mesmo quando não está na pista, suas potencialidades são rememoradas por meio das enunciações dos envolvidos, comparando-as com suas adversárias.

Muito mais do que uma simples vitória brasileira, a transmissão ao vivo é “montada” para testemunhar mais um dos feitos inéditos da carreira da atleta, que o público afetivamente “viu crescer” midiaticamente. É claro que essa intencionalidade está na ordem do não-dito, mas fica evidente nas enunciações realizadas pelos sujeitos envolvidos na transmissão, que, por vezes, deixam o valor “credibilidade” e suposta “isenção”

e passam a figurativizar “os brasileiros” e, sobretudo “os fãs de Rayssa”.

Vale destacar as construções discursivas que sustentam a isotopia “Favorita”. “Ela dominou a competição até agora”, palavras do narrador Everaldo, ou a exaltação do potencial de Rayssa como aquela que “põe pressão”, validada pelo saber-fazer de Geninho Amaral, que sintetiza a “velha guarda” do skate, ou, ainda, em “momento mágico”, feita pela repórter Júlia Guimarães ao se referir ao retrospecto competitivo da atleta naquela temporada são alguns entre os tantos exemplos disponíveis.

Mas talvez o valor mais significativo dessa isotopia esteja ainda no início da transmissão, no qual Everaldo Marques avalia o que representa essa “aposta” quase certeira na vitória de Rayssa. “A Rayssa ainda buscando seu primeiro título nesta competição, mas tendo feito o que ela fez nas três primeiras etapas [...] ela tá, sem dúvida nenhuma, como uma das favoritas”. Esse trecho é fundamentalmente importante principalmente pelas escolhas paradigmáticas para a construção do discurso: valores como “o primeiro título nesta competição”, construção discursiva que deixa pistas do porquê valia ser transmitido ao vivo e expressões como “tendo feito o que ela fez”, resumindo sua conquista das três etapas anteriores da competição que lhes garantiram acesso direto à super final, demarcam o valor “Favoritismo” que trazemos para a discussão.

Outro ponto merece destaque na análise dessa isotopia: a tentativa de explicação do favoritismo da skatista maranhense perpassa referências pressupostas de uma outra modalidade, o futebol. A espécie de “decodificação”, ou “tradução” do favoritismo, no entanto, faz-se de uma maneira bastante singular: “Se fosse por pontos corridos, a Rayssa já tinha feito igual ao Palmeiras, já tinha ganho por antecipação. [...] o que vale é essa decisão, é como se fosse um mata-mata”.

Essa comparação com o funcionamento do Campeonato Brasileiro de futebol masculino, presente semanalmente na grade de programação da emissora, funciona porque é sustentado pela situação em que é enunciado: 1) a comparação com um esporte nacional abre possibilidade de compreensão para um potencial espectador leigo, mas se torna apenas comprehensível para aqueles que têm o pressuposto do significado de “pontos corridos” e “mata-mata”, expressões coloquiais típicas do futebol; e 2) o enunciado tem êxito, pois, naquele momento, sabia-se que o time em questão já tinha se sagrado campeão, e os últimos jogos, incluindo o do Palmeiras, seria transmitido horas mais tarde pela emissora, servindo de gancho para angariar índices de audiência.

Aqui ainda se evidencia, mais uma vez, o valor do ao vivo. Muito mais do que explicar uma dinâmica no campeonato transmitido, a expressão utilizada por Everaldo Marques, “O que vale é hoje”, serve como reforço do argumento de que era importante ver a possível vitória brasileira ao vivo, e a TV Globo, no caso, teria a prova documental do feito. O fato é que, como já vimos, o “valor do ao vivo” demarca uma temporalidade em que o “hoje” enunciado é válido somente para aquela situação específica, o 6 de novembro de 2022. Quem o assistiria depois, certamente, teria que ter referências pressupostas sobre de que “hoje” se estava falando.

A humanizada

A última das isotopias temáticas parece ir ao encontro das outras duas anteriormente apresentadas. Para além de uma “pessoa jurídica” Rayssa Leal, dona do favoritismo do *Super Crown SLS* e de um enorme potencial como competidora, a atleta maranhense também é “pessoa comum”, passível de ter acidentes em seus planos narrativos. Esta contempla as construções discursivas referentes a uma Rayssa mais humanizada, passível de erros e quebras de expectativas, mesmo diante dos feitos já conquistados.

Antes de tratarmos do acidente no plano narrativo de Rayssa, que levou à disposição da terceira isotopia temática, vale aqui um outro destaque, mais sutil. Apesar de gradativamente a figura de uma Rayssa infantilizada ser diluída, respeitando o avanço etário da atleta, por vezes, o passado como “fadinha do skate” ainda atravessa os discursos enunciados sobre ela. E essa construção fica evidente ainda nos comentários da primeira volta de Rayssa na competição, com a conquista da maior nota daquela super final até aquele momento.

São visíveis as expressões valorativas que exaltavam o saber-fazer da atleta, qualificando a performance como “volta perfeita”, exposto por Everaldo Marques, ou “É impressionante a Rayssa, Letícia, eu não tenho nem palavras”, validado por Geninho Amaral e seu *poder-dizer* porque sabe-fazer. Mas, é na enunciação de Letícia Bufoni que a “Rayssa Humanizada” é relembrada, principalmente por meio da tematização de um “skate feliz” para além da obrigação a ela atribuída do poder-fazer, do seu papel de competidora.

Nesse momento, é plausível observar a sobreposição de uma Letícia “fã” e “torcedora brasileira” à “comentarista”: “ela merece um ponto a mais só por estar com esse sorrisão no rosto e mostrar que o skate é isso, é diversão. E por mais que ela seja uma criança, ela tá sempre se divertindo”. Aqui, entra uma oposição no nível fundamental criança x adulto, mesmo diante do evidente avanço etário e das mudanças corporais e fisionômicas de Rayssa.

Essa construção parte de um importante pressuposto: foi possívelvê-la crescer na frente das câmeras, fazendo com que se valide essa figura de “eterna criança” constantemente recorrente nos discursos. Esse pressuposto fica mais evidente na frase que se segue, enunciada por Everaldo Marques, “Voando para o topo”. Essa associação somente é viável àqueles que detêm do pressuposto ali colocado, o apelido carinhoso “Fadinha do skate” atribuído à atleta desde sua primeira aparição, vestida de fada saltando uma escadaria em Imperatriz (MA).

O último argumento de uma “Rayssa humanizada” se ancora no acidente no percurso narrativo da atleta, já na segunda volta da competição. Logo no final de sua performance, a atleta tem um desconforto respiratório que a impede de executar a última manobra e, consequentemente, tentar melhorar o 6,7 recebido anteriormente. É naquele momento que os envolvidos na transmissão se deslocam do papel de “informantes”

para “torcedores de Rayssa”, bastante claro nas enunciações de Letícia Bufoni em “Não chora senão a gente chora junto”, ou por Everaldo Marques, que tenta descrever as cenas apresentadas na tela, em um importante processo de enunciação que também parece contemplar o sentimento do espectador, *in loco* ou audiência televisiva: “Todo mundo tá aqui atônito, parece que é a região do abdômen ali. Tem lágrimas nos olhos da Rayssa”, ou em “Todos nós tomamos um susto na reta final da competição”. Além disso, o foco na expressão corporal da atleta e a referência às lágrimas são índices de fragilidade e humanização, comum a todos nós, aproximando a “favorita” da “humana”.

A descrição de uma Rayssa fragilizada, que também chora e passa por adversidades, desconstrói as duas outras isotopias apresentadas neste artigo. As cenas em que aparece amparada por seus amigos, suas adversárias e sua equipe técnica parece fazer-nos constatar que – para além de favorita, multicampeã e habilidosa – a atleta também é humana, passa por problemas. E essa humanização também perpassa pelos recursos técnicos apresentados pela *TV Globo* para abordagem do fato: o comercial, o replay e a figura de Júlia Guimarães, responsável pela apuração de uma informação técnica-médica do ocorrido.

Aproveitando-se do intervalo já previsto no evento extra televisionado (Fechine, 2008), devido à mudança para a etapa de manobras, recorre-se ao comercial como estratégia para que Júlia Guimarães, repórter que cobre o evento à beira da pista, pudesse apurar mais detalhes do ocorrido. O retorno da transmissão é permeado pelas enunciações de Everaldo e os comentaristas que falam sobre o acontecimento sustentados por dois recursos: o replay do momento do acontecido e a imagem dos familiares e da torcida (FIGURA 2).



Fonte: GloboPlay

O primeiro deles reforça um padrão de debreagem enunciativa, referindo-se a um momento “lá/então”, cujas imagens servem de ancoragem para que os envolvidos na transmissão pudessem valorar os movimentos e lançar hipóteses sobre o incidente ocorrido. O retorno de Rayssa à competição é acompanhado ao vivo pelo público, mas esse reforço da maranhense como figura humanizada passa pelo “laudo médico” tornado público por Júlia Guimarães. No que parece ser uma espécie de “não se preocupe, telespectador, está tudo bem com Rayssa”, a repórter assume o “poder-dizer” médico,

validado pelo *ethos* científico detido, dando-lhes voz na transmissão. Apresenta-se, então, “Eles falaram que ela teve uma tensão respiratória, que acabou fazendo uma pressão no diafragma dela antes de ela fazer a última manobra [....], mas que ela já tá bem”.

As imagens de apoio da atleta sendo levada à área de concentração com auxílio de amigos, familiares e comissão técnica são recursos visualmente utilizados durante a “voz em off” que explica as intercorrências na performance da segunda volta da atleta. Ali, muito mais do que uma Rayssa profissional, demonstra-se uma “figura falível”, acolhida pelos seus, representado por seu irmão mais novo e por toda uma torcida, presente no ginásio, envolvida na cobertura ou, ainda, do outro lado da tela da TV (FIGURA 2).

Todos esses pequenos detalhes demarcam que, mesmo em um evento televisiado extra-televisivo, trata-se de um tempo e espaço “vivos”, “um tempo e um espaço não apenas construídos em uma dimensão cognitiva, mas também vividos numa dimensão pragmática que ganha, agora, valor discursivo (Fechine, 2008, p. 87).

Considerações finais

Diante de todas as reflexões aqui apresentadas, é incontestável a afirmação que, hoje, o skate feminino competitivo é algo que, midiaticamente, “vale a pena ser visto”. Subvertendo estigmas e marginalizações e provando que, cada vez mais, a “pista também é delas”. Marcado por um cenário competitivo consolidado e próspero, bem como a figura de jovens skatistas profissionais de alto rendimento, com carreiras patrocinadas por empresas para além do ramo esportivo skatista, o skate feminino ganha novos patamares de visibilidade.

O fato é que muitos são os porquês que justificam a transmissão feita pela TV Globo da final feminina da *Skate Street Skateboarding (SLS)* 2022 ocorrida em 6 de novembro de 2022. Como já vimos, todas as circunstâncias ali postas eram favoráveis e eufóricas para a transmissão. O favoritismo de Rayssa Leal, que conquistara todas as etapas anteriormente disputadas naquela temporada, o possível ineditismo daquela conquista por parte da atleta, e a possibilidade do tricampeonato de Pâmela Rosa eram justificativas plausíveis para que aquele evento extra televisivo fosse acompanhado ao vivo na tela da *Globo*, quebrando a regularidade de transmissões de skate feitas pela emissora, anualmente no quadro *Verão Espetacular* do programa jornalístico-esportivo dominical *Esporte Espetacular*.

Mas por que se valia a pena quebrar aquela regularidade? E por que essa decisão orbitava sob a figura de Rayssa Leal? O fato é que todos esses “achados” sobre o *modus operandi* da *TV Globo* apenas é possível pois estabelece-se um contrato fiduciário entre a emissora e a potencial audiência, sustentado pelo valor de credibilidade acionados pelo “ver ao vivo” (Fechine, 2008).

No decorrer da análise, pudemos constatar que a transmissão parecia ser “montada” para a vitória de Rayssa Leal, dada como quase certa devido ao retrospecto competitivo da atleta naquela temporada. A mobilização de uma equipe para a transmissão *in loco* na cidade do Rio de Janeiro, bem como a escolha dos participantes desse even-

to televisionado revelam o *modus operandi* da emissora no processo de construção midiática da figura de Rayssa Leal e, sobretudo, da metonímiaposta sobre ela de "representante" de um skate feminino próspero e midiático.

Conforme notamos, ultrapassando as modalizações de dever-fazer e do contrato fiduciário que presume um *fazer verdadeiro* por parte dos profissionais, os papéis discursivos de Everaldo Marques, Letícia Bufoni, Geninho Amaral e Júlia Guimarães perpassavam pelas figuras de "fãs" e "torcedores" de Rayssa Leal. Para além das enunciação feitas durante a execução das performances da atleta, as construções discursivas eufóricas foram recorrentes durante as apresentações de suas adversárias, demarcando-a como capaz de superá-las devido à sua alta habilidade técnica, mesmo diante dos possíveis acidentes nos percursos narrativos de ação do sujeito do fazer Rayssa Leal.

É assim que nos são apresentadas três isotopias centrais inseridas sobre a figura da skatista imperatrizense no material analisado. A "competidora", em cujas enunciação são ressaltadas as habilidades técnicas apuradas e o alto nível do skate feminino competitivo em sua perspectiva mais geral; a "favorita", que parece justificar os porquês da transmissão televisiva daquele evento e, sobretudo, dos personagens adjuvantes dessa narrativa ali apresentada; e, por fim, a "humanizada", que diz respeito às modalizações do sujeito do fazer Rayssa Leal, em um processo de ressignificação de uma "Rayssa ídolo" recorrentemente reforçada nas enunciação feitas no decorrer da transmissão.

É fato que as enunciação eufóricas realizadas durante a transmissão ao vivo do Super Crown SLS 2022 servem de reforço para a consolidação da imagem de Rayssa Leal como uma atleta de alto rendimento e com excelentes retrospectos competitivos, em um processo construção de uma potencial ídolo esportivo de um esporte nativo marginalizado. Não obstante, coloca-se em jogo o momento vivido pelo skate feminino por meio do favoritismo da atleta, que detém de competidoras ao alto nível competitivo técnico que "valem a pena" serem vistas.

Referências

ANDERSON, Kristin L. Snowboarding: The construction of gender in an emerging sport. **Journal of sport and social issues**, v. 23, n. 1, p. 55-79, 1999. <https://doi.org/10.1177/0193723599231005>

BÄCKSTRÖM, Å.; NAIRN, K. Skateboarding beyond the limits of gender? Strategic interventions in Sweden. **Leisure Studies**, v. 37, n. 4, p. 424-439, 2018. <https://doi.org/10.1080/02614367.2018.1462397>

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999. ISBN: 85 08 03732 5

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte: Uma história do skate no Brasil**. Blume-

nal (SC): Edfurb, 2014. ISBN: 9788571142169

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens.** Tradução de José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia, 1990. ISBN: 9788532657060

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Rio de janeiro: Rocco, 1997. (Volume 5). ISBN: 9788564126510

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença:** uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. ISBN: 9788560166084

FIGUEIRA, Marcia; GOELNNER, Silvana. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 3, p. 95-110, 2009. ISSN (Eletrônico) 2179-3255

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De “carrinho” pela cidade:** a prática do street skate em São Paulo. 2011. 268f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MATTA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, Felafacs, n. 56, p. 80-90, out. 1999. ISSN : 1813-9248

MEZZAROBA, Cristiano; PIRES, Giovani De Lorenzi. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, v. 17, n. 2, p. 124-136, 2010. <https://doi.org/2017-09-10> .

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes: 2003. ISBN-13. 978-8578276171

Recebido em: 01 dez. 2023
Aprovado em: 18 mar. 2024

NO EXTREMO DA PROFISSÃO: GÊNERO FEMININO E O JORNALISMO ESPORTIVO DE AVENTURA

AT THE EXTREME OF THE PROFESSION: FEMALE GENDER AND ADVENTURE SPORTS JOURNALISM

Aélton Alves de Melo Júnior ¹

Denise Tavares ²

Luis Oscar Calvano Colombo ³

Resumo

Este texto foca a participação da jornalista Carol Barcellos no episódio *"Ultramaratona do Atacama"*, do programa de televisão *Planeta Extremo*, veiculado na *TV Globo*. O objetivo, com tal recorte, é discutir a representação da jornalista, buscando interpretar a presença e a performatividade de gênero nesta produção. A hipótese que mobiliza o texto é a de que no programa televisivo, a mulher jornalista especializada em esportes de aventura incorpora os atributos ideológicos associados à "nova mulher" embora, paradoxalmente, algumas concepções conservadoras ainda persistam na atração. Em termos metodológicos, a abordagem recupera, brevemente, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, incluindo no jornalismo, para depois analisar seu objeto, acionando uma decupagem que contempla tanto os aspectos narrativos como imagéticos da produção.

Palavras-chave

mulher; trabalho; jornalismo; esporte; aventura.

Abstract

This text focuses on the participation of journalist Carol Barcellos in the episode "Ultramaratona do Atacama" (Atacama Ultramarathon) from the television program "Planeta Extremo," broadcast on TV Globo. The objective, with such a focus, is to discuss the representation of the journalist, seeking to interpret the presence and gender performativity in this production. The hypothesis that guided the text was that in this television program, the female journalist specialized in adventure sports embodies the ideological attributes associated with the "new woman," although paradoxically, some conservative conceptions still persist in the program. In methodological terms, the approach briefly traces the entry of women into the workforce, including journalism, and then analyzes its subject, employing an approach that considers both the narrative and visual aspects of the production.

Keywords

woman; work; journalism; sport; adventure.

¹ Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC/UFF e mestre em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFCG, aeltonjuniormelo@gmail.com / aeltonmelo@id.uff.br, 0000-0002-9752-1261, <http://lattes.cnpq.br/8331489906995321>.

² Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e professora e pesquisadora do PPG Mídia e Cotidiano, denisetavares51@gmail.com, 0000-0001-5692-7356, <http://lattes.cnpq.br/0641026140583587>.

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, luisoscarcolombo@id.uff.br, <http://lattes.cnpq.br/6417314699988173>.

Introdução

Como lembra a autora Oyèrónké Oyêwùmí “A ideia de que o gênero é socialmente construído – de que as diferenças entre machos e fêmeas devem estar localizadas em práticas sociais, e não em fatos biológicos – foi uma compreensão importante que emergiu no início da pesquisa feminista da segunda onda” (2021, p. 36). Uma descoberta que, mesmo não assumida integralmente por toda a sociedade, tornou-se um eixo fundamental para muitos discursos feministas, justamente porque rompia com o determinismo biológico e permitia interpretar as diferenças de gênero como passíveis de mudanças.

Tal abertura ampliava a trilha aberta no Ocidente desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o crescimento da presença feminina no cenário profissional e seu acesso e conquista de direitos civis passaram a ser realidade no tecido social (FONSECA, 2019). Por outro lado, sabemos, ainda há muito a ser modificado pois continuam existindo diversos territórios na sociedade atual, na qual o feminino é visto como não pertinente, não adequado. Era o que acontecia até recentemente no campo jornalístico, especialmente no nicho predominantemente masculino do jornalismo esportivo.

O ingresso feminino nesse espaço alinha-se, não raro, aos discursos que associam força e capacidade da mulher a uma performatividade de gênero, delineando, assim, a noção de uma “nova mulher” - conforme articulamos Kollontai (2007) ao discutir sobre mulheres na sociedade moderna. Sob essa premissa, este artigo se concentra na presença da mulher no âmbito profissional do jornalismo de esporte de aventura, mais exatamente na jornalista Carol Barcellos, que se destaca por sua competência física pareada a de atletas profissionais, em reportagens esportivas e programas diversos, especialmente no *Planeta Extremo*, veiculado pela TV Globo em 2015.

Entre os episódios dessa produção, recordamos o da “*Ultramaratona do Atacama*”, no qual Barcellos se engaja como jornalista-participante, desafiando seus limites físicos e mentais diante do exaustivo percurso. O objetivo deste foco é discutir a representação da jornalista, buscando interpretar a presença e a performatividade de gênero – mulher –, que são apresentadas no programa. Nossa hipótese sugere que, no contexto do *Planeta Extremo*, a mulher jornalista especializada em esportes de aventura incorpora os atributos ideológicos associados à “nova mulher”, embora, paradoxalmente, algumas concepções conservadoras ainda persistam no programa.

Em termos metodológicos, a análise proposta fundamenta-se na desconstrução filmica do produto audiovisual, acionando uma decupagem que contemple tanto os aspectos narrativos como imagéticos da produção. O objetivo é não só discutir os elementos presentes na narrativa, mas também demarcar as complexidades imagéticas e estilísticas envolvidas no objeto do estudo, tendo como parâmetros os referenciais teóricos relacionados às questões que emergem das perspectivas feministas, da narrativa e da imagem. Vale, ainda, mencionar que o artigo expressa uma zona convergente de pesquisas distintas⁴ sobre esportes radicais e gênero, cujos corpus ultrapassam o objeto aqui focado.

⁴ Com financiamento da Capes.

Mulher, trabalho e jornalismo

De forma geral, a entrada da mulher no mercado de trabalho representou transformações significativas nas dinâmicas laborais e na estrutura social de gênero (SAF-FIOTI, 2013). Podemos entender que esse fenômeno impulsionou a emancipação feminina, proporcionando independência financeira e ampliando opções de carreira às mulheres. Diversos autores e autoras que têm estudado os indicadores do mercado de trabalho apontam que o crescimento da população trabalhadora feminina é superior ao da masculina, reforçando que as sociedades hoje “dispõem não de centenas de milhares, mas sim de milhões de braços femininos” (Kollontai, 2007, p. 16).

No entanto, apesar da notória e crescente participação da mulher trabalhadora como aborda Kollontai (2007), Saffioti (2013) enfatiza o quanto no sistema capitalista a disparidade entre os gêneros é acentuada, persistindo mesmo com a presença massiva das mulheres no mercado de trabalho. Ela argumenta que o capitalismo, longe de apenas abrir portas para a emancipação feminina, utiliza, de maneira exploratória, a força de trabalho das mulheres em benefício do lucro. Aliás, toda relação de trabalho no sistema capitalista é visada na exploração da força de trabalho da classe operária.

Alocado a essa exploração está o trabalho não-remunerado feminino, que é o trabalho doméstico (atividades que abrangem desde os cuidados com a família até a manutenção do lar e a criação de filhos). Por mais que haja atitudes de divisão de tarefas para realizar os afazeres domésticos (entre homens e mulheres), culturalmente o ambiente doméstico acaba sendo imposto às mulheres. Silvia Federici (2019) sustenta esse argumento dizendo que o trabalho doméstico, não remunerado e por vezes invisível, é uma parte essencial da reprodução social do sistema capitalista, no qual o patriarcado atua como a estrutura organizacional social que perpetua essa forma específica de opressão.

O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho acabou sendo normalizado, corroendo uma série de atributos que definiam o gênero feminino. Por exemplo, de acordo com Kollontai (2007, p. 17), “as virtudes femininas – passividade, submissão doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais”. A autora ressalta que aquelas que não se adaptaram às mudanças, não encontraram espaço para trabalhar. Isto é, que as mulheres foram impelidas a se aproximar do que tradicionalmente é associado ao universo masculino, distanciando-se da noção feminina do passado.

Ainda seguindo Kollontai (2007), entre as categorias de trabalho é a mulher operária, formada pelo espírito de seu tempo, a que mais pode adquirir consciência de sua independência e fortalecer sua personalidade diante das novas condições de vida. No entanto, a autora aponta que apesar do surgimento dessa nova postura feminina, a mulher dita “tradicional”, esposa eco do homem, continua existindo e em manutenção.

Diante dessa ambiguidade ou coexistência desse duplo, a proposta é investigar se é possível falarmos em prevalência de uma ou outra versão no território do jornalismo esportivo. Afinal, como veremos em seguida, trata-se de uma seara na qual a presença feminina ainda busca ampliar sua participação. Especialmente, se o recorte

recair sobre os esportes radicais, marcados, quase sempre, por adjetivos vinculados ao mundo clássico masculino.

Nesse sentido, o debate circunscreve os papéis ou mesmo performances de gênero. Aqui entendemos o gênero enquanto uma construção psicológica e, sobretudo, social. Ou seja, gênero como forma individual do sujeito se reconhecer no mundo, bem como as expressões de comportamento que se toma ao se reconhecerem (Fausto-Sterling, 2001).

Money e Ehrhardt definem “papel de gênero” como “tudo aquilo que uma pessoa diz e faz para indicar aos outros ou a si mesma o quanto é masculina, feminina ou ambivalente”. Definem a “identidade de gênero” como “a unidade e persistência da individualidade como masculina, feminina ou ambivalente... A identidade de gênero é a experiência privada do papel de gênero, e o papel de gênero é a experiência pública da identidade de gênero”. (Fausto-Sterling, 2001, p. 15)

Já para Judith Butler (2018), o gênero é um ato repetitivo e ritualizado no cotidiano, uma performance que cria a ilusão de uma identidade de gênero estável e coerente. Buscando avançar com os postulados de uma das principais figuras das Teorias Feministas, Simone de Beauvoir⁵, Butler afirma que “ser mulher” não é uma essência, mas um processo de existência, um ser em prática, um ser que performa construções sociais de gênero. Para a autora, o gênero, no caso mulher, é um constante devir.

Sendo assim, no contexto específico do jornalismo esportivo, a compreensão do feminino e da presença da mulher emerge como um intrigante campo de performances de gênero. A presença feminina, por si só, já representa um desafio considerável dentro do universo esportivo, e o exercício jornalístico de mulheres, nesse cenário, adquire nuances adicionais exploradas ao longo deste texto.

Luta e aventura: o feminino no jornalismo esportivo

O esporte surge como uma prática prioritariamente do gênero masculino e atravessa os séculos com este pilar excluente, haja vista que desde a ocasião dos Jogos Olímpicos realizados na Grécia Antiga, em 776 a.C. até a primeira olimpíada da Era Moderna, em 1896, a participação feminina era proibida. A mulher-atleta somente esteve presente nos jogos seguintes, em Paris, em 1900, e, mesmo assim, a primeira campeã olímpica, a tenista britânica Charlotte Cooper, não recebeu sua medalha por causa de uma regra da organização (Oliveira; Cherem; Tubino, 2008).

Foi dessa forma, esperando e lutando por longos anos, que o gênero feminino conquistou seu espaço no meio esportivo. E o mesmo pode ser dito sobre o que ocorreu nos veículos de comunicação que cobriam tais práticas. Afinal, os departamentos de esportes das redações brasileiras eram formados somente por homens. Isso só começou a mudar em 1947, quando a Gazeta Esportiva de São Paulo convidou a atleta de

⁵ Beauvoir ganha notoriedade na chamada “segunda onda feminista”, ao debater as categorias de sexo e gênero, como fatores não naturais, compreendendo-os como construções socioculturais, ou melhor, como discursos, ao passo que não se nasce mulher, mas que se torna mulher (Beauvoir, 1949).

arremesso de disco e estudante de comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Maria Helena Rangel, para cobrir campeonatos de vôlei. Ao aceitar, Rangel, com essa participação, tornou-se a pioneira no segmento (Ramos, 2010; Dantas, 2015).

Vale ressaltar que tal ruptura revela-se ainda mais significativa se lembrarmos que a presença feminina nas escolas de jornalismo até os anos 1950 era restrita e até mesmo vista como um ponto fora da curva. Um cenário que foi revertido paulatinamente e não sem luta. "Hoje, a presença das mulheres no mercado de trabalho de jornalismo e nos cursos superiores para formação profissional atesta o interesse e a adaptação delas a um universo que no início dos anos 1960 do século passado, no Brasil, discriminava-as abertamente" (KOSHIYAMA, 2001, p. 3). Ainda segundo Koshiyama, era comum ouvir dizer que a redação dos jornais era um lugar impróprio para as mulheres.

De lá para cá, felizmente, o cenário mudou, surgindo outras referências de profissionais femininas como a fotógrafa Mary Sereno, a locutora Claudette Troiano, a radialista Regiani Ritter, a apresentadora Isabela Scalabrin, entre outras, que confirmam o espaço conquistado pelo gênero. Mesmo assim, as jornalistas sempre enfrentaram grande preconceito na área da cobertura esportiva, o que é comprovado por Coelho (2011). Segundo o autor, quando as mulheres passam a ter presença nesse segmento da profissão, elas eram quase sempre destinadas a cobrir os chamados esportes olímpicos (basquete, vôlei, atletismo etc.), deixando para os jornalistas homens a cobertura do futebol, o carro-chefe da editoria de esportes (Coelho, 2011, p.35).

Por outro lado, um tipo de atividade esportiva passou a ganhar mais espaço na mídia: os esportes radicais, tais como o surfe, o mountain bike, o alpinismo, o voo livre, entre outros. Essas práticas, em alguns casos, ganharam a nomenclatura de esportes de aventura ou de natureza, por serem realizados mais afastados dos grandes centros urbanos. Este fato acabou sendo uma das razões para a ampliação da presença feminina nesses esportes nos últimos anos, situação que reverberou na participação maior desse gênero também nas coberturas jornalísticas, conforme Humberstone (2000 apud Silva et al., 2018).

Para a autora, entre os fatores que motivam essa participação feminina, está a possibilidade de praticar esporte em um meio ambiente quase que preservado, o que permite enxergar na atividade uma proposta não só de busca por equilíbrio e paz interior, como também um meio de aumentar a autoestima e alcançar independência. Segundo Humberstone (2000), essa perspectiva alinha-se de maneira significativa com a própria luta pela emancipação feminina, transformando as práticas esportivas em mais do que simples atividades físicas, mas em veículos para realizações individuais.

A possibilidade de experimentações de novas sensações e autoconhecimento, como aponta Humberstone (2000), faz com que a mulher praticante de esportes de aventura, passe a enxergar a natureza como um meio de conseguir independência, equilíbrio interior, relaxamento, aumento da autoestima, autointegridade e capacidade de decisão. A autora também ressalta que esta visão feminina sobre o envolvimento com a natureza por meio dos esportes de aventura diverge daquela

proveniente da população masculina, a qual enxerga a natureza como rival, que precisa ser conquistada e dominada (Silva et al., 2018, p. 159).

Nesse contexto, percebe-se que essa abordagem também permeou a cobertura esportiva das atividades radicais. Se antes não havia a participação efetiva das repórteres nas práticas dos esportes radicais, deixando a elas apenas o relato das ações realizadas pelos atletas, com o tempo passou a existir também o papel da repórter-protagonista. Todavia, no fazer profissional dessas mulheres repórteres, havia particularidades: elas cobriam os esportes de aventura dando destaque, em suas reportagens, à beleza do local e à questão estética, valorizando os feitos realizados e a fotografia do ambiente de forma similar.

Um bom exemplo dessa abordagem diferenciada é a participação da apresentadora e tricampeã brasileira de windsurfe, Dani Monteiro, em seu quadro “*Caminhos da Aventura*”⁶ no *Programa Esporte Espetacular*, da TV Globo. Contudo, se por um lado Monteiro demonstrava habilidades em trilhas e mergulhos, por outro a exuberância de cachoeiras e paisagens eram misturadas à beleza física da apresentadora, o que nos sugere haver, assim, certa objetificação do corpo feminino, que induz a tentativa de reduzi-la a sua aparência. Dessa forma, associando o feminino a uma sensibilidade que se aproxima da natureza, do natural, do belo ou do contemplativo. Neste mesmo período, houve quem fizesse disso um espetáculo para principiantes.

Acostumada a grandes coberturas jornalísticas, a experiente repórter Glória Maria – no ano de 2001 – em uma reportagem especial feita para o programa *Domingão do Faustão*, também da TV Globo, submeteu-se a uma travessia realizada no céu. Nela, Glória Maria teria que caminhar por uma estreita tábua de ferro posicionada entre dois balões, que estariam em movimento no ar⁷.

Se o feito não teve precedentes entre os jornalistas, a narrativa de Glória Maria trouxe para o público – pela primeira vez na televisão brasileira – todos os medos e temores pertinentes a esse tipo de desafio. Com a utilização do áudio da repórter ao longo da travessia, a edição da reportagem tanto humanizou a praticante ao expor suas falas apreensivas e suas angústias, quanto propôs para o espectador que há sonhos que podem ser realizados até por amadores.

Em outras ocasiões, a mesma Glória Maria saltou de um *bungee jump* de 233 metros de altura em Macau e desceu de tirolesa no País de Gales a uma velocidade de 160km por hora⁸. Sempre tendo com ela a marca do ineditismo, mas também do inusitado. Algo que despertava curiosidade não só por ser uma repórter mulher realizando um feito especial, mas também por ser alguém de mais idade, não praticante de esportes radicais, e ser de pele negra.

Na abordagem desse tipo de reportagem, a presença de Glória Maria nos leva a considerar a ideia de Kollontai (2007) sobre a “nova mulher”, uma mulher que performa uma não-fragilidade. Essa figura representa uma profissional que, em certa medida, transcende concepções conservadoras relacionadas ao gênero feminino, assumindo

6 Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espетacular/aventura/noticia/caminhos-da-aventura.ghtml>. Acesso em 19 nov. 2023.

7 Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7280397/>. Acesso em 19 nov. 2023.

8 Disponível em: <https://gq.globo.com/cultura/tv-streaming/stories/2023/02/02/gloria-maria-reportagens.ghtml>. Acesso em 19 nov. 2023.

uma performatividade (Butler, 2018) que estabelece um modelo singular de mulher atuando como jornalista de esportes de aventura.

Porém, lembramos, como já colocado, isso não significa que a mulher pertencente à moral feminina estruturada por séculos tenha sido superada, pois ela continua em manutenção em um processo de disputa com as demandas capitalistas do novo ideal feminino: “os novos pensamentos já nasceram em nós, mas os antigos ainda não morreram. Os restos das gerações passadas não perderam sua força, ainda que possuamos a formação intelectual, a força de vontade da mulher do novo tipo” (Dohn, 1902 apud Kollontai, 2007, p. 25).

De volta ao jornalismo esportivo, entre os homens, o repórter Clayton Conservani é destaque. Acostumado a também fazer coberturas esportivas que exigiam um alto impacto físico e de resistência – inclusive também se colocando à prova diante dos desafios - Conservani foi convidado em 2011, para apresentar um quadro e a fazer reportagens com a mesma temática no programa *Fantástico* (TV Globo). Assim surgia o Planeta Extremo, que mais tarde viria a ser um produto independente, ocupando um lugar de destaque nas noites de domingo na grade de programação da emissora, exibido logo após o *Big Brother Brasil* (BBB).

Depois de algumas temporadas tendo o jornalista como único protagonista, em 2015 a emissora lançou a repórter Carol Barcellos como parceira de Clayton Conservani no tipo de reportagem de aventura. A intenção era trazer para a nova temporada o gênero feminino em ação, uma proposta inclusiva e, por que não dizer, mercadológica, tendo em vista que o programa recebia a audiência do público do BBB – que é formado por mulheres em sua maioria⁹. Logo, compreendemos que o acréscimo de uma mulher à atração se deu pelo viés de gerar maior conexão com o público, por meio da representatividade.

O primeiro episódio do *Planeta Extremo* em que a jornalista Carol Barcellos aparece é na “*Ultramaratona da Selva*”, desafio realizado na Floresta Amazônica¹⁰. Também foi em uma prova parecida que, na temporada seguinte, em 2016, ela e Clayton dividiram a tela da TV em uma atividade de extrema resistência física: a “*Ultramaratona do Atacama*”. Episódio que analisamos, problematizando o protagonismo exercido pela repórter em relação à história contada, e ao seu companheiro de reportagem.

Estudo de caso: a “*Ultramaratona do Atacama*”

O episódio “*Ultramaratona do Atacama*”, da série de esportes de aventura *Planeta Extremo*, da TV Globo, foi ao ar em 10 de abril de 2016, tendo como repórteres-apresentadores Clayton Conservani e Carol Barcellos. Além de relatarem a participação dos corredores, famosos e anônimos, a dupla também se submeteu ao mesmo desafio, que durou 7 dias, entre os meses de setembro e outubro de 2015, e teve como prova a travessia de 250 quilômetros do mais famoso deserto do Chile.

⁹ Segundo dados de pesquisa realizada pelo Buzzmonitor, 60% do público do reality show BBB é composto por mulheres. Disponível em: <https://buzzmonitor.com.br/blog/quem-sao-os-brasileiros-que-assistem-e-os-que-nao-assistem-bbb-analise-perfil-do-twitter/>. Acesso em 26 nov. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://imprensa.globo.com/publicacoes/planeta-extremo-estreia-como-programa-no-dia-25-de-janeiro/>. Acesso em 20 nov. 2023.

Dessa forma, tanto Conservani quanto Barcellos foram apresentados ao público, durante os quase 40 minutos do episódio, entre os principais personagens da história. E se tal protagonismo exercido pelos jornalistas foi estabelecido desde a concepção do programa, quando ele ainda era um quadro do *Fantástico*¹¹, a questão da presença de uma repórter (do sexo feminino) em uma cobertura jornalística que necessitava de uma atividade de extremo esforço físico e mental era um diferencial.

Podemos apontar que a inclusão de Carol Barcellos, uma mulher, no programa anteriormente conduzido por Conservani, evocou lembranças do papel que outras repórteres, como Glória Maria, desempenharam como repórter-protagonistas em esportes de aventura. Essa lembrança ressalta uma certa performatividade de gênero (Butler, 2018), na qual características tradicionalmente associadas à conduta masculina (Kollontai, 2007) são adotadas e reinterpretadas no contexto feminino.

Para ficar mais claro, o que se está salientando é que Butler (2018) está mais interessada em compreender os processos de identificação de gênero enquanto constante devir, do que definir exatamente um conceito ou enquadramento. Sua abordagem, portanto, quando discute “performances de gênero”, é a de destacar o fato de as pessoas serem constantemente expostas, solicitadas e vigiadas quanto às construções de si que as identificam diretamente a um determinado gênero.

Em concordância com a autora, falar em performance sempre é remeter ao discurso, às tradições, às ideologias, aos processos culturais, entre outros fatores que mudam conforme tempo e espaço. Sob esse diagnóstico, ao inclinamos o olhar para figura representativa de Carol Barcellos, enquanto mulher jornalista/repórter, interessamo-nos em sua performance de gênero. Isto é, em ver como essa mulher se apresenta e éposta em cena. Assim, pela desconstrução fílmica do episódio “Ultramaratona do Atacama”, concebemos uma trajetória analítica interna e externa a esse produto audiovisual (Penafria, 2009), com o viés de examinar a participação da jornalista Carol Barcellos, ressaltando algumas de suas causas e até possíveis desdobramentos.

O primeiro ponto a ser observado é a predominância de Barcellos como narradora, o que evidencia um lugar de maior destaque na história ou, em outros termos, significa, literalmente, dar voz e vez ao público feminino, em comparação ao gênero masculino também presente no episódio. Este é dividido em duas pequenas aberturas que somam 2 minutos e 57 segundos, contando com uma vinheta de 15 segundos, e mais dois blocos: o primeiro com 18 minutos e 59 segundos e o segundo (que é acrescido dos *inserts* com os créditos da obra) com 17 minutos e 40 segundos. O que dá um tempo total de 39 minutos e 37 segundos de programa.

Desse valor numérico, a repórter Carol Barcellos através da narrativa em voz over (como é de praxe na maioria das reportagens jornalísticas) narra – sozinha – a história do desafio por quase um terço do tempo do programa. São 13 minutos e 10 segundos ouvindo Barcellos, em *off*, por 52 momentos diferentes. Em algumas das vezes de forma bem pontual e curta como se estivesse apenas fazendo *link* para um depoimento que virá a seguir, e de outras de uma maneira mais extensa, como nos casos do *off* em

¹¹ O projeto do programa tem na sua origem a participação do repórter como elemento não só da narrativa jornalística como também como personagem da história narrada. Disponível em: www.imprensa.globo.com/publicacoes/fantastico-estreia-planeta-extremo-neste-domingo-dia-03/. Acesso em 13 nov. 2023.

que ela, didaticamente, explica através de uma arte, o que o ar rarefeito do local pode causar de prejuízos ao ser humano. Outro momento de destaque do elemento narrativo é no texto final. Nessa última participação, a voz *over* de Carol Barcellos é presente por cerca de 1 minuto e 3 segundos e apresenta uma forte carga emocional – impulsionada também pelo clipe de imagens da prova e pela música cativante inserida na montagem.

O tempo de exposição e o texto narrado por ela, em que usa frases sobre temas como “busca”, “persistência” e “redenção”, têm a função de passar uma mensagem especial para o espectador. E é a voz da repórter que ressoa do início e por último nos ouvidos de quem assiste ao episódio. Motta (2013) afirma que narrar não é apenas contar uma história, é na verdade usar um dispositivo de linguagem persuasivo. Para o autor, quem narra quer produzir efeitos no público através da sua narração.

Os ouvintes de uma narrativa não captam apenas as sequências dos acontecimentos representados (a trama, ou enredo). Captam também aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações que requerem novos pensamentos de parte de cada um, requerem uma recriação virtual das situações e comportamentos (...) (Motta, 2013, p.73).

Enfim, como ressaltado, a escolha pela voz da repórter conduzindo o programa intensifica o envolvimento dela no decorrer da atividade esportiva de aventura e, consequentemente, amplifica tal participação para que se dê destaque ao gênero feminino como um todo. Além disso, a voz de Carol Barcellos não marca presença somente nos *offs*. Tanto ela quanto Clayton Conservani – por serem inseridos na história como personagens que pretendem cumprir o desafio – aparecem continuamente, ora dando depoimentos e olhando para as câmeras, ora tendo suas falas captadas em sons ambientais, como se fosse em um *making of*, sendo que a maioria desses dizeres é exposta como se fosse desabafo pelo excesso de cansaço e pela ansiedade de chegar logo ao final de cada etapa da prova.

A soma das falas dos repórteres também – de forma quantitativa – mostra uma participação maior de Carol Barcellos nessa edição do *Planeta Extremo*. A repórter aparece em 22 momentos falando em cena, e Conservani em 18, sendo que em alguns desses instantes, os dois aparecem juntos. Em minutos, a contagem revela que Carol se expõe por 2 minutos e 53 segundos, enquanto seu companheiro de reportagem faz o mesmo durante 2 minutos e 9 segundos. Pelo aspecto visual, há também uma ligeira vantagem para a jornalista no que diz respeito ao número de inserções das imagens que mostra ambos ao longo do episódio. Se na abertura há um equilíbrio de tomadas entre os dois repórteres-apresentadores (dez para cada um), durante a narrativa do programa, Barcellos aparece 69 vezes enquanto Clayton, 61.

Desses números, por diversas vezes, os dois são exibidos juntos, como nas tomadas aéreas feitas por drones, em ângulo zenital, como se fossem pontinhos na imensidão da areia do deserto, ou nos encontros afetuosos ao final de cada etapa concluída, por entre *takes* fechados de abraços e beijos. Mas é importante pontuar que em alguns desses registros, nos quais os dois estão dividindo a cena, percebe-se um sutil destaque para a participação feminina. Isso porque, nas vezes em que essa situação ocorreu,

em mais da metade delas é mostrada Carol Barcellos em primeiro plano, enquanto Clayton Conservani ocupava um lugar secundário na caminhada.

A ênfase atribuída a Carol Barcellos a destaca não apenas como profissional mulher no jornalismo, mas, também, como uma mulher que exerce liderança proeminente, especialmente quando possui maior destaque na condução da narrativa. Frente ao arcabouço teórico adotado, é evidente que Barcellos personifica as características do que Kollontai (2007) chamou de "Nova Mulher". Este conceito aborda a evolução psicológica, estrutural e emocional das mulheres em resposta às demandas emergentes do ambiente de trabalho contemporâneo. A atuação de Barcellos exemplifica a adaptação das mulheres a essas novas condições, refletindo uma mudança significativa na mentalidade e no comportamento feminino.

A realidade capitalista contemporânea parece esforçar-se em criar um tipo de mulher que, pela formação de seu espírito, se encontra incomparavelmente mais próxima do homem do que da mulher do passado. Este tipo de mulher é uma consequência natural e inevitável da participação da mulher na corrente da vida econômica e social. (Kollontai, 2007, p. 18)

Essa sensação/percepção de relevância da repórter também se deu em alguns momentos em que Clayton estava em primeiro plano: em duas ocasiões, a câmera capta as imagens dos dois caminhando, de um ângulo feito por trás deles, tendo o repórter como personagem mais próximo (FIGURA 1). Nesse sentido, mesmo em destaque pelo espaço ocupado na cena, há outra informação visual que nos leva a uma ideia de maior valor destinado a Carol Barcellos, pois ela está à frente dele no percurso, ou melhor, ela puxa o ritmo entre eles (FIGURA 2).

É assim que a construção da narrativa se apresenta ao longo de quase toda história reportada. E apesar de a repórter ter momentos em que demonstra os efeitos negativos do esforço físico e da falta de água, é o repórter que aparece mais debilitado e que recebe cuidados especiais da organização do evento, pois Conservani passou mal no terceiro dia de prova, e este momento é também destaque na história.

Figura 1: No frame, Clayton está de costas para a câmera e em primeiro, enquanto Carol segue a sua frente, em segundo plano, guiando a caminhada



Fonte: Print do vídeo

Figura 2: Carol é enquadrada de frente, olhando para a câmera e em primeiro plano, enquanto à direita, de cabeça baixa, está Clayton em segundo plano



Fonte: Print do vídeo

As condições adversas do repórter são apresentadas sem, aparentemente, muitas restrições, há vários *inserts* de vômitos seguidos (FIGURA 3), inclusive a montagem se utiliza de imagens que quebram o eixo da ação: ora Clayton vomita à direita, ora à esquerda do vídeo. Aqui, a narração de Carol Barcellos deixa de ser linear e no tempo de 14 minutos e 30 segundos ela passa a mencionar um acontecimento anterior à diegese¹² : em flashback, o episódio mostra outro desafio no qual Clayton Conservani também havia passado mal e desistido da prova¹³ .

Esse recurso de interseção do tempo contínuo também é utilizado quando Carol Barcellos cita dois outros personagens do sexo masculino: um corredor coreano, Park Yonjon, que é apresentado em sua atuação como voluntário no terremoto do Nepal, e um corredor de Hong Kong, chamado de "Mister Fon", que é exaltado por ter conseguido completar a prova, mesmo utilizando uma prótese na perna esquerda.

Figura 3: No frame o repórter Clayton é apresentado vomitando devido ao grande esforço físico



Fonte: Print do vídeo

Fon corre ao lado da esposa, Bing, e juntos terminam o desafio. Ela é apresentada como uma personagem de destaque por causa dos cuidados assistenciais que

¹² O termo "Diegese" é de Jacques Aumont (2012), e refere-se não apenas os elementos visuais e sonoros que aparecem na tela, mas também os eventos, personagens, objetos e ambientes que fazem parte da narrativa. A Diegese "é também tudo o que a história evoca ou provoca para o espectador" (Aumont, 2012, p. 114).

¹³ Em março de 2015, também pelo programa Planeta Extremo, o repórter Clayton Conservani se submeteu a fazer a travessia da Ultramaratona de Caballo Blanco, no México. Ele passou mal e desistiu no meio da prova. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4941896/?s=10m41s>. Acesso em 15 nov. 2015.

têm para com o marido. Ressaltamos que esse papel de cuidadora, embora evidencie uma forma genuína de afeto, salienta o seu esforço duplo como maratonista e esposa. A representação e o papel desempenhado por Bing reforça a clássica noção da esposa como “eco” do homem. Isto é, sem uma identidade própria, uma situação em sintonia ao que coloca Federici (2019, p. 39) quando afirma que “[...] a ‘feminilidade’ foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de ‘destino biológico’”.

A história de vida do casal, é contada por imagens de arquivo e por tomadas que demonstram as necessidades especiais que Fon. Se planos fechados mostram a perna amputada (FIGURA 4), planos abertos demonstram o corredor na travessia (FIGURA 5), assim como ao lado de sua esposa. No início do primeiro bloco, o corredor de Hong Kong afirma que quem disse que era possível completar os 290 km da ultramaratona pela primeira vez foi a esposa, e que ela era a alma e mente dele na corrida.

Figura 4: O maratonista Fon apresenta sua perna amputada e os cuidados necessários que precisa ter durante o trajeto percorrido



Fonte: Print do vídeo

Figura 5: Fon é apresentado caminhando no meio do deserto; para tal atividade, ele utiliza uma prótese apropriada para este tipo de atividade física



Fonte: Print do vídeo

Outros personagens também são citados na cobertura jornalística, como o caso dos vencedores da ultramaratona: o saudita Mohamed Nati Foustok, pelos homens, e a americana Shiri Leventhal, entre as mulheres¹⁴. Mas uma atleta específica merece des-

¹⁴ Resultado da Ultramaratona do Atacama em 2015. Disponível em: <https://statistik.d-u-v.org/eventdetail.php?event=3492>. Acesso em 18 nov. 2023.

taque na reportagem, não pela velocidade ou por sua resistência física, mas pela forma que encontrou para seguir no desafio: a francesa Shelen Cal. Por mais de um minuto, a ultramaratonista aparece cantando uma canção famosa da cantora Edith Piaf: "La vie en rose", enquanto dá passadas largas em direção à chegada.

A música quebra um pouco o ritmo da tensão, dá leveza ao programa, ao mesmo tempo em que demonstra que cada corredor se apegava a algo que lhe faz seguir em frente. Logo, evidencia-se em cena uma representação feminina mais sensível, com conotação emotiva. Ou seja, apesar de não ser possível afirmar categoricamente a escolha editorial, permite inferir, pautados pelo senso comum, que há no movimento da produção um espaço para se reforçar um dos estereótipos do gênero. Isto é, investir em um aspecto muito vinculado (ainda) à ideia de marcar a cobertura de esportes de aventura com um tom "feminino" ao se investir na valorização dos aspectos sensíveis, inclusive em termos estéticos (SILVA *et al.*, 2018): a beleza local, a relação do sujeito com o ambiente e com as emoções.

No caso de Shelen Cal, é como se a sonoridade cantada lhe desse a segurança e o conforto que faltavam pelas adversidades ali enfrentadas. Evoca, desse modo, a criança que afirma cantar uma música de sua infância para evitar que o medo do escuro a paralise. Um ritornelo calmante e territorializante:

É territorial, é um agenciamento territorial. O canto de pássaros: o pássaro que canta marca seu território... Os próprios modos gregos, os ritmos hindus são territoriais, provinciais, regionais [...] ele sempre leva terra consigo, ele tem como concomitante uma terra, mesmo que espiritual, ele está em relação essencial com um Natal, um Nativo. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 103).

A imagem da corredora francesa passa, por essa estratégia musical, uma mensagem de otimismo, carregada de emoção. Talvez preparando o emocional do espectador para resistir melhor às imagens que viriam a ser apresentadas a seguir: durante a etapa do maior percurso, tanto Clayton Conservani quanto Carol Barcellos são expostos a uma prova de resistência "sobre-humana", como eles mesmo disseram.

E a montagem do episódio fez questão de demonstrar isso com relevância, principalmente nas tomadas feitas no período da noite/madrugada. Nelas, os dois personagens, tendo a repórter em primeiro plano, caminham sob as luzes das suas lanternas colocadas na cabeça e a luz da câmera que capta suas imagens. O resto é escuridão, o que provoca em quem assiste a certeza de um isolamento com relação ao resto do mundo.

Quebrando, parcialmente, essa imagem, a sequência salienta Barcellos, iluminando mais o seu rosto do que todo o cenário. O procedimento permite perceber a face da jornalista marcada pelo desamparo e incerteza (FIGURA 6), – a ser confirmado pouco depois neste artigo –, já que a tomada se estende por alguns minutos na tela e apenas termina quando os dois repórteres completam aquele dia de prova e se abraçam. Nesse momento, apesar de ambos estarem exaustos, Conservani parece amparar mais

Carol Barcellos. A repórter passa a chorar e a dizer para os que a abraçavam: "estou chorando de alegria e conseguimos, né? Nós conseguimos!".

Figura 6: A face iluminada da repórter após um tempo de escuridão na diegese é uma opção da direção que humaniza ainda mais a participação de Carol Barcellos, destacando novamente seu protagonismo



Fonte: Print do vídeo

Em sua análise sobre a emoção que a imagem é capaz de transmitir, Didi-Huberman (2016) propõe que o choro e as lágrimas, para além de demonstrarem uma simples fragilidade humana, podem impulsionar uma ação coletiva, até mesmo uma insurreição social, o que lhe confere uma conotação política. "é por meio das emoções que podemos, eventualmente, transformar nosso mundo" (Didi-Huberman, 2016, p.38), recuperando as ambiguidades que atravessam as expressões do sentimento humano.

Com tal assertiva, o autor problematiza as possibilidades de interpretação da imagem, mesmo quando conotadas pela retórica, já que as falas também são passíveis de comunicações múltiplas. Sob essa leitura, é possível nessa sequência de Planeta Extremo, destacar a forte carga emocional dissipada nas lágrimas da repórter Carol Barcellos e, simultaneamente, compreender que há, ali, uma perspectiva conceitual que ultrapassa as fronteiras da série com relação à força da personagem.

O que queremos indicar é que, ao chorar por alcançar algo muito pretendido, Barcellos humaniza ainda mais seu feito, demonstra grandeza de espírito e deixa para que o público reflita a importância, não só do seu esforço físico como de sua ação pós conquista. É sem dúvida uma mensagem política, social e inclusiva. Algo que nos permite relacionar com a busca feminina por espaços midiáticos, de mercado, de igualdade de oportunidades, de direitos e de justiça. Um olhar para fora do campo fílmico, externo a ele, mas inserido no nosso debate cotidiano. Ressalta-se, portanto, de um território onde a presença do gênero feminino era excluída por uma leitura que o localizava impotente para jornadas como essa.

O destaque conferido a Carol Barcellos representa um protagonismo feminino marcante e uma expressão clara de performance de gênero, salientado em contraste com as representações das outras participantes no mesmo episódio. Trata-se de se investir em um duplo discurso no mesmo programa. A escolha, conforme pudemos

observar, consente manter a projeção dessa “nova mulher” independente e capaz, no entanto, ainda muito vinculada a uma personalidade única, distinta das demais, reforçando tanto o indivíduo ou, no máximo, a prática profissional.

O movimento, também é preciso que se diga, é um avanço. Porém, tem que ser observado o quanto representa uma perda de oportunidade para reforçar que essas conquistas não são resultantes de ações exclusivamente individuais. Na verdade, as realizações celebradas hoje em termos de igualdade de gênero, resultam de um longo histórico que soma um esforço coletivo por mudanças, determinadas subjetividades se destacam por meio de uma configuração dialética entre o social e o sujeito.

Considerações Finais

No episódio *“Ultramaratona do Atacama”*, as cenas do deserto rochoso e em plano aberto evidenciam a magnitude do desafio e elas se misturam com os corpos dos maratonistas que resistem a cenários áridos e ao intenso sol. A dor e a resiliência estão em enquadramento, os personagens masculinos ganham evidência entre as narrativas que são apresentadas, mas como figura feminina é a jornalista Carol Barcellos que ganha ênfase como uma mulher destemida e de força singular.

Liderando a narração do programa, sua representação feminina se destaca com voz ativa: há diversas cenas em que ela discorre sobre as decisões e as estratégias que serão tomadas. Visualmente, Barcellos se sobressai em quantidade de aparições, especialmente nos momentos compartilhados com Clayton Conservani. Mesmo nas cenas em que o desgaste físico se faz presente, é Carol quem transparece mais força, concentração e resistência. A imagem dela chorando não revela fragilidade, mas sim o grau de grandiosidade da conquista alcançada. Seu choro não é o de derrota, mas de triunfo, humanizando ainda mais seu feito.

Compreendemos que Carol Barcellos não apenas se destaca como jornalista de esportes de aventura, mas também emerge como notável exemplo de força feminina. No entanto, na análise do episódio, observamos marcas discursivas e imagéticas associadas ao cuidado feminino para com os indivíduos masculinos em termos que emulam um longo histórico de subalternidade, o que acaba reforçando uma conotação conservadora sobre o gênero feminino. Essas marcas não estão tão presentes no arco narrativo protagonizado por Barcellos, mas estão presentes em outras figuras femininas que são destacadas no episódio.

Para além dessas relações intrínsecas à edição do episódio, ainda é preciso observar os diálogos midiáticos tecida no capítulo, já que a lógica das produções televisivas é a de demandar participações em outros programas que repercutem e/ou amplificam outros, como é o caso. Assim, em entrevista ao UOL Esportes em 2016, na qual Barcellos e Conservani compartilham experiências dos bastidores do episódio de Planeta Extremo aqui analisado, ela revela seu esforço para cuidar do parceiro de profissão que, muitas vezes, relutava em acordar cedo durante a expedição no Atacama: “Eu tento, mas é difícil conseguir cuidar dele. Normalmente, ele não aceita muito”¹⁵.

¹⁵ Disponível em: https://uolesportetv.blogosfera.uol.com.br/uol_amp/2016/02/12/planeta-extremo-volta-a-globo-com-direito-a-terremoto-inesquecivel/ Acesso em 26 nov. 2023.

Ao assumir tal protagonismo, no registro de sua travessia pelo deserto do Atacama, Carol Barcellos evoca o árduo caminho percorrido e ocupado pelo gênero feminino, em um espaço até então reservado aos homens. E mais: projeta para o público que o novo cenário vai se consolidando, mesmo que alguns referenciais conservadores ainda sejam utilizados no processo o que, também, transparece as contradições que se entrelaçam às conquistas da luta da mulher, mesmo em profissões cujos discursos assumidos na perspectiva liberal se colocam, muitas vezes, como sincrônicos aos avanços culturais e sociais. O que ainda parece ser uma projeção idealizada.

Referências:

- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 9^a ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1949.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4^a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. 2015, 99f. Monografia (conclusão de curso de graduação em Comunicação Social/Jornalismo) da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5635>. Acesso em 21 nov. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs** – Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DOHN, Hedwig. **Christa Ruland**. Berlim: S. Fischer, 1902.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Ed. 34, 2016.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, n.17-18, p. 9-79, 2001, pp. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100002>. Acesso em 26 jan. 2024.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FONSECA, Renan Reis. "Você será mobilizada(o)": gênero e trabalho na Segunda Guerra Mundial – Estados Unidos e Brasil. **Revista Antíteses**, Londrina, v.12, n. 24, p. 517-542, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n24p517>

HUMBERSTONE, B. The 'outdoor industry' as social and educational phenomena: Gender and outdoor adventure/education. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, Abingdon/Inglaterra, v. 1, n. 1, p. 21-35, 2000.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Mulheres jornalistas na imprensa brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2001. Campo Grande (MS): 1-11, 2001. **Anais** [...] Campo Grande: São Paulo, 2001, p.1-11. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151284998075557168343153827227545496185.pdf>. Acesso em 26 mar. 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H.L.; TUBINO, Manoel J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008. DOI: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v16i2.1133> Disponível em: <https://portalrevis-tas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133>. Acesso em 21 nov. 2023.

OYÊWÙMÍ, Oyérónké. **A invenção das mulheres** – Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: Congresso SOPCOM, 6. Lisboa, 2009. Anais eletrônicos [...]. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em 18 nov. 2023.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas - A grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Faculdade Cásper Líbero. 2010.

SAFFIOTTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes**. Editora Expressão Popular, 2013.

SILVA, Renata Laudares; CARMO, Elisangela Gisele do; FUKUSHIMA, Raiana Lídice Mór; RODRIGUES, Nara Heloisa; SCHWARTZ, Gisele Maria. A mulher nos esportes de aventura: notas sobre o empoderamento feminino. **Revista Hipótese**, Bauru, v. 4, n. 3, p. 156-176, 2018. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/354>.

Acesso em: 26 jan. 2024.

Videografia

Programa Planeta Extremo, TV Globo. Episódio "Ultramaratona do Atacama". Direção: João Pedro Paes Leme. Temporada 2016. (39'37"). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4941896/?s=0s>. Acesso em 17 nov. 2023.

Recebido em: 29 jan. 2024
Aprovado em: 18 mar. 2024

VEM TORCER COM A GENTE! ANÁLISE DA COPA DO MUNDO FEMININA 2023 NAS REDES SOCIAIS DO GE

**COME CHEER WITH US!
ANALYSIS OF THE WOMEN'S WORLD CUP 2023 ON GE'S SOCIAL MEDIA**

Ana Lúcia Nishida Tsutsui ¹

Resumo

A cobertura jornalística do futebol de mulheres no Brasil tem passado por transformações nas últimas décadas. A presença da seleção brasileira de futebol feminino em competições internacionais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, tem contribuído para aumentar a inserção do tema nos veículos de comunicação hegemônicos. A maior visibilidade midiática, entretanto, além de restrita e ocasional, não significa necessariamente maior apoio e valorização da modalidade junto à opinião pública. A análise de conteúdo quantitativa e qualitativa sobre a Copa do Mundo de 2023 nas redes sociais do *Globo Esporte (GE)*, portal de notícias esportivas do *Grupo Globo*, verificou a predominância de comentários machistas, misóginos e de depreciação por parte dos seguidores, o que indica que há, ainda, um longo caminho a percorrer no que tange à igualdade de gênero no cenário do futebol brasileiro.

Palavras-chave

Copa do Mundo Feminina; futebol de mulheres; GE; redes sociais.

Abstract

The journalistic coverage of women's football in Brazil has faced transformations in recent decades. The presence of the Brazilian women's national football team in international competitions, such as the World Cup and the Olympic Games, has contributed to increasing the inclusion of the topic in mainstream media. However, the increased media visibility, while limited and occasional, does not necessarily translate into greater support and appreciation for women's sports within common sense. A quantitative and qualitative content analysis of the 2023 Women's World Cup on GE's social media platforms, the sports news portal of the Globo Group, revealed the prevalence of sexist, misogynistic, and derogatory comments from followers. This indicates that there is still a long way to go in terms of gender equality in the Brazilian football scenario.

Keywords

Women's World Cup; women's football; GE; social media.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, professora da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), analuciatsutsui@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0002-1763-8046>, <http://lattes.cnpq.br/1416957325023587>.

Introdução

A cobertura jornalística do futebol de mulheres no Brasil passou por uma significativa transformação nas últimas décadas (Januário; Lima; Leal, 2020; Januário; Knijnik, 2022; Kessler; Costa; Pisani, 2022). Até recentemente, a visibilidade e o espaço dedicados ao futebol feminino nas mídias hegemônicas eram limitados ou inexistentes – e frequentemente estigmatizados (Almeida, 2016) – em contraste com o amplo destaque concedido ao futebol masculino (Lima; Brainer; Januário, 2019). Nos últimos anos, no entanto, temos observado um avanço positivo nesse cenário, mesmo que ele ainda esteja longe de ser igualitário (Goellner, 2005).

A presença da seleção brasileira de futebol feminino em competições internacionais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, somada a outros fatores, tem contribuído para aumentar a inserção do tema nos veículos esportivos. Além disso, o debate sobre igualdade de gênero no esporte tem ganhado destaque na sociedade, impulsionando a discussão sobre a importância de uma cobertura equitativa para o futebol de mulheres.

Ao mesmo tempo, a comunicação digital, a crescente utilização das redes sociais e plataformas de *streaming* têm proporcionado novas experiências, influenciando as manifestações culturais associadas ao universo esportivo.

Frente a esse panorama, parte-se da seguinte indagação: Como se dará a cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2023? O objetivo é compreender o futebol enquanto fenômeno, considerando seus aspectos sociológicos e históricos, além de analisar as relações entre esporte e gênero em perspectiva comunicacional e midiática.

Para tal ensejo, optamos por analisar as redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *X*², *YouTube* e *TikTok* do *GE* (globoesporte.com) – portal de notícias esportivas do *Grupo Globo*, maior conglomerado de mídia do País³ e detentora dos direitos de transmissão do evento.

Metodologicamente, o trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e na análise de conteúdo (Bardin, 1977). A fase de investigação teórico-empírica leva em consideração o período de 13 de julho a 27 de agosto de 2023. Por meio da análise quantitativa e qualitativa, foram selecionados, categorizados e analisados os posts, reações e comentários relacionados à competição.

Breve histórico da cobertura do futebol de mulheres no Brasil

O futebol no Brasil, não diferentemente de outras esferas, desenvolveu-se no País centrado nas desigualdades de gênero. É importante lembrar que, proibido pelo Decreto-lei nº 3.199 (Brasil, 1941), de 14 de abril de 1941, o futebol praticado por mulheres passou a ser institucionalizado apenas na década de 1980.

² No decorrer da pesquisa, mais precisamente no dia 23 de julho de 2023, a plataforma Twitter teve seu nome alterado para X ([Tecmundo, 2023](https://www.tecmundo.com.br)). Acesso em: 21 ago. 2023.

³ Disponível em: <https://www.grupoglobo.globo.com/>.

A história do futebol feminino no Brasil é representativa no que tange à trajetória de lutas de mulheres. Basta pensar que um esporte que começou a ser praticado pelas mulheres no país na década de 1920 precisou superar diversos obstáculos para ser permitido e “recomeçar” seu desenvolvimento apenas na década de 1980. Enquanto a seleção brasileira masculina era tricampeã mundial (1958, 1962, 1970), conquistava seu espaço na cultura popular, construía a imagem de craques e ídolos de gerações, além de uma pauta midiática importante, as mulheres encontravam-se à margem, buscando a oportunidade de praticar o futebol (Araújo, 2023, p. 42).

Conforme Araújo (2023, p. 43), “a regulamentação do futebol de mulheres no Brasil, pelo Conselho Nacional de Desportos, aconteceu em 1983, com a deliberação CND nº. 01”, sendo outro marco importante a primeira convocação da seleção brasileira de futebol feminino no ano de 1988.

Do ponto de vista midiático, mesmo considerando que os discursos jornalísticos não ocorrem de maneira linear ou uníssona, é possível identificar registros históricos que nos ajudam a caracterizar a cobertura jornalística do futebol de mulheres ao longo de sua trajetória: (1) década de 1930 – modalidade representada de forma caricatural, com tons de comédia e curiosidade, sem caráter de competição ou profissionalismo; (2) década de 1940 até a de 1970 – período de proibição, jornais combatendo a ideia do futebol para mulheres por meio de argumentos médicos de que a prática colocava em risco a saúde feminina; (3) década de 1980 – debate em torno da liberação do futebol feminino, com veículos posicionando-se a favor ou contra, objetificação e sexualização do corpo das atletas; (4) décadas de 1990 e 2000 – reprodução de estereótipos, reforço de padrões de beleza e feminilidade, comentários sobre a vida pessoal das jogadoras em detrimento de seu desempenho técnico (Mourão; Morel, 2005; Araújo, 2023).

O surgimento e a popularização das redes sociais, especialmente a partir de 2010, adicionou novos ingredientes a um cenário antes dominado pelos veículos hegemônicos, pertencentes aos principais conglomerados de mídia do País.

De acordo com Recuero (2015, p. 291):

As chamadas “redes sociais na internet” são representações de grupos sociais, constituídas com o apoio dos sites de rede social (Recuero, 2009). São estruturas estabelecidas através da apropriação desses sites que, por sua vez, constituem-se em ferramentas que permitem aos atores a construção de um perfil individual e a publicação de suas conexões sociais (Boyd & Ellison, 2007). Dizemos que tais redes são metafóricas porque a estrutura das redes sociais, na verdade, comprehende elementos de desgaste e interação constitutiva dos laços que não necessariamente estão presentes online. Assim, na internet, as redes sociais são transcritas não de forma análoga ao off-line, mas reinterpretadas e reconstruídas com características novas e com novas implicações. Essas implicações apontam para redes sociais mais amplas e mais complexas, com a emergência de novos valores simbólicos e novas formas de acesso a eles (Ellison, Steinfeld e Lampe, 2008), novos modos de conexão (Rosen, Steffanone e Lackaff, 2010) e a construção de novas audiências (Bernstein *et al.*, 2013).

Esse “poder” concedido aos usuários provoca mudanças profundas na produção, na circulação e no consumo de informações, marcando a perda do monopólio das grandes mídias tradicionais.

O resultado na união dessas novidades é que o compartilhamento de informações nas sociedades de massa contemporâneas vem migrando do broadcasting unidirecional das empresas de comunicação ao micro-casting multidirecional e dos usuários das redes, em que cada um dos participantes tem a liberdade para se conectar aos demais, ao mesmo tempo em que desaparece o conceito de centralidade: nas redes sociais, o centro está em todas as partes (Romanini, 2012, p. 62).

Não se pretende aqui, entretanto, defender a ideia de “nova democracia em tempo real” (Lévy, 1998) proporcionada pelas redes. Após três décadas de exploração comercial da internet, tanto a vertente em torno das promessas libertárias das redes digitais, quanto a corrente que alerta para suas ameaças de controle, manipulação e desinformação parecem-nos insuficientes. De um extremo a outro, entendemos que os ambientes digitais multiplicaram as possibilidades de vozes sobre os mais diferentes temas e contextos, colocando novos e velhos atores em permanente transformação, negociação e conflito.

Copa do Mundo Feminina 2023

A nona edição do torneio mundial de seleções femininas foi a primeira a ocorrer em dois países simultaneamente. Austrália e Nova Zelândia sediaram as competições entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023, tendo a Espanha conquistado seu primeiro título em uma final inédita contra a seleção inglesa no Estádio Olímpico de Sydney.

Havia grande expectativa em relação à Copa de 2023. Isso porque, quatro anos antes, a edição ocorrida na França foi marcada por reivindicações de mudanças para o futebol de mulheres e considerada um marco na busca pela equidade de gênero nessa modalidade esportiva.

Por meio de fatos, iniciativas e resultados como os apontados – primeira participação da seleção jamaicana, protesto por equidade, lançamento de uniformes exclusivos, movimentação de patrocinadores e números positivos de vendas de ingressos –, é possível perceber que, em 2019, a Copa do Mundo alcançou alguns feitos nunca antes vistos para competição em questões de visibilidade e estrutura, o que pode indicar um momento de desenvolvimento para o futebol feminino, de um salto em uma trajetória em busca de equidade de gênero e mais condições estruturais, midiáticas e esportivas (Araújo, 2023, p. 80).

Em entrevista coletiva realizada em 5 de julho de 2019, em Lyon, França, o presidente da Fifa, Gianni Infantino, comemorou os resultados, chegando a afirmar que haveria “um antes e o depois da Copa de 2019 no futebol feminino” (Lance!, 2019).

Na ocasião, o dirigente apresentou cinco propostas para a modalidade. Entre elas: a criação de um Mundial de Clubes; uma Liga Mundial Feminina (como a Liga das Nações na Europa); o aumento do número de seleções na Copa de 2023 de 24 para 32; dobrar premiações e dobrar o investimento no desenvolvimento do esporte para 1 bilhão de dólares.

Apenas duas das cinco metas foram atingidas e/ou superadas. Em 2023, o torneio contou com 32 equipes (oito a mais em relação ao evento anterior), com 64 jogos disputados (doze a mais do que na França); e houve aumento da premiação total de US\$ 30 milhões (2019) para US\$ 110 milhões (UOL, 2023).

Em termos de audiência, outros recordes foram divulgados. Segundo a entidade, quase dois milhões de torcedores assistiram aos jogos nos estádios; dois bilhões de pessoas acompanharam a competição em todo o mundo; e as plataformas digitais da Fifa receberam mais de 50 milhões de visitantes ao longo do torneio (um aumento de 130% em relação a 2019) (Band, 2023).

No Brasil, o direito de transmissão dos jogos, assim como em 2019, foi adquirido pelo *Grupo Globo*⁴. A emissora, no entanto, em vez de comprar o direito a todas as partidas, garantiu a transmissão de apenas metade: 34 jogos nos canais SporTV e 7 na rede aberta, dando preferência para os confrontos da seleção brasileira.

No *streaming*, a exemplo do ocorrido no mundial masculino do Qatar, em 2022 – quando o *streamer* Casimiro Miguel surpreendeu o mercado esportivo quebrando o monopólio comercial da Globo –, as partidas foram transmitidas por *Globoplay* e *GE, CazéTV* e *Fifa+* (Máquina do Esporte, 2023).

Em um empate de 0 a 0 contra a Jamaica, a seleção brasileira – participante de todas as edições desde 1991 – despediu-se precocemente da competição, sendo eliminada ainda na fase de grupos. O Brasil venceu o Panamá em sua estreia (4x0), perdeu para a França (1x2) e empatou com a Jamaica (0x0), terminando em terceiro lugar no Grupo F, com apenas quatro pontos (O Globo, 2023).

GE e redes sociais: procedimentos metodológicos e resultados de pesquisa

De acordo com institucional do Grupo Globo, “o ge é o portal de esportes da Globo e líder de audiência no jornalismo esportivo digital no Brasil”. Inicialmente conhecido como *globoesporte.com*, o veículo foi lançado no dia 23 de abril de 2005 com o objetivo de reunir o conteúdo esportivo de todos os canais Globo (*ge.globo.com*, 2023). Ainda conforme o grupo, o portal “atinge em média mais de 35 milhões de usuários por mês [...]”, conta com redações em todos os estados do Brasil, está presente nas principais redes sociais e tem versões para aplicativos IOS e Android” (*Ibdem*).

⁴ De acordo com Januário, Lima e Leal (2020, p. 43-44), “na história das Copas, há registros da transmissão de algumas partidas na programação do canal fechado ESPN Brasil, em 2003, e TV Bandeirantes, em 2007. Em 2015, o torneio foi transmitido pelo canal público TV Brasil, pelo canal de TV aberta Bandeirantes e pelo canal pago SporTV”. Em 2019, a TV Globo, líder de audiência no País, transmitiu pela primeira vez todos os jogos do Brasil na sua grade de programação na TV aberta.

A escolha do GE como objeto de pesquisa, todavia, deu-se não apenas por seu alcance e representatividade, mas também por ser a Globo detentora dos direitos de transmissão da Copa Feminina 2023 no Brasil. Foram consideradas todas as cinco redes sociais em que o GE possui um perfil oficial: *Facebook*, *Instagram*, *X*, *Youtube* e *TikTok*. Abaixo, alguns dados sobre cada um deles:

Tabela 1 – Dados sobre os perfis do GE nas redes sociais

	Perfil	Data de criação	Nº de seguidores
<i>Facebook</i>	ge.globo	Dezembro 2007	9,3 milhões
<i>X</i>	@geglobo	Dezembro 2007	6,5 milhões
<i>Instagram</i>	@ge.globo	Junho de 2014	4 milhões
<i>Youtube</i>	@geglobo	Agosto de 2020	4,2 milhões
<i>TikTok</i>	@geglobo	Março de 2022	2,7 milhões

Fonte: As informações foram colhidas nas páginas dos perfis em agosto de 2023

O *corpus* de análise compreendeu o período de 13 de julho a 27 de agosto de 2023, uma semana antes e uma semana após a realização do evento, ocorrido entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023. A intenção foi abarcar não apenas a Copa em si, mas também verificar se foi gerado engajamento pré e pós acontecimento.

Optou-se pela análise de conteúdo como método uma vez que o volume de dados era substancioso. Bardin, autora-referência no Brasil em pesquisas que adotam a AC como técnica de análise de dados, assim a conceitua:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

A cientista estabelece três fases na organização e processamento dos dados: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (*Ibdem*).

Mesmo não sendo uma abordagem nova, a análise de conteúdo confirma-se como metodologia apropriada à análise de redes sociais. Nas palavras de Recuero (2015, p. 289-290):

Pouco ainda se estuda, hoje, a respeito dos discursos que são legitimados e reproduzidos nos sites de rede social e seus impactos na sociedade, de modo particular, no Brasil. [...] Assim, embora milhares de tweets, posts no Facebook, mensagens etc. sejam publicados todos os dias e circulem pelas mais variadas esferas sociais, pouco se faz no sentido de compreender seus efeitos e impactos, suas condições

de produção e, mesmo, às formações discursivas que se filiam. Isso se deve à complexidade dos designs metodológicos necessários para tais estudos, especialmente no que diz respeito à coleta e análise dos dados em larga escala.

Neste sentido, a Análise de Conteúdo (AC) tem sido cada vez mais utilizada por diversas áreas para compreender e debater os discursos que são espalhados pelo ciberespaço. A junção dos elementos dos públicos mediados (Boyd, 2010) e notadamente, a permanência das interações e sua “buscabilidade”, bem como a disponibilidade dos dados das “falas” de milhares de atores nos sites de rede social (Boyd & Ellison, 2007) têm dado o tom para o crescimento dessas abordagens.

A pesquisadora fundamenta:

Krippendorf (2012) explica que há três características que distinguem a abordagem “contemporânea” da AC de outras formas de estudo. A primeira delas é sua fundamentação empírica, que privilegia especialmente os textos, procurando compreender seu sentido para os atores sociais. A segunda é a transcendência das noções de símbolo, conteúdo e intenções. Krippendorf explica que é preciso enfatizar mensagens, canais, comunicações e sistemas. O terceiro elemento é o desenvolvimento metodológico, que teria características um pouco diferenciadas, como o foco em grandes conjuntos de dados e contextos mais amplos e complexos. A AC, assim, é uma técnica de pesquisa para construir “inferências” a partir de textos para seus contextos de uso (Krippendorf, 2012, p. 24 apud Recuero, 2015, p. 295-296).

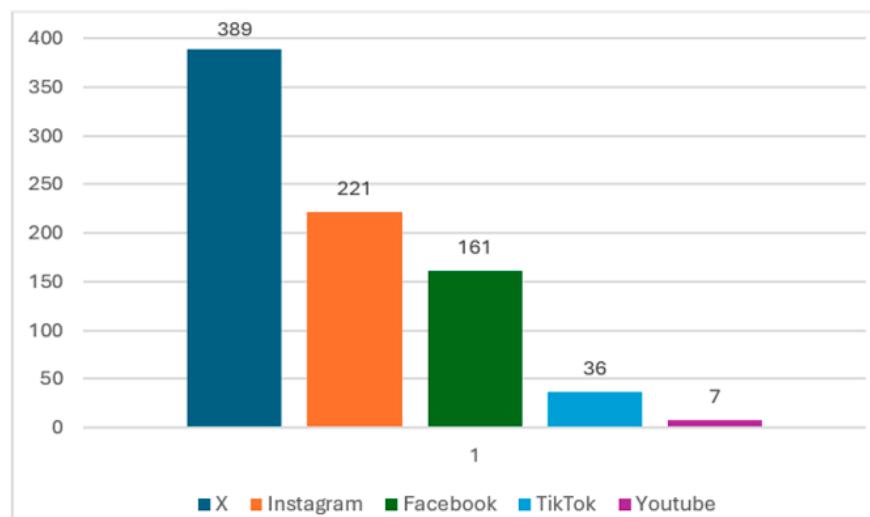
Partindo dessas premissas, os procedimentos ocorreram em duas fases. Na primeira, quantitativa, foi feito o mapeamento e a tabulação de todas as postagens relativas à Copa do Mundo Feminina nas cinco redes citadas. Nessa etapa, foram identificados textos, data de postagem, quantidade de curtidas ou reações, compartilhamentos, alcance e comentários.

Na segunda fase, qualitativa, observou-se tipo de conteúdo, linguagem das publicações, utilização de *emojis*, *hashtags* e elementos multimídia (fotos, *links*, enquetes, artes, vídeos), as datas em que houve maior volume de postagens e as que alcançaram maior repercussão.

Ao longo da pesquisa, dois critérios de análise não previstos inicialmente foram incorporados: a comparação do total de postagens versus as postagens sobre a Copa de 2023; e a análise qualitativa dos comentários feitos pelos seguidores.

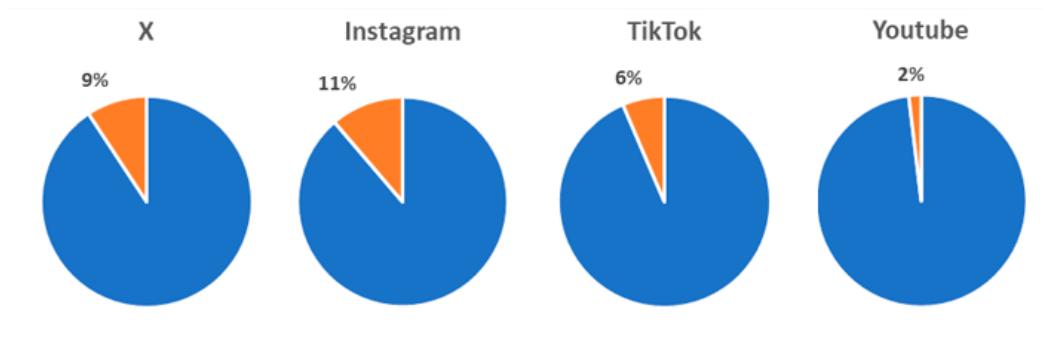
O X foi a rede com maior volume de postagens sobre a Copa do Mundo Feminina 2023 (389), seguida pelo *Instagram* (221) e pelo *Facebook* (161). O *TikTok* apresentou uma produção secundária (36 vídeos); e a cobertura no *Youtube* pode ser considerada inexistente – apenas sete vídeos, sendo todos reproduções do conteúdo televisivo da emissora (uma matéria do *Fantástico*, duas do *Jornal Nacional* e três do *SporTV*).

Gráfico 1 – Total de postagens (13 jul. a 27 ago. 2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

No cálculo percentual, considerando o mesmo período, o Instagram fica em primeiro lugar com 11% (221 de 1747 postagens) dedicados à Copa Feminina 2023; o X aparece na segunda posição com 9% (389 de 3804); o TikTok, em terceiro com 6% (36 de 527 vídeos); e o YouTube vem por último, apenas 2% (7 de 360 vídeos).

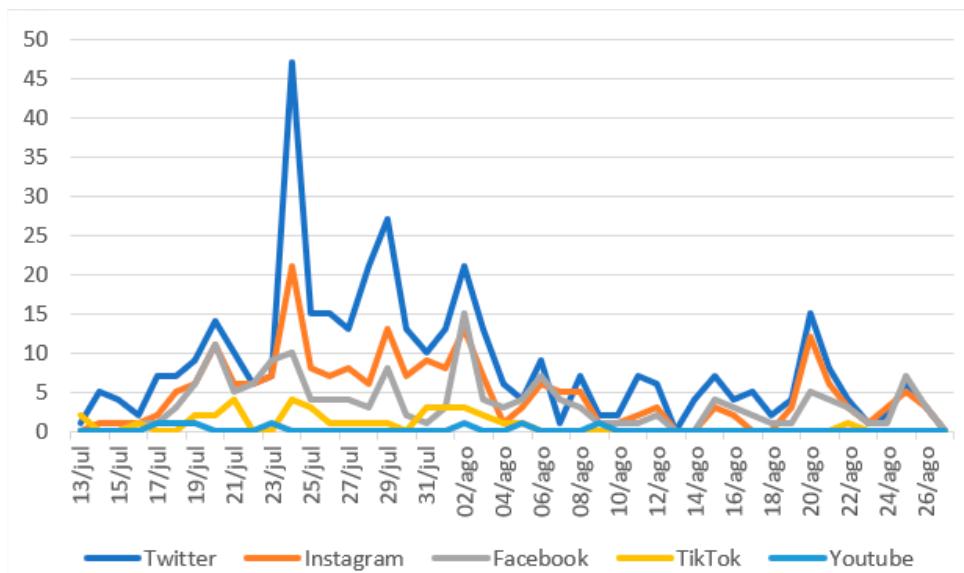
Gráfico 2 – Comparativo de postagens: total x Copa Feminina 2023⁵

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

No gráfico a seguir, vemos a quantidade de postagens sobre a Copa Feminina 2023 em cada rede, dia a dia.

⁵ Como explicado, este critério de pesquisa foi definido a posteriori. Não foi possível resgatar o total de postagens do Facebook em função de sua limitação no sistema de busca e rolagem da página. Entendemos, entretanto, que a ausência do dado não prejudica a intenção da investigação.

Gráfico 3 - Quantidade de postagens por dia e perfil



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Contrariando as hipóteses iniciais, os dias com maior volume de conteúdo não ocorreram nem na abertura (38 postagens/vídeos) nem na final do campeonato (32 postagens/vídeos), mas, sim, nos dias de atuação da seleção brasileira: a estreia, em 24 de julho, contra o Panamá (82 postagens/vídeos); o jogo contra a França, em 29 de julho (49 postagens/vídeos); e a partida contra a Jamaica, em 2 de agosto (53 postagens/vídeos), data em que o Brasil se despediu da competição.

É interessante notar que, mesmo sendo o perfil do GE no *Facebook* um dos primeiros a ser criado e o que apresenta maior número de seguidores, a estratégia de redes sociais não privilegiou essa rede na cobertura da Copa. Considerando as três principais plataformas utilizadas (*X*, *Instagram* e *Facebook*), o conteúdo apresentado na página do *Facebook* foi o que recebeu menor atenção por parte do Grupo Globo. Cem por cento das postagens mapeadas seguiram o mesmo padrão: texto-manchete, foto e *link* para matéria do portal GE. Não houve ocorrência de vídeos nem de outros elementos multimídia.

Uma hipótese seria o declínio da plataforma, que, em 2022, registrou a primeira queda em 18 anos na quantidade de usuários diários. Segundo especialistas (Inspur, 2022), uma das principais razões seria a perda de popularidade especialmente entre os jovens (13 a 17 anos), que estariam migrando para redes como *TikTok* e *YouTube*. A possibilidade é refutada, entretanto, uma vez que o *X* também tem demonstrado declínio e foi a rede mais utilizada. Ao mesmo tempo, como visto, *TikTok* e *YouTube* foram pouco ou nada explorados.

Em termos de engajamento, o *Facebook* fica à frente de *X* e *Instagram*. A postagem de maior repercussão nos três perfis ocorreu no dia 2 de agosto de 2023, data em que o Brasil foi eliminado da Copa. Na Tabela a seguir, trazemos o comparativo:

Tabela 2 – Postagem mais comentada

	Data	Texto	Comentários	Reações ou curtidas
<i>Facebook</i>	02/08/2023	Valeu, meninas!!! Vocês são gigantes!!! 🌿💛 📷 Getty Images	24 mil	45 mil
<i>X</i>	02/08/2023	Valeu, meninas!!! Vocês são gigantes!!! 🌿💛 #copadomundo 📷 Getty Images	7,9 mil	9,5 mil
<i>Instagram</i>	02/08/2023	Valeu, Brasil! 🌿💛 #ge #futebol #copadomundo 📷 Getty Images	6,4 mil	Apenas o administrador pode ver o número total de curtidas

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Figura 1 – Imagem da postagem mais comentada

Fonte: O mesmo card foi postado nas três redes.

Facebook: <https://encurtador.com.br/dpsZ8>.

X: <https://encurtador.com.br/lnwNR>.

Instagram: <https://encurtador.com.br/tNY47>

Em linhas gerais, o conteúdo apresentado pelos três perfis seguiu características semelhantes, com pequenas variações. As postagens concentraram-se no anúncio das partidas, resultados dos jogos, jogadoras-destaque e curiosidades, não sendo no-

tados conteúdos textuais ou fotográficos de erotização das atletas nem expressões de cunho machista, como “musas”.

A jogadora Marta recebeu ênfase tanto nos textos quanto nas fotos, sendo mencionada como “rainha”, “referência” e “ícone”, como podemos ver na seleção a seguir:

Tabela 3 – Exemplos de postagens sobre Marta

Data	Rede	Texto-chamada	Link
13/07/2023	X	Rainha na área! 🏆 Última Copa do Mundo, planos para o futuro e muitas revelações (...)	https://twitter.com/geglobo/status/1679635568337223681
14/07/2023	Instagram	Rainha @martavsilva10 na área! 🏆 Última Copa do Mundo, planos para o futuro e muitas revelações para o @andregallindoag	https://www.instagram.com/reel/CurVAkJoS5c/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
16/07/2023	X	O próximo projeto da maior de todos os tempos não é no futebol: Marta revelou ao Esporte Espetacular deseja ser mãe! 😊 Esse papo foi pura emoção, hein? 🤗	https://twitter.com/geglobo/status/1680630480956162048
	Instagram	Confira a entrevista na íntegra com a Rainha	https://www.instagram.com/reel/CuxA5Kdhir5/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
	TikTok		https://vm.tiktok.com/ZM6QwdFt1/
20/07/2023	X	Marta deve ficar no banco em estreia da Seleção na Copa do Mundo Feminina. Confira provável escalação do Brasil	https://twitter.com/geglobo/status/1682081985362001921
21/07/2023	TikTok	De arrepia! Marta mostrou as surpresas que recebeu em uma ação da CBF muito emocionada. A Rainha recebeu cartas (...)	https://vm.tiktok.com/ZM6QwoT3p/
23/07/2023	X	Marta, sobre título inédito da Copa do Mundo: “É agora ou nunca”	https://twitter.com/geglobo/status/1683099648964042754
24/07/2023	X	🇵🇦 🇵🇦 Referência! Jogadoras do Panamá tietam Marta após vitória do Brasil na Copa do Mundo Feminina	https://twitter.com/geglobo/status/1683488376626749443
24/07/2023	Instagram	Não tem jeito, a Rainha é a Rainha pra todo mundo! 😊😊😊 Marta foi tietada pelas jogadoras do Panamá após a partida, e a adm só pensa que queria uma foto com ela também 🇧🇷 Saiba mais no link da bio! #ge #CopadoMundo #seleçãobrasileira #marta #foto	https://www.instagram.com/p/CvFhg_AhPxm/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

24/07/2023	Instagram	A RAINHA TÁ EM CAMPO!    Marta começa oficialmente a sexta Copa do Mundo de sua carreira! Ela bem podia deixar um golzinho, hein...  #ge #CopadoMundo #seleçãobrasileira #foto	https://www.instagram.com/p/CvFJMpCMoWP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
25/07/2023	Facebook	Ex-jogador de futsal, Falcão também analisa última copa da Rainha Marta: "Merece um título"	
26/07/2023	X	Brasileira que vive na Austrália relata emoção de acompanhar última Copa de Marta: "Energia surreal"	https://twitter.com/geglobo/status/1684190618338185216
28/07/2023	X	Marta inspira novas gerações na França, rival do Brasil na Copa: "Ela é um ícone do futebol"	https://twitter.com/geglobo/status/1684915358442889216
01/08/2023	Instagram	Agora temos referências  Marta chorou ao comentar sobre o seu papel na evolução do futebol feminino mundial Sempre sendo a rainha! #ge #futebol #copadomundo #frase [...]	https://www.instagram.com/p/CvZ2tO4g-CM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
02/08/2023	X	Marta dá adeus à #CopaDoMundo como maior artilheira da história  Veja números da carreira	https://twitter.com/geglobo/status/1686718043911581697
02/08/2023	Instagram	Marta mostrando o motivo de ser a Marta do futebol. Uma rainha  #ge #futebol #copadomundo #marta #numeros	https://www.instagram.com/p/Cvcu9ScMmsF/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
06/08/2023	X	Emocionada, Rapinoe lembra de Marta na sua despedida das Copas: "A alegria com que ela joga. Nunca vi nada igual"	https://twitter.com/geglobo/status/1688188173787262981
06/08/2023	Instagram	Uma gigante exaltando a Rainha!  Após a eliminação nos pênaltis para a Suécia, que marcou também sua despedida de Copas do Mundo, Megan Rapinoe relembrou a declaração de Marta na véspera do jogo diante da Jamaica em que comentou sobre o crescimento do futebol feminino. [...]	https://www.instagram.com/p/Cvm4-0ThgyT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A técnica da seleção brasileira, Pia Sundhage, também apareceu com frequência. No início da competição, de forma positiva e humanizada; após a eliminação do Brasil, de forma crítica e ameaçada.

Tabela 4 - Exemplos de postagens sobre Pia

Data	Rede	Texto-chamada	Link
24/07/2023	X	Pia diz que vai pagar jantar de Ary Borges: "Fez um hat-trick"	https://twitter.com/geglobo/status/1683494747728478214
24/07/2023	X	Pia comemora atuação do Brasil e faz pedido: "Mantenham a alegria"	https://twitter.com/geglobo/status/1683555648670138369
27/07/2023	X	Pia Sundhage vê Brasil preparado para encerrar escrita contra França: "Temos uma grande chance"	https://twitter.com/geglobo/status/1684549572838785026
28/07/2023	Instagram	Todo o carisma de Pia Sundhage, técnica da Seleção, cantando Alceu Valença 🎤 #ge #CopadoMundo #seleçãobrasileira #reels	https://www.instagram.com/reel/CvQBWKdPt9y/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
28/07/2023	TikTok	Todo carisma de Pia Sundhage, técnica da Seleção, cantando Alceu Valença	https://vm.tiktok.com/ZM6QojxsM/
29/07/2023	X	Pia quer Brasil feliz para jogo com a Jamaica e lamenta: "Erros acontecem"	https://twitter.com/geglobo/status/1685274239606169600
02/08/2023	Facebook	Pia admite demora para fazer substituições no Brasil: "Um pouco tarde"	
02/08/2023	X	Ana Thais Matos critica Pia e jogadoras do Brasil após eliminação: "Sem personalidade"	https://twitter.com/geglobo/status/1686712021218197505
		Concorda? 	
		http://glo.bo/3qhANaz	
02/08/2023	X	Rafaelle, sobre Pia: "Se tiver alguém com mais qualidade, o feminino merece isso" #copadomundo	https://twitter.com/geglobo/status/1686724879532376064
02/08/2023	Facebook	"Parabéns, Pia": treinadora vira alvo nas redes após eliminação do Brasil	
02/08/2023	X	Presidente da CBF irá analisar de cabeça fria situação de Pia Sundhage após eliminação Veja detalhes: http://glo.bo/44OYqGh	https://twitter.com/geglobo/status/168672659095940300 8

04/08/2023	X	O #RedaçãoSportv atualiza o caminho da seleção brasileira de volta ao Brasil e traz informações sobre a permanência ou não da técnica Pia Sundhage #CopaDoMundo	https://twitter.com/geglobo/status/168745642908543385 6
09/08/2023	Instagram	O presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, vai definir o futuro da seleção brasileira feminina no início da próxima semana. A permanência da técnica Pia Sundhage está sob grande risco (...)	https://www.instagram.com/p/CvuhY_FO95a/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
09/08/2023	YouTube	Futuro de Pia Sundhage no comando da seleção será definido na próxima semana	https://www.youtube.com/watch?v=wGmCu7jl3Qk
09/08/2023	X	Permanência de Pia é improvável, e nomes de Arthur Elias e Emily Lima aparecem como os mais cotados	https://twitter.com/geglobo/status/168928878604623052 8

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A linguagem empregada nas postagens pode ser considerada híbrida, isto é, ela trouxe elementos do jornalismo clássico em suas chamadas (exemplos: “Nova Zelândia abre a Copa do Mundo contra Noruega” ou “Pia fecha o treino pelo terceiro dia seguido”), ao mesmo tempo que incorporou aspectos próprios da linguagem das redes digitais: uso de hashtags (#ge #copadomundo #copadomundofeminina #seleçãobrasileira #resultados #futebol #vocêsabia, entre outras); emojis (😊😍😘😍😊😍⚽️🏆⚽️⚽️👑👑🔥📸🎵), verbos imperativos (Confira; Veja; Saiba mais; Clique; Acesse; Acompanhe; Assista; Fique por dentro; Fiquem ligados); exclamações, interrogações e uso de maiúsculas (Alô, Brasil!; DEU ESTADOS UNIDOS!; DEU CHINA!; Classificadas!; E aí, Alline Calandrini?; Demais, hein?; E o futuro da seleção feminina?).

Os perfis do GE apresentaram uma postura entusiasta em relação à Copa, de apoio e valorização, sendo o conteúdo do Instagram o mais eufórico, com frases como: “Vem torcer com a gente!”; “Falta MUITO pouco, amiiiigo! 😁😁😁”; “De arrepiar! ”; “Tá chegando a hora!”; “É O TERCEIRO DO BRASAAAAA!”; “A RAINHA TÁ EM CAMPO! 🤴”; “Ela é DEMAIS! 😁😁😁”; “Pura emoção! ”; “Que dia de Copa, meus amigos! 🔥🔥”.

O uso de fotos prevaleceu em relação aos vídeos e às artes. Não houve incidência de gráficos nem tabelas. As fotos utilizadas foram provenientes de fontes como Getty Images, Fifa, CBF, além das agências internacionais Reuters, EFE, AFP e outras, o que indica que não havia uma equipe própria realizando a cobertura fotográfica do evento⁶.

⁶ De acordo com informações divulgadas pela Globo, 12 profissionais foram enviados à Austrália: o repórter Marcelo Courrege, a produtora Cintia Barlem; a repórter cinematográfica Franciane Dahm; a apresentadora Bárbara Coelho; a comentarista Renata Mendonça; as repórteres Gabriela Moreira e Denise Thomaz Bastos; os repórteres cinematográficos Letícia Marotta e Thalisson Araújo; o produtor Allan Caldas; a chefe da cobertura Roberta Nomura; e a produtora de planejamento Stephanie Buckley (GE, 2023).

Sobre a estratégia de mídia social, fica claro que não houve um planejamento integrado das plataformas. Os cinco perfis foram trabalhados de forma isolada, com significativa repetição dos conteúdos. A quase totalidade das postagens esteve associada à cobertura do portal GE, com poucos conteúdos originais, ou seja, elaborados exclusivamente para as redes sociais.

A exceção foram os cards de comemoração de gol, placar de jogo, resultados do dia, chaveamento e aspas, com artes próprias, além dos poucos vídeos com análises da equipe de social media do GE.

Figuras 2, 3, 4, 5, 6 e 7 – Cards produzidos pela equipe do GE para suas redes sociais



Fonte: Montagem da autora. Apresenta respectivamente: Card comemoração gol; Card placar jogo; Card resultados do dia; Card chaveamento; Card aspas; Vídeo análise

Nesse sentido, é possível afirmar que as redes assumem uma posição secundária frente ao portal de notícias. Em última instância, elas servem como iscas com o objetivo de atrair tráfego para as matérias do site. O fato de não haver moderação dos comentários nas plataformas fortalece essa tese. Não se efetiva a construção de uma brand persona ou de um posicionamento de marca.

Em relação aos comentários dos seguidores, como explicado anteriormente, de início a análise desse critério não constava entre os objetivos do trabalho. Ao longo da pesquisa, entretanto, chamou a atenção seu teor, e os mesmos passaram a integrar a investigação.

Mesmo havendo manifestações de apoio entre as postagens, sobressaíram os textos de depreciação, preconceito, escárnio, machismo e misoginia, presentes nos cinco perfis, como podemos verificar nos fragmentos a seguir:

Figura 8 – Exemplo de comentários no X do GE

ge **ge** @geglobo

•• Jogos do Brasil na Copa do Mundo Feminina

Confira datas e horários [↓](#)

Cleonaldo Santos @NEYGENIO22 · Jul 17, 2023

LACRAÇÃO NA TV

marley @Djbm1Dylan1 · Jul 17, 2023

Ninguém se importa

Duzão @CometaPorco · Jul 17, 2023

Vou trabalhar, mas agradeço!

pastor evangélico @felipecrente · Jul 17, 2023

não ligamos

Fonte: Reprodução X @geglobo: <https://twitter.com/geglobo/status/1680984498123448322>

Figura 9 – Exemplo de outro comentário no X do GE

kaka @kakaroto_ · Jul 21, 2023

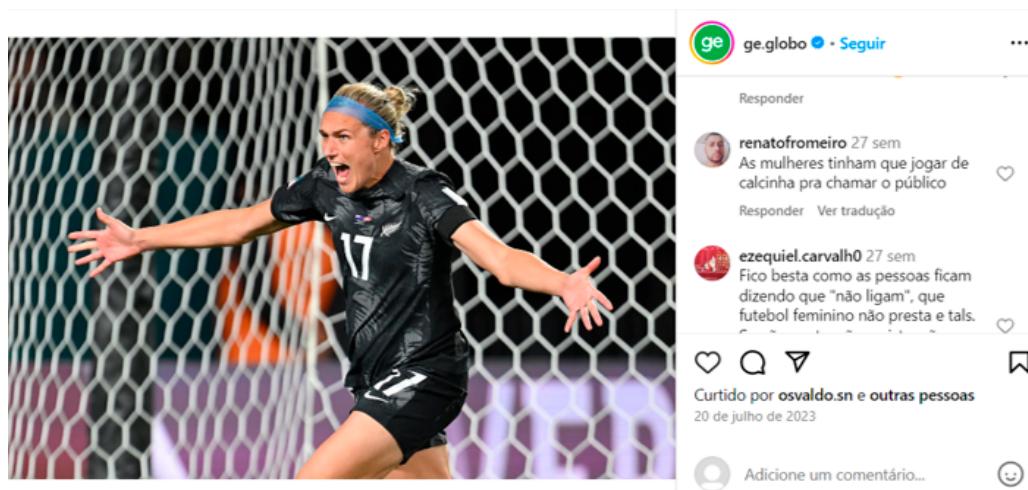
Seria mais lucrativo pra sociedade estarem em casa cuidando da mesma e do marido.

II **GIF** **ALT**

Fonte: Reprodução X @geglobo: <https://twitter.com/geglobo/status/1682246997649022978>

Figura 10 – Exemplo 1 de comentários no Instagram do GE

Fonte: Reprodução Instagram @ge.globo: https://www.instagram.com/p/Cu5uNVaPlly/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFIZA%3D%3D

Figura 11 – Exemplo 2 de comentários no Instagram do GE

Fonte: Reprodução Instagram @ge.globo: https://www.instagram.com/p/Cu6em1QOteY/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFIZA%3D%3D

Figura 12 – Exemplo de comentários no TikTok do GE

Fonte: Reprodução TikTok @gegloblo: <https://vm.tiktok.com/ZM6QwaVQS/>

Figura 13 – Exemplo de comentários no Facebook do GE

Fonte: Reprodução Facebook ge.globlo: <https://www.facebook.com/search/top/?q=T%C3%A9cnico%20Jorge%20Vilda%20garante%20que%20est%C3%A3o%20trabalhando%20nas%20melhores%20condi%C3%A7%C3%A5es%22%20para%20ter%20a%20atacante%20em%20jogo>

Figura 14 – Exemplo de comentários no YouTube do GE

Fonte: Reprodução YouTube @globo: https://www.youtube.com/watch?v=IZ3HTf4cW_Q

Foram recorrentes expressões como: "kkkk"; "não perco meu tempo com futebol feminino"; "futebol feminino é chato de se ver"; "não gosto de futebol feminino"; "elas são fracas"; "elas não são boas"; "futebol feminino é ruim"; "mimimi"; "não perco meu tempo para ver isso"; "ninguém liga"; "time ruim, perdeu para o sub15"; "seleção da lacração"; "lacrolândia"; "coitadolândia"; "futebol de sapatonas"; "perdedoras".

E ainda: discursos de ódio, ofensas, xingamentos, mensagens com conotação sexual, comentários sobre o corpo e a aparência física não somente das atletas, mas também de treinadoras, árbitras, comentaristas, repórteres. Julgamentos sobre sua capacidade, condição etária, orientação sexual, associação aos afazeres domésticos. Os comentários negativos ocorreram de forma generalizada, porém, foi possível perceber que se intensificavam nas postagens relacionadas à seleção brasileira e, principalmente, nos momentos de derrota.

Considerações finais

Cada vez mais o futebol praticado por mulheres tem se tornado um produto rentável, com quebra de recordes de público e aumento da audiência, ampliando o interesse de patrocinadores e setores da mídia sobre a modalidade. Soma-se a isso o aprofundamento do debate sobre igualdade de gênero na sociedade, movimento que ganha adeptos dia a dia e o apoio de personalidades, instituições e marcas de peso no cenário nacional e internacional.

A análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do GE comprovou a promoção do veículo no que se refere ao futebol de mulheres. A pesquisa verificou uma atitude torcedora e entusiasta, de apoio e valorização, em relação à competição.

Um olhar mais atento, todavia, mostra que, apesar da frequência diária de publicações, o espaço concedido foi restrito. Mesmo sendo a Copa do Mundo o principal campeonato oficial entre mulheres que jogam futebol, menos de um décimo do conteúdo publicado no período relacionou-se ao evento.

Há que se considerar que, diferentemente da mídia impressa, do rádio ou da televisão – que têm espaços e tempos definidos –, o espaço na rede é bastante flexível, o que descarta o argumento de pautas concorrentes. A diminuição nos dias em que a seleção brasileira não participou dos confrontos, e especialmente após a eliminação, prova que o interesse pela modalidade é circunstancial e atua na dependência de resultados.

O principal avanço, a nosso ver, foi perceber um cuidado maior na seleção de expressões e imagens na representação das atletas, evitando sua objetificação ou sexualização. A mesma postura, entretanto, não se observou entre os seguidores. Nas cinco redes analisadas, chamou atenção a presença significativa de comentários depreciativos, misóginos e preconceituosos, que prevaleceram em relação aos elogios e mensagens de apoio por parte do público, reforçando a constatação de que o futebol persiste como um ambiente machista e heteronormativo.

Nesse sentido, entende-se que a maior visibilidade midiática não significa necessariamente maior valorização da modalidade nem a superação de estigmas históricos, o que indica que há ainda um longo caminho a percorrer no que tange à igualdade de gênero no cenário do futebol brasileiro.

O estudo revela desafios importantes a serem enfrentados: 1) ressalta-se a necessidade de uma abordagem contínua na promoção do futebol praticado por mulheres, indo além do interesse apenas durante os momentos de destaque; 2) uma cobertura menos eufórica e torcedora, mais equilibrada, contribuiria para o amadurecimento da modalidade, evitando a criação de falsas expectativas e consequentes frustrações; 3) para que a mídia atue efetivamente como promotora da igualdade de gênero, é preciso combater os discursos de ódio e discriminação. Deixar que tais narrativas circulem livremente em suas páginas, sem qualquer tipo de moderação, não nos parece a postura adequada de quem busca uma sociedade mais inclusiva, justa e democrática.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações*. In. KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulheres em Campo: Gênero no Jornalismo Esportivo Brasileiro**. Curitiba: Appris, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 10 dez. 2023.

COPA Feminina 2023 bate recordes de público, audiência e gols; veja os números. **Band.com.br**, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticias/copa-feminina-2023-bate-recordes-de-publico-audiencia-e-gols-veja-os-numeros-16626304>. Acesso em: 21 ago. 2023.

ELIMINAÇÃO na fase de grupos é a pior campanha da seleção em Copas do Mundo em 28 anos. **O Globo**, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/08/02/eliminacao-na-fase-de-grupos-e-a-pior-campanha-da-selecao-em-copas-do-mundo-em-28-anos.ghtml>. Acesso em: 2 ago. 2023.

FACEBOOK perde terreno entre os usuários da geração Z. **Insper**, 16 ago. 2022. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/facebook-perde-terreno-entre-os-usuarios-da-geracao-z/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

FIFA apresenta medidas para o futebol feminino e quer mais times na Copa. **Lance!**, 5 jul. 2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/mundial-feminino-19/fifa-apresenta-medidas-para-futebol-feminino-quer-mais-times-copa.html>. Acesso em: 1 dez 2023.

FIFA distribuirá prêmios recordes para mulheres na Copa, mas igualdade com homens segue distante. **Uol**, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2023/07/20/fifa-distribuira-premios-recordes-para-mulheres-na-copa-mas-igualdade-com-homens-segue-distante.htm>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GLOBO apresenta cobertura da Copa do Mundo Feminina 2023. **GE**, 11 jul. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/11/globo-apresenta-cobertura-da-copa-do-mundo-feminina-2023.ghtml>. Acesso em: 2 ago. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./ jun., 2005.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatório**, v. 14, n. 4, p. 42- 62, 2020.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; KNIJNIK, J. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil**: emancipação, resistências e Equidade. Recife: Ed. UFPE, 2022. p. 118-235.

KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria (RS): UFSM, 2022.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Cecília; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto (Orgs). **Elas e o Futebol.** João Pessoa: Editora Xerocal!, 2019.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2005.

ONDE assistir aos jogos da Copa do Mundo Feminina 2023. **Máquina do Esporte**, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://maquinadoesporte.com.br/copa-mundo-feminina-2023/onde-assistir-aos-jogos-da-copa-do-mundo-feminina-2023/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PALMEIRA, Carlos. Fim do Twitter: rede social muda de nome e agora se chama 'X'. **Tecmundo**, 23 jul. 2023. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/266726-fim-twitter-rede-social-muda-nome-chama-x.htm>. Acesso em: 21 ago. 2023.

RECUERO, Raquel. Discutindo Análise de Conteúdo como Método: o #DiadaConsciênciaNegra no Twitter. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 289-309, 2015. DOI: 10.20396/cel.v56i2.8641480. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641480>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ROMANINI, Vinicius. Tudo azul no universo das redes. **Revista USP**, n. 92, p. 58-73, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i92p58-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34884>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SOBRE o ge. **ge.globo.com**, 2 set. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/institucional/paginas/sobre-o-ge.ghtml>. Acesso em: 1 dez 2023.

Recebido em: 01 fev. 2024
Aprovado em: 15 mar. 2024

CHEER
UM DOCUMENTÁRIO MEMORIALÍSTICO PARA PENSAR AS RELAÇÕES
DE PODER E GÊNERO NO ESPORTE

CHEER
A MEMORIALISTIC DOCUMENTARY TO THINK ABOUT POWER AND GENDER
RELATIONS IN SPORT

Viviane da Silva ¹

Resumo

O artigo analisa como se dão as disputas de memória acerca dos relatos presentes nas introduções das duas temporadas da série documental *Cheer*, lançada em 2020 pela Netflix, abordando questões de gênero e relações de poder presentes no esporte. Compreendemos que a atração se configura como um produto memorialístico e, por esse motivo, a análise do material é feita com base nos relatos de memória presentes na produção. São acionados conceitos como memória, lugar de memória e disputas de memórias, além de acionar discussão sobre gênero e relações de poder para a análise discursiva dos relatos presentes nas duas temporadas. A partir disso, identificamos pela análise de conteúdo e análise da materialidade audiovisual as disputas de sentidos, as controvérsias e os atravessamentos de outras memórias que extrapolam o roteiro, possibilitando uma arena de novas disputas acerca da memória sobre *cheerleading* e a série.

Palavras-chave

Cheerleading; produtos memorialísticos; gênero; relações de poder.

Abstract

The article aims to analyze how memory disputes unfold regarding the accounts presented in the introductions of the two seasons of the documentary series *Cheer*, released in 2020 by Netflix. It delves into issues of gender and power relations within the context of sports. We understand that the series functions as a memorial product, and therefore, the analysis is based on the memory narratives present in the production. Concepts such as memory, sites of memory, and memory disputes are invoked, alongside discussions on gender and power relations, to conduct a discursive analysis of the narratives across both seasons. Through content analysis and examination of audiovisual materiality, we identify clashes of meaning, controversies, and intersections with other memories that go beyond the scripted content, creating a space for new debates about the memory surrounding cheerleading and the series.

Keywords

Cheerleading; memorial products; gender; power relations.

¹ Mestre em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), silvaviviane.1995@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0009-5420-8724>, <https://lattes.cnpq.br/4198652651408807>.

Introdução

O *Cheerleading* é um esporte de origem estadunidense, que remonta ao século XVIII. Em sua origem, era praticado exclusivamente por homens, inclusive Franklin D. Roosevelt, 32º presidente dos Estados Unidos, foi líder de torcida na turma de 1903 da faculdade. Segundo Hanson (1995), o esporte começou como uma cultura desportiva universitária e, com o passar do tempo, tornou-se altamente estruturado. A imagem acerca do *cheerleading* também mudou; antes, o esporte era visto como um lugar de habilidade masculina e passou a ser visto como trivial, que enfatiza os corpos das mulheres, além de não exigir habilidades e grandes acrobacias (Hanson, 1995, p. 4). Ainda que o esporte seja misto, é visto, essencialmente, como feminino.

Apesar da grande quantidade de competições pelo mundo, de ter sido reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional como oficialmente esporte em 2016 e contar com 16 mil participantes na União Internacional de *Cheerleaders*, conforme noticiado pelo site do *Globo Esporte*², o *cheerleading* ainda permanece no imaginário coletivo como um esporte secundário, à sombra de outros como o basquete e o futebol americano, e muito atrelado à imagem hollywoodiana da superficialidade e da popularidade apresentadas nos filmes.

É nesse contexto que foi lançada, em 2020, uma série documental intitulada como *Cheer*, produção exclusiva da plataforma de streaming *Netflix*, que busca mostrar a realidade do esporte de *cheerleading*. A série exibe os treinos intensos de equipes para competição de nível universitário *National Cheer Game*, realizada todos os anos em Daytona Beach – Flórida/EUA.

A produção possui duas temporadas com características diferentes. A primeira acompanha a rotina da equipe da Universidade Navarro, localizada em Corsicana, Texas/EUA, que é comandada pela treinadora Monica Aldama. A segunda temporada divide as atenções para acompanhar também a equipe rival da Faculdade Trinity Valley, localizada em Atenas, no Condado de Henderson/EUA, e comandada pelo treinador Vontae Johnson.

O documentário conta com estratégias diversas para construir uma narrativa acerca do *cheerleading*: além das filmagens dos treinos e entrevistas com os participantes, aprofunda-se nas relações e vidas pessoais, utilizando-se, muitas vezes, de relatos de memória da vida dos treinadores principais e narrativas pessoais de alguns integrantes. Essas táticas utilizadas no documentário o configuram como um produto memorialístico. Ele coordena memórias individuais e coletivas para compor uma memória sobre o *cheerleading*. Essas memórias, evidentemente, estão em um terreno de disputas, ao compreendemos as discussões de Pollak (1992), pois existe um imaginário sobre o que é o esporte e a vontade dos atletas em provar as habilidades e o nível de dificuldade do *cheerleading*.

Cheer é uma obra que pode ser analisada como um produto memorialístico a fim de compreender como certos temas são abordados e como se dão as disputas de

² Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/12/rumo-olimpiada-uniao-internacional-de-cheerleaders-e-incorporada-ao-coi.html>. Acesso em: 7 jul. 2023.

sentido acerca dos relatos de memória presentes na produção. Por esse motivo, buscamos investigar, neste artigo, como se dão as relações de gênero e de poder na série. O objetivo principal dos relatos de memória presentes é firmar uma memória coletiva sobre o *cheerleading* enquanto esporte.

Para construir a análise, nosso artigo é dividido em quatro tópicos: 1. Um produto memorialístico chamado *Cheer*, ao qual acionamos as discussões de Halbwachs (1990) sobre memória, Nora (1993) sobre lugares de memória e Pollak (1992) sobre disputas de sentidos acerca da memória e identidade, para compreender nosso objeto enquanto produto memorialístico, que se configura como lugar de memória para os personagens da série; 2. As relações de gênero e as relações de poder no *cheerleading*, acionamos as reflexões de Scott (1995) sobre a definição de gênero e Mühlen e Goellner (2012) e Toffoletti (2016) para discutirmos como as representações de feminilidade aparecem na série e Santos (1995) sobre o *cheerleading* e as relações de poder e a violência escondidas no esporte, que acomete, principalmente, mulheres e menores de idade; 3. Escolhas metodológicas e apontamentos da análise, em que abordamos nosso recorte e caminhos metodológicos para análise do objeto e apresentamos os resultados obtidos; 4. Conclusões finais, nas quais fazemos nossas observações sobre a série, com base nas discussões de gênero e poder, compreendendo como as disputas de sentido atravessam os relatos de memória presentes em *Cheer*.

Um produto memorialístico chamado *Cheer*

Cheer é uma produção que constrói um documentário com base em memórias individuais e coletivas sobre o *cheerleading* e, especificamente, sobre a rotina de duas equipes que buscam competir a nível universitário. Partimos do entendimento de que as memórias individuais, segundo Halbwachs (1990), são pontos de vista de uma memória coletiva, inserida em um contexto de um grupo. As lembranças dos sujeitos participantes dessa memória coletiva são preenchidas pela vida social, pelo contexto e pelas experiências partilhadas.

Desse modo, Halbwachs entende que a memória apenas permanece viva na presença de pontos de contato dos grupos que partilham dessa consciência coletiva. As memórias individuais dos personagens de *Cheer* são pontos de vista de uma memória coletiva acerca do contexto em que vivem as equipes de *cheerleading* e do esporte, de uma forma geral.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (Halbwachs, 1990, p. 34).

Apesar das definições clássicas trazidas por Halbwachs serem fundamentais para nos ajudar a situar o que é a memória e de que memória coletiva estamos falando,

ressaltamos críticas feitas ao sociólogo sob o aspecto de que ele não chegou a tratar, em suas reflexões, sobre as tensões sociais e disputas de sentido que ocorrem acerca da memória coletiva.

Como criticado por autores como Pollak (1992), as memórias estão suscetíveis às disputas pelos sujeitos e coletivos. Nessa arena de disputas, surgem agenciamentos das memórias que podem buscar, por exemplo, a instituição de lugares de memória, descrito por Nora (1993) como lugares simbólicos que servem para proteger as memórias.

A série, ao trazer relatos de memórias de indivíduos pertencentes ao grupo específico, pode ser entendida como agenciamento, em relação aos personagens que são apresentados e pelos relatos que são transformados em narrativas testemunhais do roteiro. Os lugares de memória, segundo Pierre Nora (1993), são objetos, lugares ou acontecimentos revestidos de aura simbólica, de rastros de memórias dos quais os sujeitos buscam conservar lembranças, com medo de que elas se percam. Essa situação, de acordo com Nora (1993), ocorre pela força destruidora da história, mas também pela globalização, que permitiu aos indivíduos registrarem massivamente os acontecimentos vividos.

Esses lugares de memória precisam conter um chamado à lembrança e abarcar uma função. No caso do documentário *Cheer*, a maneira como as lembranças dos integrantes são acionadas e como eles se envolvem no processo dão um caráter simbólico à produção. A série está em um jogo de memórias e história, tentando cristalizar uma lembrança e uma vivência de poucos que buscam falar da vivência de muitos, se considerarmos as definições de Pierre Nora (1993, p. 22).

Halbwachs (1990) também discute a importância dos lugares na produção das memórias coletivas, os sujeitos acionam suas lembranças em uma relação muito próxima de onde elas ocorrem, nossas vivências acontecem em meio a contextos e lugares que frequentamos. A respeito disso:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se ficar, para que apareça esta ou aquela categoria de lembranças (Halbwachs, 1990, p. 143).

As memórias não estão alocadas em um lugar estático, não estão definidas, pois participam continuamente de disputas de sentidos nos campos individuais e coletivos, de sujeitos e grupos que pretendem criar uma memória oficial. Pollak (1992), ao falar sobre as disputas da memória e da criação de uma identidade, defende que a memória “é um fenômeno construído” (Pollak, 1992, p. 4), sendo um trabalho de organização de

memórias dos sujeitos e grupos aos quais eles participam e de memórias herdadas pelo sentimento de identidade, como no caso do *cheerleading*, em que as equipes apresentadas pelo documentário estão inseridas no contexto do esporte.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros (Pollak, 1992, p. 5).

Quando Pollak aborda a construção da identidade, ele entende que uma das características essenciais é a unidade física, que são as fronteiras de pertencimento a um grupo, também importantes para constituição da memória (Pollak, 1992, p. 4-5). A faculdade à qual a equipe de *cheerleading* está vinculada é fundamental para constituição de uma identidade para os sujeitos que dela participam. É aquela instituição que esses alunos e treinadores representam e, de certo modo, defendem.

Isso é essencial, pois, assim, compreendemos que as memórias acionadas em torno do *cheerleading* em *Cheer* estão relacionadas às identidades locais desses grupos. A série deixa bem visível o quanto a equipe está acima, muitas vezes, até da saúde física dos integrantes, eles estão unidos para um só propósito e seus relatos de memória acompanham esse sentimento.

As relações de gênero e as relações de poder no cheerleading

O roteiro de *Cheer* reflete um aspecto interessante sobre o esporte *cheerleading*: um espaço considerado, essencialmente, feminino, mesmo que seja uma modalidade a qual abarca homens e mulheres. Essa característica marcante do esporte está ligada às mudanças ocorridas desde sua criação, como descritas por Hanson (1995), de um esporte que deixa de pertencer aos homens para se tornar um espaço feminino.

Essa virada na forma do esporte acontecer ocasionou uma mudança no tocante à posição dos homens que voltam a praticar o esporte: o preconceito e a discriminação. Percebemos isso nos relatos dos personagens de *Cheer* Jerry Harris e La'Darius Marshall, que relatam o preconceito sofrido por performarem coreografias de dança, que são tidas como femininas (Netflix, 2020).

Quando falamos sobre as funções desempenhadas por homens e mulheres, comumente encontramos diversas discussões sobre os papéis de gênero. Segundo Scott (1995), os estudos sobre sexo e sexualidade utilizam a palavra “gênero” para distinguir as práticas sexuais dos papéis que são separados para homens e mulheres.

Entre as discussões sobre gênero, Scott (1995) debate, de forma geral, que as feministas contemporâneas incorporaram a palavra com a intenção de enfatizar a ausência de teorias que demonstram as desigualdades persistentes entre os sexos. A autora entende que gênero é como algo constitutivo das relações sociais alocadas nas

diferenças entre os sexos e está ligada, primariamente, às relações de poder (Scott, 1995, p. 11-13).

A atual posição do *cheerleading* proporciona uma reflexão sobre como o esporte não é visto como uma modalidade de risco e performance física, para ser visto como algo social que promove a manutenção do sentimento patriota de quem acompanha as competições de esportes como futebol americano e basquete. Além disso, a atenção é deslocada para os corpos que performam. Hanson (1995) menciona, em seu livro, os padrões estéticos que foram incorporados ao longo do tempo no esporte e exemplifica que uma das cobranças para ser uma líder de torcida era o cabelo loiro, sendo natural ou falsificado, o que remete aos estereótipos e às cobranças comuns às mulheres na vivência com a aparência no esporte.

O corpo, nas mudanças do *cheerleading*, ganha foco no tocante à performance de acrobacias mais ousadas, o que exige das atletas mulheres muito mais do que a graciosidade descrita por Hanson (1995). No entanto, o ideal feminino de corpo esbarra na limitação de não ser musculoso demais. Como dito por Adelman (2003), “novos padrões que desembocam na atual ênfase no fitness [...] O corpo feminino ‘ideal’ é magro e firme, embora não ‘musculoso demais’” (Adelman, 2003, p. 448).

Mühlen e Goellner (2012) falam sobre a importância da feminilidade em algumas modalidades, como vôlei, e discutem acerca das atletas usam roupas coladas, assim como ocorre no *cheerleading*. Isso não aconteceria em todos os esportes, pois, segundo as pesquisas, o corpo da mulher de modalidades que não apresenta fragilidade, delicadeza e beleza acaba por ser silenciado.

O *cheerleading* é um esporte que permite a manutenção de um corpo pouco musculoso e, consequentemente, promove a conservação desses estereótipos. Segundo Hanson (1995), a cultura do *cheerleading* é sobre ser um lugar que representa a nação, um elemento fundamental da cultura americana, que se traduziria na maneira como esses atletas performam: sorrindo e mostrando leveza, mas que para mulheres é adicionado o fator da beleza e graciosidade.

Essas características de valores do serviço à comunidade e ao patriotismo que são pregadas para o esporte não dão conta de conter outro aspecto do esporte: as violências que não estão apenas ligadas às diferenças entre homens e mulheres, mas também às posições de poder que colocam em vulnerabilidade os atletas mais jovens. A primeira temporada de *Cheer* conseguiu fechar um roteiro narrativo de sucesso, que conquistou o público. No entanto, todo sucesso e boa fama que estavam recebendo foram ofuscados por um escândalo envolvendo um dos integrantes (Uol, 2021), o *cheerleader* Jerry Harris, que foi acusado e sentenciado à prisão pelo crime de abuso de menores e de pedofilia³.

A equipe da Faculdade Navarro, logo após o lançamento da série, foi convidada a participar de diversas campanhas publicitárias e entrevistas, como no programa da Ellen DeGeneres, apresentadora americana que comanda o programa *The Ellen DeGeneres*

3 Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/02/06/famosos-por-serie-da-netflix-atores-sao-presos-por-abuso-de-menores.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2023

Show (Rearick, 2020). Nessa mesma atração, a modelo Kendall Jenner, famosa mundialmente, foi convidada a receber um treino especial com a equipe da Faculdade Navarro, tendo até usado o uniforme da equipe, e o *cheerleader* Jerry Harris entrevistou famosos no tapete vermelho do Oscar pelo mesmo programa⁴. Além disso, a treinadora Monica Aldama recebeu um convite para participar do programa de competições de dança *Dancing with the Stars*.

A notícia sobre a denúncia de abuso de menores e pedofilia teve grande repercussão pela própria posição que o integrante Jerry ocupava no time: o queridinho da série, por sua animação e espírito de equipe. Sua imagem também era muito atrelada à superação, Harris foi um dos integrantes que teve sua vida pessoal relatada na primeira temporada, todo o contexto de sua história e atuação nos treinos o impulsionaram como uma referência.

Segundo Silva e Rubio (2003), a superação é uma característica comum nos depoimentos de atletas, o esporte é um mecanismo que retira sujeitos da condição de vulnerabilidade e, por esse motivo, ficam marcados nos relatos. Essa imagem de superação não é nenhuma novidade na temática esportiva, mas a série consegue transmitir outros sentimentos além da superação, como a incerteza sobre o futuro desses jovens, principalmente, pelos desfechos programados ou não da produção documental.

Esse contexto de crime em *Cheer* promove uma ruptura do objetivo da série e escancara outro lado do esporte, que não é apenas um acontecimento do *cheerleading*, mas de muitas outras modalidades: as violências cometidas contra mulheres e menores e que, muitas vezes, estão em um contexto de vulnerabilidade pelas relações de poder. Quando buscamos informações sobre a série, são notícias sobre os crimes e desdobramentos que aparecem majoritariamente. O jornal online *The Dallas Morning News* publicou uma matéria⁵, em abril de 2023, para apresentar as controvérsias em torno de *Cheer*. É uma mudança significativa do lugar que a série passa a ocupar no imaginário coletivo, ainda mais quando novos relatos de outras violências vão sendo descobertos e publicados.

Segundo matéria da CNN (Rosenbloom, 2023), publicada em abril de 2023, a treinadora Monica Aldama foi acusada por uma ex-integrante da equipe de tentar manter em segredo denúncias de crime sexual. A ex-membro entrou com ação federal contra a treinadora, alegando que ela tentou desencorajá-la a formalizar a denúncia. Ainda de acordo com a jovem, violências como essas e outras são cometidas por veteranos da equipe de Navarro. Esse novo contexto da série abre diversas reflexões que extrapolam o *cheerleading*.

A modalidade esportiva ginástica artística, por exemplo, é marcada pela quantidade inimaginável de abusos sexuais nos últimos anos. Matéria do *Globo Esportes* (Assis, 2018), descreve que um médico da seleção de ginástica americana, Larry Nassar, foi acusado, em 2011, de ter molestado mais de 300 ginastas e, no Brasil, uma investigação apontou que 42 ginastas confirmaram ter sido vítimas pelo técnico Fernando de Carva-

4 Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/kendall-jenner-cheer-ellen>. Acesso em: 7 jul. 2023.

5 Disponível em: <https://www.dallasnews.com/news/texas/2023/04/28/a-look-at-how-the-netflix-series-cheer-and-its-many-controversies-unfolded/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

Iho Lopes⁶. O que esses crimes têm em comum são as posições, sempre ocupadas por treinadores e outros profissionais, de um lugar de poder.

Os crimes envolvendo os três atletas da equipe da Faculdade de Navarro e a treinadora, somados a tantos outros relatos no esporte, trazem à tona como a falta de um debate público sobre as relações de poder no esporte contribuem para a manutenção de violências e vulnerabilidades. Santos (1995) conceitua a violência como um dispositivo de poder, pois “exerce uma relação específica com o outro, mediante o uso da força e da coerção [...] um dispositivo, que produz dano social, ou seja, uma relação que atinge o outro com algum tipo de dano”.

O poder sozinho pressupõe uma possibilidade de negociação, mas, quando aliado à violência, chega a outras dimensões, sendo precedida sempre por uma violência simbólica (Santos, 1995, p. 290). O poder e as posições ocupadas pelos integrantes da equipe de Navarro que cometem os crimes, provavelmente, foram empregadas como uma arma importante por eles. Entendemos isso pelos próprios relatos dados pela ex-integrante e pelas vítimas de Jerry.

As discussões sobre violência e poder, feitas por Lourenço (2003), também nos ajudam a compreender como essas questões estão presentes no esporte, principalmente, sobre a acusação feita contra a treinadora Monica Aldama. Para Lourenço (2003), a Revolução Industrial teve um importante papel para que o esporte ganhasse outras dimensões e que as explorações e violências advindas desse período mudassem o alicerce do esporte. O contexto político e social, além dos contornos econômicos, molda essa vontade de vencer acima de outras características do esporte, a competitividade advinda da globalização elevou o esporte de modo que não há espaço para amadorismo (Lourenço, 2003, p. 147).

Esse amadorismo é, muitas vezes, ocupado por posturas de vale de tudo, desde que se atinja o resultado, que é vencer. Podemos observar isso em alguns momentos da série sobre a conduta dos treinadores com os integrantes, que os forçam em treinos exaustivos, não respeitando o corpo e as limitações. Além disso, o relato sobre a atitude de Monica Aldama em querer manter os atletas em silêncio para proteger o time, a qualquer custo, mostra uma tentativa de não prejudicar a imagem do time e nem das competições. As motivações podem ter naturezas diversas, como no caso das outras acusações de abuso, mas o estrago físico, mental e emocional causados por essas repetidas violências, das mais diversas formas, são igualmente irreparáveis.

As vítimas de Jerry, ao trazerem seus testemunhos na segunda temporada, falam sobre o medo de contar à mãe sobre as violências que sofreram, pois temiam que ela denunciasse e que, com isso, recebessem hostilidade dos amigos da equipe de *cheer-leading* e de outras pessoas, por conta da fama e status que Jerry ocupava (Netflix, 2020). O poder do *cheerleader* tinha grande impacto na maneira como as vítimas lidavam com a situação. A mãe, Kristen, relata que os filhos não queriam denunciar porque eles não gostariam de ser as pessoas que teriam denunciado Jerry, que estariam, de algum modo

⁶ Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica>. Acesso em: 7 jul. 2023.

prejudicando a imagem do *cheerleading*, que havia feito coisas boas para essa imagem (Netflix, 2020).

As pressões do esporte também provocaram nos atletas um medo de seguir adiante com as denúncias, só depois de um tempo considerável e a rede de apoio que conseguiram, o que também manteve uma série de situações traumáticas. Segundo eles, foi arrancado o senso de comunidade, pela reação negativa e de descrédito que muitos colegas receberam a notícia da acusação.

As instituições *Cheer Athletics Plano*, ginásio em que Jerry treinava, e a Federação do All Star dos Estados Unidos não responderam às denúncias da mãe das vítimas, o que configura como uma participação dessas entidades na manutenção das violências sofridas. Foram necessários outros caminhos para que houvesse suporte às vítimas. Esses relatos mostram o quanto essas organizações esportivas lidam mal com a violência. A Federação do All Star dos Estados Unidos acumula outras denúncias de crimes que não foram devidamente tratadas e reportadas formalmente à polícia, conforme depoimento dado no próprio documentário por duas repórteres investigativas: Tricia Nadolny e Marisa Kwiatkowski, que fizeram uma reportagem sobre o caso do médico Larry Nassar, condenado por abuso de menores.

Os relatos que apareceram ao longo da segunda temporada escancaram as violências, muitas vezes silenciosas, que os atletas desses esportes vêm sofrendo e como as relações de poder entre veteranos, treinadores e instituições promovem a manutenção e endossamento dessas violências. Além disso, esses relatos memorialísticos mostram como o agenciamento de memórias é permeado por conflitos e disputas, que, muitas vezes, não podem ser excluídas do processo de construção de uma memória oficial. As violências descritas confrontam a produção memorialística da primeira temporada de *Cheer*, que a popularizou positivamente, como nos EUA e nos países em que a *Netflix* opera.

Escolhas metodológicas e apontamos da análise

Pela natureza do documentário e o volume de entrevistas, optamos por apresentar análise das introduções do primeiro episódio de abertura das duas temporadas, de modo a realizar um comparativo de abordagens, decorrentes dos acontecimentos após o lançamento da primeira temporada (acusações de abuso e pedofilia). A justificativa principal é que a introdução de uma série é parte importante que conduz o espectador a compreender o conteúdo daquela produção e as principais abordagens, é como um resumo do que se espera dessas produções.

Para realizar essa análise, optamos por uma metodologia de pesquisa que nos ajudasse a identificar quais são os pontos de contato desses relatos que constroem uma memória coletiva sobre o *cheerleading*. A análise de conteúdo, segundo Martino (2018), é uma metodologia que permite olhar para o texto identificando o que está menos óbvio, buscando compreender os significados das mensagens. No entanto, a natureza de um documentário nos exige, também, compreender para além do texto (as

falas dos entrevistados) e observar outros elementos tão importantes quanto, que são: o conteúdo sonoro, as imagens capturadas e editadas, as mudanças de frames e os enquadramentos.

Todos os aspectos audiovisuais presentes em *Cheer* podem ser observados por meio da complementação da metodologia conforme as discussões metodológicas de Emerim, Coutinho e Finger (2023), que adotam a análise da materialidade audiovisual, utilizando fichas de leitura, produzidas a partir de eixos e itens/categorias de avaliação. Essa metodologia, defendida por Emerim, Coutinho e Finger, emprega a análise de conteúdo como parte importante para compreensão das vozes de um material audiovisual.

Importante destacar que as duas temporadas foram assistidas em sua totalidade duas vezes para que a análise da introdução recuperasse elementos de destaque ao longo da produção. Foram identificadas em nossa análise inicial o tempo de introdução de quatro minutos para o episódio “1 – Deus abençoou o Texas”, da primeira temporada, e três minutos e vinte segundos para o episódio “1 – Todo mundo tem esperança”, da segunda temporada.

A partir disso, foi feita uma transcrição das falas dos entrevistados, que foram classificadas segundo as posições que cada um deles ocupa no time e/ou na faculdade de Navarro. Desse modo, foi possível identificar que, na primeira temporada, a introdução contou com oito falas, sendo que cinco eram de líderes de torcida da equipe e três de treinadores e assistentes. Já a segunda temporada teve apenas duas falas da treinadora Monica Aldama, que ocuparam toda a introdução.

Tabela 1 – Categorias de entrevistados

Código	Categoria	1ª Temporada		2ª Temporada	
		Entrevistados	Quantidade de falas	Entrevistados	Quantidade de falas
1	Líderes de torcida da equipe	Gabi Butler	1	-	0
		Morgan Simianer	1		
		Lexi Brumback	1		
		La'Darius Marshall	1		
		Jerry Harris	1		
2	Treinadores/ assistentes	Monica Aldama	1	Monica Aldama	2
		Billy Smith	1		
		Andy Cosferent	1		

Fonte: Elaborada pela autora

Com base nos resultados obtidos na primeira observação dos materiais, criamos um quadro de análise com quatro eixos avaliativos e, em cada um deles, com perguntas que fizemos aos nossos objetos. No primeiro eixo nomeado como “Personagens: que lugar eles ocupam na série?”, elaboramos a pergunta “Quem são os personagens de *Cheer* e quais são suas posições no time?”, para compreender quem são entrevistados e que posições ocupam na série e na equipe. Já no segundo eixo nomeado como “As memórias acionadas”, criamos as perguntas “Qual a imagem predominante desses sujeitos com o esporte? E com o time?”, “Qual a predominância de relatos de memória:

positivos ou negativos?" e "Identifica-se críticas à organização do time?", a fim de analisar como os entrevistados apresentam suas perspectivas sobre o esporte e o time de Navarro. No terceiro eixo "Fotografias e vídeo", desenvolvemos a pergunta "Quais são as imagens que compõem as entrevistas?", buscando identificar as intencionalidades na composição das imagens em relação aos relatos. Por fim, o último eixo "Gênero e violência, o esporte e suas fragilidades", temos as perguntas "Observa-se relatos de violências sofridas pelos entrevistados ou observadas por eles?" e "Observa-se relatos sobre feminilidade, estereótipos e objetificação do corpo?", com o objetivo de evocar reflexões sobre como os relatos falam sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres nos times e como eles expressam essas questões, além da aparição de elementos que indiquem pressões do esporte e violências ligadas à manutenção do poder.

Tabela 2 – Quadro de análise

Eixos avaliativos	Perguntas
Personagens: que lugar eles ocupam na série?	Quem são os personagens de <i>Cheer</i> e quais são suas posições no time?
As memórias acionadas	Qual a imagem predominante desses sujeitos com o esporte? E com o time? Qual a predominância de relatos de memória: positivos ou negativos? Identificam-se críticas à organização do time?
Fotografias e vídeo	Quais são as imagens que compõem as entrevistas?
Gênero e violência, o esporte e suas fragilidades	Observam-se relatos de violências sofridas pelos entrevistados ou observadas por eles? Observam-se relatos sobre feminilidade, estereótipos e objetificação do corpo?

Fonte: Elaborada pela autora

Ao responder às perguntas elaboradas no nosso quadro de análise, observamos que a proposta de *Cheer* é reafirmar o *cheerleading* como esporte. Assim, é natural que apareçam elementos comuns ao universo do esporte, como a imagem predominante de superação. Por esse motivo, na introdução da primeira temporada, os relatos dos líderes de torcida, alunos da Universidade Navarro, mencionam seu passado complicado e que o esporte foi um caminho para superação de dificuldades, como é o caso de Lexi Brumback, que diz "Eu nem teria chegado aqui, provavelmente, estaria na cadeia." (Netflix, 2020). A treinadora Monica reforça esse aspecto do time, de pessoas que vêm de contextos difíceis, ao declarar que "Há muitos jovens de família desestruturada ou passados complicados. Às vezes, chegam até mim por este motivo. Eles me conhecem e sabem que eu posso ser um bom modelo e alguém que poderia guiá-los de volta ao bom caminho" (Netflix, 2020).

Além do aspecto da superação, discutido por Silva e Rubio (2003) como algo comum ao esporte, percebemos a importância da identidade do grupo e a performance, a complexidade e a disciplina dos atletas. Esses elementos aparecem no relato de Andy Conserent, assistente de Monica Aldama, ao falar sobre o elo entre os integrantes do time e o quanto é fundamental para a execução das séries.

A introdução reforça a dificuldade das performances por meio de imagens gravadas dos treinos, com integrantes da equipe tentando executar movimentos complexos e que mostram que todo esse trabalho ocasiona sérias lesões corporais e que, mesmo em situações de dor, os atletas optam por continuar nos treinos em respeito às rotinas e aos compromissos firmados. São todas características que buscam afastar uma memória indesejada sobre o *cheerleading*: a superficialidade e a imagem de fragilidade.

Esse lugar de memória que vai se constituindo a partir dos relatos memorialísticos sobre o esporte e os treinos são atravessados pela discussão dos estereótipos que o *cheerleading* adquiriu no contexto dos Estados Unidos. O documentário já inicia com Morgan Simianer, líder de torcida e membro da *Navarro Cheerleader*, afirmando que “Tem muitos estereótipos no *cheerleading*. As pessoas acham que somos... loiras burras. Acham que somos animadoras. ‘Vamos time!’ Coisas assim, mas nosso corpo sente muita... dor” (Netflix, 2020). Percebemos que existe uma vontade de deslocar as características que, normalmente, são atribuídas às mulheres no esporte.

Em uma cena específica da primeira temporada de *Cheer*, na qual as integrantes estão se arrumando e falando sobre um penteado, que é como rito da equipe, e muitas reclamam não gostar de fazê-lo para as competições, então, algumas mulheres e homens defendem o uso do penteado e falam que a vestimenta escolhida representa a força da mulher (Netflix, 2020). Identificamos um atravessamento de sentidos acerca do que é o papel da mulher e também das ressignificações do feminino no esporte. Kim Toffoletti (2016), ao abordar a ambiguidade da representação do feminino, discute como existe uma representação da força e da sensualidade, mas que, no final das contas, as mulheres permanecem sendo objetificadas.

Shorts curtos e apertados e *bodys* cobertos de glitter, maquiagem carregada e cabelos com penteados são códigos de vestimenta comuns ao esporte para as mulheres, mas que não condizem com a complexidade de movimentos e acrobacias exigidos. O código de vestimenta é controverso em relação às roupas confortáveis utilizadas pelos homens. Por outro lado, as performances de dança não são bem vistas para os homens da equipe, como observado em alguns relatos de La'Darius Marshall, líder de torcida, sobre os preconceitos que sofreu ao decidir sair do futebol e entrar no *cheerleading* (Netflix, 2020).

De modo geral, a série documental permanece em um conflito sobre as questões de gênero, pois ao passo que tenta superar uma visão superficial do esporte e mostrar que não é apenas uma atividade de meninas malvadas, ratifica cobranças estéticas e padrões para atletas se encaixarem no esporte. A memória coletiva buscada sobre essas questões subsiste em um conflito, diante das memórias e sentidos que são acionados pela série.

Apesar de mostrar as mudanças positivas no *cheerleading*, com as competições que valorizam acrobacias complexas e com equipes cada vez mais mistas, percebemos que mulheres e homens continuam suscetíveis aos padrões impostos, sendo que as mulheres seguem com um nível maior de cobrança e desconforto. Elas precisam se esforçar ainda mais para provarem seu valor enquanto atletas de alta performance.

Existe uma conjugação de passado, presente e futuro na série, principalmente, quando é atravessada por acontecimentos fora do roteiro na segunda temporada. A prisão de Jerry e as acusações de outros dois integrantes da equipe são acontecimentos que atravessam os relatos de memória e vão para um novo campo dos conflitos sociais. A memória de um grupo não é estática e estável porque pode sempre ser perpassada por conflitos, como discutido por Pollak (1992), ou seja, a memória acerca da primeira temporada, em relação à equipe, foi perturbada por esses crimes. Na segunda temporada, as situações de violência dentro do esporte ficam muito mais em evidência, mesmo com a ampla aceitação e repercussão que a série tinha ganhado, principalmente nos EUA.

Esse contexto se apresenta com a mudança drástica de introdução da segunda temporada: focada totalmente em Monica Aldama e sua melancolia em relação aos acontecimentos. No entanto, a fala da treinadora fica muito centrada em sua experiência pessoal com os acontecimentos, ela menciona sobre “o ódio, a negatividade, terem usado as manchetes para manchar as coisas pelas quais você trabalha... Tem sido difícil. Muito difícil”. Apesar de a segunda temporada abrir espaço para relato das vítimas e apresentar as manchetes sobre o ocorrido, a introdução parece desviar a gravidade do ocorrido para o quanto a treinadora se sente prejudicada.

Reforçamos que Monica também sofreu acusações sobre omissões de violências e tentativas de silenciamento após recebimento de denúncias de integrantes do time. A introdução da série traz um enfoque muito grande no rosto da treinadora, que fala sem olhar diretamente para câmera, como se estivesse fazendo uma reflexão interna sobre os acontecimentos, com fundo musical que provoca tensão e a câmera sempre focada na expressão da treinadora.

No entanto, a posição dela na cadeira em que está sentada demonstra relaxamento, com os pés na mesa, a cena parece se opor à possibilidade de um pronunciamento oficial do ocorrido, que se espera de alguém que ocupe a posição da treinadora. É o que Santos (1995) menciona da violência como dispositivo de poder, fato reiterado nos discursos que não buscam escancarar situações como as sofridas por crianças e adolescentes nas equipes de *cheerleading*.

Sob o ponto de vista da memória, quando acionamos Pollak (1992), refletimos sobre como a natureza conflituosa no agenciamento de memórias pode ser observada em Cheer. A introdução da segunda temporada já nos revela como os relatos de memória são postos de modo a construir uma narrativa com objetivos específicos. A escolha de pôr Monica Aldama como uma das vítimas, que traz seu relato triste sobre as emoções dos últimos acontecimentos escancara o quanto produções memorialísticas podem agenciar memórias em detrimento de outras e, nesse caso, provocar distorções nos relatos de determinados grupos, que não fazem parte daquilo que entendemos como jogo de poder no esporte.

O contexto em que as duas temporadas foram lançadas influenciaram no modo como os primeiros episódios e suas introduções foram produzidos. Se a primeira temporada demonstra como vai trazer a rotina dos alunos e seu esforço de superação do

contexto de vida e do nível de dificuldade do esporte; a segunda temporada é construída expondo, a contragosto, o lado sombrio do esporte, mas sem perder de vista o interesse na manutenção da imagem de Monica Aldama, a treinadora principal da série, que ofusca a participação da Faculdade Trinity Valley, pelo treinador Vontae Johnson.

Essas motivações explicariam o modo como são apresentados os relatos iniciais, o jogo de câmera, com enfoque no rosto dos participantes, as escolhas das cenas que mostram os treinamentos e as competições oficiais e o relato de Monica, muito focado em suas emoções. Tudo isso com fundos musicais que expressam tensão, euforia e seriedade. Os relatos de memória são agenciados com outros elementos para construir uma narrativa sobre o esporte e os acontecimentos que envolvem a Universidade Navarro.

Considerações Finais

De modo geral, *Cheer* mostra-se uma série robusta em termos de material de análise sobre um produto memorialístico. Ela utiliza várias estratégias para compor uma memória oficial sobre o *cheerleading*, mostrando que veio para contestar o senso comum de um esporte para garotas colegiais que balançam pompons, são populares e más. A história pessoal dos integrantes, sempre difíceis e dramáticas, sensibiliza e coloca o *cheerleading* como um esporte que acolhe e ajuda os jovens a buscarem uma vida melhor e a construírem sonhos e um futuro diferente. Além disso, os relatos sobre a vida pessoal dos treinadores também os fortalecem como figuras importantes para o sucesso das equipes.

Os escândalos que envolveram integrantes e a treinadora da equipe de Navarro atravessaram a série e exigiram da *Netflix* um pronunciamento: trazer esses escândalos para o roteiro da segunda temporada. No entanto, em nossas análises, observamos as intencionalidades de agenciar os relatos que buscam colocar a treinadora, que também sofreu acusações recentes, como parte atingida pelos acontecimentos, como se as manchetes tivessem a atacado diretamente, prejudicando seu objetivo de mostrar o esporte. Como ela mesma diz: "A única razão pela qual eu quis e concordei em fazer a série documental era mostrar o esporte e todo o esforço que ele requer, e eu não tinha ideia de que as coisas ficariam tão loucas" (*Netflix*, 2020). Mesmo que, após essa introdução, a série tenha trazido todo o relato das vítimas, a posição de Monica parece se manter inalterada.

Esses acontecimentos reafirmam nossas discussões sobre como as memórias coletivas não são estáveis e podem ser contestadas a qualquer momento. Desse modo, são incorporados outros sentidos acerca do contexto do *cheerleading*. A intenção do documentário de mostrar o valor do *cheerleading* não é prejudicada sobre a complexidade e nível do esporte. Mas o caso de denúncia sobre Jerry Harris abre uma discussão mais ampla sobre a importância de se falar das violências que acontecem em diversas modalidades, sobre as vulnerabilidades, principalmente, de menores de idade.

Esses relatos colocados na série mostram outro lado do *cheerleading*, que possui problemas sociais e de outras ordens. Por mais que se tente apresentar apenas

relatos memorialísticos positivos e de superação, as disputas existentes na sociedade sempre podem colocar outras declarações, negativas, que vão confrontar essas memórias. Esses confrontos podem ser de diversas ordens, inclusive o que foi exposto neste artigo, a respeito de embates sobre o gênero feminino no esporte e da manutenção de violências nas relações de poder.

São esses desfechos que proporcionam maior realidade ao documentário, não são apresentados finais felizes, muito pelo contrário, a série, por fim, acaba apresentando situações catastróficas e que vão se desdobrando conforme acontecem atualizações das denúncias. Cheer é uma prova de como as memórias podem estar em confronto e se reconfigurando o tempo todo.

Referências

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>. Acesso em: jun. 2023.
- ASSIS, Joanna de. Escândalo na ginástica. **Globo Esporte**, 29 abr. 2018. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- BAHARI, Sarah. A look at how the Netflix series 'Cheer' and its many controversies unfolded. **The Dallas Morning News**, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.dallasnews.com/news/texas/2023/04/28/a-look-at-how-the-netflix-series-cheer-and-its-many-controversies-unfolded/>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- EMERIM, Cárlida; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2023. (Coleção Jornalismo Audiovisual. Vol. 7).
- GLOBO Esporte.com. Rumo à Olimpíada: união Internacional de cheerleaders é incorporada ao COI. **Globo Esporte**, São Paulo, 7 dez. 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/12/rumo-olimpiada-uniao-internacional-de-cheerleaders-e-incorporada-ao-coi.html>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HANSON, Mary Ellen. **Go! Fight! Win! Cheerleading in American Culture**. United States: Bowling Green State; University Popular Press, 1995.
- LOURENÇO, Lélio Moura. Violência no esporte: algumas perspectivas importantes nas crenças (e crendices) sobre o assunto. In: BASTOS, Rogério Lustosa (Org.). **Psicologia, microrrupturas e subjetividades**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003. p. 143-158.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000100012>. Acesso em: 9 jun. 2023.

NETFLIX. **Cheer**. 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81039393>. Acesso em: 20 jun. 2023.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, n. 5, v. 10, p. 200-212, 1992.

REARICK, Lauren. Members of the "Cheer" Cast Taught Kendall Jenner a New Move on "The Ellen DeGeneres Show". **Teen Vogue**, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/kendall-jenner-cheer-ellen>. Acesso em: 7 jul. 2023.

ROSENBLUM, Alli. Navarro cheerleader accuses 'Cheer' coach Monica Aldama of attempting to keep sexual assault claim quiet. **CNN**, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/04/28/entertainment/monica-aldama-navarro-cheerleader-lawsuit/index.html>. Acesso em: 7 jul. 2023.

SANTOS, José Vicente T. dos. A violência como dispositivo de poder. **Revista Sociedade e Estado**, v. X, n. 2, p. 281-299, 1995.

SCOTT, Joan Wallach . **Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1995.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Katia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen – Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

UOL. Famosos por série da Netflix, homens são acusados de abuso de menores, **Splash**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/02/06/famosos-por-serie-da-netflix-atores-sao-presos-por-abuso-de-menores.htm?cmpid=-copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Recebido em: 31 jan. 2024
Aprovado em: 15 abr. 2024

MARCAS DO ESPORTE BOXE FEMININO MIDIATIZADO: ANÁLISE A PARTIR DE "UNTOLD - DEAL WITH THE DEVIL"

MARKS OF MEDIATED WOMEN'S BOXING SPORT:
ANALYSIS FROM "UNTOLD - DEAL WITH THE DEVIL"

Vivianne Limeira Azevedo Gomes ¹
Geilson Fernandes de Oliveira ²

Resumo

Como instância produtora de sentidos e de práticas sociais, a mídia tem se tornado cada vez mais alicerçada em relações de saber, poder e subjetividade. Nesse ínterim, o audiovisual, como elemento constitutivo do sistema midiático, aciona sentidos por meio de narrativas mobilizadoras de atenção, como as de atletas no esporte. Considerando tais questões, temos como objetivo, neste artigo, analisar a construção de significados em torno de um episódio da série documental *Untold* (2021), produzida pela Netflix. Para isso, após extraímos interpretações sobre os enredos esportivos, articulamos discussões de gênero e mediatisação sobre boxe feminino para pensar as dinâmicas e problematizações sobre a modalidade observada no documentário. Como base teórica, são utilizados autores que debatem a relação entre comunicação midiática e gênero no esporte, a fim de situar as narrativas na produção dessas reflexões.

Palavras-chave

boxe feminino; esporte mediatisado; mídia esportiva; documentário.

Abstract

As a producer of meanings and social practices, the media has increasingly become grounded in relationships of knowledge, power, and subjectivity. In this interim, audiovisual media, as a constitutive element of the media system, activates meanings through attention-grabbing narratives, such as those involving athletes in sports. Considering these issues, our objective in this article is to analyze the construction of meanings surrounding an episode of the documentary series *Untold* (2021), produced by Netflix. To achieve this, after extracting interpretations about sports narratives, we articulate discussions of gender and mediatisation regarding women's boxing to consider the dynamics and problematizations surrounding the observed modality in the documentary. Theoretical foundations are drawn from authors who discuss the relationship between media communication and gender in sports, in order to contextualize the narratives within the production of these reflections

Keywords

women's boxing; mediatised sport; sports media; documentary.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG), vivianne.limeira@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0082-0482>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6955800643146799>

² Doutor em Estudos da Mídia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). Pesquisador do INCT-CPCT-Fiocruz, e-mail: geilson.fernandes@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3278-4044> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4844174677497419>

Introdução

A série documental *Untold*, produzida pela *Netflix*³, provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, explora momentos polêmicos da história do esporte vivenciados nos bastidores de eventos esportivos como basquete, hóquei, tênis e boxe nas décadas de 1990 e 2000. A série apresenta cinco episódios com enredos esportivos, articulando – por meio do encadeamento da narrativa – memória e história de atletas e de eventos repercutidos na mídia televisiva, jornal impresso, revistas esportivas da época e que ganharam visibilidade na mídia americana e internacional.

A fim de compreender a construção narrativa e midiática da série documental, a qual apresenta recortes de acontecimentos do mundo do esporte e aponta para a mídia como alicerce no que concerne à representação e à construção da realidade (Berger; Luckmann, 2004), para este estudo, tomamos como recorte empírico de análise o episódio *Deal with the Devil* (em tradução livre, *Pacto com o diabo*). O capítulo conta a trajetória da boxeadora Christy Martin (1968-), conhecida no mundo do boxe não apenas pelo seu desempenho no ringue ou pela superação dos desafios que lhe foram impostos por ser mulher, como também por diversas situações conflituosas e polêmicas envolvendo a sua vida pessoal, por exemplo, o fato de ter sido baleada e esfaqueada por seu ex-marido e ex-treinador Jim Martin⁴.

Após extrair interpretações possíveis sobre a narrativa e, levando em consideração essas questões, que nos ajudam a refletir sobre a comunicação midiática e gênero feminino no esporte, perguntamos: Como pensar as marcas do esporte boxe feminino e de mulheres atletas com base no episódio mencionado? Para isso, assimilamos as “marcas”, primeiramente, como um sinal ou símbolo que possibilita identificar elementos constitutivos de uma realidade na mídia, seja por meio do posicionamento, da construção de identidade ou da promoção da visibilidade (Raslan, 2014). Em segundo, como consequências diretas da estratégia de segmentação de mercado e diferenciação de produtos na mídia.

Essa concepção é aplicada no contexto da administração e do posicionamento de marcas (Serralvo; Furrier, 2004; Pinho, 1996) e, nesse caso, do esporte boxe feminino e de atletas mulheres, em específico a trajetória da lutadora Christy Martin. Assim, entendemos que a tipologia dialoga com a proposta de estudo quando observados o esporte e os temas que o identificam: 1) eles são parte de um nicho de mercado “mulheres no boxe”; 2) a história delas é utilizada pelas grandes corporações e agências comunicacionais e, portanto, compõem estratégias em relação a valores, publicidade, veiculação de produtos e serviços lançados, consumidos e representados em suas práticas diversas e discursos por meio da mídia; 3) reverberam em apropriações e reconhecimento de atletas no esporte e implicam “sobre o atravessamento de fronteiras de gênero, que é quando a mulher, por objetivos relacionados à luta, tende a ser masculinizada” (Mariante Neto; Wenetz, 2022, p. 1).

3 Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

4 Saiba mais em: THE PLAYERS TRIBUNE. Christy Martin, boxeadora. The Players Tribune, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com.br/posts/pacto-com-o-diabo-netflix-untold-christy-martin-boxe>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Desse modo, é de nosso interesse compreender as construções discursivas e narrativas produzidas pela série investigada em torno de Christy Martin, atentando, também, para os enredos produzidos em torno do boxe feminino a fim de pensar as dinâmicas de produção de sentido da modalidade observada no documentário para além da atleta pugilista. A escolha desse objeto e recorte parte, em um primeiro momento, do interesse dos autores pela temática, uma vez que atuam no campo multidisciplinar, a saber, a Comunicação, os Estudos de Mídia, do Esporte e do Lazer. As discussões dos grupos de pesquisa aos quais estão inseridos e a participação em disciplinas cursadas na trajetória acadêmica os aproximam das práticas esportivas, políticas, culturais e sociais e suas implicações no contexto midiático. Além disso, justifica-se a seleção do objeto também pela necessidade de se ampliar as discussões acadêmicas que tomam como base as relações entre comunicação, esporte midiatisado e gênero, intersecções ainda pouco exploradas.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter exploratória, bibliográfica e descritiva-interpretativa, a qual faz uso do método de estudo de caso. De acordo com Rober K. Yin (2001), o estudo de caso busca interpretar, a partir de um recorte empírico específico, um fenômeno determinado em seu contexto e as questões que lhe são relacionadas, tal como ocorre com o caso da produção midiática e discursiva sobre a boxeadora Christy Martin.

Nesse sentido, para a construção desse estudo de caso, em um primeiro momento, procedemos a seleção do recorte e, em seguida, realizamos pesquisas bibliográficas e exploratórias sobre a temática. Na sequência, fizemos um movimento de descrever, por meio do processo de assistir o episódio eleito para análise, os elementos principais do enredo, o que foi realizado algumas vezes por parte dos autores a fim de se obter um melhor entendimento sobre a narrativa e seus principais pontos no que concerne às intersecções entre comunicação, esporte midiatisado e gênero. Em seguida, os dados coletados foram interpretados com base nos preceitos e nas orientações da metodologia de estudos de caso, momento em que inferências interpretativas e analíticas foram desenvolvidas.

A partir dessa introdução, a investigação é seguida por quatro momentos, que correspondem às próximas seções deste artigo. No primeiro, é oportuno caracterizar e contextualizar a série e alguns temas abordados nos episódios. O segundo e o terceiro fixam-se nas discussões de gênero e midiatisação sobre boxe feminino conforme as marcas da narrativa construída em torno da boxeadora Christy Martin, a fim de refletir e analisar as marcas do esporte midiatisado observadas no episódio *Untold* do documentário, assim como as suas dinâmicas de produção de sentidos.

Como base teórica, são utilizados autores que debatem a relação entre a comunicação midiática e o gênero feminino no esporte, como Aldeman (2003), com vistas a situar as narrativas na produção dessas reflexões. Com efeito, são realizadas discussões sobre a mídia e os seus discursos segundo Mourão e Morel (2005) e Thompson (2002; 2011). Nessa esteira, também são mobilizados os debates de Birkner e Nölleke (2016) acerca da midiatisação do esporte, os estudos desenvolvidos por Frandsen (2014) so-

bre a relação simbiótica entre esporte e mídia e as investigações de Bolshaw (2017) no tocante à narrativa, categoria entendida pelo autor como “uma forma de representação dos acontecimentos reais ou imaginários [...] uma estrutura cultural mais abrangente, de origem psicológica e universal” (p. 231). No estudo, ele redefine narrativa como “a mediação dos acontecimentos”.

Na última parte, os olhares se debruçam sobre a produção de interpretações e inferências quanto à modalidade esportiva boxe feminino e aos caminhos narrativos que são ou foram transformados e que repercutem sobre os enredos esportivos, dialogando com algumas perspectivas sobre a relação simbiótica entre mídia e esporte, a (in)visibilidade do boxe feminino e a prática desse esporte para a atleta Christy Martin como espaço de superação e, ao mesmo tempo, lugar de legitimação na modalidade.

Untold

Como afirma Mourão e Morel (2005, p. 73), “as notícias são um conduto de ideias e símbolos, um produto industrial que operacionaliza as perspectivas desencadeadas como um efeito dominó das ações midiáticas, que chega a ser desconcertante”. Essa afirmativa consta em dilemas legítimos e considerados neste artigo, com base na roteirização do documentário *Untold*, entendido como um produto audiovisual que – ao projetar um evento ou acontecimento do passado sobre fatos que marcaram polêmicas do esporte e de atletas pelo discurso da mídia – atenta-se para além do modo de organização da produção e do discurso do filme (Puccini, 2022).

Cada episódio da série documental é iniciado com um momento de fala que marcou a vida de atletas. Em seguida, a produção investiga, de forma cautelosa, o que aconteceu ultrapassando o que foi veiculado nas manchetes e nos espaços da mídia de massa. A narrativa é contada pelas pessoas que viveram o acontecimento. Tais eventos ocorreram nos anos de 1990 e 2000, em que a comunicação midiática hegemônica concentrava-se na televisão. Entre as inúmeras questões que não apenas retratam a performance dos ou das atletas, mas outros sentimentos que envolveram os sujeitos e a ação da mídia sobre os fatos, são trazidas à tona evidências da relação simbiótica entre esporte e mídia (Frandsen, 2014).

Entre os marcos explorados pela série, divididos em episódios individuais, temos, logo de início, a “briga mais infame da história da NBA”⁵, em 2004, que gerou um prejuízo estimado de 11 milhões de dólares para as equipes e atletas envolvidos na confusão. O episódio trouxe imagens veiculadas na mídia televisiva e entrevistas com os jogadores dos times *Indiana Pacers* e do *Detroit Pistons*. Sobre esse capítulo, o documentário enfatiza questões como racismo e saúde mental para contextualizar o que, de fato, levou à escalada dos eventos, assim como o comportamento de torcedores mais exaltados, também responsáveis pelo desenrolar da briga que resultou em diversas suspensões que prejudicaram a temporada do *Indiana Pacers*, equipe que era uma das favoritas ao título naquele ano. A confusão prejudicou a carreira dos jogadores que

5 NBA significa National Basketball Association, é a principal liga esportiva profissional de basquetebol da América do Norte.

possuíam visibilidade no campeonato. Nomes como Jermaine O'Neal, Ron Artest e Stephen Jackson receberam suspensões e multas, além de uma cobertura midiática focada, exclusivamente, no papel desempenhado pelos jogadores, que foram chamados de bandidos.

O segundo episódio, por sua vez, evidencia a trajetória de vida da boxeadora Christy Martin, que foi vítima da violência do marido e treinador. Ele apresenta discursos sobre o esporte boxe feminino e as facetas de ser mulher num ambiente exclusivamente masculino. Com efeito, narra a história⁶ da atleta que quebrou barreiras dentro da modalidade de boxe feminino, além de outros acontecimentos de sua vida pessoal que impactaram no esporte, seja com aspectos referentes ao gênero ou à sua sexualidade, bem como o fato de sobreviver a um atentado contra sua vida por seu então marido, James Martin. O episódio, intitulado *Pacto com o Diabo*, é melhor descrito e interpretado nos próximos tópicos deste artigo, tendo em vista constituir-se como recorte para o nosso estudo de caso.

A história de Caitlyn Jenner, a seu turno, é contada no episódio 3. Ex-atleta e mulher trans, em 1972, ainda como William Bruce Jenner, ganhou notoriedade por perder a medalha olímpica em Munique. A reviravolta do atleta aconteceu após quatro anos, durante os Jogos Olímpicos de Verão de 1976, ao conseguir a medalha olímpica de ouro no decatlo masculino. O documentário exibe as cenas do atleta em imagens de arquivos e entrevistas em programas de televisão até a transição para Caitlyn Jenner. Porém, mostra as dificuldades da ex-atleta e mulher trans em relação à sua identidade em meio à participação no reality show *Keeping Up with the Kardashians*⁷ (2007-2021), programa que mostra a ex-atleta como membro da família *Kardashian* e os tratamentos para transição de gênero para ganhar um corpo feminino, acionando memórias na estruturação da narrativa.

Já o episódio 4, nomeado Crimes e infrações, narra a história do time de hóquei no gelo *Danbury Trashers*, liga extinta da equipe da liga menor de hóquei. A equipe foi comprada por Jimmy Galante, um homem envolvido com uma organização criminosa da família Genovese. O filho, AJ, comandava o time de hóquei e envolveu a equipe em uma série de armações. No episódio, pai e filho relatam as ações criminosas e a violência que acontecia nos bastidores, além do treinamento para manter o time de hóquei no gelo.

O quinto capítulo traz dois campeões de tênis: Roger Federer e Mardy Fish. O duelo entre os jogadores aconteceu pelas oitavas de final do US Open de 2012. A narrativa gira em torno do “ponto de quebra” de Fish, metáfora referente à situação de tensão, à crise de ansiedade e aos ataques de pânico vivenciados pelo atleta durante o torneio até a partida com Federer. Alguns depoimentos de ex-tenistas ligados à carreira de Fish também são mostrados, com vistas a reforçar a narrativa construída. Nesse

⁶ Cf.: PAPO DE CINEMA. Untold: Pacto com o Diabo. Papo de Cinema, 2021. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/untold-pacto-com-o-diabo/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.netflix.com/br-en/title/70153388>. Acesso em: 22 ago. 2023.

episódio, são problematizados o tema da saúde mental, os medos e as fraquezas sentidos pelos atletas, assuntos debatidos ou abordados midiaticamente de forma incipiente até então, especialmente no que se refere a atletas de alto nível.

A sinopse dos capítulos informada no site da *Netflix Brasil* pode ser vista no Quadro 1.

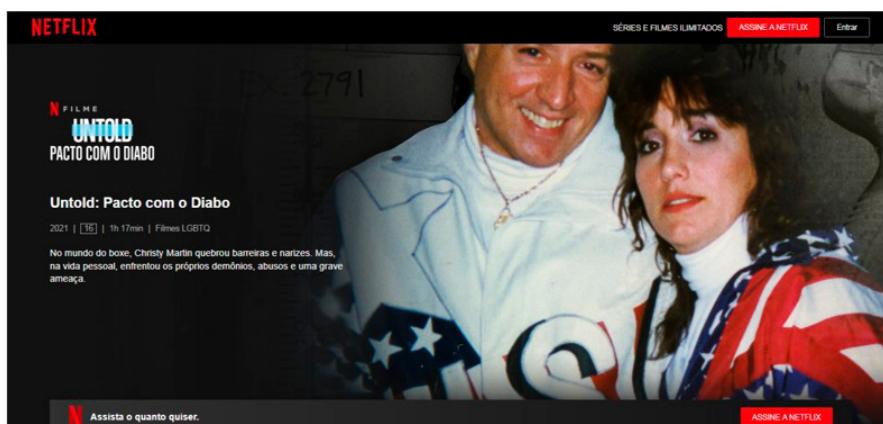
Quadro 1 – Episódios Untold

Episódio	Sinopse Netflix
Ep. 1 – <i>Malice at the Palace</i> 1h9min	<p><i>Briga na NBA</i></p> <p>Figuras importantes de um famoso incidente em 2004 entre jogadores e fãs em um jogo da NBA no Michigan falam sobre a confusão, suas consequências e seu legado.</p>
Ep. 2 – <i>Deal With The Devil</i> 1h17min	<p><i>Pacto com o Diabo</i></p> <p>No mundo do boxe, Christy Martin quebrou barreiras e narizes. Porém, na vida pessoal, enfrentou os próprios demônios, abusos e uma grave ameaça.</p>
Ep. 3 – <i>Caitlyn Jenner</i> 1h10min	<p><i>Caitlyn Jenner</i></p> <p>A vitória olímpica improvável de Caitlyn Jenner emocionou o mundo. Mas sua desafiadora jornada de autoaceitação foi ainda mais inspiradora.</p>
Ep. 4 – <i>Crime & Penalties</i> 1h26min	<p><i>Crime e Infrações</i></p> <p>Um time de hóquei comprado por um homem ligado à máfia e liderado por seu filho de 17 anos carrega a marca da rebeldia, com jogadores tão violentos quanto talentosos.</p>
Ep. 5 – <i>Braking Point</i> 1h19min	<p><i>Federer x Fischer</i></p> <p>Sob pressão para continuar uma tradição de vitória no tênis, Mardy Fish enfrenta problemas de saúde mental que mudam sua vida dentro e fora das quadras.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

A série documental *Untold* e o episódio *Pacto com o Diabo*

Elementos da narrativa da boxeadora Christy Martin, mostradas no episódio 2 – *Deal with the Devil* (Pacto com o diabo, em tradução livre) – da série documental *Untold*, dirigido por Laura Brownson, são descritas para observarmos alguns comportamentos e ações que repercutem no cenário de negociações sobre à prática do boxe. No enredo do capítulo, as declarações de Christy são alternadas com momentos da história da boxeadora (FIGURA 1), quando observamos algumas implicações sobre a visibilidade midiática que interpelam julgamentos e opiniões acerca da atleta.

Figura 1 – Pôster de Untold – episódio Pacto com o Diabo, Netflix (2023)

Fonte: <https://www.netflix.com/br/title/81026437>. Acesso em: 18 ago. 2023

Christy Martin nasceu em 12 de junho de 1968 em *Mullens*, cidade dos Estados Unidos. Bolsista de basquete no *Concord College em Athens*, formou-se com honras em educação e começou a lutar boxe em 1986, enquanto ainda estava na faculdade, participando e vencendo o concurso *Though Woman*. Christy Martin tornou-se lutadora profissional em 1989, no Tennessee. Em 1993, foi a primeira mulher a assinar um contrato promocional com Don King e, logo, eletrizou multidões com suas *performances no pay-per-view*.

O episódio é narrado por Christy Martin e tem a participação dos pais da atleta, do ex-marido e presidiário Jim Martin, além de depoimentos de outras boxeadoras que lutaram com Christy e do também ex-lutador Myke Tyson. A vitória por decisão em seis rounds sobre Deirdre Gogarty no *MGM Grand Garden Arena* em Las Vegas na eliminatória Tyson vs. Bruno II, em 1996, a levou para o estrelato *mainstream*. A habilidade e o estilo de ação de Christy fizeram-na o rosto do boxe feminino e a levaram à capa da *Sports Illustrated (SI)*⁸ de 15 de abril de 1996, além das aparições em inúmeros programas de televisão como *The Tonight Show*.

No ano de 2009, a boxeadora venceu o campeonato WBC super meio-médio e compilou um recorde profissional de 49 lutas, sendo 31 por nocaute, 7 decisões por pontos, 3 divididos, 5 unâimes e um empate. Atletas como Laura Serrano, Melinda Robinson, Belinda Laracuente, Andrea DeShong, Isra Girgrah, Kathy Collins, Mia St. John e Dakota Stone, entre outros nomes, lutaram com Christy.

Apesar de todas essas vitórias, a narrativa da trajetória de Christy é iniciada com uma pergunta feita pela própria atleta: "Quando vou superar isso? Já se passaram nove anos". Na sequência, uma terapeuta responde: "Você não vai". Essa pergunta, feita por Christy, direciona a narrativa do episódio em análise para o momento em que a atleta conhece Jim Martin, no ano de 1989, na academia do treinador de boxe, localizada em Bristol, Tennessee. Conforme mostrado, Christy nunca tinha entrado numa academia de boxe profissional. Para ela, era um território hostil. Com 21 anos, na época, foi

⁸ Uma das principais revistas esportivas dos Estados Unidos, do conglomerado de comunicações Authentic Brands Group, publicada semanalmente desde 16 de agosto de 1954.

direcionada ao treinador Jim Martin após nocautear uma mulher em uma competição regional.

A ideia de ser transformada em boxeadora profissional soou como uma oportunidade divertida. Contudo, ao observar o espaço e sob o olhar dos lutadores, foi vista, inicialmente, como uma piada de boteco de mau gosto: "uma menina, sua mãe e seu cachorrinho de madame entrando numa academia de boxe". No relato, Christy afirma que não tinha habilidades reais de boxe. Não havia método nem estratégia nos seus movimentos. E informa que os grandes boxeadores são jogadores de xadrez experientes – eles têm capacidade de preparar o adversário com três ou quatro movimentos de antecedência para o golpe que realmente querem dar. Nesse momento, Christy comenta ser "uma besta enjaulada".

O treinador, Jim, é mencionado e a sua história é narrada. Ele é ex-boxeador e atuava na categoria meio-pesado. Foi um profissional que treinou lutadores por 25 anos. A narrativa expõe algumas visões da boxeadora sobre a atuação de Jim, a capacidade técnica do treinador em corrigir os movimentos da atleta, como a melhor orientação sobre as habilidades básicas do esporte, como um bom *jab*, o jogo de pernas adequado, como encaixar combinações. Pouco tempo após os treinamentos, os dois foram morar juntos. Tornaram-se uma equipe.

A relação entre Christy e Jim foi construída a partir de interesses mútuos: Jim frisava que ia fazer de Christy a melhor lutadora de todos os tempos; ela, portanto, convencida da afirmação de que ele estava pronto para fazer o que fosse necessário para levá-la ao topo, treinou exaustivamente e nunca questionou a forma do treinamento. Ao observar os ganhos com as lutas e o dinheiro, o fato de estar nocauteando as adversárias e vencendo uma sequência de lutas, Christy percebeu que Jim Martin facilitava sua ascensão: "eram as duas metades do todo, Jim era o boxe. E o boxe se tornou tudo para mim".

Em 1992, os dois casaram-se. Segundo Christy, a decisão foi apenas um impulso, não consistia em amor, paixão ou romance, apenas um elo com o boxe e o amor que ela sentia em lutar. Apesar de ser lésbica, Jim sabia disso e da diferença de 25 anos de idade entre eles, esses aspectos não foram entraves para a decisão.

Com o acúmulo de nocautes, em 1993, Christy foi apresentada ao empresário e produtor musical Don King, empresário do ex-pugilista Mike Tyson. Com o envolvimento de Don King, a visibilidade da boxeadora foi ampliada. Ela participou de quadros no *Showtime*, *HBO*, uma rede de canais de televisão por assinatura americana que transmitia lutas de boxe e de outras modalidades esportivas.

No ano de 1996, Christy lutou contra Deirdre Gogarty pelo sistema pay-per-view. Uma luta que impressionou o público diante do entretenimento e da técnica das lutadoras. Logo, vários programas de TV ligaram para Christy. A *Sports Illustrated* fez uma sessão de fotos para uma pequena matéria, em seguida, com a continuidade de nocautes nas outras lutas, foi convidada para ser a capa da revista. Foi um marco para a época, já que Christy foi a primeira boxeadora da capa e a primeira boxeadora invicta por uma década.

Ao mudar as percepções quanto à visibilidade na mídia e ao comportamento diante das adversárias, Christy questiona o tipo de treinamento e os pedidos feitos pelo treinador em relação às falas provocativas e às ofensas homofóbicas diante da imprensa. Depoimentos controversos, porém, alimentados pelo controle por parte do treinador e marido, pela disputa agressiva que movimentava a mídia e as construções de rivalidade entre lutadores.

O auge da lutadora foi interrompido e chegou ao declínio pelo uso de drogas, violência doméstica e ameaças de morte contra a sua vida feitas pelo seu marido. Desfecho que culminou numa briga e quase assassinato de Christy por Jim. Após o acontecimento, a atleta quis se desafiar e mostrar a Jim que ele estava errado sobre ela depender dele para vencer no ringue de boxe.

Em junho de 2011, sete meses depois de ser baleada, esfaqueada e dada como morta, Christy retornou ao ringue. A luta aconteceu com Dakota Stone, pugilista do momento. Contudo, no quarto assalto, Christy fraturou a mão. Mesmo resistindo, ganhando e dominando a luta, de acordo com os juízes, no último *round*, prestes a vencer, ela acertou um golpe com a direita que a fez estremecer. O médico interrompeu a luta, faltando 50 segundos para a 50ª vitória de Christy no boxe.

Mulheres atletas, o discurso da mídia e a midiatização do esporte: breve revisão teórica

A participação esportiva das mulheres atletas são revisitadas em sua corporalidade e nos contextos e fatores sociais que influenciam o modo como a prática é articulada junto às questões de gênero e sexualidade (Adelman, 2003). Em diálogo com Adelman (2003), o estudo de Mourão e Morel (2005) sobre algumas narrativas da mídia impressa, como jornais e revistas no período de 1930 a 2000, repercutem sobre a trajetória do futebol feminino e as representações de resistência quanto à fixação do esporte feminino na sociedade brasileira.

No estudo realizado pelas autoras, as mensagens e os significados veiculados pela mídia acontecem por meio de metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência. Sendo elas, “cercadas de estereótipos, interdições, polêmicas e normatizações sobre a prática do futebol feminino” (Mourão; Morel, 2005, p. 73).

Nesta análise, refletimos sobre o esporte boxe, como lugar e espaço de poder, virilidade e agressividade, bem como acerca do rechaço que é evocado em relação ao comedimento e à sensibilidade. Tais aspectos são vistos como marcadores de gênero, os quais, por estarem vinculados ao feminino, acabam sendo censurados e modificados nas práticas do boxe como esporte (Mariante Neto; Wenetz, 2022).

Com isso, em relação ao boxe especificamente, evidencia-se a incorporação e a reprodução de marcadores sociais ditos como mais amplos ou universais, em que o esporte seria uma atividade masculina que, muitas vezes, não contempla características vistas como femininas (por exemplo, a sensibilidade), de tal maneira que, para as

mulheres, esse seria um esporte marcado pela superação – já que elas seriam, segundo o senso comum, mais “frágeis” e “sensíveis”.

Esses modelos de superação, representados e construídos por meio das narrativas midiáticas, podem ser perpassados por marcadores sociais da diferença como raça/cor, sexualidade/orientação sexual das atletas, geração, etc. (Mourão; Morel, 2005), estruturando processos que levam à formação de marcas e seus produtos sobre a visibilidade no esporte feminino. Tais acontecimentos, no entanto, não podem ser generalizados, uma vez que, apesar do sucesso e da visibilidade capazes de serem alcançados, nem sempre esses fatores são o suficiente para atrair investimentos em termos de patrocínios, diferente do que ocorre com os mesmos esportes enquanto praticados por homens.

No boxe feminino, como em outros esportes, as empresas de mídia tentam comercializar os produtos/serviços, principalmente a TV, com transmissão ao vivo. Essa condição, de acordo com Mourão e Morel (2005), marcou o século XX como promotor da visibilidade e da estabilidade da mulher no esporte. Nesse contexto, a modalidade de futebol feminino (FF) fez inúmeras tentativas, mas ainda não encontrou seu espaço de permanência no esporte e na mídia (Mourão; Morel, 2005). O boxe feminino, por sua vez, pode estar mais longe da visibilidade que é apresentada na análise das autoras.

Em um breve levantamento das investigações científicas em pesquisas sobre o boxe feminino, percebe-se que o tema não é um objeto esquecido das ciências humanas. Não obstante, o boxe feminino pode ser mais investigado, tendo em vista o número pouco expressivo de trabalhos sobre o assunto. O constructo sobre a modalidade boxe feminino é identificado, na grande maioria das vezes, em análises pautadas nas narrativas audiovisuais e sobre as transformações corporais ocorridas em função da modalidade esportiva ou das competições.

Na dissertação *Mulheres no universo cultural do boxe*, por exemplo, Berté (2016) avalia as questões de gênero que permeiam a inserção e a permanência de atletas mulheres no pugilismo de uma federação. A existência de barreiras legais e simbólicas para a inserção de mulheres no boxe e a forma como as boxeadoras interpretam as transformações corporais e os ferimentos oriundos da prática esportiva são elencados pela autora para que se possa compreender as possíveis e diferentes representações acerca de feminilidades e masculinidades sobre a prática do esporte.

Tendo em vista o boxe como uma prática tardia ao universo feminino e por caracterizar-se historicamente como um esporte de combate, sendo percebido, por isso, como violento, não raramente as pesquisas destacam de maneira incipiente a veiculação dessa prática na mídia. Ao mesmo tempo, são observados poucos estudos que abordem o universo midiatisado do boxe feminino. Além disso, também é identificado que a maioria dos estudos promovidos é de pesquisadores do campo da Educação Física, sendo tímida a produção de autores e autoras da área da Comunicação sobre a temática (Vimiero; Eugênio; Pilar, 2023).

Conforme uma perspectiva mais ampla, Goellner (2020) aponta para quatro temas que atravessam a visibilidade e o aumento da inserção de mulheres atletas, como

a participação de mulheres em cargos técnicos e em modalidades de combate que detêm um caráter masculino para além do futebol, como as lutas. São temáticas que refletem as questões de etnia, raça, classe social, geração e sexualidade. A autora apresenta a perspectiva de gênero como uma temática a ser explorada como categoria analítica, de grupos e indivíduos; como categoria política e, ainda, como categoria organizacional no contexto esportivo. A proposta de Goellner (2020) é de desnaturalizar essas representações, que parecem reificadas para pensar as questões sociais e de representações de feminilidade produzidas por essas atletas.

Fato é que a visibilidade de atividades esportivas vem sendo potencializada nas redes sociais pelas tecnologias digitais e por uma cultura técnico-informacional, o que tem permitido a ampliação de dizeres, visibilidades e enredos esportivos que alimentam e retroalimentam as narrativas midiáticas dos e das atletas em uma maior diversidade de esportes (Costa, 2021).

Nesse sentido, ao longo dos anos, percebemos que as mídias tecnológicas buscaram, e ainda buscam, diferentes formas de abordar o assunto e ter maior proximidade com a população, como acontece nas audiovisualidades que repercutem sobre as ações dos agentes e as manifestações do esporte, promovendo, por consequência, as narrativas sobre a indústria do esporte na mídia. Entretanto, em relação à potencialização promovida pelas novas plataformas e tecnologias de comunicação, cabe destacar a permanência de um maior espaço dado para os esportes e atletas vistos como "tradicionalis", de modo que outros esportes são mais abordados a partir de perspectivas mais alternativas ou independentes de mídia.

Essas mudanças implicam transformações também no tocante ao que se estabelece entre mídia de massa, esporte, atletas e organizações esportivas, como evidenciam Birkner e Nölleke (2016). Esses autores mostram que, no decorrer dos anos, as publicações se concentram no uso de mídias sociais por atletas e organizações esportivas. Hoje, muitos clubes, academias, várias equipes esportivas profissionais, escolas de esporte, entidades de administração do esporte (federações, confederações, ligas), por exemplo, utilizam as mídias sociais e as redes para engajamento e proximidade com o torcedor.

Os autores mostram indicadores para esse crescente envolvimento dos atletas com as mídias sociais, primeiro o contato direto com o fã e, também, o fato de os jogadores culparem a mídia por divulgarem notícias falsas sobre eles. No intuito de esclarecer alguma notícia sensacionalista, por exemplo, os atletas se utilizam dos meios midiáticos para benefício próprio.

O que mais uma vez se confirma é a ideia de que o mundo dos meios de informação e comunicação elabora uma nova visibilidade mediada, tornando visíveis as ações e os acontecimentos progressivamente mais difíceis de serem controlados (Thompson, 2002; 2011). Esse aspecto que contribui para uma nova configuração subjetiva contemporânea que se estabelece na relação entre o esporte e as mídias nas transmissões, nos conteúdos e nos modos que as informações são disseminadas. Estas conferem em narrativas que levam a julgamentos sobre acontecimentos atrelados à mídia e, logo, a

um cenário de midiatização, conforme Braga (2007), no qual há um processo de apropriação pelos atores sociais que interagem por meio do discurso e revelam comportamentos e outros sentidos.

Quanto à modalidade esportiva boxe, essa produção de conteúdos, visibilidades e consumo visual, que é marcado pela presença constante de imagens em nossa vida, potencializada por fenômenos e dispositivos, torna-se um valor central no que concerne às relações entre a performance dos e das atletas e a mídia.

A fim de compreender os sentidos veiculados pela produção de significados e narrativas no episódio *Pacto com o diabo*, da série *Untold*, na seção seguinte, tendo como base um viés descritivo-interpretativo articulado a realização de um estudo de caso, propomo-nos a problematizar e elucidar os modos como o boxe e a boxeadora Christy Martin foram discursivamente produzidos, veiculados e registrados. Inicialmente, observamos as escolhas sobre certas atitudes que tangenciam a importância dos esportes para as mídias, em particular a transmissão ao vivo pela televisão e, que, *hodiernamente*, repercutem nas transmissões via plataformas de streaming pelo alcance e convergência midiática.

Análises e discussões: o boxe feminino em *Untold*

Por se tratar de uma captura de narrativas midiáticas e de inferências possíveis sobre o episódio *Pacto com o diabo*, do documentário *Untold*, no relato da figura da boxeadora Christy Martin, ao analisarmos as relações entre a mídia, a modalidade boxe e o consumo frente à midiatização da prática esportiva feminina, temos, no primeiro caso, que a mídia recorre aos acontecimentos e apresentam estes às pessoas. Dessa forma, qualquer desdobramento mais significativo de disputa/conflito entre as lutadoras era repercutido nos programas televisivos a fim de obter visibilidade para a competição. Outro aspecto são as diferenças quanto aos investimentos mercadológicos e de publicidade sobre as notícias que anunciam as lutas. Nesse cenário, atentamos sobre como as relações de gênero interferem na prática esportiva do boxe, em particular, na profissionalização da modalidade, na visibilidade, na busca de patrocínio e interesse do mercado.

Traços de feminilidade são mostrados em várias matérias da época publicadas em jornais e revistas, nos programas televisivos em que a lutadora foi convidada, o que é feito como uma forma de mostrar a possibilidade de inserção de uma mulher no boxe. Em um primeiro momento, isso foi visto como elemento que chamou atenção e provocou interesse. Esse enquadramento parece ter como objetivo tornar a boxeadora midiaticamente mais palatável e atrair os olhares sobre o corpo da mulher, estratégia de visibilidade e um traço que compõe a trajetória de muitas atletas mulheres no tocante aos olhares masculinos e às negativas sobre a presença do ser mulher no esporte.

Nessa esteira, é possível observar a mudança de comportamento de Christy ao utilizar uma vestimenta na cor rosa durante as lutas. Esse fato, segundo Fernandes et al. (2015), abarca as representações de feminilidade em lutadoras de boxe, cujos discur-

sos mostram o quanto plural são as identidades e conformações de gênero das lutadoras quanto às demandas no que se refere a processos de adaptação e a busca por se moldar aos desejos de consumo promovidos pela mídia, apontando para um processo de adequação segundo critérios determinados de gênero e produto midiático.

No caso da trajetória de vida de Christy Martin, especialmente na primeira luta feminina transmitida ao vivo, marcas relativas ao gênero feminino podem ser interpretadas tanto na vestimenta utilizada pela boxeadora na cor rosa, como na maquiagem que a lutadora usa nos combates, aspectos que lhes foram requeridos por ser mulher, mas que não são cobrados para os homens, já que a sua atuação nesse esporte é naturalizada, não havendo a necessidade de demarcar uma identidade.

Um possível problema ou implicação sobre o boxe feminino, mesmo como um esporte, é ele não fazer parte do cotidiano de muitas pessoas. Há um nicho, bem delimitado pelo mercado esportivo e sobre a luta conhecida pelo combate "homem a homem". A modalidade é relacionada ao esporte profissional de alto rendimento, masculinizado, violento no sentido dos movimentos e do desgaste físico pelos golpes empregados e sofridos pelos lutadores.

Essa condição típica da luta boxe não intimida as lutadoras sobre a prática, apesar de, muitas vezes, constituir-se como uma pretensa barreira, colocada pelo constructo social e histórico que pensa o gênero conforme lugares e performances delimitadas (Butler, 2018). Como ressalta o estudo de Fernandes *et al.* (2015), as lutadoras reafirmam serem femininas ao seu modo e dentro de sua modalidade esportiva. Entretanto, é importante mencionar que esta não deveria ser uma questão.

Com base nas análises, fica evidente a relação simbiótica entre mídia e esporte, o que já era significativa no início da carreira de Christy Martin, haja vista as diversas capas de jornais e revistas que a lutadora ocupou e as múltiplas narrativas de que foi personagem. Tal conexão vem se asseverando cada vez mais com a intensificação dos processos de midiaturização na/da sociedade contemporânea e a multiplicidade de conteúdos que são produzidos a todo o tempo.

Ao mesmo tempo, é notável, apesar desses processos, a (in)visibilidade ainda enfrentada pelo boxe feminino e pelas praticantes desse esporte, midiaticamente dominado em termos de produção de narrativas e visibilidade por homens. De acordo com Mourão e Morel (2005), o século XX foi promotor da visibilidade e da estabilidade da mulher no esporte. Dentro desse contexto, a modalidade de futebol feminino (FF) foi a que fez inúmeras tentativas em busca de reconhecimento e estabilidade, mas até então não encontrou, mesmo diante dos avanços alcançados, seu espaço de permanência e valorização (Mourão; Morel, 2005).

Ao contrário do futebol feminino, o boxe feminino pode estar mais longe da visibilidade que apresenta a análise das autoras, uma vez que a representação do boxe feminino ainda é marcada por estereótipos e confrontos das mulheres que se identificam com a prática. O espaço aberto pela boxeadora Christy Martin na época, o que pode ser conhecido por meio do episódio biográfico documentado pela *Netflix*, amplia os discursos de sexualidade e gênero que sempre permearam o esporte, condição que

ecoa em várias outras temáticas sobre a (in)visibilidade do esporte feminino na indústria da mídia esportiva, como acontece em outras produções midiatisadas que já estão e continuam a ser expressas na TV aberta e fechada, em seus programas esportivos, nas revistas, nos sites de redes sociais.

Por esse viés, a série documental assimila a lógica da mídia no tocante ao esporte, estando relacionada aos aspectos financeiros e mercadológicos existentes entre organizações e atletas esportivos (Birkner; Nölleke, 2016). Por fim, além desses fatores evidenciados por meio das análises realizadas a partir do estudo de caso empreendido, observamos que, no episódio investigado, há uma construção de narrativa que coloca a prática do boxe para a atleta como espaço de desenvolvimento e superação – pessoal e profissional –, ao mesmo tempo em que a própria Christy Martin é identificada como agente importante para o lugar de legitimação e reconhecimento da modalidade.

Como um esporte de combate, muitas praticantes, como a boxeadora Christy, adotam o esporte como algo em que podem desenvolver uma identidade, entre outras condições materiais, físicas e de bem-estar que legitimam sua visibilidade. Esse aspecto reforça a percepção da superação como elemento constitutivo dos discursos da mídia, o que é bem explorado pelo episódio em análise e mobiliza a identificação e o interesse do público.

Nesse sentido, parece evidente a manutenção desses modelos referenciados como estratégicos e mercadológicos para que pequenas e grandes empresas se interessem e patrocinem e/ou invistam nos enredos esportivos de atletas mulheres, principalmente quando essas passam a adquirir algum sucesso ou visibilidade em suas carreiras, já que podem revelar um sentido de superação ou quebra de barreiras socialmente impostas.

Outro ponto ecoado na narrativa que promove tensão – elemento caro para os discursos midiáticos – está nos conflitos enfrentados pela atleta em relação a sua própria família. Essa evidência se insere na fala da mãe da boxeadora ao negar a relação homoafetiva vivida durante o colegial por Christy, assim como nos momentos em que são evidenciadas as rusgas ou contendas entre a atleta e o seu treinador e também marido.

Ademais, o capítulo ecoa várias outras temáticas, como a (in)visibilidade do esporte feminino, indústria da mídia esportiva e os desafios enfrentados por atletas mulheres. Como exemplo, podemos citar o fato do valor monetário recebido por atletas mulheres ser inferior ao de atletas masculinos. O caso da luta de Mike Tyson e do valor recebido na luta de Christy reafirmam a diferença entre os gêneros também em termos de investimentos, problema ainda hoje existente.

Outro aspecto é o diálogo entre o mercado e a cultura do entretenimento com o fenômeno esportivo midiatisado, traços observados na primeira luta feminina transmitida em 16 de março de 1996. O evento foi realizado no hotel cassino *MGM Grand Las Vegas*, no formato ao vivo. A luta de boxe foi vista por 80 milhões de telespectadores antes da luta oficial do evento com o lutador Mike Tyson, já conhecido do grande público. Na época, o combate apresentou um recorde de assinaturas de *pay-per-view* e de

receita gerada pela modalidade; entretanto, vale notar que a atração principal, apesar de todo o reconhecimento e potencial de Christy, não foi a sua luta.

Considerações finais

A atleta Christy Martin quebrou barreiras no mundo do boxe. Seja por conseguir o marco de representar a primeira luta feminina transmitida pelo *pay-per-view* no ano de 1996 e, assim, dar visibilidade à prática de mulheres que se identificam com o esporte; seja por trazer elementos característicos na representação do esporte feminino na mídia. O documentário mostra a trajetória da lutadora e a sua vida pessoal, marcada por violência doméstica, uso de drogas, abuso sexual e psicológico por parte do ex-marido e treinador. Esse fato, exposto na série documental, reforça um traço sobre o domínio masculino em certas práticas que envolve o treinamento e a superação de atletas para conseguirem o tão sonhado *ranking esportivo*.

Com o estudo de caso da narrativa construída, foi possível identificar marcas e representações que demonstram no boxe feminino elementos que são reiterados quanto ao gênero feminino. A representação dessa modalidade esportiva ainda é marcada por estereótipos e enfrentamentos das mulheres que se identificam com a prática. Outro aspecto é o diálogo entre o mercado e a cultura do entretenimento com o fenômeno esportivo midiatisado.

É certo que os traços produzidos podem ou não transformar o normativo hegemônico que coaduna aos movimentos midiáticos e às gramáticas específicas presentes na lógica do esporte e da mídia. Compreendemos, dessa forma, que as lógicas da mídia operam nas lógicas do esporte, no episódio em questão, conforme interesses particulares, o que pode ser verificado por meio da exploração dos bastidores e das polêmicas que envolveram a vida pública e a vida pessoal de atletas, como o da boxeadora Christy Martin. Importante citar que essas lógicas refletem processos de hierarquização mais amplos, advindos da própria cultura, história e sociedade, reproduzindo e legitimando, não raro, desigualdades.

Sendo assim, a reflexão sobre marcas do esporte boxe midiatisado de atletas mulheres a partir da série *Untold*, do episódio *Deal with the Devil*, aponta não apenas ser necessário desenvolver mais pesquisas sobre a prática esportiva e de conquista do espaço da mulher na modalidade boxe, mas pensar sobre a história e as personalidades femininas que abriram caminho para visibilidade e construção possível dessa prática na realidade da sociedade, ainda repleta de estigmas, especialmente quando se refere as questões que envolvem as particularidades do gênero feminino em um esporte de combate.

Referências

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200006/9070>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BERTÉ, Isabela Lisboa. **Mulheres no universo cultural do boxe:** as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no pugilismo (2003-2016). 2016. 119p. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163299/001024576.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 abr. 2024.
- BIRKNER, Thomas; NÖLLEKE, Daniel. Soccer players and their media-related behavior: A contribution on the mediatization of sports. **Communication & Sport**, v. 4, n. 4, p. 367-384, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2167479515588719>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- BOLSHAW, Marcelo. A narrativa midiática: mediações dos acontecimentos. **Tríade:** comunicação, cultura e mídia, Sorocaba, SP, v. 5, n. 10, p. 230-246, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3032>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDO-LA, Ana Silvia Lopes Davi; ARAUJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. (Orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COSTA, Daniel Pereira. As redes sociais como o futuro das transmissões esportivas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 6, ed. 5, v. 15, p. 166-176, maio 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicação/transmissoes-esportivas>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana Vilodre; GRESPAN, Carla Lisboa. Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. **Revista Educação Física UEM**, v. 26, n. 3, p. 367-376, 3. trim. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009>. Acesso em: 9 out. 2023.
- FRANDSEN, Kirsten . Mediatization of sports. In: LUNDBY, Knut (ed.). **Mediatization of Communication**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2014. p. 525-543.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003. (Coleção educação física).

GOELLNER, Silvana Vilodre. Lazer, corpo, gênero e sexualidade. 10 abr. 2020. YouTube: **Canal Oricolé/UFMG**. Disponível em: <https://youtu.be/I0i52MAxgQ8>. Acesso em: 9 out. 2023.

MARIANTE NETO, Flavio Py; WENETZ, Ileana. Mulheres no boxe: negociações de masculinidade(s) e feminilidade(s) na academia. **Movimento**, [S.I.], v. 28, p. e28004, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111694>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NETFLIX. **Untold**. 2021.

PAPO DE CINEMA. Untold: Pacto com o Diabo. **Papo de Cinema**, 2021. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/untold-pacto-com-o-diabo/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PINHO, José Benedito. **O poder das marcas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1996.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário:** da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus Editora, 2022.

RASLAN, Eliane Meire Soares. Posicionamento, identidade e visibilidade da marca. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 1, p. 136-151, jul. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/4467>. Acesso em: 2 abr. 2024.

SERRALVO, Francisco Antonio; FURRIER, Márcio Tadeu. Fundamentos do posicionamento de marcas: uma revisão teórica. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 7., 2004, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEA/USP, 2004. p. 1-11.

THE PLAYERS TRIBUNE. Christy Martin, boxeadora. **The Players Tribune**, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/br/posts/pacto-com-o-diabo-netflix-untold-christy-martin-boxe>. Acesso em: 18 ago. 2023.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIMIERO, Ana Carolina, EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues, PILAR, Olívia. A produção aca-dêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Co-municação. **Revista EcoPós**, v. 26, n. 3, p. 196-222, 2023. Disponível em: https://revisataecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28002 . Acesso em: 1 abr. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em: 02 nov. 2023

Aprovado em: 18 mar. 2024

DO PRECÁRIO PARTILHADO À REORGANIZAÇÃO DO SENSÍVEL: DISENSSOS EM DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS SOBRE FUTEBOL

FROM THE SHARED PRECARY TO THE REORGANIZATION OF THE SENSIBLE:
DISENSES IN BRAZILIAN SOCCER'S DOCUMENTARIES

Francisco Alves Junior ¹
Jorge Cardoso Filho ²

Resumo

Este artigo promove uma leitura comparativa de três documentários brasileiros: Subterrâneos do futebol (Maurice Capovilla, 1965), Fora de campo (Adirley Queirós, 2009) e Bola na trave: o futebol feminino no Brasil (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020), a fim de entender mudanças e as permanências estéticas na realização de documentários brasileiros sobre o esporte. A rigor, analisamos como as relações entre estética/política, experiência e performance são responsáveis pela criação de uma cena dissensual (Rancière, 1996; Marques, 2013) ao expor as relações de poderes e o estabelecimento do desentendimento (Rancière, 1996) entre os sujeitos que compõem uma determinada comunidade. Ao fim, sistematiza um conjunto de aproximações e distanciamentos entre os três documentários e suas respectivas formas de fazer reorganizar a partilha do sensível.

Palavras-chave

Futebol; documentários; dissenso; sensível.

Abstract

This article promotes a comparative analysis of three Brazilian documentaries: Subterrâneos do futebol (Maurice Capovilla, 1965), Fora de campo (Adirley Queirós, 2009), and Bola na trave: o futebol feminino no Brasil (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020), aiming to understand how the relationships between aesthetics/politics, experience, and performance contribute to the creation of a dissensual scene (Rancière, 1996; Marques, 2013) by exposing power relations and the establishment of misunderstanding (Rancière, 1996) among the subjects within a specific community. In conclusion, it systematizes a set of similarities and differences among the three documentaries and their respective ways of reshaping the distribution of the sensible.

Keywords

Football; documentaries; dissensus; sensible.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), chicoalv@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5706-795X>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6452288436505998>.

² Doutor em Comunicação (UFMG), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e-mail: cardosofilho.jorge@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4276-934X>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5699855342488237>.

Aquecimento

*Hoje tem futebol, tem show, tem festa
 Meu ídolo matando bola no peito
 Marcando de testa, bem na boca do gol
 Hoje tem futebol, Cátia de França*

O objetivo deste trabalho é interpretar de modo comparado os documentários brasileiros *Subterrâneos do futebol* (Maurice Capovilla, 1965), *Fora de campo* (Adirley Queirós, 2009) e *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil* (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020), com a intenção de observar como as relações entre estética/política, experiência e performance são responsáveis pela criação de uma cena dissensual (Rancière, 1996; Marques, 2013) ao expor as relações de poderes e o estabelecimento do desentendimento (Rancière, 1996) entre os sujeitos que compõem uma determinada comunidade. Para tanto, nos propomos a estabelecer aproximações e distanciamento entre as obras, levando-se em consideração que os documentários escolhidos como corpus de análise foram realizados em diferentes épocas e contam com estratégias poéticas diferentes entre si.

Subterrâneos do futebol é um dos quatro documentários de média-metragens produzidos por Thomaz Farkas que compõem o longa *Brasil Verdade* (1968)³. O documentário dirigido por Maurice Capovilla⁴ é estruturado a partir do modelo sociológico (Bernardet, 2003), no qual um narrador busca explicar e conduzir os espectadores a determinadas conclusões e/ou soluções, normalmente, utilizando-se de generalizações, que partem de um caso particular para discutir um assunto ou tema maior. O que o filme pretende não é apenas (re)pensar o papel do futebol na sociedade brasileira, mas representar a figura do jogador como um atleta e trabalhador do esporte.

*Fora de campo*⁵, que foi filmado no Distrito Federal e em Goiás, centra-se em ex-jogadores de futebol, com exceção de Maninho, um dos personagens que ainda estava em atividade na época da realização do filme⁶. A intenção de Adirley Queirós, ele próprio um ex-jogador de futebol, era mostrar as dificuldades enfrentadas por eles ao longo das suas carreiras como profissionais do esporte. Ao trazer o tema da precariedade e da baixa remuneração para o debate, o documentário, a partir da performatividade das falas dos entrevistados, instaura cenas de dissensos (Rancière, 1996; Marques, 2013) ao questionar a visão hegemônica do futebol como um esporte que permite uma rápida e indiscutível ascensão social.

Bola na trave: o futebol feminino no Brasil, busca compreender a evolução e a prática do futebol feminino no país. Realizado como trabalho final do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e gravado em meio a pandemia do novo coronavírus, a obra, assim como *Subterrâneos do futebol* e *Fora de campo* também se dedica a pensar sobre a precariedade da profissão, evidenciando que, mesmo com mais visibilidade

³ *Brasil Verdade* conta ainda com *Memórias do cangaço* (Paulo Gil Soares, 1964), *Nossa escola de samba* (Manuel Horacio Gimenez, 1965) e *Viramundo* (Geraldo Sarno, 1965).

⁴ O diretor chegou a jogar no juvenil do Valinhense, Guarani e no Fluminense/RJ, de acordo com uma entrevista dada por ele ao jornalista e crítico de cinema Luiz Zanin Oricchio publicada no livro *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*

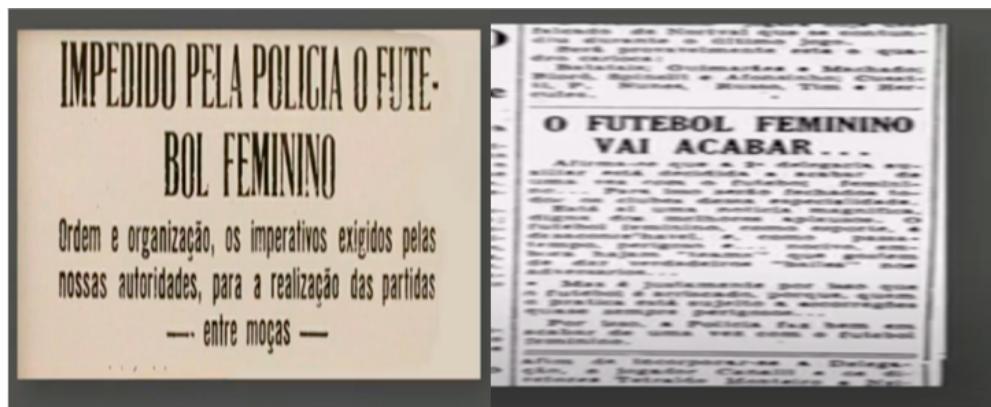
⁵ A obra foi realizada pelo Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro (DOCTV).

⁶ Já aposentado, Maninho foi protagonista de *Meu Nome é Maninho* (2014), também dirigido por Adirley Queirós.

mediática, o futebol feminino ainda é visto com desconfiança pelos patrocinadores e por parte dos espectadores, reforçando a ideia de que as mulheres não fazem parte de uma comunidade de afetos, e que, portanto, não seriam capazes de produzir identificações, emoções e engajamento entre as torcidas e as jogadoras. Partimos da ideia que esses documentários devem ser compreendidos como objetos estéticos e políticos, uma vez que eles trazem à debate questões que vão além do campo de jogo e que atravessam a vida cotidiana, produzindo fraturas entre o corpo em cena (performances) e o corpo da cena (encenação) (Bogado, Alves Junior, Souza, 2020).

Como recurso cênico, *Bola na Trave* trás, em seus minutos iniciais, recortes de jornal que apresentavam à sociedade brasileira a proibição da prática do futebol pelas mulheres, estabelecendo desde o início da narrativa que estamos diante de um grupo que está “à margem” daquele tipo de sociabilidade (Fig. 1). Por sua vez, destacamos como *Subterrâneos do Futebol* e *Fora de Campo* (Fig. 2 e 3), trazem imagens dos atletas com corpos esguios se exercitando ou em situações de preleção, em que ouvem o técnico sentados no chão. Distantes do glamour do futebol profissional, em que os atletas possuem corpos atléticos e vestiários específicos, o que se observa nos documentários é um outro tipo de separação na relação com o imaginário esportivo.

Figura 1 - Recortes de jornais nos informa sobre a proibição do futebol feminino no Brasil



Fonte: Bola na trave: o futebol feminino no Brasil (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020)

Figuras 2 e 3



Fonte: Subterrâneos do futebol (Maurice Capovilla, 1965) e Fora de campo (Adirley Queirós, 2009)

Ao colocar em cena os jogadores e as jogadoras, a torcida (seus cânticos e suas expressões), a intensidade do jogo, e seus contextos políticos como o machismo, a desigualdade de gênero, a precariedade do trabalho e o debate sobre classe, raça e sexualidades, os diretores e as diretoras têm como objetivo reorganizar os regimes de partilha do sensível (Rancière, 2005) e questionar o lugar dos espectadores/torcedores, levando em consideração os possíveis modos de leituras (Odin, 2013) que os documentários possibilitam, uma vez que elas podem ser lidas como documentos históricos, que a partir de uma leitura documentarizante, que seria “uma leitura capaz de tratar todo filme como documento” (Odin, 2012, p.13), operacionalizam diversos modos de compreensão sobre a realidade e a sociedade brasileira ao longo dos anos.

As obras que elegemos como o corpus deste trabalho serão colocados em confronto com a finalidade de perceber as mudanças e as permanências estéticas na realização de documentários brasileiros sobre o esporte. A compreensão dessas transformações e tradições na realização de documentários brasileiros sobre futebol mostra-se importante não só para entender o percurso histórico-estético desses filmes, mas, sobretudo, para observar a experiência de partilha e a construção de uma comunidade de afetos que estes documentários agenciam ao abordarem um tema fundamental para a construção da nossa identidade (Franco Júnior, 2007; Freitas; Trigo, 2019). Com o intuito de compreender a formação das cenas de dissenso nos documentários selecionados, optamos por uma abordagem que leve em consideração os aspectos internos das obras e seus contextos culturais e políticos. Para que isso seja atingido, além do diálogo entre estética/política, experiência e performance, será necessário recorrer a autores que se dedicam a pensar sobre as obras audiovisuais enquanto fenômenos comunicativos.

Jogo em imagens/imagens em jogo

*Posso morrer pelo meu time
 Se ele perder, que dor, imenso crime
 Posso chorar se ele não ganhar
 Mas se ele ganha não adianta
 Não há garganta que não pare de berrar
 É uma partida de futebol, Nando Reis e Samuel Rosa*

Alguns documentários que têm o futebol como tema, apresentam não apenas o jogo enquanto um fenômeno estético, mas, sobretudo, possibilidades de compreensão do esporte como um espaço de criação e recriação de falas, de gestos, de invenção, intervenção e de participação das personagens em uma comunidade (Sant'ana, 2017; Lage, 2018). E isso acontece através de formas de reivindicações e de resistências, que atreladas ao desejo de serem vistos e ouvidos, promovem condições de fala a esses sujeitos. Ao acionar seus corpos e suas falas durante a experiência do encontro com o outro, e utilizando a câmera como dispositivo de agenciamentos e de regulação de performances, as personagens podem desestabilizar as cenas cotidianas e podem pro-

duzir ações performativas que interferem no campo do visível, fazendo emergir, nestas situações, corpos antes invisibilizados no futebol.

As relações entre o visível e o invisível (Mondzain, 2013), sobre o que existe fora da cena e o que pertence à cena propriamente dita, são tensionadas a partir da participação dos sujeitos filmados no campo do que é visto e ouvido pelos espectadores. A filósofa francesa Marie-José Mondzain argumenta que as imagens não são apenas representações visuais, mas que elas possuem uma dimensão invisível que desempenha um papel fundamental em nossa compreensão e interpretação delas e do mundo ao redor. Para ela, as imagens portam significados religiosos, políticos e culturais, e que, portanto, carregam consigo uma série de referências que habitam o nosso imaginário, como as performances produzidas pelos jogadores e torcedores. Um exemplo disso é quando, em campo, os atletas produzem gestos derivados de experiências e reivindicações históricas e políticas, que para quem não partilha das mesmas referências podem parecer gestos desinteressados, como as comemorações de Vinicius Junior, jogador do Real Madrid e da seleção brasileira. Vítima de racismo por torcedores rivais, o jogador costuma comemorar seus gols com o punho cerrado. O gesto, produzido e reproduzido mundo afora, também era a marca registrada de Reinaldo, ex-centroavante do Clube Atlético Mineiro nos anos de 1970 e 1980.

Simbolizado como uma saudação antirracista, o punho cerrado configura-se como uma manifestação de luta às formas de opressão e um gesto político de reorganização do sensível. É importante lembrar que esse gesto foi bastante utilizado pelos Panteras Negras, movimento político surgido nos Estados Unidos nos anos de 1960 que protestava contra a violência policial e que defendia os direitos civis dos negros e negras em um estado marcado pela segregação racial. Além de Vinicius Junior e Reinaldo, outros jogadores brasileiros utilizaram seus corpos - e suas falas - para resistir às injustiças e as arbitrariedades, como Afonsinho, retratado em *Passe livre* (Osvaldo Caldeira, 1974) e *Barba, Cabelo e Bigode* (Lúcio Branco, 2016) e Sócrates, protagonista de diversos documentários como *Democracia em Preto e Branco* (2014) e *Cartas ao Magrão* (2020), ambos dirigidos por Pedro Asbeg.

Em parte da sociedade brasileira ainda permanece uma visão desconexa do futebol como desmobilizador e alienante. Entretanto, há quem veja no jogo, e nas suas redes de sociabilidades, um fértil campo de debates que atravessam a vida cotidiana - e que se mostram fundamentais para a produção de afeto e para a mobilização das emoções (Helal, 2011). Nos documentários sobre futebol, essa relação pode ser construída pelas entrevistas e pelas performances dos jogadores, dentro e/ou fora do campo de jogo. De acordo com a pesquisadora Juliana Gutmann e com o pesquisador Jorge Cardoso Filho, que partem dos estudos de Richard Schechner,

As performances são caracterizadas como comportamentos restaurados (*restored behaviors*), que guardam matrizes das experiências relacionadas às conversões, práticas repetidas que constituem rituais, situações, narrativas, identidades e novos padrões. Elas são tomadas como ações (o “mostrar fazer”) permanentemente restauradas como

potencialidades de ruptura, o que significa que acolhem, num só tempo, convenções e suas desestabilizações." (Gutmann; Cardoso Filho, 2022, p. 51).

Ao pensarmos sobre a existência das performances nos documentários, podemos citar o ensaio "Um estudo sobre performance, dispositivos de regulagem entre formas de vida e formas da imagem no documentário contemporâneo". Neste texto, que visa compreender as relações entre o *corpo em cena* (performances) e o *corpo na cena* (encenação), os autores defendem que a performance se situa num limiar entre o passado e o presente das filmagens, no qual as personagens reelaboram as suas vidas a partir da experiência e da fabulação, e em alguns casos, através do contato com os arquivos e com as imagens sobreviventes de um determinado acontecimento. O documentário pode ser considerado um lugar de excelência em relação a presença e a materialidade das performances - e de disputa pela cena, uma vez que:

é preciso observar o cinema enquanto um espaço de cruzamento de olhares e com a presença dos equipamentos de filmagem e a forma como são operados flexionam, em alguma medida, não apenas a maneira de estar em cena, mas também o modo de ver a cena (Bogado, Alves Junior, Souza, 2020, p. 268).

O que queremos dizer é que a câmera e os espaços/lugares em que as personagens atuam, podem funcionar como disparadores de comportamentos, gestos e performances, no qual "os corpos em cena, os corpos da cena, os corpos imaginários de relações existentes entre cinema, realizadores e personagens vivenciados na espectatorialidade sinalizam um gesto político e estético caro à noção de experiência". (Bogado, Alves Junior, Souza, 2020, p. 276). Essa forma de se colocar no mundo, levando-se em consideração a atuação e a presença dos dispositivos de regulagem, podem produzir dissensos e fraturas em cenas consideradas estabilizadas e consensuais. Tal movimento em direção ao mundo é possível ser percebido em *Subterrâneos do futebol*, *Fora de campo* e *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil*.

Entendemos, a partir da tensão entre o vivido e o imaginado/fabulado, que as obras analisadas aqui se preocupam em construir uma comunidade, em que a política como uma manifestação estética, que age sobre o sensível, propõe novas experiências e performances, que articuladas com o vivido, abrem outras possibilidades de compreensão de determinados fenômenos políticos e culturais. Assim, ao reivindicarem seu status de membro de uma comunidade, as personagens transformam suas falas, antes entendidas como ruídos, em intervenções sobre a ordem do comum, redefinindo e repensando seus lugares no mundo. Assim, a performance pode ser entendida como uma chave para compreender as relações estéticas e políticas produzidas por quem deseja fazer parte de uma comunidade, na qual, a partir de suas vivências, buscam redefinir e repensar seus lugares no mundo, como podemos observar em *Subterrâneos do futebol*.

Os ex-jogadores da seleção brasileira, Pelé e Zózimo, personagens do documentário de Capovilla, são chamados a falar sobre as suas condições de trabalho. Os dois veem o lugar do jogador profissional com o do explorado pelos dirigentes dos times aos quais estão ligados. Aproveitando-se da visibilidade midiática que ambos tinham à época das gravações, os jogadores se colocam em cena. Ao se pronunciarem politicamente, as personagens inventam "uma cena comunicativa polêmica na qual os sujeitos tentam se inscrever (fazendo-se visíveis)" (Marques, 2013, p. 245), buscando com isso "inverter papéis e até mesmo silenciar os que geralmente falam, para deixar falar aqueles que, a princípio, não teriam nada a dizer" (Marques, 2013, p. 245). Ao se posicionarem publicamente, os dois jogadores chamam atenção para outras lógicas de percepção e compreensão de seus corpos e de seus destinos, friccionando, assim, a partilha do sensível:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (Rancière, 2005, p.15)

Em *Fora de campo e Bola na trave: o futebol feminino no Brasil* esse movimento de reorganização da partilha do sensível, que se estabelece a partir da reivindicação de outros arranjos políticos, também estão visíveis. *Fora de Campo* acompanha a vida longe dos gramados dos ex-jogadores Wlade, Bé, Bezerra, Marquinho Carioca e Paulinho da Grécia, e do ainda jogador em atividade, Maninho (Fig.4)

Figura 4 - Maninho entre o sonho e a realidade



Fonte: Fora de campo (Adirley Queirós, 2009)

Como em *Subterrâneos do futebol*, o documentário de Adirley Queirós retrata os personagens como trabalhadores do esporte, expondo seus dilemas e suas conquistas dentro, e especialmente, fora do campo de jogo. Embora dramaturgicamente distante, *Fora de Jogo* dialoga de maneira bastante interessante com o terceiro episódio de *Fu-*

tebol (1998), de João Moreira Salles e Arthur Fontes, em que os diretores acompanham durante uma semana a vida de Paulo César Caju, que assim como Afonsinho, é um dos protagonistas do já citado *Cabelo, Barba e Bigode*. O paralelo entre os filmes é possível não apenas pela temática, mas, sobretudo, porque coloca em debate o processo de aposentadoria das personagens e as novas formas e modos de sobrevivência após o encerramento das suas carreiras profissionais, que relegados ao ostracismo, precisam se reinventar, normalmente, longe do futebol.

Cientes de que estão sendo filmados, as personagens usam seus corpos e suas vozes como testemunhas das dificuldades pelas quais enfrentaram nos clubes em que jogaram, rasurando a visão hegemônica que ainda prevalece sobre o futebol como um trabalho que garante a boa parte dos seus profissionais uma remuneração justa, e por vezes, milionária. Wlade, Bé, Bezerra, Marquinho Carioca, Paulinho da Grécia e Maninho, reelaboram as suas memórias e seus tempos de atletas, não só quando colocados em confronto com os arquivos imagéticos e audiovisuais que compõem o filme, mas também, quando questionados sobre a sua condição de ex-jogador, que fora dos campos, precisam ganhar a vida como vendedor ambulante, segurança e profissional da saúde, por exemplo. Convidados a apresentar um pouco de seu cotidiano, eles performam suas experiências a partir da enunciação de fatos, que não se opõem a fabulação, mas busca, através do desejo de ser ouvido, se inscrever na cena pública.

Já *Bola na trave*, que conta com entrevistas de importantes jogadoras e ex-jogadoras da seleção nacional, como Márcia Taffarel, Sissi, Formiga, Ludmila e Andresinha, da pesquisadora Aira Bonfim e da jornalista Renata Mendonça, comentarista do SPORTV e co-fundadora do Dibradoras, portal de notícias sobre esporte feminino, utiliza-se de diferentes materialidades, como as fotografias privadas e públicas e arquivos jornalísticos, além de recursos visuais para construir um panorama da participação das mulheres brasileiras no futebol. Assim como nos documentários *Subterrâneos do futebol* e *Fora de campo*, as personagens de *Bola na trave* produzem cenas de dissensos ao trazerem para debate, entre outras questões, as desigualdades de gênero, que se reflete na baixa remuneração e no quase inexistente investimento no esporte pelas entidades responsáveis pela gestão do futebol no país (Fig. 5).

Figura 5 - Reportagem demonstra descaso com o futebol feminino



Fonte: *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil* (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020)

Em uma das cenas que destacamos deste documentário, a narração em off estabelece comparações entre as estatísticas de espectadores das copas do mundo de futebol masculina e feminina, apontando que foi somente em 2019 que a convocação das jogadoras da seleção brasileira foi feita seguindo o parâmetro do acontecimento midiático - tal qual é feito na seleção masculina. Mais importante, indica que é somente nesse mundial que as jogadoras passam a ter camisas feitas especificamente para o corpo feminino. Para ilustrar esse avanço, as diretoras inserem imagens da campanha de divulgação do uniforme (Fig.6). O documentário explica, assim, as assimetrias pelas quais o futebol feminino precisa passar a fim de reorganizar as compreensões estético-políticas. A própria roupa é um objeto que incide no controle dos corpos, de modo que o uso do uniforme da seleção masculina pelas jogadoras da seleção feminina, até 2019, deixa ainda mais evidente o regime de controle pelo qual as atletas estavam submetidas.

Figura 6 - Uniforme da seleção brasileira feminina e atletas



Fonte: Bola na Trave: o futebol feminino no Brasil (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020)

Cantar o sensível para reorganizá-lo ou para reforçar as assimetrias?

*Foi vivendo dessa maneira,
fazendo música, jogando bola
que aprendi a brincadeira
fazendo música, jogando bola
Fazendo música jogando bola, Pepeu Gomes*

Na concepção de Rancière o dissenso se estabelece na medida em que aqueles que estavam sem parte na cena pública se fazem visíveis, se desvelam e instituem uma outra cena pública. Nesta reorganização do sensível (que é, ao mesmo tempo, estética e política) os anteriormente sem parte redistribuem as formas de sentir e perceber o mundo, tornando sua condição de existência irrevogável. Daí a força que o dissenso

possui, para o autor: ele instaura novas cenas públicas em um cotidiano que é policial, ou seja, que quer manter a organização sensível exatamente como vinha sendo.

Se os cantos das torcidas para seus respectivos times possuem uma função importante neste âmbito do sensível (narrando a história da agremiação e o amor dos fãs pelas mesmas), temos dúvidas sobre a possibilidade de que elas funcionem como instituidoras de dissensos. Isso porque em variadas ocasiões, esses cantos reforçam aspectos já relacionados aos clubes, o que nos indica o funcionamento como um ação policial. Além disso, como fica exposto no documentário *Bola na Trave*, os cantos da torcida também entoam mensagens misóginas, homofóbicas e racistas que só demonstram a reprodução das violências cotidianas que são praticadas sobre mulheres, grupos LGBTQIAPN+ e pessoas pretas e pardas.

A determinação em ver e valorizar o jogo de futebol, a partir dos recursos disponíveis na sua própria língua, são características do elogio. O formato elogio emerge graças a essa comunidade fusional de afetos e a encarnação do valor partilhado ganha relevo no elogio e pode, assim, constituir situações controversas interessantes, evidenciando também sua força política. Assim como na crítica, o elogio é público, ganha espaço com a poesia, o que garante respeito ao princípio da visibilidade; aquele que o profere se compromete com o que afirmou (responsabilidade); do mesmo modo, há possibilidade de negação e revisão (contradição).

No Brasil, por exemplo, a música popular é um formato expressivo onde o elogio tem espaço (ao lado da canção de protesto, é claro). Recorrendo aos reforços extra-linguísticos da canção popular como a melodia e o ritmo, grandes feitos são narrados, assim como muitas críticas são produzidas, gerando o tipo de efeito a que Gumbrecht (2007) se refere ao discutir a beleza atlética. Dentre as muitas odes que podiam aqui ser citadas, destaco duas que, sendo fiel ao tema “futebol”, demonstram bem essa vocação que música popular brasileira possui em fazer elogios.

A primeira é a famosa composição de Jorge Ben Jor, denominada inicialmente como *Fio Maravilha* (1972) – transformada em *Filho Maravilha*. Em homenagem ao jogador João Batista de Sales, a beleza de um gol é anunciada e o amor da torcida pelo ídolo é declarada no refrão: “foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa / e a magnética agradecida, se encantava / Fio Maravilha nós gostamos de você / Fio Maravilha faz mais um pra gente vê” (Ben Jor, 1972). Da partilha de valor constituída entre a torcida e o jogador, inicia-se um processo de encantamento, que culmina na declaração *Fio Maravilha nós gostamos de você*. Essa declaração, posteriormente, ganha o sentido de um pedido: *Fio Maravilha faz mais um pra gente ver*. Nessa perspectiva, trata-se de uma espécie de adesão ao valor, *philia*, concórdia anunciado pelo refrão.

A segunda é *Recônvexo* (1989), do cantor e compositor baiano Caetano Veloso. Nela, além de personalidades da cultura baiana, o compositor dedica um verso para falar de um jogador importante na conquista do Campeonato Brasileiro de 1988, pelo Esporte Clube Bahia. Seu nome: Raimundo Nonato Tavares da Silva, mais conhecido como Bobô. “Quem não rezou a novena de Dona Canô / quem não seguiu o mendigo Joãozinho Beija-Flor / quem não amou a elegância sutil de Bobô” (Veloso, 1989). A

operação, nesse caso, é o da distinção entre aquele que partilha dos valores de uma suposta baianidade e daqueles que não experimentam esse valor. Segue uma lógica de segmentação, éris, discórdia e sua força de identificação atinge plenitude entre aqueles que já rezaram a novena, seguiram o mendigo e, sobretudo, amam a elegância sutil do jogador.

Nos dois casos, a fala coloquial da canção popular deixa visibilizar mais que a partilha de um valor que o objeto "gol" ou "elegância" possa vir a ter. Trata-se da partilha de uma experiência, uma intensidade decorrente da relação com aqueles produtos. Tanto o "encantamento da magnética" como o fascínio com a "elegância sutil" são características da relação que se estabeleceu com os fenômenos – qualidades que o elogio quer não apenas descrever, mas sobretudo produzir no seu interlocutor, o que indica uma importante força perlocucionária do discurso. Não basta que o interlocutor entenda o que se está afirmando, é preciso convencê-lo, e, às vezes, fazê-lo sentir o mesmo que outrem.

Assim como na música popular, o elogio também se faz presente em documentários brasileiros sobre futebol, especialmente em retratos e em obras biográficas, que em maior ou em menor grau se dedicam a revisar a vida das personagens, que nesse caso, são jogadores de futebol ainda em atividade ou aposentados, e que são considerados grandes astros do esporte. Mesmo que os documentários possam trazer algum tipo de crítica negativa aos personagens, normalmente, essas obras ressaltam as qualidades técnicas e táticas dos jogadores, revelando as jogadas, os dribles, os gols e as habilidades que fazem dele um grande atleta, como *Pelé Eterno* (Aníbal Massaini Neto, 2004), *Um craque chamado Divino* (Penna Filho, 2006), *Alex Câmera 10* (Cae Serur Pereira, 2020) e *Rogério Ceni, um M1to no Chile* (Ian Campbell, 2022).

Na contramão dessas obras elogiosas, uma série de documentários tem buscado narrar uma realidade distinta do nosso imaginário sobre o futebol como um esporte que garante uma boa remuneração aos seus praticantes, como é caso dos documentários analisados aqui. Ao figurar as personagens/jogadores como trabalhadores do esporte, as obras reorganizam o sensível ao proporem um debate sobre as formas de organização do ecossistema do universo futebolístico, fazendo emergir, assim, dissensos. Em *O Desentendimento*, Rancière defende que a política se instala através do questionamento dos sujeitos sobre a sua ausência em uma determinada comunidade:

Aqueles que não têm direito de ser contados como seres falantes conseguem ser contados, e instituem uma comunidade pelo fato de colarem em comum o dano que nada mais é que o próprio confrontamento, a contradição de dois mundos alojados num só: o mundo em que estão e aquele em que não estão, o mundo onde há algo "entre" eles e aqueles que não os conhecem como seres falantes e contáveis e o mundo onde não há nada (Rancière, 1996, p.40).

É a partir da identificação de um dano, que pode ser classificado como "o momento em que se dá a formação do sujeito como interlocutor" (Marques, 2013, p.245),

que se configura e se forma uma cena dissensual. A pesquisadora Ângela Marques, em um ensaio intitulado “Cenas de dissenso e a política das rupturas e fraturas na evidência do visível”, escreve o seguinte a respeito da ideia de política para Rancière:

Só há política quando um dano é nomeado e tratado em uma cena dissensual por sujeitos que não são vistos como pertencentes a uma comunidade (“sem-partes”) e que, ao performarem argumentativamente o dano, verificam a ausência de igualdade em relação aos demais e, nesse processo, constituem-se como sujeitos políticos, afastando-se de identidades e definições impostas que lhes colocam limites para a participação ao comum. (Marques, 2013, p.243)

Trazemos, por fim, como um exemplo que dialoga muito bem com *Bola na Trave*, o clipe da canção *Jogadeira* (Joga a Bola no meu Pé), gravada em 2019, por Cacau e Gabi Kivitz, e que acabou se tornando tema da seleção brasileira feminina, antes das transmissões dos jogos (Fig. 7). Aqui há um misto de elogio e crítica, na medida em que a letra da canção retrata as variadas formas de preconceito que as jogadoras enfrentam, mas os corpos da cena /em cena emergem em uma dimensão mais próxima do elogio, em uma espécie de fusão comunitária e de camaradagem (sororidade) que deslocam e reorganizam o campo da partilha. Ali, são as jogadoras que fazem o samba, que promovem as jogadas plásticas e os dribles desconcertantes.

Qual é, qual é?
Futebol não é pra mulher?
Eu vou mostrar pra você, mané
Joga a bola no meu pé

Figura 7 - Videoclipe da música *Jogadeira*



Fonte: *Jogadeira* (Cacau feat Gabi Kivitz, 2019)

Aqui as imagens e o canto também constroem o dissenso, uma vez que repositiona o lugar das mulheres na música popular e no futebol, considerados elementos fundamentais na construção da identidade brasileira, ao questionar e desafiar o quinhão que lhe foram destinados historicamente, utilizando expressões artísticas e esportivas, exercidas culturalmente por homens, para rasurar o sensível. Deste modo, tanto as cantoras quanto as jogadoras reivindicam seu espaço e sua participação na vida política do país. Não é à toa que em *Bola na Trave*, as diretoras recorrem aos arqui-

vos televisivos que mostram Marta, Cristiane e Erika com instrumentos musicais (Fig.8) antes das partidas da seleção brasileira. Cientes da potência da música em criar mundos e sensibilidades das mais diversas, o documentário termina justamente ao som de *Jogadeira*.

Figura 8 - Samba e futebol em campo



Fonte: Bola na Trave: o futebol feminino no Brasil (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020)

Prorrogação

Bola na Trave, que como dissemos acima, foi realizado durante a pandemia do Covid19, aproxima-se de uma série de documentários brasileiros recentes sobre o futebol que têm apostado em (re)pensar o esporte a partir de sujeitos que não tinham suas histórias contadas por serem considerados sem parte da comunidade futebolística, como mulheres e LGTQIAPN+. Independente das estratégias poéticas dos documentários sobre o esporte, o que nos chama atenção são as escolhas políticas dos realizadores, que se traduzem em uma maior abertura do campo cinematográfico às experiências populares, e com isso, com a criação de novas formas de percepção e de leitura sobre o futebol. Não queremos dizer com isso que o futebol esteve ausente no cinema brasileiro, ao contrário, como demonstra Luiz Zanin Oricchio em *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*.

Em termos comparativos, é possível realizar um movimento de encontro e distanciamento entre as obras analisadas aqui. Se pensarmos em relação a forma e o modelo de construção dos documentários produzidos durante as décadas de 1960 e 1970, é notória a ausência do narrador na maioria dos documentários contemporâneos sobre futebol. Em comum nesses documentários, além do tema principal, está o debate sobre as condições de trabalho dos jogadores. Há, portanto, atualmente, uma continuidade de alguns dos temas caros ao cinema documental brasileiro, que por uma perspectiva histórica, encontra eco nas obras contemporâneas. Oricchio, no já citado *Fome de bola* observa que “o intelectual, de esquerda, em geral, costumava ver o futebol *de fora*, e também *de cima*, numa perspectiva que resistia a integrá-lo no todo da experiência social popular” (Oricchio, 2006, p. 99).

No Brasil, o futebol é um dos principais meios de sociabilidade, senão o principal. O esporte, vendido midiaticamente como uma importante alavanca de ascensão social, é praticado em todos os cantos do país. Entretanto, como nos mostra *Subterrâneos do futebol* e *Fora de Campo*, apenas uma pequena parte dos jogadores brasileiros podem viver exclusivamente do futebol. Ambos os documentários revelam os sacrifícios e as renúncias dos atletas para se tornarem profissionais, o que não é garantia de uma boa remuneração e nem de reconhecimento dentro ou fora do campo. Tendo em média "15 anos" para conseguir uma certa independência financeira (e por vezes responsáveis em sustentar parte dos familiares), como faz questão de dizer tanto o craque Pelé quanto um dos entrevistados de *Subterrâneos do Futebol*, "o jogador é um operário, uma mercadoria, sem vida pessoal, sem tempo para a família, um explorado, apesar do alto salário que alguns deles recebem" (Oricchio, 2006, p. 99)

Se em *Subterrâneos do futebol* a narração conduz os espectadores a partilhar determinadas conclusões, que toma "o geral, não este ou aquele jogador" (Bernardet, 2003, p.48) para defender o ponto de vista do diretor, em *Fora de jogo*, embora busque traçar um panorama da precariedade em que os ex-jogadores de futebol vivem (depois dos 15 anos de atividade, como lembrou Pelé), Adirley Queiroz individualiza e nomeia seus personagens, acompanha uma parte da rotina deles e apresenta suas glórias, suas derrotas e seus desejos. As personagens têm suas carreiras atreladas às questões de classe, como demonstra Maninho quando diz o seguinte: "eu faço a minha profissão porque eu amo. Eu não amo o clube que eu visto, eu amo a profissão que eu faço". Essa afirmação serve de ligação para as falas dos outros entrevistados, que denunciam as péssimas condições de trabalho a que são submetidos, mesmo no futebol profissional, como a alimentação inadequada, a irregularidade dos calendários dos campeonatos (normalmente duram 3 meses), a falta de garantias trabalhistas e os calotes dos cartolas dos times.

Essas falas, produzidas com a intenção de denunciar a exploração da mão de obra, retratam a precarização e os desafios enfrentados pelas personagens na construção de suas carreiras profissionais, em que por meios de performances argumentativas nomeiam e expõem desentendimentos, reconfigurando, assim, "o campo da experiência" (Marques, 2013, p. 259). Esse movimento contestatório também se faz presente em *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil*. Nele, tanto as jogadoras quantas as demais personagens, não só discutem as condições de trabalho, mas denunciam as desigualdades de gênero no esporte e nas relações cotidianas, que se reflete no descaso e na falta de investimento no futebol feminino, que mesmo nos grandes times do país, ainda é visto com custo e não como investimento, reforçando, assim, os papéis sociais destinados a homens e mulheres no país ao longo das décadas.

Por fim, entendemos que os documentários brasileiros *Subterrâneos do futebol* (Maurice Capovilla, 1965), *Fora de campo* (Adirley Queirós, 2009) e *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil* (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Klobble, 2020), cada qual a seu modo, criam cenas de dissensos e reorganizam o sensível ao trazerem a debate questões que atravessam a nossas vidas, como a precariedade do

trabalho, o machismo e a desigualdade de gênero. Ao expor publicamente um desentendimento, as personagens reivindicam seus lugares na arena pública, provocando rasuram sobre o discurso dominante que narra o futebol como um esporte que remunera seus participantes de modo justo, e que permite, com isso, que os jogadores possam viver dignamente, mesmo depois de já aposentados.

Referências

- ACKER, Ana Maria. **Experiências Estéticas do Futebol no Cinema Brasileiro**. Curitiba: Appris, 2018
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidade nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018
- ALMEIDA, Gabriela; CARDOSO FILHO, Jorge. (Org.). **Comunicação, Estética e Política**: epistemologias, problemas e pesquisas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e Imagens do Povo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- BOGADO, Angelita; ALVES JUNIOR, Francisco; DE SOUZA, Scheilla Franca. "Um estudo sobre performance, dispositivos de regulagem entre formas de vida e formas de imagem no documentário contemporâneo". In. ALMEIDA, Gabriela; CARDOSO FILHO, Jorge. **Comunicação, estética e política**: epistemologias, problemas e pesquisas. Editora Appris, Curitiba, 2020. p. 265-280.
- BOLA na trave: o futebol feminino no Brasil. Direção: Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble. Brasil. 2020. HD.
- BRASIL, André. A performance: entre o vivido e o imaginado. In: PICADO, Benjamim; MENDONÇA; Carlos Magno Camargos; CARDOSO FILHO, Jorge. (Org.). **Experiência estética e performance**. Salvador: EDUFBA, 2014 p. 131-145.
- CARDOSO FILHO, Jorge; GUTMANN, Juliana. Performances como expressões da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 47, p.104-120, set./dez. 2019. Disponível em:<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/81918/53002> . Acesso em 20 de dez. de 2021.
- CARDOSO FILHO, Jorge.; ALMEIDA, Gabriela; CAMPOS, Deivison. (Org.). **Políticas do sensível**: corpos e marcadores da diferença na Comunicação. 1. ed. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCOM UFMG, 2020.
- DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, v. 1, n. 4, p. 54-60, 1982 Disponível em: <https://ludopedia.org.br/biblioteca/futebol-opio-do-povo-x-drama-de-justica-social/> . Acesso em 18 nov. 2023

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

FORA de campo. Direção: Adirley Queirós. Brasil. Ceicine, Stúdio 13, TV Brasil, Abepec, 2009

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. O processo de transformação do futebol como elemento de identidade nacional brasileira. **FuLia/ UFMG**, v. 4, p. 10-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22206/17855>. Acesso: 09. abr. 2024.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTMANN, Juliana; CARDOSO FILHO, Jorge. **Performances em contextos midiáticos**: MTV BR & Rock SSA. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2022.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/208/205> . Acesso em 09 de abr. 2024

LAGE, Marcus Vinicius Costa. Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor (2012) – documento histórico ou panfleto político? In: DELLAMORORE, Carolina; AMATO, Gabriel; BATISTA, Natália (org.). **A Ditadura na Tela** – o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro. Minas Gerais, Fafich- UFMG, 2018.

MARQUES, Angela. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Galáxia** (São Paulo. Online), v. 11(22), p. 25-39, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7047/6056>. Acesso em 10 dez.2021.

_____. "Cenas de dissenso e a política das rupturas e fraturas na evidência do visível". In: BRASIL, André; MORETTIN, Eduardo; LISSOVSKY, Maurício. (Org.). **Visualidades hoje**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 243-262.

MONDZAIN, Marie-José. **Imagen, ícone, economia**: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo. Editora Contraponto, MAR, Rio de Janeiro, 2013

ODIN, Roger. "A questão do público: uma abordagem semiopragmática". In: RAMOS, Fernão (Org.). **Teoria contemporânea do cinema**. VII. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005

_____. Filme documentário, leitura documentarizante. **Significação** - ano 39, nº32. São Paulo: USP, 2012. p. 10-30 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71238/74234> . Acesso em 30 ago. 2020.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Fome de bola – cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa oficial. 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed 34, 2009.

SANT'ANA, Luiz Carlos R. O futebol filmado: 'Tostão, a fera de ouro' (1970). **FuLiA / UFMG**, v. 1, p. 127-139, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/11593>. Acesso em: 09 abr. 2024

SOUTO, Mariana. Constelações fílmicas: um método comparatista no cinema. **Galáxia**. v.1, 2020. p. 153-165. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/44673/33173>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SUBTERRÂNEOS do futebol. Direção: Maurice Capovilla. Brasil. Thomaz Farkas Produções Cinematográficas, 1965. DVD.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 11 dez. 2024
Aprovado em: 18 mar. 2024

ESPORTES E RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM HEARTSTOPPER: ATUAÇÃO DE IMAGENS DE CONTROLE E MOVIMENTO DE AUTODEFINIÇÃO

**SPORTS AND GENDER AND SEXUALITY RELATIONS IN HEARTSTOPPER:
CONTROLLING IMAGE ACTUATION AND SELF-DEFINITION MOVEMENT**

Pedro Augusto Pereira ¹

Resumo

Este artigo consiste em uma análise das práticas esportivas na série de *TV Heartstopper*, observando de que modo os esportes ajudam a definir hierarquias e papéis de gênero entre as personagens em uma escola exclusiva para garotos. Por meio dos conceitos de imagens de controle e autodefinição, de Patricia Hill Collins, analiso a relação do protagonista da série, Charlie, com os esportes ao longo da história, sobretudo a partir de sua entrada no time de *rugby* da escola. Na série, o *rugby* aparece como definidor do que é ser homem de verdade, da heterossexualidade e da virilidade. Ainda que não seja possível, por meio apenas da análise da série, estabelecer de fato uma imagem de controle referente a homens gays, acredito que seja possível falar em elementos capazes de compor uma imagem de controle. A homofobia faz parte do comportamento dos garotos do *rugby* e ajuda a estabelecer sua masculinidade, assim como a prática de esportes. No entanto, também é uma prática esportiva que simboliza o movimento de Charlie de recusa de imagens impostas, superação de traumas e autodefinição.

Palavras-chave

imagens de controle; autodefinição; masculinidade; homofobia; esportes.

Abstract

This paper consists of an analysis of sports practices in the TV series *Heartstopper*, observing how sports help to define hierarchies and gender roles among the characters in a boys exclusive school. Using the concepts of controlling images and self-definition, by Patricia Hill Collins, I analyze the relationship of the series' protagonist, Charlie, with sports throughout the story, especially after joining the school's rugby team. In the series, rugby appears to define what it means to be a real man, heterosexuality and virility. Although it is not possible, based solely on an analysis of the series, to actually establish an image of control in relation to gay men, I believe it is possible to talk about elements capable of composing an image of control. Homophobia is part of the behavior of rugby boys and helps establish their masculinity, just like playing sports. However, it is also a sporting practice that symbolizes Charlie's movement of refusing imposed images, overcoming trauma and self-definition.

Keywords

controlling images; self-definition; masculinity; homophobia; sports.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), doutorando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com bolsa Capes, pedroaecp@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5478-8863>, <http://lattes.cnpq.br/0065288406152579>.

Introdução

A série *Heartstopper* é uma produção original da Netflix que traz uma adaptação da série de quadrinhos de mesmo nome escrita por Alice Oseman². A história, no estilo “garoto encontra garoto” (*boy meets boy*), é centrada nos adolescentes britânicos Charlie Spring (Joe Locke) e Nick Nelson (Kit Connor) que se conhecem e se apaixonam num colégio exclusivo para rapazes. Charlie é um rapaz gay, assumido, que foi “tirado do armário” no ano anterior ao início da história e foi vítima de *bullying* e homofobia de colegas da escola, ele toca bateria e é o melhor corredor da sua turma de Educação Física. Já Nick é a estrela do time do rugby da escola, muito popular, e que, ao longo da série, descobre-se bissexual a partir de sua atração por Charlie.

As práticas esportivas não são o centro da narrativa de *Heartstopper*, mas atraí-
vessam as construções das personagens e as relações entre elas de mais de uma maneira. Neste texto, direciono meu foco à relação, na série, de Charlie Spring com os esportes e o ambiente esportivo na escola. Argumento ser possível compreender essas relações em *Heartstopper*, na história de Charlie, com base nos conceitos de imagem de controle e autodefinição da estadunidense Patricia Hill Collins (2019). Indicando uma representação específica “que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca”, o conceito de imagem de controle “se diferencia das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade” (Bueno, 2020, p. 73). Aqui, busco trabalhar com esse conceito operador de Collins (2019) aplicado a dinâmicas de gênero e sexualidade entre as personagens da escola exclusiva para garotos da série britânica.

Como a dimensão ideológica (Bueno, 2020) da matriz interseccional de dominação, as imagens de controle funcionam, neste trabalho, como operador teórico-metodológico para o estudo da relação entre as personagens da série, as práticas esportivas e dinâmicas de poder que envolvem gênero e sexualidade. Collins (2019) não apresenta, em seu trabalho, imagens de controle referentes a outros grupos sociais que não as mulheres negras estadunidenses, mas indica que elas existem.

Aqui, faço uma análise de *Heartstopper*, por meio das práticas esportivas, buscando indícios da operação das imagens de controle, ou seja, de sua operação, que justifique e naturalize práticas de opressão (Bueno, 2020). Além das ideias de imagem de controle e autodefinição de Collins (2019), apresento uma discussão teórica com foco nas práticas esportivas e no ambiente escolar e seu papel nas construções de relações de gênero, definições de masculinidade/virilidade e exclusão de pessoas LGBTI+, especialmente, neste trabalho, pessoas gays.

Ainda que seja estabelecido desde o primeiro episódio da série que Charlie possui habilidades para a prática esportiva, ou ao menos algumas, já que ele é um excelente corredor, também fica estabelecido que ele não pertence ao ambiente de prática de

² Pessoa não-binária, assexual e branca. Escreve e desenha a série em quadrinhos de *Heartstopper* e é responsável pelo roteiro da adaptação para a Netflix, além de ter publicado romances que fazem parte do mesmo universo ficcional, chamado de Oseman-
verso por fãs. Seu trabalho é bastante focado em discussões de saúde mental e diversidade sexual e de gênero, em geral protagonizando personagens adolescentes, em idade escolar.

esportes na escola, que não é aquele seu lugar. Assim como na sociedade, em *Hearts-topper*, as práticas e culturas esportivas são permeadas de mais do que o esporte em si.

Esportes, escola e masculinidade

Os esportes e as escolas são alguns exemplos de instituições (re)produtoras de modos de existência – e de hierarquias – dentro da matriz interseccional de dominação (Collins, 2019) que tem a cis-heterossexualidade viril como um projeto bem articulado desde a infância (Oliveira, 2018), estabelecendo a suposta naturalidade da heterossexualidade (cisgênera), sendo ela a única opção. Somos todos criados para sermos heterossexuais, portanto, somos ensinados a ser heterossexuais (cisgêneros).

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade. Se meninos gostam de brincar de boneca ou meninas odeiam brincar de casinha, logo terá um olhar atento para alertar aos pais que seu/sua filho/a tem comportamentos “estranhos” (Bento, 2011, p. 552).

O estabelecimento da heterossexualidade como universal e sua naturalização como base de toda sociedade, por meio de uma série de instituições, formulações e categorias forma o que Monique Wittig (2022) nomeia de *pensamento hétero*. Segundo a autora, a produção de categorias binárias, tendo por base a heterossexualidade, que produz a diferença entre os sexos, estrutura o pensamento hétero, vigente em nossa sociedade, de tal forma que esse é incapaz de conceber uma cultura e uma sociedade que não seja pautada na heterossexualidade (Wittig, 2022). A obrigatoriedade da heterossexualidade – e da estrutura binária de gênero – são ensinadas desde a infância (Bento, 2011; Oliveira, 2018), sob a retórica de naturalidade, estabelecendo a heterossexualidade como única possibilidade.

A criança como dispositivo pedagógico que permite a naturalização da heterossexualidade (Preciado, 2014) autoriza o ataque sobre as infâncias que não estão alinhadas com as normas de sexualidade e de raça. Não há pudor em se tentar promover o apagamento de uma infância distintiva da cis heterossexualidade branca. (Oliveira, 2018, p. 188-189).

Nas escolas, aulas de Educação Física – destinadas a práticas esportivas – são um momento privilegiado de se ensinar e impor normas de gênero e sexualidade, sendo, também, uma pedagogia cultural introduzida nas escolas “pautada em uma perspectiva médico-higienista, passando pela segregação por gêneros” e que pode ser considerada como uma *disciplina* – palavra trazida com duplo sentido intencional – que “disciplina os comportamentos, ao (re)produzir padrões de normalização social em torno dos gêneros, dos sexos, das sexualidades” (Prado; Ribeiro, 2010, p. 406). Na

Educação Física das escolas se ensina o esporte e suas regras, inclusive as regras de gênero. Para além das escolas, no Brasil, conforme Bandeira e Seffner (2013), o futebol e suas práticas do torcer, e a homofobia amplamente associada a ambos, têm um papel privilegiado na construção da masculinidade.

O esporte moderno é uma arena de construção de gênero. Nessa construção a masculinidade, como na ampla maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado. A masculinidade esportiva carrega uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores (Bandeira; Seffner, 2013, p. 247).

A masculinidade viril heterossexual ocupa esse lugar privilegiado no esporte. Há diversas normas mais ou menos explícitas voltadas a melhor ensiná-la, produzi-la e defendê-la, bem como sua posição de dominação. Nas escolas brasileiras, por exemplo, o futebol é a prática privilegiada e, ao mesmo tempo, a prática masculina (Prado; Ribeiro, 2010).

O Brasil é o “país do futebol” e é um país em que, desde a colonização, o padrão de corpo-subjetividade desejado é masculino e viril (Lucas Lima, 2017; Trevisan, 2018). Uma frase que muitas pessoas já ouviram na Educação Física nas escolas é “os meninos jogam futebol, e as meninas jogam vôlei”. Ou seja, há esportes “para homens” e esportes “para mulheres”, num determinado tempo e cultura, tendo o vôlei sido introduzido “no Brasil pela necessidade de se adaptar a ‘fragilidade’ feminina a um jogo coletivo” (Prado; Ribeiro, 2010, p. 409). O caso do vôlei nas escolas brasileiras é particularmente interessante para estabelecer essa relação, afinal essa associação com gênero se mantém mesmo diante das diversas campanhas vitoriosas da seleção masculina de voleibol, desde o século passado, e sua relativa popularidade no país.

Muitos conflitos entre estudantes podem ser desencadeados por questões similares aos exemplos citados. A menina que briga para ser aceita em uma partida de futebol, ou o menino que passa longe dos campos ao buscar espaço para se manifestar corporalmente na quadra de voleibol ou arriscando alguns passos de dança em algum canto do pátio, podem acabar alvos de comentários acríticos, normalizadores e estigmatizantes por não adentrarem no jogo padronizado das atividades que melhor se enquadrariam para seus gêneros (Prado; Ribeiro, 2010, p. 409).

Também os esportes são instituições utilizadas para produzir hierarquias internas nas relações de gênero, especialmente na construção da masculinidade, como pode ser visto nas relações dos alunos da escola fictícia de *Heartstopper*, em que os atletas de rugby parecem possuir um status superior aos que não são atletas de rugby. Essa modalidade esportiva ocupa um lugar importante na construção e reforço das masculinidades na Inglaterra (Silva; Almeida, 2020), com significados parecidos em alguns pontos com os do futebol no Brasil, mas também com diferenças, como confli-

tos de classe mais explícitos, já que o rugby também era praticado exclusivamente por homens da elite inglesa e só mais tarde possibilitado a homens da classe trabalhadora. Segundo as autoras:

pressionados pela sociedade britânica a praticar esportes, os homens jovens se viam obrigados a se adaptar à regra; caso contrário, arriscavam-se a ser qualificados como afeminados, o que era associado à noção de homossexualidade. Praticar esportes competitivos, em que a dominação física é celebrada, representa importante recurso social de experiência e validação da masculinidade durante a juventude e a vida adulta (Silva; Almeida, 2020, p. 3-4).

"Ao aprender a jogar ou torcer não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados" (Bandeira; Seffner, 2013, p. 249). No caso de Charlie, ao ser convidado a ingressar na instituição do time de rugby da escola, como visto mais adiante, ele também se coloca num lugar inesperado para um jovem gay, num espaço onde impera a masculinidade baseada na dominação física do outro celebrada em campo, onde tentam lhe ensinar não apenas as regras do jogo, mas as regras do ser homem naquele contexto. Essas normas podem ser associadas à ideia de *imagens de controle* em Collins (2019), da qual se trata a próxima seção.

Imagens de controle e homens gays

O heterossexismo é mais do que a homofobia individual ou um simples ódio direcionado a pessoas LGBTI+, ele opera de forma interseccional, conforme aponta Patricia Hill Collins em seu livro *Pensamento Feminista Negro* (2019), na estruturação de uma matriz de dominação. A autora também propõe, para compreensão dessa matriz interseccional de dominação, o conceito de imagem de controle, detalhado e traduzido para o Brasil por Winnie Bueno (2020), como a dimensão ideológica do racismo, do (hetero)sexismo e de outros eixos de opressão interseccionados utilizados por grupos dominantes para perpetuar padrões de dominação. As autoras têm seus trabalhos centrados no lugar social das mulheres negras, mas podemos compreender que as formulações são muito potentes para uma possível abordagem centrada no lugar social de "homens gays".

As imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. As imagens de controle aplicadas às mulheres negras são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir de categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às inequidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade. Isso se dá porque as imagens de controle estão articuladas no interior da histórica matriz de dominação que caracteriza a dinâmica intersectada na qual as opressões se manifestam (Bueno, 2020, p. 73).

Desse modo, as imagens de controle são ferramentas de análise da realidade (Bueno, 2020), marcada pela atuação da matriz de dominação, cuja base é o *pensamento binário* (Collins, 2019), a criação de categorias absolutamente opostas como forma de compreensão do mundo e estruturação da sociedade. Nesse sentido, a formulação de Collins (2019) pode ser aproximada à de Wittig (2022) sobre o pensamento hétero, que é também binário.

É a partir do pensamento binário que se estrutura a matriz de dominação, que “se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas”, opressões tratadas como interseccionais justamente porque “a opressão não é redutível a um tipo fundamental” agindo de forma conjunta na produção de injustiça (Collins, 2019, p. 57). As imagens de controle que buscam aprisionar e controlar grupos subalternizados, justificando sua opressão, servem, também, para garantir aos grupos opositos, segundo o pensamento binário, seu lugar de dominadores, ideologicamente justificado pelas imagens de controle.

As relações coloniais de dominação estão centradas no homem branco heterossexual cisgênero com privilégio de classe. E esses, de acordo com Grada Kilomba (2019), são aqueles que efetivamente têm lugar de *sujeito* na sociedade, ou seja, de produtores de sentido, enquanto aos/às Outros/as é imposto o lugar de objeto, sobre os quais se produzem sentidos. O aprisionamento das subjetividades subalternizadas por meio de estereótipos negativos, em relação a uma norma estabelecida pelos dominadores, e seu silenciamento – negação à existência plena, à voz – é um eixo fundamental das relações coloniais de dominação (Kilomba, 2019).

Tomando a ideia de imagem de controle como ferramenta de análise, se existem imagens construídas a respeito dos gays, elas também servem para dizer o que os héteros, como grupo dominante, são ou, na verdade, como gostariam de ser e serem vistos. Isso é perceptível no caso das práticas esportivas como terreno de construção de gênero (e sexualidade), exemplificados aqui na análise dessas relações na primeira temporada de *Heartstopper*.

Charlie aceita a proposta de Nick e se junta ao time de rugby, mesmo se achando muito “pequeno e fraco” para o esporte. Ao chegar ao vestiário do time, Charlie escuta a conversa dos atletas por trás da porta, enquanto todos questionam Nick a respeito da participação de Charlie no time. Harry, o principal dos *bullies* do grupo, chega a dizer que, mesmo que eles saibam que o time não tem grandes chances de estar entre os melhores no campeonato, eles ainda querem ser decentes, querendo dizer que a presença de Charlie dificultaria isso. O mesmo Harry questiona Nick em tom de deboche: “Ele [Charlie] ao menos gosta de esportes? Todo mundo sabe que ele é gay.”

Nessa última fala de Harry, ser gay e gostar de esportes são colocados como opositos absolutos, como se fosse impossível uma pessoa gay gostar de esportes. Segundo Collins (2019), o pensamento binário é o eixo fundamental da estruturação das formas de dominação da modernidade colonial. Nessa estrutura, a diferença é sempre definida em termos opostos de forma que uma parte “não é simplesmente diferente de sua contraparte; é inherentemente oposta a seu ‘outro’” criando associações do tipo po-

sitivo/negativo, desejável/abjeto, cultura/natureza, masculino/feminino, branco/negro, sujeito/objeto (Collins, 2019, p. 136-137). Com base no pensamento binário, molda-se a *matriz de dominação*, que “se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas”, opressões que são tratadas como interseccionais justamente porque “a opressão não é redutível a um tipo fundamental” agindo de forma conjunta na produção de injustiça (Collins, 2019, p. 57).

Em *Heartstopper*, mesmo após acompanhar os treinos, inicialmente totalmente excluído por todos, exceto por Nick e aos poucos ser incluído em dinâmicas coletivas do time – como abraços coletivos de comemoração –, Charlie continuava apenas à beira do campo nos jogos e constantemente falhando em exercícios nos treinos, tendo dificuldade em agarrar a bola e desviando de jogadores que vinham em sua direção em vez de tentar derrubá-los como é orientado. A treinadora do time tenta ensiná-lo a realizar propriamente o momento de *tackle* (derrubar o adversário no rugby). Segundo ela, o segredo do *tackle* é se jogar sem se preocupar em se machucar, o que ela assinala que é “uma questão de confiança”. Charlie responde: “É difícil ser confiante quando todos me veem como o típico gay que é ruim em esportes”.

As imagens de controle são a dimensão ideológica da matriz de dominação, intimamente relacionadas a outras dimensões, como a institucional ou a estrutural. Imagens de controle sobre grupos oprimidos tanto buscam controlar os indivíduos pertencentes a esses grupos, enquadrando-os em estereótipos desumanizantes, como servem para definir a norma por meio de seu oposto. O gay que é ruim em esportes parece se configurar como indício de operação de imagens de controle que estabelece o esporte como um espaço social não destinado aos gays, assim como, por meio do pensamento binário, também coloca o hétero “típico” – ou desejável – como bom em esportes, um homem de verdade.

Fica indicado que parte da dificuldade de Charlie em desenvolver habilidades relacionadas a esportes está no ambiente hostil da prática esportiva – especialmente longe dos olhos da treinadora. Ainda que o rugby seja um esporte de contato, que necessite de força física dos atletas para derrubarem uns aos outros em campo, o que sempre é destacado pelos colegas em relação a Charlie não é que ele seja fraco demais para o esporte e, sim, o fato de ele ser gay. A hostilidade dos garotos do rugby não está pautada por aptidão esportiva ou não, mas por um ideal de masculinidade heterossexual viril entre eles, no qual Charlie não se encaixa. Parece impossível para os adolescentes que um garoto gay possa ter qualquer capacidade para um “esporte de homem” como o rugby.

A homofobia, no caso masculino, aparece como um imperativo. Além de negar qualquer possibilidade de lembrar alguma característica feminina, os garotos não devem deixar nenhuma suspeita de que possam sentir atração por alguém do mesmo sexo.

Nas construções de masculinidades, existe uma preocupação com o grau de intimidade possível nas relações entre homens. Uma das formas mais importantes do afastamento das intimidades pode ser vista nas manifestações homofóbicas. (Bandeira; Seffner, 2013, p. 250).

Os *rugby lads*, os “garotos do rugby” na série, com exceção de Nick, constantemente praticam a homofobia de forma recreativa, que parece servir para reforçar seu lugar de “homens de verdade”, que não têm receio em dominar fisicamente outros no campo de rugby no movimento de *tackle*, estabelecendo-se em oposição a Charlie, ao “gay ruim em esportes”. Nenhum dos “garotos do rugby” é particularmente bom no esporte, como fica explícito na cena do vestiário em que Harry diz que eles “ao menos querem ser decentes”. Estabelecer-se como opositos ao “gay ruim em esportes” parece, ainda, uma forma de heterossexualizar no máximo medíocres ou “decentes” no rugby serem considerados muito mais aptos ao esporte e à ideia de virilidade que o acompanha.

Outro ponto relevante é que Nick é o melhor jogador do time escolar de rugby, o único realmente bom no esporte, aliás, a estrela do time. Embora fique claro, desde o primeiro momento em que ele e Charlie se olham, que há um interesse mútuo entre eles – para o público, pelo menos – entre as personagens da série é dito que Nick é obviamente heterossexual, a pessoa mais hétero já vista na escola.

No entanto, Nick é bastante diferente dos demais garotos do time de rugby. Nick Nelson é um personagem bissexual, que vive a “descoberta” de sua sexualidade, de não ser hétero, a partir de seu interesse por Charlie. Ele não é hétero, mas é visto como tal, sem qualquer questionamento, mesmo que não corresponda aos comportamentos dos outros garotos (supostamente) heterossexuais do time de rugby e a homofobia de alguns deles somente é destinada a Nick devido à sua relação – supostamente de amizade apenas – com Charlie, “o garoto gay”.

Por outro lado, Tao Xu, melhor amigo de Charlie e também heterossexual, que detesta esportes e é muito ruim em todos eles, está constantemente na mira do *bullying* homofóbico dos garotos do rugby. Como o controle das sexualidades se dá também por meio do gênero (Bento, 2011), é a aderência ou o distanciamento de comportamentos normativos de masculinidade que dita quem se deparará mais diretamente com a homofobia e quem não. Tanto Nick quanto Tao têm comportamentos diferentes dos garotos do rugby – e de suas ações homofóbicas –, mas é apenas Tao o alvo da homofobia deles.

A prática do esporte, do rugby, aproxima Nick dos demais rapazes e de sua masculinidade – e a masculinidade é sempre validada por outros homens (Bourdieu, 2012) – não apenas por ser parte do time, da mesma coletividade, já que Charlie também é, mas ser bom no esporte, mais ainda, o melhor no esporte. O esporte separa os homens de verdade daqueles que não o são. A imagem do gay ruim em esportes, fisicamente menos capaz, alimenta a imagem do heterosexual viril, bom em esportes, fisicamente superior, que domina os outros.

É importante destacar que, dos dois (Tao e Nick), apenas Nick é branco. A masculinidade hegemônica (Kimmel, 1998), dominadora e viril é também branca. Tao, embora heterossexual, não aparece associado à masculinidade “verdadeira” e à virilidade pelos colegas. No entanto, ainda que seja possível e proveitoso ressaltar marcadores raciais das personagens, considero necessário apontar que ainda que *Heartstopper* tenha personagens (relativamente) racialmente diversos, pouco ou quase nada é trazido

à tona na narrativa da série – desde sua versão original em quadrinhos. Em geral, as histórias das personagens não brancas e de famílias de imigrantes de *Heartstopper* não têm sua raça e origem consideradas de fato.

A sexualidade e a identidade de gênero são claramente marcadores sociais da diferença no universo da série, mas a raça parece não existir como categoria relevante. Ao contrário, no universo da série britânica, a impressão é a de que raça não existe como categoria social, em uma espécie de “cegueira de cor” (*color blindness*). Por um lado, a série traz pessoas não brancas no elenco em papéis de relativo destaque – Elle, Tara e Tao, na primeira temporada. No entanto, já que a forma que essas personagens são escritas desconsidera raça, elas poderiam ser simplesmente substituídas por pessoas brancas sem que alterações relevantes fossem feitas – sobretudo no caso de Tara Jones, “a garota mais popular”, a quem todos os garotos do rugby desejam.

Não pretendo, aqui, uma defesa de que personagens racializadas tenham que ser mostradas sofrendo os efeitos do racismo em produções audiovisuais. No entanto, pode ser considerado, sim, uma limitação de *Heartstopper*³ a desconsideração da categoria raça, sobretudo ao se propor uma produção focada em questões referentes a diversidade. Se foi possível à narrativa da série abordar sexualidade e gênero enquanto marcadores de diferença sem resumir suas personagens à sua sexualidade ou à sua identidade de gênero, o mesmo poderia ser feito em relação a raça, em vez de simplesmente apagar raça como categoria no universo da série.

Ainda assim, a ascendência asiática de Tao não pode ser ignorada aqui, pois, como lembra Kimmel (1998, p. 115), homens asiáticos foram “vistos como pequenos demais, demasiadamente gentis, moles, sem pêlos e afeminados”, como (mais um) outro dos homens “de verdade”, brancos. Dos personagens masculinos de maior destaque na primeira temporada de *Heartstopper*, apenas Tao não é branco, e é ele que está colocado, junto de Charlie, que é gay, em posição de masculinidade subalterna (Kimmel, 1998).

Homens brancos têm outras formas de serem considerados viris, estando no lugar de masculinidade “verdadeira” beneficiados pelo patriarcado branco (Kilomba, 2019) heterossexista. É indicado, na série, que os ataques a Charlie começaram apenas após o garoto ser tirado do armário, ou seja, descobrirem que ele é gay – e ele não ter negado isso. Não fica claro se Tao era diminuído e perseguido pelos garotos do rugby antes do bullying homofóbico vivido por Charlie e das tentativas de Tao de defender o amigo. É possível que Charlie tivesse mais possibilidades de ocupar um lugar mais confortável no colégio por ser um garoto branco, enquanto Tao não é.

Isso deixa claro que o direito à complexidade, o status de sujeito (Kilomba, 2019) de fato, está destinado aos homens héteros brancos. Ainda que Nick seja apresentado como um rapaz com comportamentos muito diferentes – e menos viris – do que os de seus colegas de time, o que inclui sua recusa à homofobia, sua heterossexualidade e

³ Vale lembrar que esta não é uma exclusividade da série *Heartstopper*. Outra produção britânica da Netflix que traz questões de diversidade, *Sex Education*, tem problemas semelhantes de desconsideração de raça como categoria social em suas duas primeiras temporadas. Por outro lado, a sueca *Young Royals* e a australiana *Heartbreak High*, as duas também da Netflix, constroem narrativas para suas personagens que não desconsideram o marcador de raça como categoria social e relacional.

masculinidade não é, em geral, posta em questão. Como grupo dominante, o lugar de subjetividade possivelmente complexa é reservado apenas aos homens (supostamente) heterossexuais brancos.

Autodefinição de Charlie Spring e o papel do esporte

“Muitos gays são bons em esportes, Charlie” – é o que diz a treinadora do time de rugby e professora de Educação Física da escola – diz a Charlie após tentar lhe ensinar a execução do *tackle*, dando-lhe uma lição sobre (auto)confiança. Depois disso, Charlie busca praticar o movimento sozinho antes de ter de jogar como titular.

No jogo, enfrentando o time de uma escola especializada em esportes, no qual todos os atletas são muito maiores e mais fortes do que os da escola de Nick e Charlie, o garoto tenta seguir os conselhos da treinadora e se jogar sem medo de se machucar, tentando derrubar um atleta adversário. O jogador adversário, muito maior e mais forte, consegue se impor fisicamente sobre Charlie, não é derrubado, avança e, como resultado da colisão, Charlie termina o jogo machucado e sangrando.

É claro, o segredo do *tackle* não é apenas confiança. Também é preciso força física, técnica correta, muito treino, entre outras coisas. Há uma piada frequentemente em *Heartstopper* sobre ninguém conhecer as regras do rugby, ao menos entre os que assistem ao esporte e não o praticam. É fácil supor que poucos brasileiros conheçam as regras do jogo, já que não é um esporte popular aqui. Admito, também, que não as conheço, no entanto, a série demonstra que a força não seria o único atributo possível para jogadores de rugby, justamente porque Nick convida Charlie para o time por conta de sua velocidade. No entanto, ao longo das cenas dos treinos e dos jogos, Charlie nunca tem a chance de executar o que faz de melhor em práticas esportivas: correr.

Heartstopper não busca uma história de superação de Charlie no rugby. Ao contrário, ele pede à treinadora para se desligar do time e encerra sua história com o rugby. Imediatamente, a treinadora questiona por que ele quer sair e se “precisa falar com alguém”, implicando uma desconfiança dela de que a homofobia dos colegas de time seria o motivo para a vontade de Charlie de se afastar.

É possível dizer que, nesse momento, a treinadora busca – novamente – exercer seu papel de professora para evitar a homofobia no time, que pode, de fato, afastar muitos jovens das práticas esportivas. É uma tentativa de acolhimento, que Prado e Ribeiro (2010) defendem como papel e dever de docentes de Educação Física no espaço escolar. Na série, essa tentativa de acolher Charlie e defendê-lo da homofobia dos colegas ganha força pela treinadora ser uma mulher lésbica.

Considero, porém, ser possível marcar um processo de *autodefinição* de Charlie. Tal elaboração de um ponto de vista autodefinido de si não se dá – como poderiam defender abordagens apoiadas em perspectivas mais pautadas por uma racionalidade neoliberal – a partir de uma superação de obstáculos e dificuldades, de força de vontade, que o tornariam um bom jogador de rugby. Ao contrário, Charlie percebe que não quer ser um jogador de rugby e se afasta do time.

É claro que se manter no time e se tornar bom no rugby poderia consistir num desafio, em algum nível, a uma imagem de controle de “gay ruim em esportes” ao se mostrar bem-sucedido em um esporte absolutamente marcado por uma masculinidade (hetero) viril. Penso, no entanto, que tal perspectiva carrega em si possíveis armadilhas. O rugby é um esporte coletivo, e Charlie não teve colaboração de fato do restante do time justamente por ser gay.

A aposta numa história de superação, que o tornasse bem-sucedido no rugby, poderia cair na romantização dessas dificuldades que vêm de uma matriz de dominação que tem como um de seus eixos o heterossexismo (Collins, 2019). Haver um ou vários gays bons em esportes, como uma representação positiva, não é de fato contrapor uma imagem de controle pautada numa representação negativa. A simples substituição de representações negativas por representações positivas não implica um desafio à matriz de dominação (Collins, 2019; hooks, 2019).

Em trabalhos anteriores (Pereira, 2022), estabeleci aproximações da obra de Grada Kilomba (2019) sobre o racismo cotidiano e descolonização do “eu” das experiências e elaborações de subjetividades bichas, identificando proximidades nas lógicas e dinâmicas do racismo cotidiano e de uma homofobia cotidiana, marcada pelo heteroterrorismo (Bento, 2011), compreendendo tanto o racismo quanto o heterossexismo, em diálogo com Collins (2019), como eixos de uma mesma matriz interseccional de dominação. Quando Kilomba (2019) discute o que ela chama de descolonização do eu – que busquei⁴ relacionar a processos de autodefinição –, a autora alerta para a armadilha da busca da perfeição:

A fantasia de perfeição, no entanto, não é deveras gratificante. Ela leva a um estado constante de decepção. É preciso compreender o racismo [bem como heteroterrorismo] cotidiano como um ataque violento inesperado e que, de repente, a pessoa é surpreendida pelo choque de sua violência e, nesse sentido, nem sempre é possível responder. A intenção de uma resposta “perfeita” cultiva a noção de um ego ideal, um ego que reaja sempre em conformidade toda vez que o sujeito branco age (Kilomba, 2019, p. 234, grifos da autora).

Kilomba (2019) destaca que, nessa fantasia de perfeição, enquanto o grupo dominante – marcadamente a branquitude heterosexual – “pode ser incoerente e ter defeitos”, é esperado que pessoas em lugar de subalternização ocupem uma posição de personagem heroica “que tem ‘respostas’ para vários ataques imprevisíveis”, o que forma uma contradição absoluta “pelo fato de também sermos seres humanos” (Kilomba, 2019, p. 234). Compreendo que é a recusa de Charlie em buscar uma adequação a uma prática esportiva inesperada para um rapaz gay, a recusa em dar a resposta “certa”, em reagir por meio da adequação ou “calar a boca” dos *bullies*, que inicia uma possibilidade de elaboração de uma perspectiva autodefinida de si, que lhe possibilite complexidade e humanidade. Os treinos do time de rugby colocavam Charlie em

⁴ Para mais a esse respeito ver: (Pereira, 2022).

confronto direto com os “garotos do rugby”, grupo do qual ele nunca fez parte – ainda que integrasse o time em si – e o afastavam de seus amigos, de sua comunidade, a não ser de Nick.

O colégio onde os rapazes estudam realiza anualmente, juntamente com a escola exclusiva para garotas, o “Dia dos Esportes”. Naquela data, todos os alunos são obrigados a se inscreverem em uma prova esportiva, entre diversas modalidades possíveis. Trata-se de um dos raros momentos na série em que há interação entre os alunos e alunas, já que as escolas de *Heartstopper* são segregadas por gênero – e é interessante que a junção das escolas se dá num dia destinado a atividades esportivas, que são segregadas por gênero.

Charlie pergunta aos amigos se eles se inscreveriam novamente no arremesso de dardo e fariam a prova juntos, mas isso não seria possível, pois Charlie estava no time de rugby, e todos os membros do time deveriam participar da atividade de rugby no “Dia dos Esportes”. Esse é um motivo forte para a saída de Charlie do time: ele escolhe ter a possibilidade de estar com seus amigos, mesmo que ele e Tao estivessem brigados na ocasião.

Tao é, inclusive, o único aluno das duas escolas a não se inscrevem para nenhuma prova. A treinadora lhe diz, então, que ele deve participar da prova de corrida, pois é a única ainda disponível. Para evitar que Tao seja obrigado a correr – algo que ele odeia fazer –, Charlie pede que troquem de coletes, para que ele possa correr no lugar do amigo. Ao chegar à pista de corrida, Charlie é intimidado por Ben Hope, outro aluno da escola com quem Charlie teve um relacionamento às escondidas e que vinha assediando Charlie desde que este quis terminar. Na pista de corrida, Charlie vence a prova com relativa tranquilidade e, após isso, confronta Ben – que está exausto após a corrida. Essa cena da corrida marca uma virada de Charlie no final da série, como um momento de superação de inseguranças.

Análises de campanhas publicitárias de marcas ligadas à prática da corrida como esporte (Marques; Santos, 2016; 2017) demonstram que, em tais campanhas, bem como socialmente, o correr está amplamente associado à liberdade, à fuga dos problemas e do cotidiano e à ideia de superação de desafios e limites. Ainda que se tratando de discurso publicitário o foco dessas campanhas esteja no estímulo ao consumo e aspectos mercadológicos, essa associação entre o correr e a sensação de liberdade é útil aqui.

Não parece ser coincidência que Charlie seja bom justamente em correr. Na cena do último episódio em que ele vence a prova de corrida, com ampla vantagem, é também o momento em que Charlie supera desafios e se liberta de traumas – ao vencer Ben na pista. No fim, é uma prática esportiva que serve como símbolo na série do estabelecimento de um ponto de vista autodefinido de si para Charlie.

Considerações

Ainda que *Heartstopper* não seja uma série sobre esportes, as práticas esportivas, marcadamente o rugby e a corrida, são relevantes ao longo da história e do de-

senvolvimento das personagens. De modo semelhante, as práticas esportivas têm importância nas relações sociais que ultrapassam os campos e as quadras. Aulas de Educação Física nas escolas são frequentemente momentos marcantes para crianças e jovens gays, diante da homofobia e da disciplina de gênero e sexualidade (Prado; Ribeiro, 2010).

Observar as relações entre sujeitos gays e práticas esportivas, na ficção ou nas vivências reais, pode ser um movimento significativo para compreensão de imagens de controle referentes a sujeitos gays. Desse modo, as práticas esportivas espaços/insti-tuições fundamentais no aprendizado do que significa ser homem em nossa sociedade, e ser homem *de verdade* implica ser hétero e homofóbico (Bandeira; Seffner, 2013).

Ainda que não dê, por meio apenas da análise da série, para estabelecer de fato uma imagem de controle referente a homens gays, acredito que seja possível falar em elementos capazes de compor uma imagem de controle, que não é viável nomear, ainda, neste trabalho. Estabelecer e nomear uma ou mais imagens de controle específicas à experiência de opressão de homens gays necessitaria de análises mais aprofundadas e de outros elementos da matriz de dominação, empreendimento a ser realizado em trabalhos futuros.

No entanto, já é identificado o funcionamento de elementos formadores de imagens de controle que atravessam as práticas esportivas em seu papel de construção de gênero e sexualidade. A masculinidade heterossexual viril e homofóbica dominante e desejável no território de práticas esportivas como o rugby, exemplo da série, parece precisar – num esquema de pensamento binário (Collins, 2019) – definir para si um oposto, que a justifique como tal.

É preciso estabelecer ideologicamente, por meio de imagens de controle (Collins, 2019; Bueno, 2020), que o espaço da prática esportiva “de homens” não é dos gays, que os gays são ruins em esportes, sem aptidão para tal. Tais imagens da prática esportiva resguarda o espaço de intimidade entre homens (Bandeira; Seffner, 2013) de ser visto como um espaço gay. Ao contrário, excluir ideologicamente os gays, tornando-os o oposto da imagem do esportista viril, ajuda a criar e justificar ideologicamente a virilidade das práticas esportivas “masculinas”.

Em *Heartstopper*, também é uma prática esportiva que simboliza uma virada no protagonista da série, Charlie. Vale lembrar que a prática escolhida pela série é justamente a corrida, amplamente associada à ideia de liberdade. Não sendo nem o “típico gay ruim em esportes” e nem um “gay especial”, raro, com talento inesperado num esporte “másculo”, mas não sabotando sua habilidade de corredor, Charlie estabelece uma relação complexa com as práticas esportivas. E a complexidade é uma marca de sujeitos (Kilomba, 2019), lugar que é negado a grupos desfavorecidos pela matriz inter-seccional de dominação (Collins, 2019).

Referências

- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 548-559, maio/ago. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998.
- LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras**: Re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador. Editora Devires, 2017.
- MARQUES, José Carlos; SANTOS, Mikael Corrêa dos. Corrida de rua e representação social: análise da campanha publicitária “it's runderful” da Mizuno. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 2, nov. 2016.
- MARQUES, José Carlos; SANTOS, Mikael Corrêa dos. Corrida de rua: esporte, diversão e consumo. análise da campanha publicitária “vem junto” da marca Nike. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0426-1.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! **Periódicus**, v. 1, n. 9, maio/out. 2018.
- PEREIRA, Pedro Augusto Elias Cardoso. **Vamos pertencer e nos encontrar juntos**: narrativas compartilhadas, afetos e subjetivação no Projeto Guardei no Armário. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2022.
- PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-4013, abr./jun. 2010.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. Masculinidades no esporte: o caso do rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em: 13 dez. 2023
Aprovado em: 18 mar. 2024

DA COLIGAY AO “CLUBE DE TODOS”: OS DISCURSOS INSTITUCIONAIS DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL

FROM COLIGAY TO “CLUBE DE TODOS”: GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE’S INSTITUTIONAL SPEECHES ON SEXUAL DIVERSITY

Soraya Damasio Bertoncello ¹

Resumo

Este trabalho faz uma análise sobre os anúncios do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense sobre diversidade sexual. O futebol ainda é espaço para machismo e homofobia, apesar de um aumento das manifestações e campanhas dos clubes em datas importantes para a comunidade LGBT+. O objetivo deste artigo é observar como um clube inserido na lógica machista do futebol articula seus discursos que tenham as sexualidades não hegemônicas como tema central. Realizamos um levantamento nas publicações do Grêmio entre 2019 e 2023 e, por meio da Análise do Discurso, conseguimos observar as estratégias e os sujeitos discursivos utilizados pelo clube nas suas comunicações. Concluiu-se que ainda são raras as publicações que não sejam provocadas por datas comemorativas ou situações pontuais, mas o Grêmio demonstra um esforço em mudar esse quadro, buscando em sua própria história a valorização da diversidade.

Palavras-chave

futebol; análise do discurso; LGBTfobia; Grêmio.

Abstract

This work analyzes Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense's discourses about sexual diversity. Football is still a space for sexism and homophobia, despite an increase in institutional demonstrations and club campaigns on important dates for the LGBT+ community. The objective of this article is, therefore, to observe how a club inserted in the sexist logic of football articulates its institutional discourses about non-hegemonic sexualities. We made an analysis of Grêmio's publications in Instagram from 2019 to 2023 and, through Discourse Analysis, we were able to observe the strategies used by the club in its discourses, as well as the discursive subjects of these communications. It was possible to conclude that publications that are not provoked by commemorative dates or specific situations are still rare, but the club has demonstrated an effort to change this situation, valuing the diversity in its own history.

Keywords

football; discourse analysis; LGBTphobia; LGBT+; Grêmio.

¹ Publicitária e jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), doutoranda e mestra em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), soraya.bertoncello@edu.pucrs.br, <https://orcid.org/0000-0002-1980-299X>, <https://lattes.cnpq.br/5162383162496114>.

Introdução

O presente artigo analisa 17 postagens feitas pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense² em seu perfil oficial no *Instagram* (@gremio), publicadas entre 2019 e 2023, que abordassem de alguma maneira a causa LGBT+³. O objetivo é identificar, por meio da Análise do Discurso (AD), como o clube de Porto Alegre tensiona e articula a questão da diversidade sexual no ambiente do futebol, observando estratégias discursivas empregadas.

A escolha por analisar os discursos institucionais do Grêmio se deu por dois motivos: primeiro por se tratar de um clube do Rio Grande do Sul. O mito do gaúcho macho (Leal, 2019; Pacheco, 2003) ainda é bastante presente não apenas entre os nativos do estado, mas no resto do Brasil também. Da mesma forma, o futebol jogado e vivido no RS, seja dentro de campo ou nas manifestações das torcidas, também é visto como um futebol viril (Bandeira, 2009; Bresque, 2020). Em segundo lugar, a existência da Coligay, torcida gremista formada por homens gays, surgida em 1977 – durante a ditadura cívico-militar –, portanto, cuja estética e performance jamais foi vista em nenhuma outra torcida do Brasil.

A Coligay é a mais importante Torcida Organizada (TO) da história. [...] A Coligay foi única, simplesmente, e segue sendo. Em muitos aspectos esta torcida se encaixa na classificação usual de “torcida organizada”, mas sob outros ela é diferente, por isso lhe cabe um lugar de destaque na história das práticas torcedoras (Damo, 2018).

Considerando que a interpretação de fenômenos nunca é neutra, acreditamos ser importante aclarar desde já o lugar de fala da autora: mulher, bissexual, militante da causa LGBT+, torcedora e sócia gremista. Acreditamos que, uma vez que nos propomos a analisar e observar cantos que repetimos durante anos, transformando o familiar em exótico (Da Matta, 1978), conseguiremos o afastamento necessário que o rigor científico pede, da mesma forma que reforçamos o envolvimento pessoal com o tema, evidenciando alguns atravessamentos que nos permitem questionar as nossas próprias interpretações.

Para além dos aspectos citados que justificam a escolha do Grêmio como clube de análise, a facilidade de acesso à Arena também foi fundamental, bem como já conhecer previamente os cantos, embora a atenção dada às letras seja totalmente diferente quando estamos no estádio na condição de pesquisadoras-observadoras. Pensamos, ainda, que o envolvimento pessoal com a questão LGBT+ – que, há anos, leva-nos a questionar o porquê de o clube porto-alegrense ter levado tanto tempo para finalmente

2 Doravante, apenas Grêmio.

3 Tendo em vista que a sigla LGBT tem variado conforme o tempo, incluindo cada vez mais expressões de gênero e sexualidade, este artigo adota como padrão a sigla/termo LGBT+/LGBTfobia, pois são as formas de maior uso corrente em pesquisas nacionais, na mídia e em documentos oficiais. É importante salientar que, neste trabalho, a sigla se refere a qualquer pessoa não heterossexual e/ou não cisgênero. Denílson Lopes (2001) e Leonardo Mozdzenski (2020) consideram equivalentes, apesar de suas especificidades semânticas, os termos comunidade LGBT, população sexodiversa, público sexodissidente, dissidências sexogênericas e variações dessas expressões.

falar com orgulho da Coligay – aguça nossa visão crítica sobre como a pauta é tratada pela instituição.

Ora, é claro que, enquanto mulher LGBT+, possivelmente nos cause mais incômodo e/ou espanto a forma muitas vezes superficial que o Grêmio aborda a bandeira que nos é tão cara, bem como possivelmente nossa falta de perspectiva com uma mudança da situação (um futebol menos machista e menos LGBTfóbico) seja aguçada. Também enxergamos com ainda mais alegria as pequenas mudanças que ocorrem, transformações a serem abordadas nas considerações finais deste artigo.

O futebol – em especial, aquele de matriz espetacularizada⁴ – é um universo no qual a masculinidade hegemônica permanece intocada e inquestionável. Connell e Messerschmitt (2013) compreendem a masculinidade hegemônica como um padrão de práticas que possibilita a dominação dos homens sobre toda a malha social. É uma masculinidade normativa, baseada em práticas de gênero que são socialmente aceitas, estabelecendo posições entre dominantes e dominados e subordinando as demais expressões de masculinidade. A hierarquia entre as masculinidades expressa uma relação de poder entre as diferentes formas de vivenciá-las, e desmerecer ou duvidar da heterossexualidade de um sujeito é uma forma de estabelecer a dominação de uma masculinidade em relação à outra.

Kimmel (1998, p. 105) destaca que as masculinidades:

são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações de homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia.

É evidente que são diversas as masculinidades – e não apenas aquela hegemônica – que coexistem no futebol, seja entre torcedores, atletas, dirigentes, imprensa e trabalhadores envolvidos com os clubes e os jogos. As formas de viver as masculinidades estão atravessadas por outros marcadores sociais, como sexualidade, raça, classe, idade etc. Porém, as masculinidades mais valorizadas no futebol são as que engrandecem atributos como a coragem e a virilidade – características comuns nas representações de masculinidades heroicas e esportivas (Bandeira; Seffner, 2013). Nesse contexto, o torcedor exige do jogador essa masculinidade, e a exaltação à heterossexualidade se dá pela opressão às práticas e aos sujeitos que desviam da masculinidade “socialmente aceitável” /hegemônica. Por isso, o futebol, em todas as suas instâncias, ainda é palco de manifestações LGBTfóbicas.

Os dados mais recentes do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, publicados na edição de 2022 do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+,

⁴ De acordo com Damo (2007), o futebol de matriz espetacularizada é aquele que se caracteriza por sua organização monopolista, globalizada e centralizada na Fifa, pela clara divisão social do trabalho aliada a uma evidente distinção entre quem pratica e quem assiste e pela exigência de uma performance de excelência dos atletas. Ainda acrescentaríamos aqui que se trata principalmente do futebol disputado por homens. Há considerável produção acadêmica que aborda outros futebóis – futebol de mulheres, de várzea etc., espaços nos quais os preconceitos não são, necessariamente, manifestados e sentidos da mesma forma.

indicam que, naquele ano, ocorreram 273 mortes de pessoas LGBT+ de forma violenta no País. Dessas mortes, 228 foram assassinatos, 30 suicídios e 15 de outras causas. Devido à inexistência de dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelo Ministério da Saúde ou por qualquer outra instância governamental sobre pessoas LGBT+, os números de mortes apresentadas no dossiê são levantados por meio de notícias veiculadas pela imprensa, o que sugere que as cifras possam ser ainda mais altas.

Nos seus diversos estudos sobre futebol, o antropólogo Roberto Da Matta (1982, p. 21), assevera que a modalidade é “um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. Tendo em vista os números de violência LGBTfóbicas apresentados anteriormente e enxergando o futebol como uma representação social do Brasil, não chega a ser surpreendente que os estádios façam eco ao preconceito contra pessoas sexodissidentes.

Na publicidade, as representações de pessoas LGBT+ vêm se transformando consideravelmente nos últimos anos, indo de personagens caricatas e discursos preconceituosos, até a inserção de distintas expressões de gênero e sexualidade em anúncios de diferentes tipos de bens e produtos (Rodrigues, 2008). Leonardo Mozdzenski (2020) afirma que, cada vez mais, as empresas estão “saindo do armário” e assumindo, pelos seus discursos institucionais e publicitários, um posicionamento simpatizante à causa e à comunidade sexodissidente.

Entretanto – alerta o autor – tal atitude se deve, principalmente, à constatação da significativa fatia de mercado composta pela população LGBT+. As empresas e instituições podem demonstrar sua adesão à causa da diversidade através de manifestações mais comedidas, tais como publicar em suas redes sociais notas solidárias em datas importantes ou, mesmo, estampar a bandeira do arco-íris em determinados produtos e logotipos. Ou, ainda, por meio de ações mais efetivas, como estimular a contração de pessoas sexualmente diversas, oferecer treinamento para a diversidade aos seus colaboradores, posicionar-se durante o ano inteiro e não apenas em datas alusivas e até mesmo doar parte do valor de sua arrecadação para instituições de apoio à causa LGBT+.

Ano a ano, aumenta o número de manifestações favoráveis à pauta LGBT+ e contra a LGBTfobia nos discursos institucionais dos clubes de futebol no Brasil (Bertoncello, 2022). Todavia, é preciso questionar o quanto dessas ações e discursos realmente resultam em uma aceitação maior da diversidade sexual no ambiente do futebol ou são apenas um movimento influenciado pelo mercado, pela cobrança de uma parte do público e da sociedade e pelo aumento das sanções nos casos de preconceito vindos das torcidas.

Tendo em mente, portanto, que o futebol de matriz espetacularizada é um ambiente dominado pela masculinidade hegemônica, na qual o preconceito contra as dissidências sexogendéricas ainda é tolerado, e o crescente interesse de empresas e instituições em atenderem a uma demanda social por mais inclusão, surge a pergunta: como o Grêmio, um clube de futebol que já teve uma torcida abertamente gay mas está

inserido em um estado onde existe um imaginário de virilidade exacerbada, articula suas mensagens sobre a questão LGBT+?

Para responder a esta pergunta, é necessário identificar: a quem e para quem o Grêmio faz falar (quais são os sujeitos discursivos)? Quais as características das publicações quanto ao formato e à periodicidade? Qual o “tom” destes discursos/ o quê o clube mostra ou deixa de mostrar nas suas publicações? Considerando as sutilezas discursivas que os anúncios do clube podem trazer e a necessidade de considerar o contexto de circulação destes discursos, a Análise do Discurso proposta por Patrick Charaudeau (2012) apresenta-se como uma abordagem satisfatória para responder ao problema proposto neste artigo.

Metodologia e construção do corpus

A publicidade é um campo de práticas sociais que implica a existência de um contrato comunicacional entre o sujeito comunicante (neste artigo, o Grêmio) e um sujeito interpretante. Nesse contrato, o objetivo do comunicante é persuadir o consumidor-interpretante por meio de estratégias específicas que envolvem o verbal e o não-verbal.

A publicidade contemporânea se caracteriza pela assimilação de gêneros discursivos, que são adotados conforme o contexto exigido para a eficácia do anúncio e a necessidade de inserir-se no universo de valores compartilhados com o público-alvo. Além disso, não somente os temas abordados nos anúncios devem fazer parte do universo dos consumidores, mas também o formato desses anúncios.

Por isso, neste estudo, escolhemos analisar os discursos do Grêmio com base no seu perfil oficial no *Instagram*. A plataforma de publicação e o compartilhamento de imagens e vídeos são de livre acesso, permitindo que as publicações do clube sejam acompanhadas não apenas por seus sócios ou torcedores, mas por pessoas interessadas e fãs do futebol em geral, bem pela imprensa e por formadores de opinião.

De acordo com Charaudeau (2012, p. 44), um ato de linguagem “não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor”, mas, sim, como um encontro dialético que acontece entre quatro – e não dois – sujeitos: o EU Comunicante (EUc) e o EU Enunciador (EUe), na instância da Emissão; e o TU Destinatário (TUD) e TU Interpretante (TUI) do lado da Recepção. EUc e TUI são os sujeitos reais, respectivamente produtor e receptor do ato de linguagem, inseridos no circuito externo à fala, ainda que dentro do contexto. EUe e TUD são sujeitos que se instituem na fala, inseridos no espaço interno – entre esses sujeitos atuam os contratos. É importante salientar que o EUe sempre oculta, em maior ou menor grau, o EUc. Finalmente, TUD é o destinatário ideal, aquele imaginado pelo EUc (ou, em termos publicitários, o público-alvo). Neste artigo, especificamente, o EU Comunicante quase sempre é o Grêmio, que tem seu discurso comunicacional construído pelo departamento de marketing/comunicação.

Uma vez que a metodologia aqui adotada não prioriza a instância de produção dos discursos, o detalhamento das pessoas e empresas responsáveis pela comuni-

cação do clube estudado não fazem parte do escopo deste trabalho. Na instância de recepção – o TUi – no caso deste artigo, consideramos todos os seguidores do perfil oficial do Grêmio no *Instagram*, sejam eles torcedores ou não, sem distinção de classe, gênero, raça, idade, localização etc. Da mesma forma, como este artigo não trabalha uma análise de recepção, os comentários e as interações do público com as postagens não são levados em conta.

O corpus desta pesquisa é formado por 17 publicações do Grêmio cujo tema central é a diversidade sexual, o que inclui manifestações contra o preconceito, de valorização do orgulho e sobre a Coligay.

O recorte temporal das publicações é de janeiro de 2019 a dezembro de 2023 e foram considerados vídeos e imagens estáticas (*cards* e fotos). Escolheu-se iniciar a análise em 2019, pois naquele ano, no mês de junho, o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero ao crime de injúria racial. Seguindo o mesmo caminho, no dia 19 de agosto de 2019, o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) definiu que atitudes homofóbicas/LGBTfóbicas em estádios de futebol não seriam mais toleradas e estariam sujeitas a penalidades. A técnica utilizada para a construção do corpus está dentro do proposto por Freitas, Janissek-Muniz e Moscarola (2002) como pesquisa pela internet. O levantamento foi feito visualizando o perfil, ano após ano, sem o uso de nenhuma ferramenta de busca por palavras ou hashtags.

Foram identificadas uma postagem sobre o tema da pesquisa em 2019, duas em 2020, 4 em 2021, 6 em 2022 e 4 em 2023. Desses, 3 são vídeos e as demais são imagens ou fotos com aplicação de alguma imagem. Observando o aumento da recorrência do tema, optamos por apresentar a análise dividindo as publicações pelo ano.

Análise dos discursos do Grêmio sobre diversidade sexual

a) 2019: O único anúncio publicado em 2019 pelo Grêmio que tenha como tema a diversidade sexual é parte de uma campanha que foi adotada por todos os clubes que estavam disputando a série A naquele ano. A peça, publicada em 30 de agosto, traz uma arte sem imagens, apenas com palavras, e é idêntica para todos os clubes: a única adaptação é nas cores, sempre respeitando as de cada instituição. Conforme apontado anteriormente neste estudo, em junho de 2019, o STF criminalizou a homofobia/ LGBT-fobia, ao equiparar a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero à injúria racial. Na sequência, o STJD definiu que não toleraria mais preconceito nos estádios. No caso de identificação de gritos preconceituosos por parte da torcida, poderia haver a perda de três pontos no Campeonato Brasileiro à equipe da torcida em questão.

Em 25 de agosto de 2019, pela primeira vez no Brasil, uma partida foi paralisada devido a cantos homofóbicos. O ocorrido foi em um jogo válido pelo Campeonato Brasileiro, Vasco x São Paulo, no estádio São Januário no Rio de Janeiro. Os gritos vindos das arquibancadas foram relatados na súmula da partida pelo árbitro Anderson Daronco. Após esse ato, os clubes se uniram na campanha contra a homofobia e publicaram o *card* com a mensagem.

Figura 1 – Campanha de 2019 contra a homofobia, publicada pelo Grêmio em 30 de agosto



Fonte: Captura de tela realizada pela autora (2023)

No anúncio de 2019, o EU Comunicante é “Clubes Brasileiros” e o EU Enunciador é o Grêmio. Não há informações, na peça ou no texto que acompanha a publicação – sobre quem elaborou a campanha (foi a CBF? Um patrocinador?). Chama a atenção o destaque dado para a palavra “crime” e a não existência do nome do crime, homofobia – apenas “grito homofóbico”. Eni Orlandi (2007) ensina que o não dito também carrega um significado dentro do discurso: o silêncio constitutivo, aquele que trabalha com a noção de apagamento em uma determinada situação, “se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito” (Orlandi, 2007, p. 73).

A sugestão de combate a esse crime que sequer é nomeado no anúncio é bastante superficial e genérica, “diga não à homofobia”, e o fato de a peça indicar que os cantos “prejudicam o time” transparece que o verdadeiro motivo para dizer não à homofobia, no caso do anúncio, é de manter (literalmente) a bola rolando. Não há informação sobre os números que provam como a homofobia mata ano a ano. Também se destaca o escudo do Grêmio em cinza (o mesmo ocorreu com os escudos dos outros times participantes da campanha), que parece querer evitar a associação imediata do clube com uma campanha engajada contra uma coisa bastante comum nos estádios, os cantos homofóbicos.

É possível deduzir que uma campanha com um discurso – textual e visual – tão genérico, com uma imagem que pouco se relaciona ao clube que a postou – tenha surtido pouco efeito entre os receptores. Ainda devemos lembrar que tal manifestação coletiva só ocorre após a efetiva denúncia, em súmula de partida, de cantos homofóbicos, ou seja, a campanha parece muito mais uma forma de tentar se redimir do que uma manifestação legitimamente pensada e preocupada com a extinção dos cantos homofóbicos nos estádios.

b) 2020: O Grêmio fez duas publicações sobre diversidade sexual em 2020. A primeira foi em 17 de maio, em alusão ao dia mundial de luta contra a LGBTfobia; e em 28 de junho, dia mundial do orgulho LGBT+.

Figura 2 – Publicações de 2020 do Grêmio sobre diversidade



Fonte: Montagem realizada pela autora (2023)

Entre os anúncios analisados neste artigo, é a primeira vez que o clube utiliza a marca Clube de Todos. O Clube de Todos é um projeto do Grêmio sobre o qual não se encontra nenhuma aba ou página especial na página do próprio clube. Não há links ou notícias que expliquem o que é o projeto, sua fundação, objetivos, ações realizadas e quem o compõe. Foi preciso uma busca trabalhosa entre as notícias do site até encontrar que se trata de um “projeto gremista que institui políticas de inclusão e de conscientização contra atos de intolerância e de discriminação racial” (Alentação..., 2022). Em outra notícia, também encontrada com auxílio de um site de buscas externo à página do Grêmio, foi possível identificar que o Clube de Todos teve início em 2019 e:

tem como missão levar aos torcedores e público em geral, por meio de iniciativas políticas-sociais, a importância e necessidade em se combater a intolerância e a discriminação de toda natureza. Dentro desse contexto são promovidas palestras, programas de conscientização, de controle e de amparo a pessoas que vivenciam alguma situação de preconceito. As ações abrangem campanhas institucionais no estádio, atividades no matchday, além de orientação sobre procedimentos que devem ser adotados por colaboradores do Clube (Clube., 2021).

Nos dois anúncios, há alusão à bandeira do arco-íris e uma identificação com o clube, seja através da imagem de uma atleta da equipe de mulheres e da referência ao “tricolor” – alcunha do Grêmio, no anúncio do dia 17 de maio, ou do uso de uma foto da Coligay, na publicação do dia 28 de junho. Nos dois anúncios, há uma referência explícita à data que está sendo homenageada com a publicação. Destaca-se, na publicação de maio, a relação entre orientação/diversidade sexual com questões afetivas, “o amor é de todas as cores”.

A conexão entre diversidade sexual e afeto se dará em outros anúncios, como visto mais adiante, e é bastante utilizada na publicidade. Entretanto, sabe-se que a

expressão de gênero e a identidade sexual de um indivíduo não tem a ver apenas com quem este se relaciona afetivamente. Reduzir a inclusão da diversidade a uma questão de “amor” e “respeito” é importante e pode servir para criar empatia com o público externo à pauta, mas limita as discussões e, consequentemente, as conquistas de direitos dessa população.

A ligação entre diversidade e afeto, porém, não está presente em nenhum dos textos de legenda que acompanham as publicações. Na postagem de maio, o Grêmio afirma reforçar “a nossa luta pela aceitação da diversidade, pela conscientização contra todo tipo de preconceito e pedimos respeito entre todos” (O Nosso coração..., 2020), enquanto na publicação de junho, ainda que a legenda não mencione nominalmente a Coligay, está dito que os feitos do passado devem inspirar para a construção de um futuro sem preconceitos.

Pela relação com o clube através do uso da palavra Tricolor e da foto da Coligay, é possível afirmar que o TUi – receptor interpretante – das publicações – são gremistas ou, pelo menos, conhcedores do clube e sua história. Mais uma vez, temos um EU que é, ao mesmo tempo, Comunicante e Enunciador.

c) 2021: O clube publicou quatro vezes sobre a pauta LGBT+ no ano de 2021. Em 25 de março, uma foto de um jogador na Arena, sem mostrar o rosto do jogador, e um coração nas cores do arco-íris, em razão do dia nacional do orgulho gay; no dia 10 de abril, um carrossel com fotos da Coligay, alusivo à data da primeira partida que a torcida esteve nas arquibancadas, em 1977; em 17 de maio, uma foto com duas mulheres de costas, chegando na Arena, abraçadas e enroladas na bandeira do arco-íris, em alusão ao dia internacional de combate a LGBTfobia; e em 28 de junho, uma foto do interior da Arena onde se lê nas arquibancadas “Clube de Todos”, com a mesma frase escrita em branco, uma moldura nas cores do arco-íris e escrito em fonte menor “28 de junho: Dia do Orgulho LGBTQIA+”. As publicações de abril e maio não trazem o logotipo do projeto Clube de Todos.

Figura 3 – Publicações 2021 do Grêmio sobre diversidade



Fonte: Montagem realizada pela autora (2023)

Mais uma vez, temos o uso do arco-íris nas publicações, exceto no carrossel de fotos da Coligay publicado em abril. Na postagem de março, do Dia Nacional do Orgulho Gay, não há menção à data na imagem, apenas na legenda, através do uso da hashtag *#DiaNacionaldoOrgulhoGay*. Também na legenda desse post, temos – novamente – a relação entre diversidade sexual e afeto, quando o texto afirma que não há sentimento mais puro que o amor. A publicação do 17 de maio – a foto com supostamente duas mulheres – e aqui colocamos “supostamente” pois não há como afirmar categoricamente isso posto que as pessoas da imagem estão de costas – também não traz a data na imagem, e a legenda também fala em amor, mas relacionando o sentimento à luta, “Amor é decisão, atitude. Muito mais que sentimento, hoje esta palavra é sinônimo de luta” (Amor é decisão..., 2022). Por trazer uma foto de um casal LGBT+ (de novo, “supostamente”) na Arena carregando a bandeira do arco-íris, o clube mostra que, no seu palco de jogo – o estádio – há espaço para a diversidade sexual. Porém, não sabemos se a foto foi feita em um dia de jogo, durante uma visita ou se foi produzida apenas para a publicação.

A postagem do Dia do Orgulho (28 de junho) não fala em afeto ou amor em sua legenda, mas reforça ideais de respeito, aceitação e que reconhecer a individualizada de cada um fazem a beleza da torcida gremista. Ao trazer uma imagem da Arena, estádio onde o Grêmio manda seus jogos desde 2012, a publicação se conecta diretamente a um TU torcedor e frequentador do estádio – conexão essa reforçada pela referência à torcida na legenda. Finalmente, a publicação com o carrossel de fotos da Coligay presta uma bonita homenagem à história da torcida e traz, em sua legenda, a hashtag *#ClubedeTodos*, numa clara tentativa de a instituição justificar, pela sua própria história, a sua “vocação” para acolher a diversidade.

O ano mágico de 1977 marcou o início de uma nova era para o Grêmio e também o *momento mais plural* do futebol brasileiro. Em 10/04 daquele ano, em uma partida contra o Santa Cruz/RS, a Coligay, uma organizada efusiva e apaixonada pelas nossas cores, estreou no Estádio Olímpico. Formada por torcedores assumidamente homossexuais, a Coligay foi pioneira e enfrentou os preconceitos e a repressão da época aletrando a plenos pulmões com cânticos marcantes. O Grêmio se orgulha da história da @coligaymemoria, porque faz parte da história do *#ClubedeTodos!* (O ano mágico..., 2022, grifos nossos).

Bandeira e Seffner (2019) identificam um “retorno da Coligay” a partir de 2014, quando é publicado um livro com a história da torcida. Na segunda metade da década de 2010, ainda, são lançados um documentário sobre a Coligay, começam a surgir pesquisas acadêmicas aprofundadas sobre o assunto e, em 2016, o Grêmio inaugura no seu memorial na Arena um painel dedicado à torcida.

d) 2022: O Grêmio disputou, em 2022, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e foi protagonista de um dos casos de LGBTfobia no futebol daquele ano, ocorrido na partida do dia 8 de maio contra o Cruzeiro no Estadio Independência, em Belo

Horizonte. A Procuradoria da Justiça Desportiva recebeu duas denúncias de cantos homofóbicos, vindas das duas torcidas presentes. Apesar de os cantos não estarem relatados na súmula da partida, a denúncia se encaminhava para julgamento quando os clubes entraram com um pedido de Transação Disciplinar, o que permitiu um acordo entre as instituições e a Procuradoria do STJD, fazendo com que as punições fossem convertidas no cumprimento de medidas sociais.

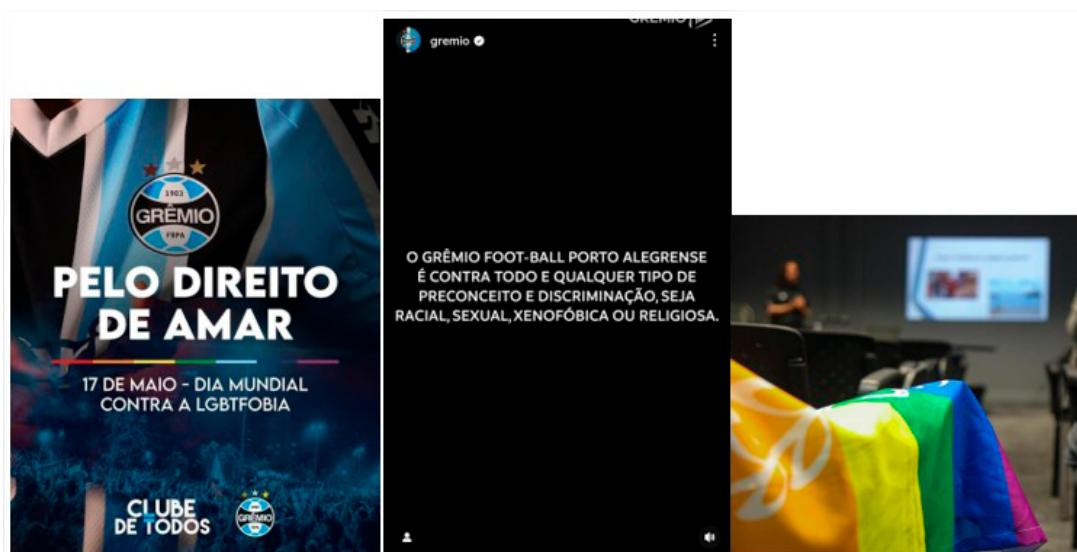
Foram identificadas 6 publicações no *Instagram* do Grêmio sobre diversidade sexual em 2022: um *card* com a chamada “Pelo direito de amar” em 17 de maio; três publicações em 28 de junho, sendo uma arte sobre a Coligay, uma foto da bandeira do clube e a braçadeira de capitão nas cores do arco-íris; e um carrossel com fotos de uma ação ocorrida durante a partida daquele dia, no qual um casal de torcedoras (que ficaram noivas na Arena do Grêmio em 2019) entrou em campo com a bandeira do arco-íris, tirou foto com atletas e com o mascote do clube; um vídeo no dia 18 de julho com a participação de atletas dos times masculino e feminino falando em tolerância e no combate a diversos preconceitos – LGBTfobia, racismo e xenofobia; e uma publicação de 6 de setembro relatando a participação de representantes das torcidas organizadas do Grêmio em uma palestra sobre “questões ligadas ao tema LGBTQIA+”, promovido pela instituição.

Figura 4 – Em 28 de junho de 2022, o Grêmio fez 3 publicações com a temática LGBT+



Fonte: Montagem realizada pela autora (2023)

Figura 5 – Demais publicações de 2022 do Grêmio com a temática LGBT+



Fonte: Montagem realizada pela autora (2023)

Na publicação do dia 17 de maio, há uma foto de uma camisa do Grêmio, com o foco no escudo e a chamada “Pelo direito de amar – 17 de maio, dia mundial contra a LGTFobia”, além de uma linha nas cores do arco-íris. Mais uma vez, temos a relação entre diversidade e amor, e o uso do arco-íris, em que o EU Comunicante e o EU Enunciador são o mesmo: o clube.

No dia 28 de junho, o Grêmio já estava cumprindo as medidas sociais acordadas com o STJD e jogava em casa, na Arena, o que propiciou a realização de mais ações do que apenas um *card* com bandeira do arco-íris: a primeira publicação feita no dia é uma arte inspirada na Coligay, desenhada pelo artista Pablo Conde. Não há arco-íris nem palavras sobre amor, apenas a recuperação da história da torcida. A legenda se refere à torcida como um grupo que quebrou paradigma e chama os torcedores da Coligay de “imortais”, apelido dado ao próprio Grêmio, criando identificação com um TU interpretante composto por gremistas. A segunda publicação feita naquela data traz a bandeira do Grêmio e a braçadeira com as cores do arco-íris e o logotipo Clube de Todos, que foi usada naquela noite pelo zagueiro Pedro Geromel. É interessante aqui colocar que, em dezembro de 2022, durante a disputa da Copa do Mundo de futebol masculino no Catar, o uso de braçadeiras ou qualquer símbolo que lembrasse a causa LGBT+ foi vetado pelas autoridades do país anfitrião, o que gerou protesto de muitas organizações de direitos humanos e da pauta sexodiversa.

A terceira publicação do dia 28 de junho apresenta uma série de fotos da partida com as torcedoras Nicolli Cernicchiaro e Juliana Pacheco. Em 2019, no intervalo de um Gre-Nal, Juliana pediu Nicolli em casamento e teve o pedido transmitido nos telões da Arena. A ação foi celebrada no estádio e pela imprensa (Golaço na Homofobia, 2019). Apesar de, nesse caso, o EU Comunicante e o Enunciador ainda sejam o Grêmio, o uso de torcedoras reais interagindo com atletas do Grêmio e com o mascote durante o intervalo de um jogo do Campeonato Brasileiro, traz muita legitimidade ao discurso

do Grêmio. O clube mostra que, além da Coligay, pioneira na década de 1970, os torcedores LGBT+ da atualidade também têm espaço dentro do clube para expressar não apenas seu amor pelo Grêmio, mas por seus afetos. Salientamos que o carrossel de fotos da ação traz o logotipo de uma empresa de apostas, mas o mesmo logotipo foi identificado em várias fotos de jogos do mesmo mês (junho de 2022), razão pela qual essa informação não é considerada na análise.

Finalmente, a última publicação registrada em 2022 é uma foto de uma ação realizada no clube, dentro das medidas sociais que o clube deveria cumprir: uma conversa com torcedores de Torcidas Organizadas de “conscientização sobre questões ligadas ao tema LGBTQIA+” (Grêmio contra o preconceito, 2022). A postagem é uma notícia, não um anúncio, e a foto traz, em primeiro plano, uma bandeira de arco-íris em uma cadeira. O fundo está desfocado e não é possível identificar ninguém.

e) 2023: O clube faz 4 publicações em 2023 com a diversidade sexual como tema: no dia 10 de abril, uma foto da Coligay e um texto homenageando os 46 anos do surgimento da torcida; em 17 de maio, uma foto de uma bandeirinha de escanteio nas cores do arco-íris com o logotipo do Clube de Todos; em 28 de junho, um vídeo em homenagem a Volmar Santos, líder da Coligay; e em 25 de agosto, um vídeo com uma visita feita por Osmar Dziekaniaki, torcedor gay que integrou, além da Coligay, as torcidas organizadas Força Azul e Máquina Tricolor, à Arena do Grêmio.

Figura 6 –Em 2023, o Grêmio publicou um card, uma foto e dois vídeos com integrantes da Coligay, em diferentes momentos do ano



Fonte: Montagem realizada pela autora (2023)

Na publicação do mês de maio, o clube postou a imagem de uma bandeira do arco-íris com o logotipo do Clube de Todos. Na legenda, explica a origem do 17 de maio como dia internacional de combate à LGBTfobia, mas utiliza a palavra “homofobia” tanto no *lettering* da imagem quanto na legenda. O uso da palavra chama a atenção pois em todas as publicações referentes ao 17 de maio analisadas neste trabalho, sempre foi utilizado “LGBTfobia”. Embora as palavras sejam comumente vistas como sinônimos, comprehende-se que LGBTfobia é um termo que engloba a hostilidade direcionada não apenas às pessoas homossexuais – gays e lésbicas – mas também a bissexuais, pessoas trans e travestis, sendo assim uma expressão mais completa.

No dia 10 de abril, aniversário da Coligay, o clube publicou uma foto da torcida e exaltou seu pioneirismo e coragem. Não há aplicação de nenhum logotipo, escudo, *lettering* ou bandeira de arco-íris na foto. Não se sabe por qual motivo a data foi lembrada em 2021 e em 2023, mas não em 2022.

Para marcar a passagem do 28 de junho, o Grêmio, mais uma vez, evoca a sua própria história e traz um vídeo com o líder da Coligay, Volmar Santos. No vídeo, temos Volmar caminhando pela Arena, recebendo uma camiseta das mãos do então presidente do Conselho Deliberativo do Clube, Alexandre Bugin, que fala que “para nós (Grêmio) a Coligay representa muito”. Ele entrega para Volmar, também, a braçadeira de capitão nas cores do arco-íris, a mesma utilizada em partidas de 2022. Tanto na fala do dirigente quanto na legenda do vídeo, é feita uma relação entre o Dia do Orgulho e o orgulho que o Grêmio tem pela Coligay ter sido parte de sua história. Bugin ainda comenta a necessidade do clube se preocupar com a inclusão e a participação de todos no futebol. O vídeo finaliza com a foto da bandeirinha de escanteio nas cores do arco-íris e o *lettering* Dia do Orgulho LGBTQIAP+. É no mínimo curioso que pouco mais de um mês depois de publicar um material que falasse apenas em “homofobia”, o clube utilize a sigla com tantas letras.

Em 25 de agosto, o clube publicou um vídeo curto com a visita de Osmar Dziekanaki à Arena. Nele, é possível vê-lo ao lado do painel em homenagem à Coligay no memorial do clube e recebendo a braçadeira do arco-íris. Embora em nenhum momento da fala do torcedor, que integrou a Coligay, ele fale na pauta LGBT+ – tema que também não é abordado diretamente na legenda da publicação – o fato da entrega da braçadeira mostra o reconhecimento do clube por um homem assumidamente gay, torcedor fervoroso e que se refere ao Grêmio como “religião”.

As duas últimas publicações de 2023 mostram um desenvolvimento muito importante na forma como o Grêmio trata a pauta, não apenas por serem materiais mais sofisticados (vídeos ao invés de postagens estáticas), como por darem voz a pessoas que vivem a condição de LGBT+.

O quadro a seguir traz um resumo dos principais pontos observados na análise dos discursos das publicações do Grêmio que compõem este artigo:

Quadro 1 – Resumo das análises de publicações

Ano	Qtde	Temas	Pontos observados	A quem o Grêmio faz falar (EUE)
2019	1	Campanha contra a homofobia	<ul style="list-style-type: none"> Impessoal (mesma arte para todos os clubes participantes da campanha) Sem dados sobre a homofobia, apenas preocupação com a manutenção dos jogos 	Neste anúncio, o EUe é o Grêmio, mas não sabemos quem é o EUc, uma vez que a campanha – adotada por todos os clubes que disputaram a Série A em 2019, não traz a assinatura de ninguém
2020	2	Datas comemorativas (17/05 e 28/06)	<ul style="list-style-type: none"> Publicações com o logo do Clube de Todos Uso do arco-íris Relação entre diversidade sexual e respeito pelas diferentes “formas de amar” (foco no afeto) 	O próprio Grêmio
2021	4	Datas comemorativas (25/03, 17/05 e 28/06), valorização da própria história (10/04, aniversário da Coligay)	<ul style="list-style-type: none"> Uso do arco-íris Relação com o torcedor ao valorizar a própria história (Coligay) ou o seu estádio Mais do que afeto, os textos falam em orgulho 	A si mesmo, porém, com um casal de (supostos) torcedores; a Coligay
2022	6	Datas comemorativas (17/05, 28/06), decisão judicial, campanha de conscientização, valorização da própria história	<ul style="list-style-type: none"> Além das redes sociais, publicações sobre ações dentro de campo e com funcionários Ações motivadas por questões judiciais Valorização da Coligay Torcedoras reais e atletas mostrando o rosto em algumas publicações 	A si mesmo, mas com o uso de torcedores reais, atletas reais; a Coligay
2023	4	Datas comemorativas, valorização da própria história	<ul style="list-style-type: none"> Inconstância no uso do logo Clube de Todos Uso da palavra “homofobia” (e não “LGBTfobia” como nos anos anteriores) Protagonismo aos personagens: vídeos com torcedores reais 	A si mesmo, através de torcedores reais

Fonte: A autora (2023)

Após a análise das 17 peças, foi possível observar não apenas o aumento quantitativo nas publicações do Grêmio sobre diversidade sexual, mas uma apropriação maior da pauta e consequente amadurecimento nos discursos publicados. Tal crescimento quantitativo, como já discutido anteriormente, pode ter sua origem em uma cobrança maior do público – necessidade mercadológica – mas também na valorização da própria história do clube, expressa no já citado ressurgimento da Coligay.

Quando nos perguntamos a quem o Grêmio faz falar em seu discurso, nota-se um deslocamento sutil, mas frequente: se no primeiro anúncio, sequer o escudo do clube estava colorido, nas últimas publicações, temos pessoas LGBT+ sendo protagonistas de suas próprias histórias. Ao pensarmos na estratégia, apesar de a maioria dos discursos ainda estar presa aos clichês da pauta LGBT+, ou seja, o uso da bandeira do arco-íris e palavras como “amor” e “respeito”, também é possível verificar uma valorização cada vez maior da própria história do clube – não apenas ao recuperar a Coligay, mas ao lembrar das torcedoras que expressaram sua homoafetividade nas arquibancadas.

Percebe-se que não há uma padronização nem nas datas comemoradas, nem na sigla utilizada – sequer no uso do logotipo do projeto Clube de Todos. Observa-se, ainda, que os sujeitos discursivos são sempre o clube e os torcedores e raramente há atletas como Eue. Os únicos casos em que vemos os rostos dos atletas são em uma foto de uma ação durante uma partida (caso de Pedro Geromel com a braçadeira de capitão, na publicação de junho de 2022) e no vídeo sobre diversas formas de preconceito, publicado também em 2022. Como não identificamos nenhuma publicação sobre ações para o público interno do Grêmio – atletas e funcionários – não é possível saber como a pauta é tratada dentro da instituição ou a razão de não usar atletas em campanhas sobre diversidade sexual – o que já é feito, por exemplo, em campanhas contra o racismo e o machismo.

Considerações finais

Assim como a maioria dos outros clubes de futebol no Brasil (Bertонcello, 2022), o Grêmio ainda pauta majoritariamente suas postagens sobre a causa LGBT+ com base no calendário – datas comemorativas – ou em função de ocorrências específicas – como em 2022. Percebe-se a evolução nas estratégias discursivas, com a adoção de Enunciadores que dão não apenas um rosto, mas legitimidade ao assunto – caso dos vídeos com torcedores que integraram a Coligay ou a foto das torcedoras lésbicas em campo – bem como uma evolução na abordagem, que deixou de se limitar ao uso das cores do arco-íris e da relação entre diversidade sexual e amor para relacionar respeito, diversidade e inclusão com o próprio ato de torcer.

Acreditamos que, a partir da crescente apropriação que o Grêmio tem feito da pauta, o clube deverá explorar ainda mais o assunto, podendo ir além das datas comemorativas e publicações em redes sociais para campanhas que dialoguem com a torcida em campo, com atletas, funcionários do clube e a sociedade em geral.

É de se lamentar que haja tão pouco material disponível sobre o projeto Clube de Todos, assim como existem poucas notícias institucionais que indiquem a realização de outras campanhas, principalmente internas, de letramento para a diversidade. Não se sabe, por exemplo, se o clube adota o nome social de sócios trans na carteirinha, como já fazem o Bahia, Vasco e Paysandu. Se adotarmos a perspectiva (um pouco pessimista) de que o aumento de publicações sobre a causa LGBT+ é decorrente apenas de uma necessidade comercial, a falta de divulgação de campanhas internas seria uma falha de comunicação e, no caso da não realização dessas campanhas, vale lembrar que o público é crítico suficiente para perceber quando está sendo enganado.

Seria interessante o Grêmio dar mais visibilidade às questões sociais (não apenas sobre diversidade sexual, mas também de temas como o combate ao racismo, a inclusão de torcedores PCDs, etc.) que são abordadas no projeto Clube de Todos, a fim de mostrar a uma quantidade importante de sócios e torcedores que o futebol é, sim, um espaço propício para discutir temas de relevância social.

Devemos estar alertas, ainda, para o ano com o maior número de publicações – 2022 – ter sido o ano que o Grêmio foi punido por cantos homofóbicos e precisou realizar ações educativas. Não se notou um aumento de ações ou publicações de 2022 para 2023, e vale a pena acompanhar como a pauta será abordada em 2024. Ainda devemos salientar que embora 2022 tenha sido um ano com menos ingressos de recursos, em função de o Grêmio estar disputando a série B, essa questão não chegou a impactar nas publicações observadas por esta pesquisa.

A Coligay prova que a diversidade sexual sempre foi presente na história do Grêmio, apesar deste ser um time fortemente identificado com o Rio Grande do Sul e os mitos do gaúcho macho. A valorização desse capítulo da história gremista, com o ressurgimento da Coligay celebrado não apenas por pesquisadores ou pela imprensa, mas pelo próprio clube, vão além de incentivar a inclusão da diversidade sexual em campo: provam que, mesmo durante a ditadura, foi possível uma torcida abertamente homossexual, com estética e performance “afetadas”: “vestindo túnicas, calças bem justas ou apetrechos espalhafatosos, os seguidores da Coligay chegavam fazendo barulho e atraíam olhares encabulados enquanto tomavam as arquibancadas” (Pires, 2017).

É de nos questionarmos por que não vemos mais desse tipo nos estádios, ainda que – principalmente após a década de 2010 – estejamos vendo um surgimento de grupos de torcedores LGBT+ (Pinto, 2014). Devemos não apenas nos questionarmos quando foi que o futebol, que consegue unir lazer, paixão e identificação, tornou-se um ambiente tão hostil àqueles que não seguem uma masculinidade hegemônica, mas exigir – enquanto torcedores – mais ações em nome da inclusão de todas as pessoas nesse ambiente.

Acreditamos, finalmente, que (no caso do Grêmio) a recuperação da história e da memória da Coligay (e no caso dos demais clubes também), o aumento das discussões sobre a pauta LGBT+ junto às torcidas, funcionários e atletas, campanhas sociais e educativas e punições efetivas aos casos de homofobia podem trazer ganhos ao futebol.

Em dezembro de 2023, o E. C. Bahia elegeu o primeiro presidente de um clube abertamente gay: o ex-goleiro Emerson Ferretti que, por acaso, iniciou sua carreira profissional no Grêmio. Apenas em 2022, em entrevista ao podcast Nos Armários dos vestiários, ele assumiu sua condição de homem gay e relatou o quanto a homofobia no esporte pode ter sido prejudicial à sua carreira e à sua saúde emocional. Ainda são raros os casos de atletas do futebol masculino que “saem do armário” antes da aposentadoria, mas, felizmente, somos otimistas para pensar que a inclusão das sexualidades dissidentes no futebol de matriz espetacularizada é um caminho sem volta. Ainda que possa levar muitos anos até que não se escutem mais cânticos preconceituosos nos estádios, o movimento de torcedores e instituições é cada vez mais frequente.

Referências

“ALENTAÇO” desta terça-feira terá ações em alusão ao Dia do Orgulho LGBTQIA+. **Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. Porto Alegre, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://gremio.net/news/detalhes/25386/alentaco-desta-terca-feira-tera-acoes-em-alusao-ao-dia-do-orgulho-lgbtqia-->. Acesso em: 20 dez. 2023.

AMOR é decisão, atitude. **Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. Porto Alegre, 17 maio 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CO_D98hBZRj/. Acesso em: 20 dez. 2023.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”**: Currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15852>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Masculinidade e Homofobia: Um jogo dentro do Jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>. Acesso em: 20 dez. 2023

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 310-326, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9537/7458>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BERTONCELLO, Soraya Damasio. Discurso publicitário no combate a LGBTfobia no futebol brasileiro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4, 2022, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/775235/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRESQUE, Gabriel Alves. **Virilidade e produto midiático**: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho. 2020. 125 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5405>. Acesso em: 28 dez. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CLUBE de Todos promove live com o tema "Mulheres no Mundo do Futebol". **Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**, Porto Alegre, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://gremio.net/news/detalhes/24156/clube-de-todos-promove-live-com-o-tema-mulheres-no-mundo-do-futebol-->. Acesso em: 20 dez. 2023.

CONNEL, Robert W., MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 21 n. 1, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**: Antropologia, n. 27, maio 1978. p. 1-12.

DA MATTA, Roberto (Org.). **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Coligay – o esplendor recuperado. **Ludopédio**, São Paulo, v. 110, n. 32, 2018. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/coligay-o-esplendor-recuperado/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores Ltda, 2007.

FREITAS, Henrique; JANISSEK-MUNIZ, Raquel; MOSCAROLA, Jean. **Uso da Internet no processo de pesquisa e análise de dados**. Porto Alegre: Giganti, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/4801>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GOLAÇO na Homofobia: elas ficaram noivas durante um jogo do Grêmio. **Universa UOL**, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://blogdamorango.blogosfera.uol.com.br/2019/11/05/golaco-na-homofobia-elas-ficaram-noivas-durante-um-jogo-do-gremio/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GRÊMIO contra o preconceito. **Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**, Porto Alegre, 6 set. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiLuY5zJxUJ/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4 n. 1, p. 103-117, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-71831998000200007>

LEAL, Ondina Fachel. Os gaúchos: cultura e identidade masculina no pampa. **Tessituras**, v. 7 n. 1, p. 17-47, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/14568> Acesso em: 20 dez. 2023.

LOPES, Denílson. O entre-lugar das homoafetividades. **Ipotesi**, v. 5, n.1, p. 37-48, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19257/10243>. Acesso em: 20 dez. 2023

MOZDZENSKI, Leonardo. **Outvertising**: a publicidade fora do armário. Appris: Curitiba. 2020.

NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS: O novo sempre vem. Entrevistado: Emerson Ferretti. Entrevistadores: Joanna de Assis e William De Lucca. **Globoplay**, 19 ago. 2022. Podcast. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/episodio/o-novo-sempre-vem/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

O ANO mágico de 1977... **Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. Porto Alegre, 10 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNfS3VqBd3L/?img_index=1. Acesso em: 20 dez. 2022.

O NOSSO coração é tricolor, mas o amor é de todas as cores. **Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**, Porto Alegre, 17 maio 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CASqNfnh8HI/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; BENEVIDES, Bruna; COUTINHO, Gustavo; CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira (Orgs.). Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil. **Dossiê 2022 Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. Florianópolis**: Acontece; Antra; ABGLT, 2023. Disponível em: <https://observatoriomortesenviolenciaslgbtibrasil.org/#:~:text=Nossa%20Causa&text=O%20Dossi%C3%AA%20de%20Mortes%20e,suic%C3%ADcios%20e%2015%20outras%20causas>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. 2003, 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/3707> Acesso em: 20 dez. 2023.

PIRES, Breiller. Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito. **El País**, 12 abr. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html. Acesso em: 23 dez. 2023.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe**, n. 14, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/220766> Acesso em: 28 dez. 2023.

RODRIGUES, André Iribure. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas**. 2008. 309 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/13806> . Acesso em: 18 dez. 2023.

Recebido em: 30 jan. 2023
Aprovado em: 18 mar. 2024

O ÁRBITRO IGOR BENEVENUTO E A SAÍDA DO ARMÁRIO NO FUTEBOL: DISPUTAS DE SENTIDOS EM REDES DIGITAIS

**REFEREE IGOR BENEVENUTO AND COMING OUT OF THE CLOSET IN SOCCER:
DISPUTES OF MEANINGS IN DIGITAL NETWORKS**

Ana Júlia Amorim Oliveira ¹
Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça ²

Resumo

Em entrevista ao podcast *Nos Armários dos Vestiários*, do *Globo Esporte* (GE), o árbitro de futebol Igor Benevenuto assumiu-se homossexual. O *Globo Esporte* (GE), em seu perfil do *Instagram*, veiculou postagem em que reproduzia trechos da entrevista. A publicação gerou grande repercussão e teve mais de 1.000 comentários. O objetivo desta pesquisa consiste em perceber os sentidos são mobilizados em torno do anúncio, observando de quais modos, no cenário do futebol, discute-se sexualidade/homossexualidade. Metodologicamente, a pesquisa inspira-se na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014). Observa-se, então, a constituição de três constelações de sentido. “Futebol não é lugar de bicha”; “Preconceito duplo” e “Representatividade importa”, de diferentes maneiras e a partir de diferentes performances em rede, dizem das possibilidades e das impossibilidades do ser gay no futebol.

Palavras-chave

futebol; homofobia; Igor Benevenuto; análise de construção de sentidos em redes digitais; *Instagram*.

Abstract

In an interview with the podcast *Nos Armários dos Vestiários*, on *Globo Esporte* (GE), soccer judge Igor Benevenuto came out as homosexual. *Globo Esporte* (GE), on its *Instagram* profile, published a post in which it reproduced excerpts from the interview. The publication generated great repercussion and had more than 1000 comments. The objective of this research is to understand which meanings are mobilized around the advertisement, observing in which ways, in the soccer scenario, sexuality/homosexuality is discussed. Methodologically, the research inspires The Analysis of Meaning Construction in Digital Networks (Henn, 2014) and, from this point of view, observes the constitution of three constellations of senses: “Soccer is not a place for queers”; “Double prejudice” and “Representativeness matters”, in different ways and from different network performances, talk about the possibilities and impossibilities of being gay in soccer.

Keywords

soccer; homophobia; Igor Benevenuto; analysis of meaning construction in digital networks; *Instagram*.

¹ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM UFOP), ana.amorim.jor@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-0204-990X>, <https://lattes.cnpq.br/7572112879153303>.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), professor adjunto do Departamento de Comunicação Social/ Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), felipeviero@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8051-126X>, <https://lattes.cnpq.br/6367822290797323>.

Introdução

Em entrevista concedida ao podcast *Nos Armários dos Vestiários*³, do Globo Esporte (GE), em julho 2022, o árbitro de futebol Igor Benevenuto assumiu-se gay. Ele foi o primeiro árbitro do quadro da Fifa a manifestar a homossexualidade publicamente. Ao veicular trechos da entrevista, com a revelação, em sua conta oficial no *Instagram*, o GE gerou grande repercussão entre usuários da rede, que realizaram mais de 1.000 comentários na postagem⁴. Neste artigo, advindo de uma investigação mais ampla⁵, já concluída, tem-se como objetivo central perceber, com base nesses comentários, quais sentidos são mobilizados e constituídos em torno do anúncio, observando de que modos, no cenário do futebol, discute-se a sexualidade e a homossexualidade.

De um ponto de vista teórico e político, açãoam-se pesquisas que se voltam às discussões em torno de gênero e das masculinidades (Beauvoir, 1967; Butler, 2003; Connell, 2003; Machado, 2018) e de sexualidade e homofobia (Warner, 1991; Borrillo, 2010; Mendonça, 2021). Metodologicamente, a pesquisa inspira-se na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014; Kolinski Machado; Gonzatti, 2020), explorando as interações dos usuários na publicação acerca da revelação de Igor Benevenuto.

Sobre gênero, masculinidades, homofobia e futebol

Em diálogo com Simone de Beauvoir (1967), compreendemos que ninguém nasce homem ou mulher, mas que se torna homem e mulher a partir de processos políticos e históricos. Também em diálogo com Judith Butler (2003), entendemos o gênero como performativo, tomando-o, ao invés de um marcador de caráter fixo e estável, como algo que advém de um contínuo fazer e de uma repetição que se dá no corpo, adquirindo, apenas ao longo do tempo, a aparência de uma naturalidade.

Para além de um objeto, portanto, quando aí considerada, a masculinidade poderia ser tomada como “um lugar nas relações de gênero, como as práticas através das quais homens e mulheres ocupam esse espaço no gênero e os efeitos dessa prática na experiência corporal, na personalidade e na cultura” (Connell, 2003, p. 109, tradução livre). Ao ponderar que se faria necessário o desenvolvimento de um modelo para a estrutura de gênero que levasse em conta as relações de poder, de produção e vínculos emocionais, Connell (2003) ressalta que não se pode pensar o gênero como algo isolado, de modo que não haveria apenas uma masculinidade, mas múltiplas, atravessadas por questões como etnia, classe social e orientação sexual (Machado, 2018).

3 Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

4 Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfwXzHttGbC/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading&img_index=1. Acesso em: 14 jan. 2024.

5 Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso intitulado “Homofobia e futebol: a construção de sentidos em redes digitais sobre a saída do armário do árbitro Igor Junio Benevenuto”, desenvolvido por Ana Júlia Amorim e orientado por Felipe Viero, junto ao curso de jornalismo da UFOP. O trabalho completo está disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/6133>. Acesso em: 14 jan. 2024.

Há que se considerar, contudo, que se habita um mundo pautado pela heteronormatividade (Warner, 1991). Ressaltar que nossa cultura se estrutura ao redor de um paradigma heteronormativo é mais do que dizer que ela é apenas heterossexual, é dar a ver que o privilégio heterossexual reside no fato de que a cultura heterossexual se apresenta, de forma totalizante, como sociedade (Machado, 2018). "A heteronormatividade, ao definir a heterossexualidade como natural e ao seccionar os sujeitos entre heterossexuais e não heterossexuais, diz quem é normal e quem não é" (Machado, 2018, p. 56).

Ao se voltar ao estudo da homofobia, Daniel Borrillo (2010 p. 13) sugere que a pensemos como consequência de todo um processo que incita o ódio à determinada diferença. Em suas palavras, seria uma manifestação arbitrária que "consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal". Tendo em vista a sua "dissidente" orientação sexual, o sujeito homossexual é percebido sob os rótulos do excêntrico e do extravagante e posicionado à distância, fora do universo do qual fazem parte as pessoas.

O futebol, nesse sentido, forjado também pelas lógicas generificadas e heteronormativas (Mendonça; Mendonça, 2021), constitui-se em espaço profícuo para que se percebam modos de operação de ordenamentos de gênero. Como qualquer ideologia, esse esporte cria fanatismos e atua como uma psicologia de massas (Wisnik, 2008). A masculinidade manifestada em corpos masculinos, nos gestos de conotação sexual, na competição exacerbada e em hierarquias internas e externas, é crucial para a manutenção de uma heterossexualidade compulsória (Rich, 2010).

Ainda que proibidos desde 2019, cânticos homofóbicos persistem nos estádios brasileiros, operando como violentos dispositivos discursivos de masculinidades (Mendonça; Mendonça, 2021), indicando, também, o quanto necessário é voltar-se criticamente à compreensão desse espaço.

Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais

Conforme lembra Recuero (2014), ainda que guardem semelhanças com o diálogo face a face, as conversações que ocorrem em redes digitais possuem como características serem permanentes e passíveis de rastreamento. Tais espaços ao constituírem-se em conversas públicas, funcionam, ainda, como "lócus do conflito, dissenso, disputa simbólica e política" (Pereira de Sá, 2016, p. 63) e, por conseguinte, em lugar privilegiado de investigação social. Compreende-se nesta pesquisa, também, que as redes digitais são responsáveis por configurarem a maneira como determinadas mensagens se espalham através de múltiplos espaços, caracterizando sentidos e conexões específicas em torno de si (Recuero; Bastos; Zago, 2015).

Em relação ao *Instagram*, especificamente, uma pesquisa divulgada pelo portal de informações *Opinion Box*⁶ indicou que cerca de 100 milhões de brasileiros acessam a plataforma diariamente, fazendo com que nosso país seja o segundo em número de usuários.

⁶ Dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências de uso no Instagram. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisainstagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%202%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em: 15 mar. 2023.

A fim de dar conta de enfrentar a materialidade de nosso objeto de investigação, adota-se aqui, como lugar metodológico, a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014). O método envolve três etapas que se fazem necessárias para a análise de casos à luz de problemáticas e de teorias específicas: (1) um primeiro movimento, de caráter exploratório/cartográfico; (2) o agrupamento de constelações de sentidos (um segundo movimento, o qual visa a reunir os sentidos percebidos tendo em vista uma homogeneidade); e 3) a elaboração de inferências sobre os signos mais representativos de cada agrupamento (um terceiro movimento que, a partir das constelações percebidas, aciona referências teóricas e políticas cabíveis para compreendê-las) (Kolinski Machado; Gonzatti, 2020).

Conforme a leitura de todos os comentários efetuados na postagem, realizamos uma seleção a fim de abranger aqueles que fossem considerados mais significativos/ emblemáticos. Os movimentos de análise, então decorrentes, voltaram-se a 70 comentários, que foram numerados em ordem e, a partir dos quais, chegou-se a três constelações de sentido.

O que acontece quando Benevenuto sai do armário?

Tal qual já sinalizado, o objetivo central desta pesquisa consiste em perceber, com base nos comentários presentes na publicação do GE, em seu perfil do *Instagram*, sobre a saída do armário (Sedgwick, 2007) do árbitro Igor Benevenuto, quais sentidos são mobilizados e constituídos em torno do anúncio. A postagem, composta por três imagens do árbitro com frases advindas da entrevista concedida ao podcast (FIGURA 1), foi realizada em 8 de julho de 2022 e traz o seguinte texto:

O árbitro Igor Benevenuto se declarou homossexual em entrevista ao podcast do GE "Nos Armários dos Vestiários", uma série jornalística que detalha a homofobia e o machismo no futebol brasileiro. O mineiro, de 41 anos, é o primeiro juiz do quadro da Fifa a manifestar a homossexualidade publicamente.

Figura 1 – Imagens de Igor Benevenuto no post do GE



Fonte: Instagram Globo Esporte

Com cerca de 58 mil postagens, o perfil do *Globo Esporte*, no *Instagram*, conta com 4 milhões de seguidores (janeiro de 2024). No instante de nossa coleta, a publicação contava com 1.001 comentários e 18.938 reações (*likes*). Para comparação, uma postagem sobre a estreia da Seleção Brasileira Feminina no maior torneio de futebol das Américas teve cerca de 2.000 reações. Uma postagem sobre o retorno de Bernardo ao posto de técnico da seleção masculina de vôlei recebeu pouco mais de 300 comentários. Tais números, ainda que meramente ilustrativos, são pistas que dizem do engajamento alcançando, bem como da conversação em rede decorrente da publicação acerca da orientação sexual do árbitro. A escolha pelos 70 comentários analisados no estudo considerou o que havia de mais significativo e representativo das nucleações de sentido constatadas.

Das três constelações de sentido então observadas, a que se mostrou hegemônica, abrangendo 54 comentários, foi nominada por nós como “Futebol não é lugar de bicha”, reunindo manifestações homofóbicas na forma de xingamentos, ofensas e agressões. A seguir, trazemos alguns dos comentários coletados:

Xingamento sempre teve sempre vai ter no futebol (COMENTÁRIO 2).

É só largar o futebol que todos nós ficaremos felizes (COMENTÁRIO 9).

Nossa que bosta em? Mudou o mundo essa informação. Nada contra mas quem precisa saber?? (COMENTÁRIO 11).

Q me interessa se ele dá o c...?? (COMENTÁRIO 13).

Não basta chutar as bolas agora tem que chupar também (COMENTÁRIO 24).

Agora todo mundo qr sair do armario ☺☺ (COMENTÁRIO 25).

Quanto vitimismo (COMENTÁRIO 32).

A mimimi do caralho (COMENTÁRIO 33).

Tem que se foder mesmo (COMENTÁRIO 39).

Só mais um verme (COMENTÁRIO 42).

Os comentários de números 2 e 9 produzem sentidos similares, agindo como uma resposta ao incômodo, manifesto por Benevenuto, diante da homofobia. Em ambos os casos, há uma minimização das ofensas, justificadas, então, diante de uma cultura do futebol, que envolveria xingamentos de diversas ordens (comentário 2) e de uma percepção de que, se está insatisfeito, caberia ao juiz deixar seu emprego ao invés de exigir mudanças (comentário 9). É interessante pontuar, em relação a esse aspecto, que tal qual se observou em investigação sobre os cânticos homofóbicos das torcidas de futebol (Mendonça; Mendonça, 2021), parece haver, de modo sistêmico, o não esta-

belecimento de uma relação entre o que se percebe como uma tradição e uma violência simbólica que, em lugar similar, desemboca em violências físicas.

Em conversas informais, alguns amigos nos disseram que os cantos com ofensas a outra torcida não eram manifestações de homofobia, eram simplesmente “coisas do futebol”. Esse tipo de comentário desconsidera que para todo enunciado há um enunciador, uma intencionalidade, um mundo ao qual o enunciado se refere – o mundo do texto. [...] Nessa perspectiva, ninguém seria responsável pelo conteúdo daqueles textos verbais ou visuais disparados pelas torcidas. Naturalizar a ofensa por orientação sexual ou identidade de gênero seria como desconsiderar os efeitos de dada prática no contexto enunciativo de um país com altos índices de crimes homofóbicos (Mendonça; Mendonça, 2021, p. 5).

Nos comentários 11 e 13, mais agressivos, torna-se evidente o incômodo dos usuários e, para além disso, a defesa de que a informação sobre a orientação sexual do árbitro, irrelevante, não deveria ser publicizada. Sobre a saída e/ou não saída do armário, percebe-se, em diálogo com Sedgwick (2007), que há toda uma gama de ambiguidades. Ao passo que, por um lado, exige-se dos sujeitos homossexuais que seja dita “a verdade” sobre a sua condição, igualmente se condena a propagação da informação: “e quem está interessado em sua vida íntima?”. Em sendo o futebol um “lugar para machos”, e ele sendo gay, sob lógica desses usuários, caberia a Benevenuto esconder sua orientação sexual.

Conforme Borrillo (2010, p. 17), mais uma vez, retorna-se à questão do armário. “Aceita na esfera íntima da vida privada, a homossexualidade torna-se insuportável ao reivindicar, publicamente, sua equivalência à heterossexualidade”. Nesse ponto, ainda, cabe recuperar as reflexões de Marco Almeida e Alessandro Soares (2012, p. 314), em artigo sobre futebol e homofobia:

O futebol carrega os atributos de uma sociedade masculinizada. Todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol. A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade.

No comentário 24, por sua vez, o usuário estabelece uma comparação entre a bola de futebol e os testículos masculinos e, a partir desse lugar, repreende o árbitro por sua orientação e prática sexual. O usuário que realiza o comentário 25, que também traz emojis com risadas, fala que, agora, todos querem sair do armário, dando a entender se tratar de uma moda, algo contemporâneo, que não havia em um passado e que, subentende-se, isso não deveria ter mudado.

Os comentários 32 e 33, em específico, trazem uma estrutura recorrentemente observada: empregam expressões que, comumente, observamos em manifestações

críticas ao respeito à diversidade. Ao nomear pautas que envolvem a população LGB-TQIAPN+ como “vitimismo” ou “mimimi”, tais posturas tentam invalidar e inferiorizar essa causa. Os comentários 39 e 42, finalmente, são ofensas diretas ao juiz, manifestando ódio (“tem que se foder mesmo”) e repulsa (“só mais um verme”) diante da manifestação de sua orientação sexual.

Torna-se pertinente, aqui, recuperar o conceito de abjeção, oriundo da obra de Julia Kristeva (1982), fundamental para o desenvolvimento dos estudos queer. Os corpos à margem, as vidas que ocupariam espaços incômodos, seriam aqueles que, não gerando empatia e ultrapassando as fronteiras do que poderia ser dito “tolerável”, geram o asco. Para Kristeva (1982), o que causaria abjeção seria aquilo que perturbaria a identidade e a ordem, não respeitando fronteiras, posições e regras. Palco de uma masculinidade hegemônica (Connell, 2003), constituído sobre lógicas heteronormativas (Warner, 1991), em especial no contexto do futebol, o corpo gay que ousa definir-se como tal vai de encontro de um todo um sistema masculino.

O *Instagram* também possui uma ferramenta que permite a interação entre usuários por meio de “curtidas” em comentários, representadas por um coração ao lado de cada fala. Esse recurso possibilita que usuários que concordem com o comentário lido possam manifestar esse apoio por meio de uma interação gráfica. Alguns comentários, portanto, reiteram o sentido global produzido por cada constelação e não apenas a opinião individual dos usuários. Seguem exemplos de comentários com expressivo número de curtidas:

Acabar as ofensas no futebol, melhor acabar com o futebol logo! (COMENTÁRIO 3).

Mano, apitar o jogo de forma correta e o que queremos!! Não queremos saber de mais nada!! E acostume como o futebol funciona tradicionalmente, xingamentos, pressão e tal!! Isso faz parte do esporte!! (COMENTÁRIO 6).

Ele quer dá o brioco e eu tenho que ficar sendo informado é? (COMENTÁRIO 14).

O comentário 3 recebeu 81 curtidas de outros usuários; o comentário 6 teve 59; e o comentário 14 obteve 36 interações. Isso significa que, somadas as curtidas dos três comentários, outras 176 pessoas que interagiram com a publicação concordam com o conteúdo das falas descritas acima.

É fundamental não perder de vista, diante dos sentidos presentes em “Futebol não é lugar de bicha”, que a homofobia é criminalizada no País desde 2019. É importante pontuar, também, que o *Instagram* possui normativas que, justamente, visam a evitar discursos de ódio em sua plataforma. Apesar disso, contudo, tais comentários foram realizados e seguem disponíveis na publicação.

A segunda constelação de sentido observada foi nomeada de “Preconceito duplo”, uma vez que, para além de acionar lógicas homofóbicas, tal qual na constelação

anterior, os comentários aqui englobados também se respaldam em posturas misóginas e machistas. Nos 8 comentários presentes nessa categoria, observam-se aproximações entre a homossexualidade masculina e a feminilidade, compreendidos, então, como lugares menores e inferiores.

Vixe agora todo mundo vai querer virar menina no futebol kkkk (COMENTÁRIO 56).

No que isso muda o futebol? Vão dar cartão ROSA? Estão infectando o esporte com essas OPINIÕES SEXUAIS que ninguém LIGA! Essa deveria chamar LGBT e não GE! (COMENTÁRIO 60).

Será que ele usa calcinha? (COMENTÁRIO 62).

Dessa categoria, o comentário 56 foi o único a receber curtidas de outros usuários, totalizando 3 interações positivas à fala, que manifesta um incômodo diante da possibilidade de, a partir da declaração do árbitro, outros profissionais do setor seguirem seu exemplo. Há, contudo, uma aproximação intencional entre orientação sexual e identidade de gênero. Ao debochar de Benevenuto, o usuário aproxima gays e mulheres e explicita que, no futebol, não há espaço para nenhum dos dois grupos. Sob lógica de oposição binária, o feminino traria, imbuído em si, tudo aquilo que deve ser evitado pela masculinidade hegemônica (Connell, 2003). O sujeito homossexual, ao “abrir mão” de seus dividendos patriarciais, aproximar-se-ia do espectro feminino e, por conseguinte, ocuparia um lugar de subordinação.

Conforme lembra Daniel Welzer-Lang (2001, p. 465), acerca da dominação de mulheres e da homofobia no contexto de construção do masculino:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade.

Em movimento semelhante, o autor do comentário 60 sugere que a presença de homossexuais no futebol infectaria o esporte. Orientação sexual é chamada de opinião sexual. A cor rosa, atribuída culturalmente ao feminino, também é acionada enquanto lugar de desqualificação. Para além de Benevenuto, o próprio *Globo Esporte* é atacado por, na percepção do usuário, trazer como pauta a homossexualidade (“deveria chamar LGBT e não GE”). O que se observa, em específico, mais uma vez, é o temor de que tal presença gere fissuras e afete os demais. Não obstante, ao se voltar ao GE, o usuário parece denunciar o que percebe como uma agenda externa que, então, estaria sendo imposta equivocadamente ao futebol.

O comentário 62, por sua vez, menciona uma peça íntima feminina (calcinha) a fim de ridicularizar o árbitro, dando a entender que, por ser gay (e, por conseguinte, ser próximo ao feminino e às mulheres), Benevenuto, possivelmente, faria uso de uma. Ao abordar a saída dos meninos do mundo das mulheres, e o ingresso destes na casa dos homens, Welzer-Lang (2001) diz como, desde essa integração primeira, mesmo que em face de diversas experiências de homosocialização, cria-se uma repulsa a tudo aquilo que gere uma aproximação com o feminino e com aquele lugar. No futebol, também uma casa de (determinados) homens, o mesmo se repete.

A terceira constelação de sentido, "Representatividade importa", é aquela que realiza um contraponto às categorias anteriores. Ainda que com menos comentários que "Futebol não é lugar de bicha" (oito, em setenta), observa-se, aqui, manifestações de apoio à diversidade e à coragem de Benevenuto em assumir-se homossexual. O combate à homofobia no esporte, do mesmo modo, também foi um sentido manifesto nessa constelação.

Já fui preconceituoso. Hoje, o que preza é o respeito. 🖤 (COMENTÁRIO 63)

Que ele seja feliz. 🙌 (COMENTÁRIO 65).

Futebol é para todos. ❤ (COMENTÁRIO 66).

O posicionamento dele é deveras importante, em um espaço marcado pelo machismo, preconceito, racismo, discriminação. Respeito é essencial e precisa ser estimulado. Pena que ainda tem muita gente tosca, que leva para os estádios sua cultura atrasada, de um período quase colonial. Mas, por outro lado, há pessoas de muito bom senso e evoluídas, como se pode ver em muitos comentários cuja base se faz pelo respeito (COMENTÁRIO 70).

O usuário que faz o comentário 63 recebeu o apoio de outros 4 usuários, que interagiram à fala deixando uma curtida. A pessoa afirma já ter sido preconceituosa, mas que, hoje, percebe a necessidade de respeitar as diferenças. Traz, ainda, a bandeira do arco-íris, símbolo da população LGBTQIAPN+, manifestando seu apoio ao grupo. O comentário 65, em uma postura contrária ao que se observou nas constelações anteriores, deseja felicidade ao árbitro, aplaudindo-o por sua revelação. O comentário 66, por sua vez, afirma que futebol é lugar para todos, dando a entender que gays também podem estar ali. Por ter recebido curtidas de outros 132 usuários, a fala marca a relevância de posicionamentos contra a homofobia e um estímulo à ocupação dos espaços futebolísticos de poder por parte dos homossexuais. A mensagem é reforçada pela imagem de coração.

O comentário 70, por fim, consiste em um texto mais amplo/argumentativo no qual o respeito é posto como algo que precisa ser estimulado. A nomeação de corpos no interior de uma cultura, como ensina Guacira Lopes Louro (2008), envolve a atribuição de direitos e de deveres e de privilégios e de desvantagens. Trata-se de uma dispu-

ta política, histórica e socialmente situada, que hierarquiza sujeitos e delimita vidas que importam mais ou que importam menos.

Em um país com altíssimos índices de crimes contra a população LGBTQIAPN+, e diante dos comentários analisados ao longo desta investigação, soa redundante dizer que se convive, de modo sistêmico, com a homofobia. Ainda assim, tal qual fica evidente nos comentários contidos na constelação “Representatividade importa”, há espaços para a resistência, a circulação de outros discursos e a produção de outros significados.

Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais. Sendo assim, como acontece com quaisquer outras normas, alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros dela buscam escapar. Todos esses movimentos, seja para se aproximar, seja para subverte-las, supõem investimentos, requerem esforços e implicam custos. Todos esses movimentos são tramados e funcionam através de redes de poder (Louro, 2008, p. 89).

Considerações finais

Conforme já exposto, a partir de postagem no perfil do *Instagram* do *Globo Esporte*, em que se abordava a saída do armário do árbitro de futebol Igor Benevenuto, o objetivo central desta pesquisa consiste em perceber quais sentidos foram mobilizados e constituídos em torno do anúncio por usuários/seguidores, observando de quais modos, no cenário do futebol, sexualidade e homossexualidade foram discutidos. Inspirados pela Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014), voltamo-nos aos 1.001 comentários realizados na postagem e, já em um movimento de análise, realizamos uma seleção, coletando 70 comentários que consideramos mais representativos, compondo uma amostra.

Chegamos, então, a três constelações de sentido que, a partir de diferentes lugares, mobilizaram significados variados em torno da declaração e das possibilidades e impossibilidades de ser gay no futebol. “Futebol não é lugar de bicha”, constelação hegemônica (54 comentários em um total de 70), trouxe manifestações homofóbicas e posições violentas em relação à existência de um árbitro homossexual no futebol, explicitando que aquele espaço não poderia ser ocupado por um gay.

“Preconceito duplo”, ainda que em diálogo com “Futebol não é lugar de bicha”, englobou posições de intolerância e preconceito, mas, em específico, com uma aproximação entre a homossexualidade e a feminilidade, tomados, então, como espectros não desejáveis ao futebol. Essa constelação foi composta por 8 comentários.

Oito comentários também constituíram a terceira constelação de sentido. Em “Representatividade importa”, em oposição aos dois primeiros núcleos de sentido, houve apoio a Benevenuto e a defesa do futebol como um lugar para se respeitar a diversidade.

Por mais que posições intolerantes, preconceituosas e, cabe destacar, criminosas tenham dominado a publicação (62 comentários homofóbicos e/ou machistas e 8 comentários em defesa da diversidade), é fundamental observar que houve, ainda, contrapontos e brechas para que outros significados pudessem ser mobilizados. Há que se ressaltar, também, a própria produção de um podcast, por um veículo hegemônico de comunicação, focado no combate à homofobia no futebol, bem como a veiculação, em um movimento de apoio, de trechos da entrevista concedida por Benevenuto no perfil do *Instagram* do GE, que conta com grande visibilidade.

Mesmo que um espaço calcado em uma masculinidade hegemônica (Connell, 2003) e forjado sob lógicas heteronormativas (Warner, 1991), o futebol consiste em espaço profícuo para que outros discursos possam ser produzidos e para que, a partir deles, outras vidas possam também importar. Mais que um movimento individual, a saída do armário de Benevenuto representa uma posição política relevante, em uma ação de caráter pedagógico e que, ao ser respaldada pela mídia, ganha credibilidade e visibilidade e que, sem dúvida, contribui para que também o futebol possa ser um espaço para todos.

Referências

- ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, v. 18, n. 1, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. Tradução de Irene Ma. Artigas. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitário de Estudios de Género, 2003.
- HENN, Ronaldo. **El ciberacontecimiento, producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.
- KRISTEVA, Julia. **Powers of horror**. New York: Columbia University Press, 1982.
- KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero; GONZATTI, Christian. Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: Gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais. **Mídia e Cotidiano**, v. 14, p. 206-224, 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem:** masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal. Ouro Preto: Editora Ufop, 2018.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. "Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!" Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, 2021.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, Afetos e Performance de Gosto nos Sites de Redes Sociais. **Revista EcoPós**, v. 19, n. 3, 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede.** Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Tradução de Plinio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a Queer Planet:** Queer Politics and Social Theory. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 1991.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2º sem. 2001.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 24 jan. 2023
Aprovado em: 18 mar. 2024

PESQUISA, ATIVISMO E MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL¹

**RESEARCH, ACTIVISM AND MEMORY:
REFLECTIONS ON THE STUDY OF WOMEN'S FOOTBALL IN BRAZIL**

Rafaela Souza ²

João Vítor Marques ³

Olívia Pilar ⁴

Resumo

Em entrevista à **Dispositiva**, a professora Silvana Goellner discute os principais avanços e retrocessos do futebol de mulheres nos últimos anos e defende a importância da interdisciplinaridade e de uma perspectiva interseccional como chaves para o avanço das pesquisas do campo. Além disso, a pesquisadora destaca a perspectiva teórico-metodológica da história oral utilizada em pesquisas sobre o futebol de mulheres e reflete sobre as representações e expectativas de gênero que perpassam o esporte, analisando como a Comunicação Esportiva se insere nesse contexto.

Palavras-chave

futebol de mulheres; gênero; história oral.

Abstract

In an interview with **Dispositiva**, professor Silvana Goellner discusses the main advances and setbacks in women's football in recent years and defends the importance of interdisciplinarity and an intersectional perspective as keys to advancing research in the field. Furthermore, the researcher highlights the theoretical-methodological perspective of oral history used in research on women's football and reflects on the gender representations and expectations that permeate the sport, analyzing how Sports Media fits into this context.

Keywords

women's football; gender; oral history.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: souzacrafaela@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6922-5260>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5877770066513347>.

³ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: jvnmarques@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7894625980221117>.

⁴ Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: oliviapilar.pesquisa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9648-4817>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6712946626732119>.

Introdução

Silvana Vilodre Goellner é licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, doutora em Educação pela Unicamp e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Atua como professora visitante da UFPel. Ao longo da trajetória acadêmica, tem se dedicado a pesquisar temas relacionados a gênero e sexualidade, mulheres e esporte, história do corpo e da educação física, com abordagens ancoradas majoritariamente na documentação, informação e memória.

Coordenou o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS entre 2000 e 2019 e é uma das responsáveis pelo “Garimpando Memórias”⁵, projeto de extensão que transforma entrevistas em documentos a partir da História Cultural e da História Oral. Foi curadora de três exposições sobre futebol feminino no Museu do Futebol no Pacaembu, em São Paulo: “Visibilidade para o Futebol Feminino” (2015), “Contra-Ataque: as mulheres do Futebol” (2019) e “Rainhas de Copas” (2023).

Nesta entrevista à **Dispositiva**, Silvana Goellner reflete sobre os avanços e retrocessos do futebol de mulheres nos últimos anos e defende a interdisciplinaridade como chave para fazer avançar o campo de estudos. Na análise, a pesquisadora discute representações e expectativas de gênero, os binarismos e preconceitos tão presentes no esporte e como a comunicação esportiva se insere nesse contexto.

Rafaela Souza, João Vítor Marques e Olívia Pilar (RS, JVM e OP) – Podemos começar explorando as mudanças que aconteceram nos últimos dez anos em relação ao futebol de mulheres. Tivemos uma série de acontecimentos, como a oficialização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em 2013, a partir do fim da Copa do Brasil de Futebol Feminino. Passamos, ainda, por mudanças no estatuto da Fifa, obrigatoriedade da Conmebol, recordes de audiência nas Copas de 2019 e 2023, recordes também no Brasil mais recentemente, enfim, muita coisa mudou. Muitas vezes, destacamos esses acontecimentos, mas o que você tem visto que vai além disso? Como você avalia essa última década para a modalidade no Brasil?

Silvana Goellner (SG) – Eu acho que a última década tem sido promissora para o futebol de mulheres, não apenas em relação às que estão em campo jogando, mas na própria tomada de decisões. Algumas mulheres passaram a ocupar cargos importantes de decisão no futebol mundial, e isso fez com que houvesse não só uma maior divulgação e visibilidade da modalidade, mas também um maior poder decisório sobre algumas ações.

Eu diria que muito do que a gente está visualizando hoje decorre de ações importantes de mulheres que foram feitas nas entidades que regulamentam o esporte. Eu quero chamar atenção para o protagonismo da Moya Dodd, que é uma ex-jogadora de futebol da seleção australiana e foi vice-presidente da Confederação Asiática de Futebol. Em 2013, a Moya passa a constituir o comitê executivo da Fifa⁶. Em 2015, ela lança uma proposta, um documento, dentro da Fifa buscando a igualdade de gênero nos cargos

⁵ Garimpando Memórias: Educação Física, Esporte, Lazer e Dança é um projeto de pesquisa fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Cultural e da História Oral. O projeto foi criado pela professora Silvana Goellner em 2002 e atua na realização de entrevistas com pessoas que fizeram e fazem parte da história de diferentes modalidades esportivas. Atualmente, é coordenado pela professora Silvana e pela professora Christiane Garcia Macedo.

⁶ Disponível em: <https://www.myfootball.com.au/news/australias-chance-fifas-head-table>. Acesso em: 30 jan. 2024.

de gestão, ocupação de espaços, ampliação do futebol de mulheres. Então, ela é a primeira pessoa – e no caso uma mulher – a trazer para dentro da instituição que regula o futebol mundial, no caso a Fifa, a discussão de gênero.

Essa proposta é aprovada, digamos assim, em 2016, e, então, a gente vai ver reverberar no que você anunciou na sua pergunta: as decisões das confederações intercontinentais terem ampliação dos cargos de gestão, a própria decisão da Conmebol em 2016, valendo a partir de 2019, de que os times de camisa que disputam os campeonatos intercontinentais tenham equipes de mulheres. Consequentemente, a gente vai ver isto: a ampliação dos campeonatos. Então, essa decisão não se dá como uma concessão das agências reguladoras do esporte, ela é uma luta das mulheres, e, para mim, isso é muito claro.

Se a gente avançou um pouco – e eu acho que ainda temos muito a fazer –, esse avanço tem um protagonismo das próprias mulheres, seja nas agências reguladoras do esporte, seja na própria mídia. A gente vai ver que se os canais mais tradicionais compraram a ideia de divulgação do futebol de mulheres, é porque as mídias alternativas; se a gente pode chamar assim, estavam cumprindo esse papel. Os campeonatos eram transmitidos por essas mídias, os comentaristas e as comentaristas geralmente vinculados a essas mídias foram fazendo com que o futebol de mulheres tivesse uma maior visibilidade. Esse foi um mecanismo que ampliou essa discussão ao ponto de as mídias tradicionais resolverem abraçar o futebol de mulheres como uma possibilidade nas suas pautas. Volto a dizer: decorre muito de movimento das próprias mulheres.

A gente não pode negar que os feminismos tiveram uma contribuição muito importante, se não num vínculo direto, numa relação de que as mulheres do futebol são feministas, mas a própria ideia dos feminismos de que mulher pode ocupar o lugar que ela quiser, que “não é não”, de movimentos como o “nenhuma a menos”, a Primavera Feminista... Movimentos que foram empoderando as mulheres para seus processos decisórios, seus processos de autoidentificação e os seus processos de perceber que as mulheres não são menos que os homens.

A nossa sociedade é pautada por uma discussão estrutural. Então, gênero, raça e etnia são categorias sociais que estruturam nossa sociedade. E o futebol é atravessado por elas. Assim, esses avanços todos que a gente começa a perceber nessa última década têm relação muito forte com esses movimentos sociais que reverberaram no futebol. Eu acho que é importante a gente pensar isso e não analisar o futebol só a partir do próprio futebol, mas que ele está inserido num conjunto de reivindicações, manifestações e expressões que fizeram com que as mulheres tomassem um pouco mais os seus processos decisórios. Eu acho que é relevante considerar isso quando se avalia o desenvolvimento do futebol de mulheres nos últimos tempos inclusive porque ajudou a desconstruir a ideia de que o futebol de mulheres não era significativo, era lento, não tinha técnica, não tinha interesse por parte de público e por parte de patrocinadores. À medida que os campeonatos começaram a ser transmitidos e que começou a ter uma maior exibição das mulheres em campo, esse discurso caiu por terra, porque houve uma adesão das pessoas ao futebol de mulheres.

Eu sempre digo que a gente não pode comparar o futebol de mulheres com o futebol de homens, porque são coisas completamente diferentes. Não só porque eles sempre tiveram apoio para estar no futebol e porque, desde o início, tiveram uma série

de empecilhos, impedimentos e leis, inclusive, que as proibiram de estar nessa prática, mas porque o futebol de homens não é comparável a nenhum outro esporte. Ele emergiu e se constitui como um nicho que tem um grande número de praticantes.

No entanto, há um pequeno grupo que ganha salários exorbitantes, fora de qualquer parâmetro de comparação. Então, essa estrutura – que é, também, gerenciada pelo modo como a sociedade capitalista se desenvolve, o futebol é um produto de mercado que atrai determinadas pessoas e que faz girar um montante de dinheiro muito grande – passa, de uma forma muito incipiente ainda, a gestar futebol de mulheres. Então, a gente vai ver uma série de perspectivas dentro dessa última década, umas de aderência à tentativa desse modelo, e outra de resistência para tentar fazer um futebol que seja um pouco diferente. Existe uma pluralidade no futebol de mulheres, e eu acho que quando a gente avalia a última década, não pode olhar só esse futebol mais institucionalizado do alto rendimento, dos campeonatos nacionais, intercontinentais e campeonatos mundiais.

O futebol de mulheres é muito mais do que isso. Essa é uma pequena fatia do que significa ser uma jogadora de futebol ou uma pessoa que esteja inserida no universo cultural do futebol. Então, os avanços que aconteceram estão situados em determinadas perspectivas do futebol, mas há uma gama muito maior. Digamos assim: é a ponta do iceberg. O futebol de mulheres é muito mais do que isso.

Temos que pensar no futebol de mulheres como uma prática de lazer não apenas comprometida com os clubes que disputam competições. Temos que refletir questões, por exemplo, o acesso das mulheres aos espaços públicos onde acontecem a prática de atividades corporais esportivas. Ela é ainda muito limitada. Quem tem acesso aos espaços públicos em grande medida são os meninos e os homens, e as mulheres precisam negociar para estar ali. É necessário pensar, também, no futebol como conteúdo da disciplina de Educação Física na escola, pois, para as meninas, ele ainda é muito restrito quando comparado a frequência com que é ofertado aos meninos. Com isso, quero dizer que há uma série de perspectivas de olhar para os futebóis, utilizando o termo no plural mesmo, que estão ainda completamente desassistidos.

Então, comemorar alguns avanços dessa última década tendo como observação o futebol mais institucionalizado e mercadológico, não significa afirmar que as mulheres que queiram jogar futebol, que queiram estar no futebol, inclusive como torcedoras, tenham assegurado os direitos mínimos que têm para ali estar. Por isso, acredito que precisamos olhar com cautela esse discurso muito positivado de que o futebol de mulheres avançou. Progrediu em determinados campos, mas, de um modo geral, para as mulheres, ainda é muito complicado estar no futebol.

Com relação a isso, também não podemos deixar de pensar que, para as mulheres, os espaços públicos, além de serem disputados, muitas vezes não são seguros. A questão do estupro, da violência, do feminicídio, ou seja, a violência contra mulheres, ainda é uma das perspectivas que cerceiam os seus direitos porque, efetivamente, as mulheres correm perigo em estar em algum lugar público, muitas vezes, sozinha. A gente tem visto, a cada vez que abre as páginas dos jornais, os índices de feminicídio aumentam, de violência e de estupro. Vejamos o que aconteceu, agora, com a Palhaça Julieta⁷, que foi assassinada só por ser uma mulher que estava viajando sozinha e foi vítima de um crime bárbaro.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/01/08/julieta-hernandez-quem-e-a-artista-venezuelana-mor-ta-no-am-enquanto-viajava-de-bicicleta-pelo-brasil.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Não podemos olhar com otimismo para uma sociedade na qual as mulheres são sujeitos de segunda categoria, na qual, efetivamente, correm risco de vida e risco de sofrerem abusos e violências exclusivamente pelo fato de serem mulheres. Então, como o futebol, muitas vezes, é identificado como um espaço de predomínio dos homens, há certo receio de que as mulheres, ao estarem nesses espaços, passem a ser vítimas de situações como essa. Sem falar na questão de abuso e de assédio moral, que também é outra questão que é pouco discutida no campo do futebol. Como ele é gestado em grande medida por homens, muitas vezes as mulheres sofrem esses abusos sem se dar conta até mesmo pela naturalização da violência que incide sobre elas. Ou, às vezes, quando se dão conta, não denunciam porque podem perder o mínimo que elas conseguiram obter para estar nesse espaço.

Tentando resumir essa primeira pergunta, eu diria que não é só sobre futebol. O futebol está inserido num contexto muito amplo de perspectivas para as mulheres. Analisar especificamente o futebol com esses resultados não dá a real dimensão do que é uma mulher ter o desejo de acessar o universo cultural do futebol e permanecer nele, porque são questões distintas. Muitas vezes, as mulheres acessam, mas não conseguem permanecer, por essas pressões sociais como as que eu venho falando, não só do assédio e do abuso, mas da própria desqualificação do protagonismo delas em campos diversos, entre eles, o campo esportivo.

RS, JVM e OP – Ao longo dos últimos anos, você tem tido contatos com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para tratar do futebol de mulheres. Que avaliação faz do atual trato da entidade em relação ao futebol feminino? A instabilidade no comando tem atrapalhado eventuais avanços?

SG – Eu entendo que a CBF ainda não desenvolveu um plano estratégico de efetivo apoio ao futebol de mulheres. E podemos olhar isso a partir de diferentes perspectivas. O Comitê de Reformas⁸ que a CBF instituiu, em 2016, teve um grupo de trabalho do futebol feminino do qual participei, lançou um documento, aprovado naquela época pela própria instituição, que previa uma série de questões relacionadas a direito de imagens, competições, estruturação da modalidade, além de plano de um estratégico de curto, médio e longo prazo. E o que eu considero mais importante daquele documento é a criação de um departamento de futebol feminino, que até hoje a CBF não criou. Não institucionalizou um departamento específico de futebol feminino coordenado por mulheres com experiência no futebol de mulheres.

Então, a gente vê alguns avanços e muitos recuos, como a instabilidade da própria gestão da CBF. Quando o Rogério Caboclo assumiu [a presidência], em 2019, foram admitidas a Aline Pellegrino e a Duda Luizelli, do Rio Grande do Sul, para fomentar o futebol de mulheres. Em pouco tempo, essas mulheres já não estão nos cargos para os quais foram admitidas. Aline, hoje, coordena as competições do futebol, e a Duda foi demitida. Ou seja, uma série de ações que foram acontecendo, logo elas deixam de acontecer. Eu penso que isso resulta de falta de interesse político no desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil. É claro que houve a ampliação no número de campeonatos, a oferta de algumas vagas em cursos de capacitação com algumas mulheres recebendo financiamento, no fomento de competições, na questão de direito

⁸ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-lanca-comite-de-reformas-do-futebol-1>. Acesso em: 30 jan. 2024.

de imagens, entre outras, mas o futebol de mulheres está muito além disso. Precisa de um plano estratégico de desenvolvimento e formação de base e tantas outras questões que são essenciais para o fomento da modalidade, o que, volto a dizer, prescinde de um departamento específico.

E tem outra questão da CBF que, para mim, é inadmissível e pela qual um grupo de mulheres, no qual me incluo, tem lutado que é o reconhecimento das mulheres no Museu da CBF. As mulheres ainda estão ausentes do Museu da instituição, no seu acervo exibido ao público, praticamente não há nada sobre futebol de mulheres. Há uma ou duas peças e, mais recentemente, uma estátua da Marta.

Mas Marta, apesar de todas as suas conquistas, não significa o futebol de mulheres. Marta já é de uma geração que só foi possível acontecer porque outras a precederam. E a CBF não tem esse reconhecimento. Então, enquanto não houver a inserção efetiva da história das mulheres no seu Museu, a CBF está demonstrando seu desinteresse, porque a história do futebol dos homens é contada com detalhes e a do futebol das mulheres é negligenciada, apagada.

Existe no Museu da CBF um céu maravilhoso representado por estrelas e cada estrela tem o nome de um jogador que serviu à seleção, que vestiu a amarelinha. Não tem isso para as mulheres, não há registro de acesso ao público de quem foram as jogadoras, quais foram os campeonatos disputados, os amistosos, quantos gols cada jogadora fez. A própria regulamentação do futebol de mulheres, que aconteceu em 1983, não está registrada na instituição que é responsável pela gestão do futebol brasileiro. Essa falta de registro da história delas é muito significativa, expressa a política institucional que, do meu ponto de vista, ainda não é efetiva. Ela é muito pontual e, em grande medida, resulta de pressões externas à CBF e externas às próprias instituições reguladoras.

Para resumir minha resposta, entendo que, enquanto a CBF não criar um departamento feminino de futebol com diretorias específicas e enquanto não inserir as mulheres dentro do seu Museu, tudo o que é feito atende demandas pontuais do momento. Para mim, o futebol de mulheres ainda não está incorporado na instituição com o estatuto que merece. Enquanto a CBF não reconhecer as mulheres que abriram os espaços para que o futebol fosse possível acontecer, as ações implementadas não têm grande efetividade e variam de acordo com o interesse de quem assume a presidência ou não. Ou seja, o futebol de mulheres ainda não faz parte de uma política institucional. Penso que, se a CBF tivesse um departamento feminino, com o poder de incidência que tem sobre as federações estaduais, todas poderiam ter esse mesmo departamento. Daí sim, poderíamos pensar em mudanças estruturais efetivas em todo o País e no próprio fomento da modalidade. Mas, infelizmente, o interesse não é bem esse.

RS, JVM e OP – Uma das principais contribuições, entre as tantas que você trouxe para os estudos sobre futebol de mulheres, é a utilização da história oral como forma de recontar algo que ficou escondido por tanto tempo. Mais especificamente, como você analisa a interdisciplinaridade entre campos como Comunicação, Sociologia, Antropologia e Educação Física para a reconstrução da história do futebol de mulheres no Brasil?

SG – Com relação à história oral, eu a entendo como uma potente ferramenta para possibilitar que vozes excluídas ganhem espaço, representatividade, significação, poder e presença. A experiência que eu tenho tido com o futebol de mulheres, atravessada pela perspectiva teórico-metodológica da história oral, tem sido muito potente e tem reverberado na produção acadêmica e não acadêmica da área.

O projeto Garimpando Memórias existe desde 2010. Em 2015, eu fui convidada pelo Museu do Futebol para ser a curadora da exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino,” e isso se deu porque eu constantemente falava para a direção do Museu do Futebol que as mulheres não estavam lá. Eu e uma série de pessoas. As mulheres não aconteciam no museu, não tinham presença. Era a história do futebol dos homens em nosso País. Então, a Daniela Alfonsi, na época diretora técnica do Museu, me convidou para, junto com a equipe da instituição, fazer essa exposição.

Por que eu trago esse exemplo? Bom, onde está o acervo do futebol de mulheres se não está nas instituições de memória, se não está nos clubes? Esses acervos estavam com as mulheres. Então, eu comecei a fazer contato com jogadoras de futebol, sobretudo da primeira geração depois da regulamentação, dizendo que a gente queria contar um pouco da história, queria trazer essas mulheres para o Museu, perguntamos se elas tinham acervos. E, dentro desse movimento, comecei a ouvir essas mulheres e, por meio de entrevistas, solicitei que narrassem suas histórias.

Além dessa exposição, participei da curadoria de duas outras realizadas no Museu do Futebol: em 2019, aconteceu a “Contra-ataque! As mulheres do Futebol” e, em 2023, “Rainhas de Copas”. Nessas exposições, o grupo de curadoras utilizou muito dessas informações advindas das entrevistas de história oral. Eu fiz muitas, mas outras pessoas também fizeram, e produzimos fontes de pesquisa importantes para que essa história pudesse ser contada. E eu não tenho dúvidas de que muito do que a hoje gente sabe sobre o futebol de mulheres veio pela voz das próprias mulheres que o protagonizaram, porque os clubes, as instituições e as entidades oficiais não têm esses registros.

RS, JVM e OP – Ainda sobre essa interdisciplinaridade, vemos que você defende bastante a sinergia entre pesquisa e prática, especialmente no âmbito da educação física e do lazer. Nesse sentido, como podemos pensar essa prática em relação ao futebol de mulheres, ainda tão marcado pela invisibilidade e falta de recursos?

SG – A questão da interdisciplinaridade é fundamental. Mesmo utilizando recursos da história oral nas pesquisas e nos textos, a gente dialoga claramente com outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia, com as pesquisas do campo dessas áreas, como etnografia, por exemplo. A interdisciplinaridade é fundamental para a produção do conhecimento, porque ela amplia a possibilidade não só de captação e produção de fontes, mas o próprio viés interpretativo e argumentativo das análises que podemos fazer a partir desse entrelaçamento entre perspectivas teóricas que dialogam.

Eu acho que isso também é fundamental quando trabalhamos com a história oral, porque, ao olharmos para os sujeitos específicos do futebol de mulheres, respeitamos os atravessamentos de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros. A história oral contribui para entender grupos que têm pouco acesso e que são pouco visibilizados na perspectiva de narrar uma história não oficial, ao contrário, produzir uma história crítica, uma história argumentativa, que possibilite entender os mecanismos

pelos quais, ao longo da história, o futebol foi uma prática excluída e com uma série de impedimentos para as mulheres. Ajuda, por exemplo, desvendarmos argumentos que recaem no binarismo de que as mulheres podem determinadas coisas e não outras, e o futebol está dentro desse processo.

RS, JVM e OP – O Garimpando Memórias, projeto do qual você é vice-coordenadora, é um importante acervo com entrevistas de personagens relevantes para o esporte brasileiro. Vocês tinham como objetivo tentar trazer vozes que, em muitos momentos, não têm tanto espaço na mídia tradicional? E quais são os próximos passos do projeto?

SG – Eu tenho feito isso desde que comecei a pesquisar sobre mulheres e esportes. E quando iniciei a olhar o futebol de mulheres adensei meu ativismo político, ou seja, me aproximei muito das mulheres, me coloquei ao lado delas. Então, a partir do momento em que começo a fazer essas entrevistas, a me aproximar delas na captação de acervo para as exposições, eu me sinto uma pessoa que se solidarizou e se colocou com elas junto em várias frentes e lutas, seja nas instituições oficiais como a própria CBF, seja em outros espaços de disputa de poder. Essa aproximação ressignificou o meu jeito de fazer, olhar e entender a pesquisa.

Quando criei o Grupo de Estudo Mulheres do Futebol, juntamente às ex-jogadoras Juliana Cabral, que foi capitã da Seleção Brasileira, Leda Maria, Márcia Taffarel, Thaís Picarte e Dilma Mendes, que são mulheres do futebol, o meu fazer acadêmico foi modificado, porque eu consegui estar com mulheres de dentro do futebol. Então, eu não escrevo sobre as mulheres. Hoje, eu escrevo com as mulheres do futebol, e isso é muito diferente, alterou meu jeito de fazer as entrevistas, meu olhar de pesquisadora.

Eu não tenho a mínima dúvida de que, nessas entrevistas, determinados assuntos e determinados temas não seriam ditos apenas para uma pesquisadora. Mas para uma pesquisadora que está com elas, que conseguiu a confiança delas e também que está acompanhada por outras mulheres do futebol. Alguns temas são falados com muita abertura, muita clareza, muito sentimento e muita emoção, e grande parte das entrevistas se revelam muito emocionantes. As mulheres choram, elas calam, tem coisas que elas ainda não conseguem falar. E esse silêncio diz muito. Ou seja, essa minha proximidade e essa minha militância política com elas modificaram o meu fazer acadêmico, porque isso trouxe elementos que estão além das técnicas de pesquisa. São coisas que emergem de dentro de grupos que foram invisibilizados por muito tempo e que o simples fato de concederem uma entrevista significa serem reconhecidas por uma pessoa da universidade, o que, para elas, é muito significativo e reverbera de uma forma bastante positiva.

O Garimpando Memórias, talvez, seja o projeto mais significativo que eu já tenha feito e com o qual estive envolvida como pesquisadora. Eu criei o Garimpando Memórias em 2002 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, desde então, a ideia era de trazer e produzir fontes que não eram oficiais, ou seja, produzir fontes em esportes e em espaços em que as pessoas não eram visibilizadas ou elas não tinham espaço e nem representatividade. Então, o Garimpando Memórias sempre tentou atuar buscando essas pessoas que não têm voz e nem vez, e o futebol de mulheres entra dentro dessa perspectiva.

Quando eu me aposentei da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019, o projeto passou a ser compartilhado com a Universidade Federal do Vale do São Francisco com a coordenação da professora Christiane Garcia Macedo, que foi minha aluna orientanda de mestrado e doutorado e que tem uma formação imensa na história oral. Para dar continuidade a esse projeto, que faz parte de nossas vidas, transferimos seu vínculo para lá, e eu assumi o papel de vice-coordenadora. Nós duas somos muito empolgadas com o Garimpando Memórias e temos uma expectativa muito grande com esse projeto, inclusive, porque ele se tornou uma referência de pesquisa em história oral no campo da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança.

Essa expertise, que se criou desde 2002, fez com que a gente produzisse não só um acervo significativo de entrevistas, mas materiais e procedimentos específicos para pensar a história oral dentro do campo das práticas corporais esportivas. Produzimos um manual básico de procedimentos que direciona todas as etapas da pesquisa, desde a escolha da pessoa a ser entrevistada até a sua disponibilização. Neste ano de 2024, a Christiane e eu estamos escrevendo um livro sobre o Garimpando destacando seu aporte teórico e detalhando todas as etapas e procedimento envolvidos na produção do acervo de entrevistas que, hoje, aproxima-se de 1000 realizadas. Dessas, 800 já estão disponibilizadas para consulta no site do projeto⁹. Recentemente, a Christiane passou em um concurso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, então, o Garimpando Memórias vai migrar para a UFMG. Lá, tem um centro de memória, o que é maravilhoso, e existe uma relação muito próxima entre as instituições que cuidam da memória e a história oral.

As mais de 800 entrevistas que estão disponibilizadas passaram por todos os procedimentos da história oral e são fontes utilizadas não só em trabalhos acadêmicos, como monografias, teses e dissertações, mas também pela mídia. Isso é visível nos anos que têm Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, pois percebemos o quanto as entrevistas do Garimpando Memórias são acessadas e servem de fontes para inúmeras reportagens. Eu considero o Garimpando Memórias um projeto muito significativo dentro dessa ideia de pensar esportes e práticas corporais esportivas a partir de quem fez, de quem realizou, de quem organizou, de quem esteve presente, de quem assistiu. São as vozes das pessoas que protagonizaram de alguma maneira esses espaços e penso que essa é uma das mais significativas funções da história oral como uma ferramenta teórico-metodológica porque possibilita a inserção das narrativas e das vozes de quem protagonizou os acontecimentos.

Sobre os próximos passos do projeto, vamos continuar na realização das entrevistas. Hoje, temos mais de 200 entrevistas ainda para fazer todo o processamento porque entre o tempo de fazer uma entrevista e cumprir todos os procedimentos existe uma série de etapas a serem cumpridas que vai desde a transcrição; o copidesque, que é ouvir o que foi dito e comparar com o que foi transrito; a pesquisa sobre os dados e os nomes que aparecem; a devolução para pessoa que concedeu a entrevista e a autorização dela para a publicação. Muitas vezes, essa devolução é rápida; às vezes, demora um ano ou mais; e, por vezes, não devolve ou não autoriza. Enfim, dado o rigor que temos para o desenvolvimento do projeto, o processo é lento e cuidadoso.

⁹ Disponível em: <https://garimpandomemorias.univasf.edu.br/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

No livro que vamos lançar, tem toda uma parte teórica da discussão sobre a história oral e, também, o detalhamento de todos esses procedimentos metodológicos que a gente construiu ao longo do tempo e que foram se modificando. Com as novas tecnologias de informação, houve uma série de mudanças, ou seja, entrevistas feitas de modo remoto, não presencial, trouxeram outras perspectivas para pensar a história oral, sobretudo depois da pandemia. A gente foi modificando alguns procedimentos metodológicos durante esse processo, se adequando tanto a essas novas tecnologias, como às novas formas de relacionamento mediadas hoje pelas telas dos computadores.

A gente pretende, além do lançamento do livro, constituir novos acervos, porque eu acho que efetivamente o que o Garimpando Memórias tem feito é isso: a produção de fontes que podem ser acessadas de forma gratuita. As entrevistas que estão no site fazem parte do movimento de acesso livre à informação científica, no qual as pessoas não precisam pagar para terem acesso a essas informações, e isso é muito importante. Muitas dessas entrevistas foram feitas para o desenvolvimento de pesquisas específicas ou de mestrado e doutorado. Nessas produções, aparecem apenas alguns trechos. Por isso, publicamos no site as entrevistas na íntegra para que frutifiquem e sejam acessadas por muitas outras pessoas.

RS, JVM e OP – Algumas discussões mais recentes no âmbito acadêmico têm destacado a importância de um olhar que supere a noção de “mulher universal” e considere as interseccionalidades que demarcam as experiências das diversas mulheres não só no futebol, mas no esporte em geral. Você e outras autoras já chegaram a mencionar o fenômeno do embranquecimento da Seleção Brasileira ao longo das décadas. Como você tem analisado isso em sua trajetória como pesquisadora e ativista do futebol de mulheres?

SG – Eu acho que romper com a ideia da “mulher universal” é uma contribuição dos feminismos, sobretudo dos feminismos pós-estruturalistas, vertente na qual eu me encontro, que acato e me ajuda a olhar para os campos aos quais eu olho. E essa não é uma perspectiva recente nem mesmo no futebol. Talvez o que aconteça hoje é que a emergência e a potência do Feminismo Negro visibilizaram muito a implosão do olhar universal sobre as mulheres. Mas gostaria de dizer que essa possibilidade já está dada pelo pensamento feminista há algum tempo, sobretudo pela vertente pós-estruturalista.

E, sim, é fundamental olhar para as mulheres a partir do que, hoje, se chama de interseccionalidade, que são os marcadores sociais da diferença e como eles atravessam as pessoas e os grupos sociais. A interseccionalidade diz exatamente isto: o quanto determinados grupos são muito mais excluídos, têm pouca representatividade ou não são alvo das políticas públicas, porque eles estão interseccionando uma série de marcadores opressores, por exemplo, raça, etnia, gênero, sexualidade e classe social.

Olhar para o futebol de mulheres é olhar para isso, porque o futebol de mulheres historicamente se constituiu com um grupo de mulheres que são as mulheres periféricas, as mulheres urbanas, as mulheres que estão à margem e que não têm outros espaços de sociabilidade esportiva que não o futebol. E a gente pode pensar que esses marcadores atravessam o futebol de mulheres que, por algum tempo, tinha sua história muito marcada pela presença de mulheres negras.

Em determinados momentos, houve uma tentativa de embranquecimento do futebol, não só da Seleção Brasileira, mas de outras perspectivas de olhar o futebol. Por exemplo, teve a Paulistana de 1997, o Campeonato Paulista, que, nos materiais de divulgação, já indicava que não eram bem-vindas mulheres de “aparência masculina”. Tinham que ser mulheres “bonitas”, o que reflete uma tentativa de “feminilizar” o futebol, por meio de representações normativas de feminilidade. Essas representações estiveram presentes por muito tempo, dizendo que as mulheres do futebol deveriam ser mais femininas, usar roupas mais femininas, usar maquiagem, ou seja, ter atributos relacionados à representação da mulher branca cisheteronormativa.

Eu diria que só é possível pensar o futebol, como qualquer fenômeno social, a partir da interseccionalidade. Ou seja, essa perspectiva de olhar ao campo das práticas corporais esportivas dá maior acesso para entender porque, ao longo da história, a modalidade foi invisibilizada e, também, porque são determinados grupos que conseguem ascender no futebol e outros não. Dá para pensar, também, porque o futebol ainda é dominado pelos homens e as razões pelas quais, ao longo da história, há uma associação das mulheres que resolvem jogar futebol com aspectos relacionados à sua orientação sexual. O futebol é, predominantemente, associado aos homens e a uma dada masculinidade, no caso, viril cisheteronormativa e, eu diria, tóxica.

RS, JVM e OP – Além da questão da raça, podemos destacar os binarismos que ainda existem no esporte. Hoje, temos alguns poucos casos de mulheres trans e pessoas não binárias atuando no futebol, por exemplo, mas sabemos que as vivências dessas pessoas são marcadas por uma série de preconceitos. Como você acredita que podemos tentar desconstruir esses binarismos que ainda são tão presentes no esporte?

SG – O binarismos como uma lógica classificatória dos sujeitos é uma representação que se instituiu em determinado momento, segundo a qual as pessoas são diferenciadas pela anatomia, pelo biológico, pelo seu corpo. Dentro desse aspecto, a genitália ganhou relevância. Ou seja, homens e mulheres são tidos como sujeitos diferentes, cada qual englobando uma universalidade de aspectos, e esse binarismo é um modelo pelo qual se estrutura o próprio esporte. O esporte é definido a partir disso. Acontece que, como toda lógica classificatória, ela não dá conta de classificar aquilo tudo o que pretende.

As pessoas trans e as pessoas não binárias estão aí para mostrar o quanto esse sistema é falacioso. A sua materialidade corpórea coloca à vista a impossibilidade dessa classificação ou desse binarismo e faz ver que essa lógica só tem sentido para justificar a hierarquização de sujeitos à medida que traduz uma tentativa de classificar o que é inclassificável.

Eu entendo que o esporte pode implodir com essa lógica, à medida que essas pessoas adentram esse espaço, questionarem a divisão sob a lógica binária. Enfim, o esporte, ao mesmo tempo, é uma ferramenta importante para construir esse binarismo e justificá-lo conforme diferenças de capacidade física distintas para homens e mulheres universais. É, também, o que pode desconstruir esse mesmo discurso que produziu. Talvez, por isso, exista tanto preconceito e como cerceamento para que essas pessoas

participem do esporte, porque seus corpos e suas subjetividades desconstroem esses binarismos, sobretudo, porque são edificados a partir de uma representação universal de homem e uma representação universal de mulher, sem considerar que, nessas duas categorias, há uma ampla pluralidade, existem sujeitos que são muito diferentes. Os corpos não cisheteronormativos e brancos colocam em xeque essa representação binária. Volto a dizer que é uma representação que tenta classificar o que é inclassificável.

No entanto, não é simplesmente dizer que eles vão desconstruir essas representações, porque há toda uma série de preconceitos, de normatizações que tentam impedir ou limitar o amplo acesso dessas pessoas ao campo esportivo. E, volto a dizer, isso do meu ponto de vista se dá porque sua presença nas arenas esportivas dá a ver que o sistema binário é uma forma de classificação, uma representação, ou seja, uma construção. E, por ser uma construção, pode ser destruída, rompida, colocada em xeque o tempo inteiro. Talvez, por isso, os corpos das pessoas trans e não binárias incomodam tanto, porque elas fissuram essa representação de ser homem, de ser mulher segundo essa lógica binária que tem estruturado o pensamento sobre a distinção de gênero e de sexo.

RS, JVM e OP – Para além dos binarismos, sabemos que o esporte tem um papel de manutenção de formas hegemônicas de feminilidade. Em seu trabalho de maior fôlego, que segue como umas das principais referências para pensar gênero e esporte, você destaca essa categorização de papéis atribuídos ao corpo feminino pela *Revista Educação Physica* como um ser belo, limpo, maternal. Hoje, mais de 20 anos depois, como você vê essas imagens, especialmente no ambiente digital? Se, antes, as atletas eram retratadas assim pela mídia; hoje, também podemos encontrar esse tipo de representações produzidas por elas nas próprias redes sociais, com um argumento muito próximo ao neoliberalismo. Como esse controle de corpos é atualizado hoje e como podemos analisar essas atualizações no esporte atualmente?

SG – Junto às classificações binárias, temos a produção de representações de masculinidade e feminilidade, cujos atributos são relacionados fortemente às características anatômicas dadas no nascimento da pessoa. Ou seja, se é um homem, se identifica com uma dada masculinidade; e se é uma mulher, de feminilidade. E, consequentemente, espera-se que a orientação sexual de cada uma dessas pessoas corresponda a essa linearidade entre corpo, gênero e sexualidade, sobretudo aquela que historicamente é significada como a “normal” ou a desejada: a heteronormatividade

As imagens da *Revista Educação Physica* que eu analisei circularam nas décadas de 1930, 1940 e 1950, conformando uma representação da valorização da beleza, da maternidade e da feminilidade. Esse discurso continua, claro que revisitado e atualizado, mas a representação cisheteronormativa de mulher, que é aquela cujo maior apelo se dá não só na mídia, mas em todos os espaços sociais, na religião, na família, no pensamento médico, no pensamento educacional, no pensamento jurídico e se constitui segundo estes três atributos que são considerados como integrantes de uma dada feminilidade. “Seja bela, seja maternal e seja feminina” conformam essa representação de feminilidade cisheteronormativa, cujos desvios sempre são colocados em xeque e, muitas vezes, considerados abjetos.

Por exemplo, as mulheres que jogam futebol: muitas delas rompem com essa representação e, imediatamente, algumas suposições são feitas sobre seus corpos, sobre seus gêneros e, sobretudo, sobre a sua sexualidade, fazendo uma ligação direta entre a mulher que joga futebol, com um aspecto mais masculino ou um desejo de masculinidade e uma orientação não heteronormativa. Penso que, hoje, essa representação ainda tem um peso muito forte, porque efetivamente são os corpos que valem.

Nesse sentido, muitas atletas se colocam nas mídias sociais reafirmando esses atributos, porque efetivamente são valorizados e ligados a uma representação ainda fortemente marcada por atributos relacionados à feminilidade. E isso vende imagem, produtos e subjetividades no sentido que a pessoa está consoante a essas normas que são mais aceitas. A gente sabe o quanto as pessoas que escapam dessa representação sofrem de preconceito e violências, inclusive com maior possibilidade de serem mortas. Refiro-me ao alto índice no Brasil do assassinato de pessoas trans e do feminicídio, que tem uma forte relação com aquilo que se espera de uma mulher a partir de uma representação normativa que, como já mencionei, é social e culturalmente produzida. E, como sempre digo, aquilo que é produzido pode ser desconstruído, porque apenas uma representação não diz sobre a verdade dos sujeitos. Diz sobre sistemas de poder, de hierarquização e de exclusão porque induz a acreditar que algumas pessoas valem mais que outras.

RS, JVM e OP – Como esse controle de corpos das mulheres também se reflete nas representações e expectativas sobre os homens que atuam no esporte?

SG – O controle dos corpos femininos é algo estrutural em nossa sociedade. O olhar sobre o corpo de uma mulher é muito diferente do olhar sobre o corpo de um homem. E essas representações vão impactando a construção das masculinidades e no modo com o qual os homens veem as mulheres, o poder que incidem sobre as mulheres e a forma natural com que, muitas vezes, eles pensam que podem observar, tocar e violar o corpo das mulheres. Só existem representações de feminilidade porque tem representações de masculinidade; elas estão em disputa o tempo inteiro, elas dialogam com o tempo inteiro porque são inter-relacionais. Uma não existe sem a outra, ou seja, eu só posso pensar o que é masculinidade se eu pensar o que é feminilidade. São dois polos contraditórios, mas também complementares e estão em disputa o tempo inteiro.

Então, muitos dos homens que atuam no esporte, que é um terreno marcadamente produtor de uma dada masculinidade viril, observam as mulheres sob essa lógica. Vemos, por exemplo, que muitos dirigentes esportivos não têm um olhar para as mulheres a partir da diversidade do que são as mulheres. E, muitas vezes, incidem sobre elas esse mecanismo que é estrutural. Assim como o racismo é estrutural em nossa sociedade, o gênero é estrutural, e incidem as suas decisões e as suas perspectivas a partir dessas representações.

RS, JVM e OP – Temos notado tímidos movimentos recentes de grandes empresas de comunicação, como *Globo* e *ESPN*, no sentido de tentar tornar mais diversas as equipes de esporte. Contudo, algumas pesquisas – como o *survey*¹⁰ sobre as mulheres que atuam ou já atuaram na Comunicação Esportiva no Brasil – mostram as disparida-

¹⁰ Vimieiro; Pilar; Souza, 2023.

des existentes em relação aos homens e à predominância de mulheres brancas. Como você avalia esse momento da comunicação esportiva?

SG – A mídia esportiva ou a comunicação esportiva, com relação às mulheres, e sobretudo as mulheres do futebol, só começou a prestar atenção por força das mídias alternativas. Foram elas que, por muito tempo, olharam para o futebol de mulheres como algo importante e fizeram aquilo que a mídia tradicional poderia ter feito: visibilizar, noticiar, dar a ver, questionar, exibir e transmitir eventos.

Em dado momento, a mídia tradicional começou a olhar para esse campo do futebol, inclusive para não perder espaço; e os grandes conglomerados passaram a olhar para a modalidade como uma possibilidade mercadológica. Dentro dessa perspectiva, encontramos as disparidades, que são de homens e de mulheres brancas, ou seja, quem também compõem esse universo passa muito por essa lógica.

Temos visto muitas transmissões nos canais abertos que os comentaristas homens, como não acompanham a modalidade ou não a conhecem, não têm muito o que falar. Fazem comparações aos jogadores homens o tempo inteiro, como se fossem os jogadores homens que estivessem no protagonismo; erram o nome das jogadoras porque não conhecem a modalidade, ou seja, há um despreparo para isso. Além disso, muitos se sentem incomodados quando as mulheres ocupam espaços na mídia esportiva.

As narradoras, as comentaristas, nas redações esportivas ou nas transmissões a mulheres têm sofrido uma carga muito pesada de preconceito por acharem que elas não entendem de esportes e que aquele espaço não é delas. Recentemente, tivemos um exemplo, que merece demarcar, que foi a coletiva do Palmeiras para a qual presidente Leila (Pereira)¹¹ convocou só mulheres. Ali temos um recado para a mídia esportiva que alerta para o fato de que mulheres podem e devem ocupar esses espaços que ainda não são de fácil acesso para elas.

Essa tentativa de mostrar uma certa diversidade no esporte faz parte também de uma lógica mercadológica. Os movimentos feministas, os movimentos identitários como o movimento negro, o movimento LGBTQIA+ têm pautado temas e têm tido uma grande visibilidade. Nesse sentido, as instituições que não consideram essas pautas estão perdendo espaço de significação, poder e consumo. Por isso, é importante prestar atenção em quais são efetivamente as empresas ou os grupos que apoiam essas pessoas e quem está surfando na onda da diversidade. Quem faz o discurso de que agora tudo é politicamente correto e que, se é politicamente correto, tem que dar espaço para que esses grupos apareçam.

Mas o que eu quero dizer é que são as mulheres, aquelas que protagonizam o espaço, muitas vezes, são elas que, de determinadas maneiras, forjaram espaços alternativos para a visibilidade do futebol delas. É preciso entender que é tudo luta, não é concessão dos conglomerados, dos homens e nem dos grupos que têm hegemonia de poder. É disputa; e essa disputa é histórica, não é recente. Tardou muito para que as mulheres pudessem aparecer no canal aberto de televisão jogando bola com a fluência que a gente tem hoje.

¹¹ Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/palmeiras/artigo/_/id/13104940/leila-pereira-explica-entrevista-so-para-mulheres-palmeiras-rebate-criticas-nao-sejam-histericos. Acesso em: 30 jan. 2024.

RS, JVM e OP – Você e outras pessoas que pesquisam esporte têm destacado que o futebol de mulheres, muitas vezes, só tem a devida visibilidade em momentos de grandes eventos, como finais de campeonato, Copa do Mundo e Olimpíadas. Gostaríamos que você falasse um pouco mais sobre isso e como isso prejudica não só o futebol, como as demais modalidades praticadas por mulheres.

SG – Eu acho que esse movimento das mídias não tradicionais já demarca uma pequena diferença com relação à visibilidade do futebol de mulheres só nos grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Isso pode ter acontecido em determinado momento, mas creio que, a partir de 2019, na Copa do Mundo da França, e depois com as determinações da Conmebol das equipes de mulheres participando das competições, o Campeonato Brasileiro com mais clubes participando e com a ampliação no número de jogos e mais campeonatos. Isso possibilitou que, num primeiro momento, a mídia mais alternativa ocupasse esse espaço de visibilidade e puxasse as transmissões. Hoje, conseguimos ver o futebol de mulheres em várias competições, não só no canal aberto, mas nos canais pagos e nas mídias alternativas.

Chamo a atenção da última Copa do Mundo de Futebol o quanto a gente viu, por exemplo, a *Cazé TV*, que teve um sucesso estrondoso de transmissão, com mais de um milhão de aparelhos conectados¹². E isso tem um impacto bastante grande no entendimento que se tem sobre o futebol de mulheres. E desconstrói aquele discurso de que não é interessante, que as pessoas não têm vontade de ver. Talvez as pessoas não tenham sido educadas para ver o futebol de mulheres. Observamos muito isso ainda nos comentários que aparecem nas redes sociais, onde aparecem coisas, por exemplo, que as jogadoras são feias ou o jogo é horroroso, lento.

Enfim, há uma série de questões para a gente pensar, mas já não dá para dizer que são apenas nos megaeventos esportivos que existe uma maior visibilidade televisiva. Isso talvez não se aplique às matérias de jornal, sobretudo dos grandes jornais que continuam noticiando muito pouco o futebol de mulheres. Nesse caso, sim, porque as notícias circulam com mais frequência mais algum evento, alguma uma efeméride.

Há, ainda, pouca produção de conteúdo para discutir, debater, trazer esse tema com a relevância que ele merece. E isso impacta em outras modalidades, porque o futebol é o esporte com visibilidade quase absoluta na mídia esportiva, sobretudo na escrita. É futebol de segunda a segunda e é o futebol deles. Então, se o futebol tem essa importância, e o futebol delas é pouco noticiado, o que pensar isso sobre as outras modalidades? Quando se notícia é porque teve algo importante, alguma atleta se destaca ou uma equipe conquista algum campeonato ou um bom resultado, mas logo já cai no esquecimento. Então, tem um impacto muito forte em todas as modalidades, porque há muitos impeditivos para as mulheres estarem no esporte e a pouca visibilidade é um deles.

RS, JVM e OP – Temos acompanhado um aumento de estudos que se dedicam ao tema, especialmente ao futebol de mulheres, mas sabemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido. Nesse sentido, como você projeta a agenda futura das pesquisas em Gênero e Esporte?

¹² Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/copa-do-mundo-feminina-recordes>. Acesso em: 30 jan. 2024.

SG – Eu não tenho dúvida que, no campo acadêmico, sobretudo na última década, o futebol de mulheres tem sido tematizado em várias áreas de produção de conhecimento. Tem sido observado como um tema importante de ser analisado, não apenas do ponto de vista da história, mas de olharmos para esse fenômeno esportivo, que é muito importante. Os estudos têm se debruçado sobre isso, e percebo esse aumento na produção acadêmica a partir da exposição “Visibilidade do Futebol Feminino” do Museu do Futebol, de 2015, que teve repercussão não só em São Paulo, como também nacionalmente. Desde então, eu tenho percebido um grande aumento no número de produções acadêmicas e não acadêmicas, de sites especializados, revistas, livros escritos não apenas com base em pesquisas acadêmicas.

A perspectiva de gênero e esporte está sempre em construção e é um tema que tem aparecido com certa frequência. A categoria gênero, que é estrutural em nossa sociedade, diz respeito a todos nós o tempo inteiro. Além de ser uma categoria analítica, gênero é um marcador identitário e é um marcador político que hierarquiza grupos, pessoas e instituições. Olhar o esporte a partir do recorte de gênero tem possibilitado perceber isso: quem e quando tem apoio, quem recebe financiamento, que relação há entre investimento e resultado, entre tantas outras questões. Como esperar grandes resultados de mulheres se elas não têm as condições, muitas vezes básicas, para entrar no esporte, permanecer e se desenvolver como atletas? Não estamos falando somente do profissional, mas atletas com uma estrutura adequada para estar nesse espaço. O campo dos estudos de gênero no esporte precisa se intensificar cada vez mais porque torna visível que muitas das diferenças e desigualdades presentes no universo cultural do esporte resultam das relações entre os gênero, e isso tem impactos significativos nas vidas dos sujeitos.

Referências

VIMIEIRO, Ana Carolina; PILAR, Olívia; SOUZA, Rafaela Cristina de. **Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro?** Demografia, funções desempenhadas, veículos que as empregam e desafios interseccionais. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Anais do Intercom, 2023.

GARIMPANDO MEMÓRIAS. Disponível em: <https://garimpandomemorias.univasf.edu.br/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen – Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/ssj.2015-0136>. Acesso em: 27 mai. 2024.

Recebido em: 06 fev. 2024
Aprovado em: 14 abr. 2024

RESENHA: UMA LUZ SOBRE A HISTÓRIA CENTENÁRIA DAS MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO

REVIEW: A LIGHT ON THE CENTENNIAL HISTORY OF WOMEN IN BRAZILIAN SOCCER

Érika Alfaro de Araújo ¹

Resumo

O livro da pesquisadora Aira F. Bonfim, publicado em 2023, tem como proposta o resgate da história do futebol de mulheres no Brasil do ano de 1915 até sua proibição por lei em 1941. Dividido em três capítulos, o estudo, que tem como base os dados encontrados em jornais e revistas, aprofunda-se nas experiências de meninas e mulheres em festas esportivas, nos circos e nos subúrbios. Com uma proposta provocadora e de enfrentamento a narrativas hegemônicas que formam uma pretensa "história oficial do futebol", a obra visibiliza figuras femininas que fizeram parte do desenvolvimento desse esporte, revela fontes históricas, até então, inéditas, mapeia a ocorrência de jogos femininos no início do século XX e sistematiza os marcos introdutórios da prática no País, além de promover análises sobre as desigualdades de gênero que permeiam tal cenário. Assim, o livro se torna uma referência fundamental para os estudos sobre futebol de mulheres.

Palavras-chave

esporte; história do futebol; futebol de mulheres; gênero.

Abstract

The book by researcher Aira F. Bonfim, published in 2023, aims to rescue the history of women's football in Brazil from 1915 until its prohibition by law in 1941. Divided into three chapters, the study, based on information found in newspapers and magazines, covers the experiences of girls and women in sports festivals, circuses and suburbs. With a provocative proposal that challenges hegemonic narratives of an alleged "official history of football", the work highlights female figures who were part of the development of this sport, reveals unpublished historical sources, maps the occurrence of women's games at the beginning of the 20th century and systematizes the introductory milestones of practice on a national scene. Furthermore, it promotes analyzes of the gender inequalities that permeate this scenario. Thus, the book becomes a fundamental reference for studies on women's football

Keywords

sport; football history; women's football; gender.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Bauru-SP, com pesquisa financiada pela FAPESP (processo n. 2022/00984-0). Mestra em Comunicação e graduada em Jornalismo pela mesma instituição. Realiza pesquisa na linha de Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais com foco no jornalismo esportivo e suas relações com os Estudos de Gênero. E-mail: erika.araujo@unesp.br. Orcid ID <https://orcid.org/0000-0001-6283-9328>. Lattes ID <http://lattes.cnpq.br/9253989702991003>.

Introdução

O livro *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*, de Aira F. Bonfim, de 2023, já nasceu como uma referência para os estudos que se debruçam sobre as relações entre mulheres e esportes, mais especificamente o futebol. Com origem na dissertação de mestrado da autora, no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), a obra apresenta fontes históricas inéditas em uma proposta cuja ideia central, expressa no título com o recorte temporal, é a de trazer à luz histórias de mulheres que jogaram bola nos primórdios da modalidade no Brasil, antes mesmo da prática ser proibida por lei no território nacional, o que aconteceu em 1941.

“Onde estavam as mulheres na formação da História do futebol brasileiro?” (Bonfim, 2023, p. 19) é a pergunta que abre o primeiro capítulo e por meio da qual a autora conduz a leitura em uma viagem no tempo. Ao mergulhar nos “episódios mal contados e escondidos sobre os futebóis”, como aparece em sua apresentação, Aira se identifica como historiadora do esporte.

O propósito de trazer à tona informações que foram apagadas e negligenciadas por uma pretensa “história oficial” também aparece na etapa final do livro, em uma seção intitulada “Em primeira pessoa: os caminhos da pesquisa”. Nela, a estudiosa narra sua experiência e avalia que, embora não seja possível afirmar que a obra contemple em sua totalidade as histórias do futebol de mulheres no Brasil em sua origem, elementos significativos foram revelados, muitos dos quais eram desconhecidos, assim como “trajetórias esportivas de mulheres e meninas que não foram consideradas pela historiografia do futebol nacional”. Dito em outras palavras, quer dizer que o trabalho ampliou “o que conhecemos como ‘História do Futebol’, historiografia abordada, por vezes, de maneira presunçosa e excludente” (Bonfim, 2023, p. 300).

Para a autora, ao privilegiarem recortes que obedeciam uma hegemonia esportiva praticada por determinados grupos sociais, muitas das propostas de resgatar o futebol do século XX desconsideraram outros setores que também fizeram parte desse quadro ao contribuírem para o desenvolvimento da modalidade. Nesse sentido, “se a história do futebol é desigual, a do futebol feminino é ainda mais” e, quando as brasileiras são colocadas em foco, “estas narrativas se fazem ainda mais fragmentadas e subalternizadas e, por isso mesmo, o tempo todo negociadas” (Bonfim, 2023, p. 23).

A obra está dividida em três capítulos: festas, circos e subúrbios, respectivamente. Além deles, que representam o âmago do estudo, há o prefácio de Bernardo Buarque de Hollanda, professor adjunto da Escola de Ciências Sociais/ FGV CPDOC, as conclusões e a já citada seção sobre o percurso da investigação. A quarta capa ou contracapa traz as palavras da pesquisadora e ativista do futebol de mulheres, Silvana Goellner, com quem a autora dialoga em diversos momentos.

Com uma linguagem acessível, uma proposta provocadora e uma estrutura didática, a publicação cumpre o que promete e se torna uma referência importante justamente por não apenas questionar narrativas hegemônicas, mas por identificar e

nomear aquelas que “brincaram de futebol” desde 1915, mapear as ocorrências nos jornais de partidas com mulheres entre essa data e o ano de 1941, sistematizar os marcos introdutórios que incluíram o cenário de dentro e de fora do Rio de Janeiro e indicar os anos e locais de ocorrência de circos que tinham como atração o futebol feminino. A exposição dos dados em infográficos, as imagens imperdíveis e a diagramação digna de nota são fatores que corroboram para a afirmação de organização e didatismo.

Assim, o livro aborda, em um primeiro momento, as “festas *sportivas*” ou “domingueiras”, ambientes que as meninas brasileiras, assim como os meninos, passaram a frequentar e participar de brincadeiras, atividades culturais e de lazer promovidas pelos clubes pioneiros do País, principalmente na capital do Rio de Janeiro. Nesse cenário das primeiras décadas do século XX, outros marcos introdutórios do futebol foram apresentados, como a partida entre meninas do Vila Isabel F.C. em 1915 em terras cariocas.

Dessa forma, é nas festas *sportivas* que a obra identifica mulheres e meninas jogando bola, em uma manifestação lúdica do futebol. A autora explica que, nesse período, as práticas corporais foram estimuladas, sempre dentro do limite do que era considerado apropriado para as figuras femininas, ou seja, com exercícios que se afastavam da competição, do fortalecimento físico ou do desafio. A busca era pelos benefícios à saúde e pela relação com a beleza, cujo padrão à época, segundo sustenta Bonfim, era científica e estava submetido à satisfação dos desejos masculinos.

Ao abordar aspectos importantes para o debate esportivo, a publicação também ressalta elementos contextuais, como o fato de que esse incentivo ao contato com o sol, a natureza e atividades ao ar livre também significou para as mulheres a ocupação de espaços públicos. A mulher burguesa, em ambientes geralmente controlados, passou a ter mais experiências sociais: “o projeto de modernidade ensejava sobre a promoção de exercícios físicos para as senhoras e senhoritas, em sua maioria mulheres brancas, ricas e de considerável extrato social, frequentadoras dos clubes sociais onde havia o futebol carioca” (Bonfim, 2023, p. 40).

De acordo com a historiadora, o uso de transportes públicos foi um fator relevante para que as mulheres pudessem circular pela cidade e não mais ficassem apenas no ambiente doméstico. Essas novas oportunidades geraram discussões, por exemplo, sobre moralidade e locais adequados ou não para elas conforme critérios de origem, raça e classe social.

No decorrer do primeiro capítulo, a pesquisa conta as histórias de diversas partidas em que as mulheres aparecem, inclusive mistas, ressaltando que, embora esses certames tivessem tom de brincadeira e se afastassem da seriedade, serviram para mostrar que, aos poucos, elas se dirigiam para festas não para observar ou torcer, mas para protagonizarem jogos, para experimentarem e transformarem as experiências relacionadas ao futebol. Nesse período, a publicação deixa registrada a existência de inquietações em torno da prática do esporte bretão por mulheres, as quais começaram a ganhar contornos cada vez mais nítidos, o que estaria expresso na opinião pública estampada em jornais e revistas.

No segundo capítulo, a obra explora e se aprofunda nas atrações intituladas “*football feminino*” identificadas em picadeiros dos circos brasileiros entre 1920 e 1940 por

diversas regiões do País. Com a constatação que exibições circenses, teatros populares e apresentações musicais estavam em conformidade com o ambiente esportivo – e que as próprias festas *sportivas* eram um exemplo disso –, a autora analisa que, em uma estratégia de fidelização, para prender o público e a imprensa, bem como arrecadar mais com a bilheteria, os circos criaram campeonatos de futebol que duravam três dias para oferecer eventos inéditos que fariam a audiência retornar no dia seguinte. Dessa forma, também é exposta a aproximação dos produtores circenses com membros das principais ligas de futebol tanto da capital carioca quanto da paulista.

De acordo com a pesquisa, o teatro de revista e o circo eram espaços propícios para o rompimento daquilo que era cotidiano. Assim, a proeza corporal poderia ser considerada um dos primeiros componentes atrativos na elaboração dos repertórios, mas havia o elemento das transgressões dos corpos que realizavam atos irreconhecíveis e improváveis, ou seja, mulheres jogando bola publicamente. Conforme interpreta, as protagonistas de uma partida de futebol, vestidas com roupas curtas, atraíram a atenção dos espectadores curiosos e ávidos por uma cena incomum. “Se as apresentações das jogadoras durante as festas esportivas promovidas entre os clubes da época foram praticamente excepcionais, nos circos, tais atrações ganharam publicidade e maior exposição” (Bonfim, 2023, p. 134).

Defende-se que o esporte reconhecido já em todo o território nacional, quando praticado por mulheres, com mais ou menos capacidade técnica, não passava de uma atração hilária, de uma piada ou de um “faz de conta”. No entanto, é sustentada a ideia de que o picadeiro, quando se transformava em um campo de futebol, tinha as atrizes em seu centro usando as camisas de times populares. Assim, elas desafiaram os padrões da época, ousaram vestir publicamente shorts curtos, chutaram uma bola de capotão e brincaram com um dos esportes mais populares do Brasil. A autora destaca que o conjunto de fontes consultadas permite a compreensão que as atrações chamadas de “*football feminino*” contribuíram para a popularização da imagem de mulheres jogando bola no País.

Outro ponto levantado é que pouco se conhece sobre a interferência do decreto-lei de 1941 em torno das programações cênicas, pois, ao que tudo indica, a interdição também suspendeu a presença do futebol feminino como parte das atrações dos circos, já que foi o órgão da Divisão de Theatro e Censura que se comprometeu a não mais aprovar programas que contavam com mulheres jogando bola.

No terceiro capítulo, volta-se o olhar para o cenário da prática do futebol entre as brasileiras com maior regularidade em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro durante a década de 1930 e o ano de 1940. De acordo com a autora, a imprensa da época fez referência a locais, campos e sedes de clubes onde jogadoras atuaram naqueles anos, muitos dos quais encontravam-se no chamado subúrbio carioca – ou subúrbios, no plural, pensando em uma compreensão polifônica que advém da observação da presença do futebol de mulheres em um extenso território da cidade.

A imprensa noticiava confrontos femininos como preliminares em festivais esportivos que incluíam o futebol suburbano masculino ou “futebol menor”, como era

chamado. Assim, essas notícias foram lidas como uma demonstração da difusão do esporte entre mulheres na década de 1930, e de que a modalidade se tornou um notável meio de sociabilidade e lazer das populações suburbanas. Bonfim (2023, p. 177) avalia que “o futebol se apresentava cada vez mais como um importante elemento na construção de laços identitários e, à medida que se popularizava e mobilizava novos públicos praticantes, exacerbava conflito simbólicos e tensionamentos sociais”. Com essa afirmação, acionam-se registros que evidenciam como a prática esportiva e cultural popular desempenhadas pelas moças naquele período foi promovida e, depois, desqualificada até ser proibida pelo Estado.

A partir de então, o livro percorre registros históricos de jornais que narram os acontecimentos envolvendo diversos times, como o Casino do Realengo F.C., o Sport Club Brasileiro, o Eva F. C. e o Primavera A.C, entre muitos outros, e histórias de variadas mulheres, como a jogadora Adiragram (ou Adyram), apelido de Margarida Pereira, que foi presidente, zagueira e capitã do S. C. Brasileiro. São registros preciosos, com textos e fotos extraídos de periódicos, os quais revelam uma diversidade de elementos levados em conta no aprofundamento da análise empreendida pela autora. Um exemplo disso é a publicação, no Jornal dos Sports e na revista A Noite Ilustrada, de imagens das equipes femininas do Brasil Suburbano Football Clube no festival de inauguração da iluminação do campo do River F.C. no ano de 1931. Além de analisar aspectos como as vestimentas das jogadoras – uma equipe usando saia, outra bermuda longa – a autora faz observações que trazem à tona o cruzamento de opressões entre raça, classe e gênero:

Notadamente, a foto publicada revela mulheres jovens, adolescentes, além de constatar, pela primeira vez nos registros fotográficos encontrados, a presença de mulheres negras entre as equipes suburbanas. Tal confirmação vai nos oferecer um importante subsídio capaz de aprofundar ainda mais as reflexões sobre o enfrentamento destas mulheres ao aparecerem jogando bola publicamente naquela época. Esse dado, sobre traço racial dessas jogadoras, corrobora com suposições que incluem o racismo aos atravessamentos de classe e gênero nas decisões que envolverão o Estado, bem como a opinião pública, poucos anos depois, e que vão frear o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil (Bonfim, 2023, p. 193).

Ao longo de toda a obra, fica explícito o valor e a importância dos jornais, das revistas e de diversos periódicos tanto na construção da visibilidade do futebol de mulheres naquele momento de origem/desenvolvimento e na circulação de ideias em cada período estudado quanto como documento histórico que permitiu esse resgate feito por Aira Bonfim. Embora sejam fragmentos que indicam como essas experiências foram pouco noticiadas e documentadas, a investigação é construída por meio de informações extraídas de registros da imprensa.

Como salienta Barros (2021), os jornais são objetos que estiveram muito presentes na vida urbana nos últimos três séculos, e, há cerca de quarenta anos, os his-

toriadores passaram a se aproximar cada vez mais dos periódicos, utilizando-os como um tipo mais específico de fonte histórica capaz de oferecer numerosas informações, discursos e evidências para a análise das sociedades que os produziram e dos meios nos quais circularam.

Para Bonfim, se muito do que se sabe e comprehende sobre os esportes foi e ainda é registrado pela mídia, sua importância como fonte de pesquisa histórica é inquestionável. A autora também destaca como os jornais ajudaram o trabalho na aproximação com os pensamentos de cada período, ainda que seja necessário levar em consideração que tal fonte oferece uma visão parcial, subjetiva e, até mesmo, por vezes, distorcida da realidade, tendo em vista os interesses e as perspectivas diferentes que fazem parte desse complexo quadro. Salienta-se, por exemplo, que as notícias esportivas selecionadas para a investigação foram produzidas, em sua maioria, por homens e para homens.

Dessa forma, o estudo de Aira Bonfim, situado no campo da História, reforça a importância e o potencial das investigações que relacionam mídia, gênero e esporte ao dispor das informações fornecidas pelos jornais e revistas publicados entre 1915 e 1941, discutir o impacto da circulação daquelas notícias na época e promover um reencontro com a memória preservada por esses periódicos.

Além de resgatar e contar diversas histórias, a obra analisa o conteúdo das mídias impressas, promovendo necessárias interpretações e problematizações sobre a representação feminina. Ao examinar uma manchete do *Jornal dos Sports*, em 1931, que dizia “Feminismo Avança... Dois teams de senhoritas vão disputar um *match de football*”, observa-se que não foi encontrada nenhuma evidência do envolvimento de jogadoras suburbanas com os movimentos feministas nacionais daquele período, destacando que foi em 1932 que as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto e salientando o papel da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada por Bertha Lutz (1894-1976), neste marco.

A autora afirma compreender que “foi a terceira onda feminista que influenciou uma parcela das mulheres brasileiras entre as décadas de 1920 e 1930” movimento que reivindicou o direito ao voto, bem como oportunidades de estudos e de trabalho, “lutas, demandas e vocabulários que, aos poucos, começavam a chamar a atenção da população suburbana” (Bonfim, 2023, p. 185).

No entanto, quando o assunto é o movimento feminista brasileiro – que tem sua trajetória trabalhada por autoras como Céli Pinto (2003), Maria Amélia de Almeida Teles (1999), Constância Lima Duarte (2019), Branca Moreira Alves (2019), Ana Alice Alcântara Costa e Cecilia Maria Bacellar Sardenberg (2008) –, a luta pelo sufrágio está localizada como parte do contexto do feminismo de primeira onda, cujas pautas também incluíam a busca por igualdade, educação e melhores condições de trabalho, o enfrentamento à violência e à escravidão, entre outras. Esses debates aconteceram desde o final do século XIX e seguiram nas primeiras décadas do século XX.

Já a segunda onda, no cenário nacional, marca “a organização de nosso movimento feminista”, bem como sua progressiva visibilidade, “ao lado da emergência de

um pensamento feminista entre nós", o que "se deu em pleno regime de exceção política que se seguiu ao golpe militar de 1964" (Hollanda, 2019, p. 10). Assim, a chamada terceira onda feminista no Brasil corresponde ao período da década de 1990 e dos anos 2000.

Apesar dessa apresentação contextual destoante, Bonfim (2023) pondera que a expressão "feminismo avança" faz referência ao protagonismo assumido pelas moças do subúrbio, deixando claro o papel dissidente ou de exceção representado por elas ao jogarem bola publicamente na década de 1930. Assim, esse desafio ao que era socialmente esperado (e exigido) das mulheres foi associado às ideias defendidas pelo movimento feminista.

Por meio dos apontamentos de Aira Bonfim, é possível compreender que as histórias do esporte e do futebol feminino se misturam com própria trajetória de luta feminina no Brasil. Isso porque, na pesquisa, emergem questões como a ocupação de espaços públicos por mulheres, as construções de gênero, raça e classe presentes nas experiências de sociabilidade, lazer e práticas corporais, a forma como vestimentas revelavam aspectos relacionados às vivências femininas, a imposição de padrões de comportamento a meninas e mulheres, a existência de uma feminilidade dominante e os debates sobre maternidade compulsória – todos esses pontos fazem parte das discussões. Tais reflexões favorecem a noção de que o campo do esporte não deve ser excluído de debates que integram a agenda da sociedade.

A obra se aproxima do cenário da proibição do futebol de mulheres – o que aconteceu por meio do decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, outorgado por Getúlio Vargas –, expondo os discursos, presentes nos periódicos, que indicavam o incômodo gerado pelo fenômeno e as reações ao seu desenvolvimento. Bonfim (2023) resume os "argumentos" que embasaram tal decisão em quatro pontos: "a preservação de uma moral e dos ditos bons costumes", "a manutenção de uma estética de 'feminilidade'", "a proteção das funções orgânicas da mulher" e "o cuidado com os valores e caráter das mulheres". No entanto, revela a verdadeira razão: "Em 1940, as militantes feministas, bem como as jogadoras de futebol suburbanas, através de artifícios diferentes, questionaram a oposição binária entre os sexos. Este foi o motivo que levou a proibição desse esporte no Brasil" (Bonfim, 2023, p. 296).

Por fim, evidencia-se que o futebol pode ser percebido como um espelho dos grandes fenômenos socioculturais do século XX e XXI, que essa prática esportiva foi capaz de influenciar, representar ou mesmo excluir diferentes segmentos da sociedade humana. A autora sublinha que a história social presente em seu livro apresenta mulheres que participaram do futebol e dão visibilidade a personagens consideradas ameaçadoras da moral e dos bons costumes, vistas com ojeriza e tratadas com jocosidade ou estranhamento. Por fim, afirma que os responsáveis pelos impedimentos impostos ao futebol de mulheres mal sabiam que, cem anos mais tarde, essas figuras estariam de volta na publicação, "provocando-os mais uma vez e escrevendo, de uma vez por todas, o nome e a trajetória delas na história do futebol" (Bonfim, 2023, p. 298).

Com isso, levando em conta todo o trajeto de investigação aqui exposto, a obra traz uma contribuição histórica importantíssima à medida que preenche lacunas e lança luz sobre documentos, até então, inéditos. Em suma, ao enfrentar as narrativas hegemônicas sobre o tema, o livro de Aira Bonfim constitui-se uma leitura fundamental para quem se dedica a estudar o futebol.

Referências

- ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 52, p. 421-443, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_17. Acesso em: 22 abr. 2024.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)**. São Paulo: Edição da autora, 2023.
- COSTA, Ana Alice de Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice de Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA/ Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. p. 23-47.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 9-20.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Recebido em: 29 abr. 2024
Aprovado em: 6 mai. 2024

A RETÓRICA PUBLICITÁRIA EM TORNO DA I.A.: UMA ANÁLISE DA CAMPANHA BRASILEIRA DA FERRAMENTA BARD (GOOGLE)

THE ADVERTISING RHETORIC SURROUNDING A.I.
AN ANALYSIS OF THE BRAZILIAN CAMPAIGN BY THE BARD TOOL (GOOGLE)

Renato Gonçalves Ferreira Filho¹

Resumo

O presente artigo visa a analisar a retórica publicitária em torno da inteligência artificial generativa de texto a partir do estudo de caso da campanha brasileira de divulgação da ferramenta *Bard*, do Google, nome usado até fevereiro de 2024, antes de se converter à marca *Gemini*. Como perspectiva teórica e metodológica, apoiamo-nos nas discussões sobre o texto publicitário, enquanto manejamos os estudos da inteligência artificial generativa na contemporaneidade como repertório crítico. Por meio da análise da campanha veiculada ao final de 2023, destacamos os ditos e os não-ditos em torno da inteligência artificial generativa, apoiados nas sugestões de uso, na aura mítica da ferramenta e na lógica produtivista, entre outros aspectos.

Palavras-chave

inteligência artificial; retórica publicitária; *Bard*; Google.

Abstract

This article aims to analyze the advertising rhetoric surrounding text-generative artificial intelligence based on the case study of the Brazilian advertising campaign for Google's Bard tool, brand used until February 2024, when it had its name changed to Gemini. As a theoretical and methodological perspective, we rely on discussions about advertising text, while handling studies of generative artificial intelligence in contemporary times as a critical repertoire. Through the analysis of the campaign broadcasted at the end of 2023, we highlight the said and unsaid around generative artificial intelligence, supported by suggestions for use, the mythical aura of the tool and the productivity logic, among other aspects.

Keywords

artificial intelligence; advertising rhetoric; *Bard*; Google.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre em Filosofia pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), onde realiza um estágio pós-doutoral, docente na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), r.goncalves.f@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2835-5607>, <http://lattes.cnpq.br/3919121648225973>.

Introdução

Embora a inteligência artificial não seja um tópico novo no horizonte de possibilidades tecnológicas, visto que já constitui um campo de estudos desde a década de 1970 (Russel; Norvig, 2012; Mitchell, 2019), trazendo reflexões de longa data para diversas áreas, como a educação (Giraffa; Khols-Santos, 2023; Vicari, 2018), a criatividade (Sautoy, 2019) e a cognição (Coleman, 2019; Yonck, 2020), a temática, na contemporaneidade, tem se sobressaído nas discussões públicas com o avanço de ferramentas generativas de texto, imagem e som que popularizaram o seu acesso, como o *ChatGPT* e o *Dall-E*. Para além das implicações éticas (Kaufman, 2022; Coleman, 2019) ou das lógicas que engendram a tecnologia (Gonçalves, 2023a; Sautoy, 2019), é evidente que o imaginário em torno dessas ferramentas, construído e alimentado pela publicidade, tem grande participação na crença em suas potencialidades e no estímulo ao uso, que tem se mostrado cada vez mais massivo.

Apostando na perspectiva de que “a narrativa publicitária traz em seu bojo valores, implícitos e explícitos, do contexto histórico no qual ela foi enunciada” (Carrascoza; Hoff, 2015, p. 40), neste artigo, analisamos peças selecionadas da campanha brasileira de divulgação do *Bard*, ferramenta de inteligência artificial generativa de texto do *Google*, veiculadas na plataforma de mídia social X (antigo *Twitter*) entre outubro e dezembro de 2023, com o objetivo de enxergar os sentidos institucionalmente atribuídos à plataforma no contexto contemporâneo. Cabe pontuar que o nome *Bard* foi utilizado até fevereiro de 2024, um mês após a coleta do *corpus* de análise e a redação deste artigo, quando a ferramenta passou a ser chamada de *Gemini*, uma tentativa da gigante da tecnologia em fortalecer seus produtos voltados à inteligência artificial, agora unificados por uma só marca – a mesma renomeação ocorreu também, por exemplo, com o *Duet AI*, do *Google*, solução voltada para o aumento de produtividade. Em termos de interface, a ferramenta se manteve a mesma. Ainda que tenha ocorrido uma mudança de nome, em uma movimentação estratégica da empresa, acreditamos que analisar as expressões publicitárias do *Bard* nos auxilia na compreensão do posicionamento que o *Google* constrói em torno dessa ferramenta de inteligência artificial generativa, leitura, certamente, circunscrita a um determinado período da companhia.

Inicialmente, apresentamos brevemente o estado da arte da inteligência artificial generativa de texto, que nos serve de repertório crítico, e estabelecemos os parâmetros metodológicos para a análise da retórica publicitária. Na análise do *corpus*, lemos o material selecionado conforme sua tipologia e seu conteúdo, chegando a quatro principais aspectos, a saber: a) super humanização; b) didatismo; c) trivialidade cotidiana; e d) otimização de recursos. Ao final, discutimos, entre outros pontos, a retórica em torno das sugestões de uso, da aura mítica da ferramenta e da lógica produtivista.

Do repertório crítico: a inteligência artificial generativa

O vasto campo da inteligência artificial compreende uma série de subcategorias, que vão desde robôs instrumentalizados para os mais diversos fins até a modularidade

da atuação algorítmica nos jogos eletrônicos. Entre essas ramificações, aquela que tem trazido impactos mais visíveis para a população em geral é a inteligência artificial gerativa, caracterizada pela produção de conteúdos criativos em texto, imagem e som (Gonçalves, 2023a). Por meio de aplicativos gratuitos de fácil uso², o acesso popular a essa tecnologia tem sido um porta-estandarte dos avanços mais recentes da inteligência artificial.

Como rememorado em Gonçalves (*Ibdem*, p. 35), a inteligência artificial gerativa não é nova, porque tem suas raízes desde a década de 1970. Contudo, com as ferramentas que, atualmente, estão disponíveis a todo e qualquer usuário, sua aplicação tem se popularizado. Um relevante exemplo é o *ChatGPT*, veiculado à *OpenAI*, que virou sinônimo da categoria de inteligências artificiais gerativas. No centro do debate das potencialidades e dos limites da inteligência artificial, o *ChatGPT* vem trazendo discussões sobretudo nos campos da educação (Monteiro, 2023) e da criatividade (Gonçalves, 2023b), por supostamente realizar o trabalho de escrita criativa que outrora só poderia ser feita por humanos.

Diante do avanço do *ChatGPT* no imaginário cultural, o conglomerado tecnológico *Google* lançou o *Bard*, ferramenta que igualmente opera por meio da interação humano-máquina via texto, apoiada no processamento de linguagem natural, resultando em produtos textuais.

Com uma interface amigável ao usuário, à máquina pode ser demandada qualquer tarefa, como “*Bard*, só tenho arroz, cebola e queijo parmesão. O que posso fazer para o jantar?”. Simulando a linguagem natural, a máquina parece “responder” ao usuário de forma pessoal, de acordo com a sua demanda, obtendo como resposta ao exemplo dado: “Aqui estão algumas ideias de receita que você pode fazer com arroz, cebola e queijo parmesão: arroz cremoso com cebola e queijo parmesão [...] Espero que você goste dessas receitas!”³.

Como todo agente inteligente (Russel; Norvig, 2012, p. 33), o *Bard* está baseado na captura sensível de *inputs*, no processamento da informação possibilitado pela sua modelagem e na atuação com a geração de *outputs*, perseguindo o seguinte fluxo: a entrada dada pelo usuário estimula a máquina, que, treinada, busca gerar um resultado textual satisfatório. Conforme já observamos na empiria em outra oportunidade (Gonçalves, 2023b), o pensamento probabilístico que sustenta toda e qualquer operação maquinica, e que igualmente está presente em inteligências artificiais gerativas de texto como o *ChatGPT*, vai buscando “acertar” à medida dos feedbacks do usuário. Isso difere sobremaneira da criatividade dita humana, por se tratar de outra natureza de pensamento criativo textual: “é fundamental reconhecer que existe uma base algorítmica a essa linguagem processada e que ela não é tão ‘natural’ quanto à nossa linguagem verbal humana, embora queira simulá-la” (Gonçalves, 2023a, p. 51).

2 A gratuidade deve ser relativizada, pois, como já exposto em Gonçalves (2023a, p. 31), cada vez que um usuário interage com a inteligência artificial gerativa ajuda a deixá-la ainda mais robusta, tendo sua mão de obra invisível de treinamento como moeda de troca para a utilização da ferramenta.

3 Exemplo retirado de uma interação com o *Bard* realizada no dia 11 de janeiro de 2024.

No caso do processamento de linguagem natural, como o próprio ChatGPT informa (Gonçalves, 2023b, p. 5), há uma varredura robusta de textos disponíveis para a construção de um “conhecimento” a respeito de uma temática⁴. Na sequência, a máquina percorre a estrutura da linguagem verbal (da morfologia à pragmática) para a formulação de frases que pareçam verossímeis e coerentes à conversa iniciada pelo usuário (Gonçalves, 2023a, p. 50).

Para além do funcionamento lógico do processamento de linguagem natural da inteligência artificial generativa de texto, dimensão importante para a compreensão das potencialidades e das limitações criativas dessas ferramentas, é salutar, também, levar em consideração outros aspectos relacionados às questões éticas que despontam no horizonte crítico do uso dessas ferramentas. Dos vieses da modelagem algorítmica às noções legais de autoria, o repertório que treina e é manejado por essas máquinas, por exemplo, é um ponto crucial. Como a ferramenta coleta o conhecimento produzido por humanos, recortando-o e o editando à sua maneira, pode haver tanto a reprodução de ideologias dominantes – isto é, as estruturas de pensamento mais recorrentes para o olhar probabilístico da máquina –, quanto o uso direto ou indireto de referências protegidas por direitos autorais.

Longe de esgotarmos o assunto, cujas evoluções ainda estão em acontecimento, podemos, neste artigo, adotar uma visão da inteligência artificial generativa que a tome apenas como mais uma ferramenta disponível às mãos e às mentes daqueles e daquelas que dela se apoderam. Pela perspectiva de Richard Sennett (2009) a respeito das relações entre o artífice e seus instrumentos, podemos partir do pressuposto de que será a intencionalidade quem dará sentido à ferramenta. Nessa direção, devemos pensar como a inteligência artificial generativa de texto e, mais especificadamente, o *Bard* é vendido por meio da retórica publicitária oficial do *Google*, para compreendermos as intenções ensejadas e estimuladas institucionalmente pela plataforma.

Da perspectiva metodológica: a retórica publicitária

Para realizar a leitura das peças selecionadas, apoiamo-nos no caráter ficcional das retóricas publicitárias, capturando o seu aspecto cristalizador localizado por João Anzanello Carrascoza (2015, p. 11):

A publicidade, sendo um produto ficcional – que traz enraizado em sua materialidade e em seu discurso as condições existenciais da sociedade, o pensamento e o imaginário da época em que foi criado –, também expressa a historicidade na construção simbólica de suas narrativas.

Sob esse prisma, ler o material publicitário da ferramenta *Bard* nos ajuda a entender os enquadramentos semânticos que a inteligência artificial generativa de texto recebe na contemporaneidade. Compreendendo os discursos do consumo como parte

⁴ As aspas em “conhecimento” são intencionais, pois aqui se trata de um simulacro do conhecimento humano e não uma reprodução plena. Ver: Kaufman, 2022, p. 27-36.

fundamental do processo de construção e circulação de significados (Perez, 2020, p. 9-46), a análise dos materiais indica um caminho de interpretação das ferramentas de inteligência artificial generativa como um fenômeno cultural cujos sentidos, imagens e valores vão sendo construídos e estabelecidos com o auxílio das expressões publicitárias oficiais das empresas que as disponibilizam para o público em geral.

Sem dúvida, com esse movimento de interpretação, isto é, pela via da análise da retórica publicitária institucional da ferramenta, há limitações, uma vez que “a publicidade é o viveiro simbólico no qual as empresas anunciantes, através do trabalho das agências de propaganda, cultivam narrativas possíveis e favoráveis (ao produto/serviço ou marca)” (Carrascoza, 2015, p. 10). Logo, o que abarcamos são os discursos que estimulem o uso da inteligência artificial generativa, embalando-a de sentidos positivos – mesmo que, como sublinhamos na leitura do *corpus*, possamos ver alguns indicativos de usos que mitiguem os seus riscos.

Ainda assim, observar o discurso oficial – que tem uma expressiva relevância no cenário midiático dados os investimentos econômicos que nele se fazem para a sua propagação – pode nos trazer um panorama de alguns lugares-comuns da inteligência artificial na corrente cultura, já que “o redator se adapta ao universo do estilo publicitário-padrão [de sua época], moldando a sua escritura às ‘leis’ que o regem” (Carrascoza, 2003, p. 126).

Sendo assim, a amostra selecionada, ainda que restrita, devido a fatores como a bolha algorítmica que seleciona o conteúdo que o usuário-pesquisador vê (Pariser, 2012), tem como objetivo suscitar uma análise qualitativa sensível à produção de sentidos implicada em seu discurso publicitário, tomando, como instrumento de análise, a perspectiva dos ditos e não-ditos na publicidade (Carrascoza; Hoff, 2015), realizando uma leitura articulada ao repertório crítico sobre a inteligência artificial generativa apresentado anteriormente.

Todas as doze peças selecionadas chegaram ao autor deste artigo por meio de postagens patrocinadas pela conta oficial do *Google Brasil* no X, sendo capturadas quando visualizadas pela primeira vez. Por causa desse contexto, observa-se o termo “Anúncio” no canto superior direito das capturas de tela apresentadas a seguir. Além disso, cabe destacar que essa campanha pode não ter sido exibida de forma promovida para perfis de segmentação digital distintos ao perfil do presente pesquisador, o que não conseguimos aferir, uma vez que o direcionamento e o alcance da campanha não podem ser acessados por aqueles que estiveram fora do planejamento e da mensuração da campanha realizados pela empresa de forma privada.

Da análise do *corpus*: tipologias e conteúdo

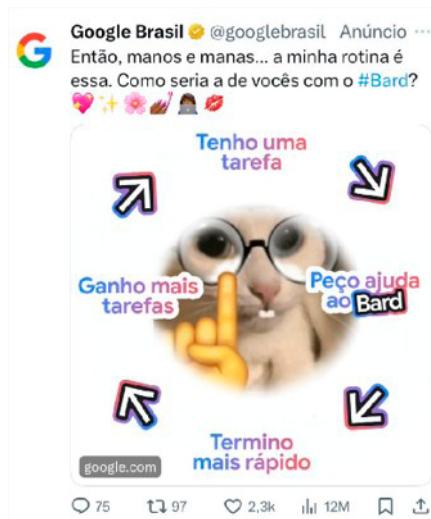
No arco temporal de coleta de postagens promovidas pelo *Google* no X, entre novembro e dezembro de 2023, foram registradas doze diferentes peças⁵. Inicialmente,

⁵ Essa contagem não leva em consideração o número total de postagens promovidas pelo Google ao longo do período de coleta, pois houve a repetição das postagens.

realizando uma análise quanto à tipologia, podemos dividir o material em três principais grupos, a saber: a) peças esquemáticas; b) sugestões de *prompt*; e c) perguntas e respostas.

O primeiro agrupamento é composto por peças que fazem uso de esquemas visuais para apresentar aspectos da inteligência artificial. Por exemplo, em uma delas, um vídeo em carrossel, lê-se: “*Bard ensina*”, “*Bard cria junto*”; “*Bard planeja*”; e “*Bard organiza*”. Todas essas frases são acompanhadas por ícones que ilustram o conceito exposto (como o cérebro para remeter à ideia de ensino, por exemplo). Em outra peça desse grupo, vê-se um diagrama de tarefas em fluxo contínuo (FIGURA 1).

Figura 1 – Peça número 1 da campanha *Bard*



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor na plataforma de mídia social X

No caso dos materiais do segundo grupo, maioria entre a amostra, segue-se uma estruturação em que são mostrados um tema, por exemplo, “Planejando suas férias?”, e uma sugestão de *prompt*, isto é, de entrada de texto para se conseguir uma resposta da inteligência artificial generativa: “*Bard, quero uma lista das melhores praias brasileiras para ir em dezembro*”. Outros contextos surgem em semelhante formato: “*Estressado com as provas finais?*”; “*A leitura está em dia?*”; “*Tá sem ideias?*”; “*POV: amanhã é aniversário do seu amigo e você ainda não fez o texto de parabéns?*”; e “*O Bard me ajuda a conseguir o que eu quero*”. Nessas imagens, observa-se a reprodução de parte da interface da plataforma (FIGURA 2), o que nos leva a entender essa construção publicitária como uma forma de introduzir o leitor ao funcionamento básico da interação com a plataforma.

Figura 2 – Peça número 2 da campanha *Bard*

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor na plataforma de mídia social X

Por fim, o último grupo é composto por postagens que apresentam o *Bard* como ajuda direta para um problema: “Ajuda pra ter ideias inesperadas? Faz com *Bard*, *GoogleIA*” (FIGURA 3). No esquema, pergunta-e-resposta, o conteúdo mostra a ferramenta como primeira e única resolução para as dúvidas que o usuário possa ter, como “Ajuda pra fazer receitas?” e “Ajuda pra resolver problemas?”. Vale destacar que, nelas, a marca *Bard* ganha um adendo, “*GoogleIA*”, como uma tentativa de reforço da ligação entre a plataforma e a marca guarda-chuva, naturalmente mais reconhecida que o nome da inteligência artificial generativa de texto.

Figura 3 – Peça número 3 da campanha *Bard*

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor na plataforma de mídia social X

Quanto ao conteúdo, podemos interpretar quatro principais sentidos, a saber: a) super humanização; b) didatismo; c) trivialidade cotidiana; e d) otimização de recursos.

De início, sobressai-se a tentativa de super humanização da inteligência artificial. Por meio do uso da prosopopeia, figura de linguagem relacionada à atribuição de vida a objetos ou seres inanimados, o *Bard* é apresentado como uma ferramenta que parece ter onisciência, autonomia e com o qual se pode conversar. A ele, são atribuídas funções como ensinar, criar e planejar, enquanto, na exemplificação do prompt, o usuário se dirige diretamente a ele, como um interlocutor possível, chamando-o pelo vocativo: “*Bard*, ajude a definir um plano para que eu consiga ler 3 livros em 2 semanas”, como diz uma das peças.

Como já vem sendo discutido por Luiza Santos (2022) sobre a antropomorfização de assistentes virtuais, a máquina tenta simular o humano, mesmo que busque apresentar concomitantemente dele uma diferenciação (muitas vezes, pela via da superioridade ou da incompletude). Nesse sentido, o teste de Alan Turing (Natale, 2021), em que se avaliava se as máquinas poderiam pensar e agir como humanos, é levado às últimas consequências, apresentando uma total assimilação e simulação do homem pela via da linguagem verbal.

Para aqueles que não conhecem as lógicas do processamento de linguagem natural e tampouco as limitações do pensamento maquínico, essa postura pode ajudar a construir um falso imaginário de autonomia da plataforma e equivalência entre homem e máquina, que o próprio termo “inteligência artificial” carrega ao empregar a palavra “inteligência”. Há, também, nesse posicionamento, uma ideia de genialidade da plataforma, uma vez que ela, supostamente, seria capaz de prontamente atender toda e qualquer demanda de forma satisfatória. Por sua vez, esse amplo leque de possibilidades de perguntas também reforça a percepção de que a plataforma seria superior ao humano, que a ela lhe demande ajuda para todas as tarefas, das mais simples às mais complexas, que ele não consegue resolver sozinho.

Relacionado à humanização da inteligência artificial, é interessante destacarmos o uso recorrente de gatos e cachorros nas ilustrações que acompanham os textos. Como se esses animais irracionais representassem os usuários que recorrem à plataforma. Há metaforicamente uma diferenciação entre a máquina hiperdotada de inteligência e o usuário que necessita as orientações de outro alguém. Retomando a perspectiva darwiniana da evolução das espécies, se o homem representou a última linha, a máquina superaria o humano e o faria recuar na escala evolutiva. Além disso, é interessante pensarmos como a figura dos gatos, no contexto digital, tem se tornado uma recorrência a apresentar uma antropomorfização de emoções humanas e situações triviais (Thibault; Marino, 2018), trazendo um elo afetivo e facilmente reconhecível dentro de uma certa cultura digital.

O didatismo, segundo aspecto que podemos destacar a respeito do conteúdo, é evidente nas exemplificações diretas sobre as tarefas nas quais a plataforma pode auxiliar. Podemos, a priori, vislumbrar esse movimento como algo natural no contexto da novidade, pois, por se tratar de uma plataforma relativamente nova, há um esforço de criação de uma cultura de aplicações da ferramenta.

Porém, parece haver, também, uma adequação ao público-alvo da campanha, pois, a julgar pelas tarefas exemplificadas, tais como leitura, planejamento de férias, geração de ideias e estudo, atreladas a imagens e linguagens retiradas da cultura dos *memes* (como na coloquialidade da expressão “então, manos e manas” e a imagem do Gato de Botas de olhos brilhosos), podemos presumir um público-alvo jovem, recém-saído da adolescência, que encara, pela primeira vez, as tarefas da chamada “vida adulta” no emprego, na universidade e no cotidiano. Pela ótica da super humanização da ferramenta, lemos esse esforço didático como uma linguagem necessária para que o destinatário da mensagem, com dificuldades em resolver tarefas cotidianas, possa compreender o que se diga.

Seguindo uma estruturação literal das tarefas, o texto publicitário não traz sentidos figurados, sendo simples no que representa. Não há grandes esforços metafóricos, tampouco arroubos poéticos no que diz. Sob o prisma do processamento de linguagem natural, que estrutura, também, os buscadores em plataformas como o *Google* e o *TikTok*, podemos julgar essa escolha como deliberada e estratégica, pois visa a empregar termos facilmente utilizados para a busca de usuários, objetivando uma satisfatória experiência do usuário e uma otimizada performance do conteúdo (Podmakersky, 2019).

Dos exemplos didaticamente apresentados, observa-se uma abordagem em torno da trivialidade cotidiana, terceiro aspecto que podemos sublinhar quanto ao conteúdo selecionado. Driblando os impactos de ferramentas de inteligência artificial gerativa de texto nos ambientes do ensino e do trabalho, elegem-se tarefas banais, que não dizem respeito à escola, à faculdade e ao emprego. Há, antes, uma ideia de assistência a projetos pessoais do que uma instrumentalização técnica voltada à execução no mundo do trabalho ou da academia. Mesmo no caso das provas finais, o foco não está em “ensinar” o estudante, mas, sim, ajudá-lo a organizar seu tempo para a revisão, sem substituição do ensino formal.

O aspecto criativo de geração de textos é relegado ao segundo plano, sendo mais recorrentes os sentidos de “organização”, “planejamento” e “busca”. A única exceção fica a cargo da exemplificação de mensagem de aniversário para um amigo, mas, mesmo assim, enquadrando a tarefa como cotidiana. Em geral, contornam-se os usos que venham a manejar referências criativas que possam ser protegidas por direitos autorais, envelopando o *Bard* mais como um facilitador na busca por respostas triviais do que um gerador criativo em si de textos que pudessem ser demandados dentro de tarefas institucionais de ensino ou de trabalho. Esse direcionamento criativo parece buscar mitigar os riscos éticos de geradores de texto que empreguem a inteligência artificial, como o plágio e o uso indevido de materiais criativos de terceiros.

Por fim, dentro da ideia de ajuda a tarefas cotidianas, há os sentidos de otimização de recursos, sobretudo no que diz respeito a tempo. A peça diagramática apresentada anteriormente (FIGURA 1) é um exemplo do que queremos dizer sobre esse aspecto, ao colocar um ciclo em que, sequencialmente, pode se ler “tenho uma tarefa”, “peço ajuda ao *Bard*”, “termino mais rápido” e “ganho mais tarefas”. Reproduzindo uma lógica produtivista, há a indicação clara do *Bard* como um otimizador de tempo, isto é,

uma ferramenta com a qual se produz mais em menor tempo. Sem qualquer menção à qualidade dessa tarefa realizada, o foco está no cumprimento dos imperativos capitalistas, em que “tempo é dinheiro”.

Sendo o slogan “uma conclusão, visto que encerra em si todo o posicionamento de um produto” (Carrascoza, 2003, p. 57), a campanha traz como síntese a ideia de que o *Bard* é uma ferramenta para facilitar tarefas: “desenrola com *Bard*” e, posteriormente, “faz com *Bard*”. Enquanto o primeiro slogan opera sob a insígnia do “desenrolar”, do se desemaranhar algo; o segundo remete à assertividade de uma ação inequívoca. Em ambos os casos, há uma sugestão imperativa, direta, como resposta a toda e qualquer dúvida ou tarefa, como se a ferramenta fosse a solução mais imediata e cabal.

Considerações finais

Em linhas gerais, o que pudemos observar no tocante à retórica publicitária em torno da inteligência artificial generativa de texto a partir da campanha do *Bard* é a sugestão didática de intencionalidades de uso da ferramenta. Os ditos são claros: apresentar situações triviais de uso nos quais ela pode ser uma solucionadora de problemas. Nessa direção, o foco está no público jovem, recorrendo-se a exemplificações cotidianas em que a inteligência artificial possa auxiliar o usuário. O campo semântico da “ajuda” é explorado por meio de perguntas e *prompts* que visam a guiar e fomentar possíveis experiências com a plataforma.

Nessa seara, parece haver a construção dicotômica entre homem e máquina. De um lado, os usuários precisam de ajuda para tarefas rotineiras e, portanto, não possuem os meios necessários para concluir-las, seja por falta de tempo ou conhecimento. Do outro, há a máquina, que promete resolver todo problema com grande maestria e otimização de recursos. Em diálogo com o humano, a máquina, ao mesmo tempo humanizada e hipervalorizada, viria a promover, dentro de uma lógica capitalista, eficiência na execução de tarefas.

Nota-se, também, que se optou por se trabalhar o *Bard* como um buscador mais sofisticado, o que faz sentido dentro da construção identitária do Google, empresa tecnológica pioneira no emprego da inteligência artificial para buscas online (Mitchell, 2019, p. 4). Enquanto o *ChatGPT* parece se ocupar do território da produção criativa de texto, o *Bard* é posicionado como uma evolução dos processos de buscas no *Google*. Sem dúvida, a interface e a interação propostas pela ferramenta são ligeiramente distintas daquelas apresentadas pelo clássico campo em branco do buscador. Contudo, de certa maneira, conseguimos enxergar uma sofisticação da busca, com resultados mais robustos e organizados, utilizando a mesma mecânica simples de se “resolver” algo ao *Google*, como sugeria a campanha institucional de 2019 intitulada “Vagas de emprego? Dá um *Google*”.

O que não se diz, nessa campanha, também merece nossa atenção. Silenciado está, por exemplo, o funcionamento lógico por trás da máquina, o que acaba por alimentar uma aura mágica em torno da ferramenta, que, ao simular a linguagem natural,

parece conversar com o usuário em par de igualdade. Os limites éticos do emprego da inteligência artificial generativa no campo dos estudos e do trabalho criativo (Gonçalves, 2023a, p. 97-101; Gonçalves, 2023b) também são relegados ao esquecimento, sendo contornados pelas escolhas temáticas que ilustram seus sugeridos usos.

Em suma, a retórica publicitária oficial da ferramenta nos leva a refletir a respeito da reprodução da ideologia da mais-valia, em que as ferramentas são empregadas não como a libertação ou potencialização criativa, mas para o aumento supra-humano da capacidade de trabalho e produção, podendo até mesmo, paulatinamente, substituir toda e qualquer forma de trabalho ou esforço intelectual. Se a retórica publicitária é fruto de seu tempo, a análise nos apresenta um panorama de cristalização de valores capitalistas nos discursos que atravessam o estímulo e o convite ao uso das ferramentas de inteligência artificial generativa de texto.

Caberá a futuros estudos igualmente analisar os discursos em torno de outras ferramentas de inteligência artificial generativa, como no caso daquelas ocupadas na geração de imagens e dos sons, que, por serem estruturadas em distintas lógicas tecnológicas, trazem outras aplicações e problemáticas. Igualmente, poderá ser interessante observar se, com a mudança de nome, de *Bard* para *Gemini*, haverá alterações no discurso oficial do *Google* – aspectos que ainda não pudemos abranger no espaço deste artigo.

Referências

- CARRASCOZA, João Anzanello. **Estratégias criativas da publicidade.** Consumo e narrativa publicitária. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2015.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Redação publicitária.** Estudos sobre a retórica do consumo. São Paulo: Futura, 2003.
- CARRASCOZA, João Anzanello; HOFF, Tânia Márcia Cezar. Ditos e não-ditos: o Brasil e as práticas de consumo nos autoanúncios das agências de publicidade nos anos 1950. **Organicom**, v. 12, n. 22, p. 38-45, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2015.139264. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139264..> Acesso em: 20 maio. 2024.
- COLEMAN, Flynn. **A human algorithm.** How artificial intelligence is redefining who we are. Berkeley: Counterpoint, 2019.
- GIRAFFA, Lucia; KHOLS-SANTOS, Priscila. Inteligência artificial e educação: conceitos, aplicações e implicações no fazer docente. **Educação em análise**, v. 8., n. 1, 2023. DOI: 10.5433/1984-7939.2023v8n1p116. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/48127>. Acesso em: 20 maio. 2024.
- GONÇALVES, Renato. **Cr(ia)ção.** Criatividade e inteligência artificial. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2023a.

GONÇALVES, Renato. Reflexões teórico-práticas preliminares sobre o uso do ChatGPT como ferramenta criativa na publicidade. **Signos do consumo**, v.15, n.1, 2023b. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v15i1e210976. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/210976>. Acesso em: 20 maio. 2024.

KAUFMAN, Dora. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MITCHELL, Melanie. **Artificial Intelligence**. A guide for thinking humans. New York: Picador, 2019.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Assistente ChatGPT na educação: possibilidades e desafios. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 6, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i6.10482. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10482>. Acesso em: 21 maio. 2024.

NATALE, Simone. **Deceitful Media**: artificial intelligence and social life after the Turing Test. Oxford: Oxford University Press, 2021.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**. O que a internet está escondendo de você. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

PODMAJERSKY, Torrey. **Redação estratégica para UX**. Aumente engajamento, conversão e retenção com cada palavra. Tradução de Luciana do Amaral Teixeira. São Paulo: Novatec, 2019.

RUSSEL, Stuart; NORVIG, Peter. **Inteligência artificial**. Uma abordagem moderna. Tradução de Daniel Vieira e Flávio Soares Corrêa da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: GEN; LTC, 2012.

SANTOS, Luiza. Inteligência artificial conversacional e o paradigma simulativo: pistas antropomórficas nas assistentes virtuais. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31, Campinas, 2022. **Anais [...]**. São Paulo: Compós, 2022.

SAUTOY, Marcus du. **The creativity code**. Art and innovation in the age of AI. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

THIBAULT, Mattia; MARINO, Gabriele. Who Run the World? Cats: Cat Lovers, Cat Memes, and Cat Languages Across the Web. **International Journal for the Semiotics of Law**, v. 31, 2018. Disponível em: <https://iris.unipa.it/retrieve/e3ad891e-f8b6-da0e-e-053-3705fe0a2b96/Frontmatter.pdf>. acesso em 20 de maio de 2024.

VICARI, Rosa Maria. **Tendências em inteligência artificial na educação no período de 2017 a 2030.** Brasília: Senai, 2018.

YONCK, Richard. **Heart of the machine.** Our future in a world of artificial emotional intelligence. New York: Arcade Publishing, 2020.

Recebido em: 24 jan. 2024
Aprovado em: 18 mar. 2024

JORNALISMO CIENTÍFICO EM AMBIENTE MULTIPLATAFORMA: AS NARRATIVAS ESPRAIADAS DO CIÊNCIA USP

SCIENTIFIC JOURNALISM IN A MULTI-PLATFORM ENVIRONMENT:
THE SPREAD NARRATIVES OF CIÊNCIA USP

Daniela Savaget ¹
Maurício Guilherme Silva Jr ²

Resumo

No dia a dia, a ciência se espraia, entre os cidadãos, como narrativa – por vezes, contudo, de modo invisível. Apesar de a práxis da vida cotidiana se revelar sempre próxima a leis, princípios e métodos do edifício científico, muitos são aqueles que não vinculam as faces da experiência diária aos contornos da construção do conhecimento. Daí a importância do jornalismo científico, que, a seu modo, busca ampliar o debate em torno de tais experiências e propor novos modos de os indivíduos perceberem sua própria relação com a ciência. Neste artigo, almeja-se realizar, de modo específico, uma síntese de elementos inerentes a tais narrativas como forma de identificar vozes, fontes e disputas de poder. Como objeto empírico, pretende-se, ainda, dar ênfase às práticas multiplataforma e às diferenças de sua múltipla estrutura. Para tal, investiga-se o *Ciência USP*, ambiente multiplataforma que conta com site e redes, entre outras ações.

Palavras-chave

narrativas; jornalismo; jornalismo científico; multiplataforma; *Ciência USP*.

Abstract

In everyday life, science spreads among citizens as a narrative - sometimes, however, in an invisible way. Although the praxis of everyday life is always close to the laws, principles, and methods of the scientific edifice, many are those who do not link the faces of daily experience to the contours of the construction of knowledge. Hence the importance of science journalism, which, in its own way, seeks to broaden the debate around such experiences and propose new ways for individuals to perceive their own relationship with science. The aim of this article is specifically to synthesize the elements inherent in these narratives, as a way of identifying voices, sources, and power disputes. As an empirical object, we also intend to emphasize multiplatform practices and the differences in their multiple structures. To this end, we chose to investigate *Ciência USP*, a multiplatform environment that has a website and networks, among other actions.

Keywords

narratives; journalism; science journalism; multiplatform; *Ciência USP*.

¹ Doutora, professora do UniBH e da UNA, danielasavaget@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5988884309626550>

² Doutor, professor do UniBH, da UNA e da PUC Minas, mgsj@uol.com.br, <http://lattes.cnpq.br/8372690856204136>

Introdução

O presente artigo discorre sobre narrativas no contexto da ciência e suas imbricações na construção do conhecimento na vida cotidiana, tendo em mente novas configurações de produção e consumo de informações por meio das tecnologias digitais. Os termos “convergência midiática” e “multiplataforma” têm feito parte, nos últimos anos, dos textos na área de pesquisa em comunicação e, mais especificamente, em jornalismo, a fim de propor novas formas de se pensar a área.

Nessa perspectiva, existem diversas determinações, e não mais categorias dicotômicas, como emissor e consumidor de conteúdo, presentes no modelo positivista da comunicação. Neste estudo, buscamos refletir sobre os novos modos de comunicação e de fazer jornalístico, aliados ao jornalismo científico e às imbricações da ciência no dia a dia dos cidadãos.

Para tal, utilizamos como objeto empírico de pesquisa o *Ciência USP*, ambiente multiplataforma, no contexto do jornalismo científico, desenvolvido pela Universidade de São Paulo (USP). Nosso objetivo é realizar uma síntese de elementos inerentes às narrativas da ciência nesse universo, de maneira a identificar vozes, fontes e disputas de poder.

Para tanto, estruturamos o artigo em seções que abordam conceitos e características do jornalismo científico e a ideia de narrativas nesse cenário. Em seguida, discutimos a convergência midiática e a produção multiplataforma, para, então, apresentarmos informações específicas sobre o *Ciência USP*, com breve análise das plataformas que o compõem, tendo em mente as diferenças de cada contexto.

Na rotina da comunicação e da ciência, o binômio visibilidade e invisibilidade, por vezes, é dado como resultado de relações assimétricas de uma sociedade. Nesse contexto, alguns têm o poder de fala; enquanto outros, não. Buscamos, assim, refletir sobre a convergência midiática e a produção multiplataforma aliadas à ciência, tendo em vista narrativas que reforçam – ou não – as assimetrias de visibilidades na sociedade contemporânea.

Divulgação Científica: desnudamentos primevos

A relação entre divulgação e recepção pública das ciências mostra-se fundamental à compreensão dos “movimentos” e desafios da humanidade na busca por conhecimento. Desde, principalmente, o século XVI, iniciativas as mais diversas pretendem o “desnudamento” de enigmas da vida, assim como a subsequente divulgação de tais revelações permeadas pelo saber.

Ao debater os efeitos das ciências sobre os rumos das sociedades, Reis (1968) destaca que, ao fim da Idade Média, a ânsia humana por investigar – e narrar – o tempo, o mundo, os homens, seria responsável pelo desenvolvimento de práticas e princípios científicos. De outro modo, a busca por desvelar e expor tudo o que, até então, parecia “oculto” revela-se essencial à eclosão da “revolução científica” e dos movimentos humanistas que, a partir do século XV, veriam “o homem como centro de todas as coisas”.

Que o digam os trabalhos de Leonardo da Vinci (1452-1518) e André Vesálio (1514-1564), profissionais das artes e das ciências que se dedicam, entre outros ofícios, a dissecar o corpo humano – antes sacralizado – para compreenderem as estruturas anatômica e fisiológica dos indivíduos (Reis, 1968). Como fruto de tal criteriosa dissecação de cadáveres, nascem os primeiros tratados de anatomia e fisiologia, obras nas quais as imagens e as narrativas analíticas seriam responsáveis por redefinir, à época, a relação entre o homem e seu próprio corpo.

A divulgação dos resultados de experiências e estudos – mesmo que “pré-científicos” – estimularam a sociedade a substituir, ou mesmo negar, ‘pequenas verdades’ absolutas, muitas das quais cristalizadas pelas tradições” (Reis, 1968). Nesse sentido, há que se ressaltar Bronowski (1986), para quem a maneira científica de pensar transfigura-se numa espécie de “disciplina unificadora”, ao representar a tentativa do homem de ver e compreender o mundo como um todo.

Com base em tais problematizações quanto ao “lugar social” da Divulgação Científica ao longo dos séculos e no que se refere, de modo específico, às propostas de análise aqui pretendida – a natureza da experiência multiplataforma do projeto *Ciência USP* –, duas questões parecem fundamentais: ao tomar como referência os usuários-mídia que, na contemporaneidade, consomem milhões de informações em diversas plataformas digitais, o que dizer dos processos de construção de sentidos – e “experienciações” – em torno do fato científico? Qual papel é atualmente exercido pelas narrativas jornalísticas – então oferecidas em plataformas as mais diversas – no que diz respeito à difusão pública de valores, práticas e dilemas das ciências?

Narrativas sobre ciências: a visibilidade como bússola

Conforme destacado no item anterior, o imperativo da exposição e da discussão de metodologias, teorias e princípios sempre esteve atrelado ao desenvolvimento das ciências. Desde fins do século XVI, a divulgação dos processos e resultados das investigações científicas, afirma-se não somente como garantia da superação de obstáculos técnicos e/ou éticos (Mosley; Lynch 2011; Reis, 1968) – fruto do diálogo entre “pares” –, mas, também, como possibilidade de obtenção do crivo social em relação aos propósitos da ciência, atividade humana expressa, por Bronowski (1986, p. 12), como uma espécie de “interpretação especial”, por se tratar do mais sofisticado método de planejamento para compreensão do mundo já inventado neste planeta.

De acordo com o autor, a ciência, a princípio, não é uma atividade dissociada, independente e vazia de valores que pode ser levada a efeito separadamente do resto da vida humana, porque, em segundo lugar, ela é, pelo contrário, a expressão, numa forma muito precisa, do comportamento humano específico da espécie, que se centra na produção de planos. Em terceiro, não há distinção entre estratégias científicas e estratégias humanas para orientar o nosso ataque a longo prazo sobre como viver e como olhar para o mundo. A ciência é uma visão do mundo baseada na noção de que podemos planejar através do entendimento (Bronowski, 1986, p. 26-27).

Ante o pressuposto de que a humanidade norteia sua conduta com base nos planos que realiza – com vasta intensidade e amplo senso de organização, justamente, nas ciências –, evidencia-se a necessidade de divulgação, a diversos públicos, das práticas e teorias científicas. Trata-se, afinal, da produção de saberes capazes de alterar, de maneira orgânica, o cotidiano dos cidadãos e das cidadãs. Além disso, as ciências podem/devem tornar-se visíveis a todos em função da busca pelo conhecimento revelar-se como “condição do destino humano, que nos faz seres curiosos e tenazes” (Silva, 2010, p. 25).

Se, em certos momentos da trajetória humana, o conhecimento científico gozou de grande “legitimidade social, tendo atingido, em muitas circunstâncias, o lugar da verdade que a religião ocupou até a Revolução Francesa no mundo ocidental” (Silva, 2010, p. 25), houve momentos de ampliação do abismo entre as demandas sociais e os propósitos das ciências. Na atualidade, aliás, com o avanço de ideais político-ideológicos negacionistas (principalmente, por parte da extrema-direita mundial), a pesquisa acadêmico-científica se vê, uma vez mais, confrontada.

Ao longo do tempo, pois, revela-se plurifacetado o posicionamento crítico das sociedades em relação aos valores, às metodologias e aos princípios das ciências. Daí a necessidade, como ressaltam diversos autores – Burkett (1990); Colombo (1998); Bueno (2001); Orlandi (2001); Zamboni (2001); Guimarães (2001a); Oliveira (2002); Silva (2010); Fagundes (2010); Maia (2010); Leite (2010) e Costa (2010) –, do estabelecimento de práticas efetivas (e, por vezes, inovadoras) de Divulgação Científica, capazes de traduzir, aos públicos, as complexidades inerentes à produção de saberes nas mais diversas áreas, assim como de inquirir pesquisadores e instituições quanto a seus objetivos, métodos e teorias.

Jornalismo científico

No Ocidente, segundo Silva (2010, p. 26), a Divulgação Científica remonta aos gregos, que se encarregavam de “registrar e difundir o que seus sábios formulavam”. No tocante à difusão das ciências, por meio de processos e lógicas do fazer jornalístico, a profissionalização se dá, porém, com a evolução técnica dos meios de disseminação da informação e o desenvolvimento das chamadas “sociedades industriais”, a partir do século XVII. Nesse sentido, segundo a autora, o jornalismo científico assume, então, a responsabilidade de garantir espaço para a ciência “na esfera pública midiática, primando pela difusão das informações e respeitando a pluralidade das perspectivas e a diversidade das fontes relacionadas aos temas abordados” (Silva, 2010, p. 27).

Segundo Colombo (1998), as fontes científicas têm características bastante peculiares: devido ao seu alto grau de especialização, acabam por desencorajar, nos jornalistas, a verificação de dados e informações. Daí a importância, no caso do jornalismo científico, de permanente inquirição quanto à veracidade de tudo o que é relatado pelos pesquisadores. O autor chama a atenção, ainda, para a necessidade de ampla

contextualização das reportagens no campo da ciência, posto que todas as etapas da produção científica devem ser compreendidas, e, caso necessário, minuciosamente relatadas.

Peter-Peters (2000), por outro lado, percebe que o tratamento jornalístico à ciência mudou ao longo do século XX. A “cobertura popularizante” dos sucessos da prática científica foi, aos poucos, fazendo-se acompanhar da descrição dos impactos menos benéficos, a exemplo de desastres ambientais, problemas relacionados à saúde, à ética e à segurança. Além disso, ocorre o que o autor chama de “politização da ciência”, processo pelo qual os resultados das pesquisas especializadas passam a legitimar, ou não, decisões políticas.

Ao problematizar questões dos princípios da política, Bueno (2001) ressalta a necessidade de se “resgatar o caráter pedagógico-crítico do jornalismo científico, evitando que os profissionais estejam a serviço de interesses que atentem contra a cidadania e a função social da ciência”. Oliveira (2002), por sua vez, afirma que, em nome da consolidação das bases da cidadania de uma nação, faz-se necessário o desenvolvimento de cultura científica no cerne da sociedade.

Desse modo, o jornalismo científico seria o meio apto a disseminar, democraticamente, as informações detalhadas acerca da produção do conhecimento. Por fim, na visão de Maia (2010, p. 23), ter acesso aos avanços e às aplicações práticas da ciência é direito expresso dos cidadãos, assim como a divulgação se revela “obrigação dos órgãos que a produzem ou patrocinam”.

No artigo “Breve ensaio sobre as peculiaridades do texto de Divulgação Científica”, Destácio (2000) – para quem as práticas jornalísticas servem de “termômetro” dos graus de interesse social do público-alvo dos meios, assim como da elite intelectual dominante – destaca uma série de “mandamentos”, desenvolvida por três importantes pesquisadores das especificidades do jornalismo científico.

De acordo com Destácio (2000), os autores citados em seu texto defendem as seguintes ações para melhoria da cobertura jornalística no campo da ciência: a) oferecer, à maioria, o patrimônio da minoria; b) difundir os descobrimentos, de modo a ressaltar seu valor para a humanidade; c) destacar a importância da ciência pura; d) combater a desconfiança social em relação à ciência; e) revelar o caráter coletivo da prática científica; f) denunciar as falsas ciências; g) utilizar-se de meio interessante, direto e sensato para a difusão de informações acerca da ciência; h) ser simples, direto e “nobre”; i) tratar um assunto de cada vez; j) pensar muito no tema antes de escrever; k) humanizar os relatos; l) evitar jargões jornalísticos; m) adequar forma e linguagem ao público; e n) distinguir especulações de resultados.

O tripé da informação: (multi)plataforma, conteúdo e distribuição

Com o crescimento das tecnologias digitais, novas configurações no contexto de produção e circulação da informação e de conteúdos diversos, inclusive no âmbito científico, se expandiram. As possibilidades de acesso a tais conteúdos também extrapolam ambientes e ferramentas interativas ganham cada vez mais fôlego.

Nesse contexto, comunicar-se por meio de múltiplas plataformas tornou-se uma realidade diária para áreas diversas, mais intensamente para os que atuam no campo da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo. A base do conceito da comunicação multiplataforma é, então, somar mídias *on-line* e *off-line*. Com a ampliação do ambiente digital, crescem as possibilidades dessa interação.

As novas e as tradicionais mídias se fundem, reforçando a presença da comunicação alternativa e corporativa; e os poderes de produção e consumo se integram (Jenkins, 2008). Segundo o autor, “a convergência ressurge como um importante ponto de referência, à medida que velhas e novas empresas tentam imaginar o futuro da indústria do entretenimento” (Jenkins, 2008, p. 30). Para que a convergência de fato ocorra, é imprescindível a participação dos usuários. Esse processo representa uma transformação cultural, na qual os consumidores procuram novas informações e estabelecem novas conexões por meio de conteúdos e mídias (Jenkins, 2008).

Convergência e multiplataformas estão, assim, interligadas. Com as multiplataformas, cresce o acesso do público aos meios de produção e circulação dos conteúdos e das informações, com participações ampliadas, com vozes distantes e periféricas podendo ser ouvidas. O uso de dispositivos móveis torna-se, também, um facilitador para que os conteúdos se propaguem.

Seguindo esse modelo, as organizações, sejam elas públicas ou privadas, têm reforçado investimentos de comunicação em diferentes frentes, buscando visibilidade. O desafio passa a ser a interação entre produção e consumo de informação.

Jornalismo multiplataforma

O contexto jornalístico não foge aos pontos apresentados que movem e interligam os conceitos de convergência e multiplataformas. As estratégias do uso de multiplataformas no jornalismo não são recentes. Segundo Belochio, Barrichelo e Arruda (2017), a prática surgiu com o trabalho das organizações em usar mais de uma mídia em suas produções. A distribuição da notícia em multiplataformas passou a ser potencializada com o crescimento dos recursos digitais.

Bradshaw (2014) reforça que, para concorrer num ambiente multiplataforma, as empresas de comunicação começaram a adotar as primeiras estratégias web e os jornalistas do impresso tiveram que adaptar suas produções para a lógica multiplataforma. As notícias passaram a ser produzidas sem as limitações do espaço físico antes vistas como prerrogativas no trabalho das redações.

O fazer jornalístico, incluindo o jornalismo científico, busca propor novos modos para que os indivíduos percebam sua própria relação com a sociedade; e, com as multiplataformas, essa nova relação advém de interações e de um discurso integrado entre as plataformas. A participação tornou-se necessária para que, de fato, a concretização desse ambiente de troca torne possível afirmar que as novas tecnologias de mídia são democratizantes.

Universo multiplataforma científico: estudo de caso

A comunicação multiplataforma é um mecanismo de divulgação interativa. É natural que, cada vez mais, os consumidores tenham um comportamento multiplataforma e desempenhem interações diferentes de acordo com as plataformas, como celular e computador ao mesmo tempo. Com isso, cresce o desafio das organizações para a criação de conteúdos e engajamento em mídias digitais e para o planejamento de narrativas organizacionais e de informação por meio de práticas de colaboração.

Reconhecida pela pesquisa, a Universidade de São Paulo (USP) utiliza-se de diferentes meios para divulgar sua produção científica. A instituição também percebeu a potência dos recursos e possibilidades do uso das multiplataformas há tempos. A autarquia de regime especial, com autonomia didático-científica, faz uso de diferentes plataformas para produção e divulgação de seus conteúdos, com adaptação de forma integrada aos meios. Para dar visibilidade à sua produção científica, a Universidade possui um Núcleo de Divulgação Científica que emprega múltiplas plataformas comunicacionais.

Entre as diversas possibilidades apresentadas de comunicação e jornalismo científico produzidas pela Universidade de São Paulo, neste artigo, optamos pelo estudo do projeto *Ciência USP*, que abarca multiplataformas voltadas à divulgação das descobertas científicas e tecnológicas da instituição. Identificamos, então, os seguintes meios: site, página no *Facebook*, canal no *YouTube*, contas no *Twitter* e no *Instagram* (todos nomeados como *Ciência USP*), além de jornal e podcasts diversos. A seguir, apresentamos outras informações sobre as plataformas e conteúdos usados, com foco no campo científico, tendo em vista as interações propostas entre as plataformas.

Análise

A análise aqui proposta tem, como unidade, espaços multiplataforma do projeto Ciência USP: um site e quatro redes sociais. Em tais ambientes, analisaram-se notícias e posts publicados nos últimos três meses, a partir de protocolo organizado nas seguintes dimensões:

- Características gerais da plataforma utilizada;
- Características gerais da publicação;
- Tema;
- Narrativa;
- Vozes envolvidas.

Ao acessar o site, logo na página principal, é possível conectar-se a outras plataformas do projeto Ciência USP. Ainda no site, conseguimos acessar reportagens, notícias, podcasts, entre outras publicações. Há espaço, também, para interação, com campos para comentários nas reportagens e notícias para compartilhamento da publicação.

A lógica de produção de conteúdo no site, entretanto, ainda está mais atrelada ao padrão da mídia tradicional, com uma interação pouco utilizada, de fato. É possível enviar sugestões de pauta por meio de um formulário eletrônico conciso, porém, não conseguimos medir se de fato a interação é garantida a partir das sugestões enviadas.

Identificamos, ainda, outros dois canais de comunicação no site: um número de *WhatsApp* – outra plataforma que pode ser usada por interessados em receber notícias do *Ciência USP*, a partir de cadastro simples – e um link para o “Fale conosco”.

A interação é, hoje, um dos pontos fundamentais para construção e democratização dos diversos saberes – entre os quais, o científico. A reflexão crítica sobre a interface entre ciência e sociedade, com ênfase na multidimensionalidade das plataformas de comunicação, mostra-se desafiadora: ouvir o outro e levá-lo em consideração, nesse processo, é algo fundamental para consolidação do escopo institucional do próprio projeto *Ciência USP* e dos valores democráticos propostos ao jornalismo científico. Porém, não é possível validar se, de fato, existe tal dimensão de interação apenas pela análise do site.

O site conta com encaminhamentos para outras plataformas, especialmente em direção às redes sociais, que têm grande potencial para popularização de assuntos diversos, especialmente os científicos. Neste artigo, ao longo de 2022, analisamos quatro delas: *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*.

A conta do *Ciência USP* no *Instagram* apresenta número significativo de seguidores (259 mil), com publicações regulares de posts, feitos, em algumas semanas, diariamente. A página do *Facebook*, por sua vez, registra 235.105 seguidores, com participação ativa dos usuários e uma interação ainda mais significativa do que no Instagram (no que tange ao número de curtidas e comentários). A interação ocorre, também, por meio de comentários, incluindo dúvidas/perguntas respondidas pela página. Porém, no *Instagram*, não verificamos muitos comentários, nem interações por parte da equipe do projeto.

O canal do *YouTube* relaciona-se diretamente ao *Canal da USP*, que conta com 351 mil inscritos e mais de 4 mil vídeos publicados. O canal apresenta uma série de vídeos de entrevistas com pesquisadores da USP. A interação é menor. No *Twitter*, por sua vez, existem 80,4 mil seguidores registrados. A rede social foi criada pela instituição mais recentemente, e, em determinado período, ficou fora do ar, apesar de, hoje, contar com publicações regulares.

No que se refere às plataformas analisadas, observou-se que o conteúdo, de maneira geral, é reproduzido nas diferentes plataformas, não sendo consideradas características específicas de cada uma delas (a não ser quando tratam do limite físico, que envolve texto, como é o caso do *Twitter*). De modo específico, a interação é realizada por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários. As dúvidas são respondidas pela equipe do *Ciência USP*, e, por isso, ampliam-se as possibilidades de construção colaborativa de conhecimento científico no ambiente digital.

Se, por um lado, não é possível medir tal interação de forma mais efetiva, com a análise do site; por outro, nas redes, ela se mostra presente de fato – principalmente,

em função da profusão de comentários. As redes do *Ciência USP* demonstram, assim, possibilidades de interação entre os participantes das redes interessados nas temáticas da ciência, no ciberespaço, e constituem grande potencial para o desenvolvimento de processos de aprendizagem e troca, além do desenvolvimento da inteligência coletiva (Lévy, 2010).

Em relação ao jornalismo científico, visto, aqui, como processo essencialmente social, ligado à interação com “o outro”, comprehende-se as redes do Ciência USP como espaços de diálogo, capazes de permitir que os participantes transformem e sejam transformados pelos conteúdos publicados.

Sobre as narrativas apresentadas, observa-se, em todas as plataformas, a presença das vozes autorizadas dos chamados discursos científicos: pesquisadores e profissionais da saúde, principalmente, com foco no saber médico. Resultados de pesquisas em diversas áreas são os conteúdos mais presentes na divulgação de todas as redes, de maneira a reforçar a voz autorizada da ciência, da pesquisa e do pesquisador, brasileiro ou não. Os autênticos porta-vozes desses meios são, de fato, os próprios cientistas.

A legitimidade dessas vozes se dá por meio da presença de instituições como a Faculdade de Medicina da USP (e seus pesquisadores), a Faculdade de Odontologia de Bauru (e seus pesquisadores) e o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena) da USP (e seus pesquisadores). A maior parte das instituições é representante direta da própria Universidade, mas, também, é possível identificar a aparição de outras instituições, tanto nacionais quanto internacionais. As relações entre ciência, tecnologia e poder aparecem, ainda, mesmo que forma sutil – especialmente em publicações sobre como a tecnologia sana problemas sociais (a exemplo da pasta de dentes que evita erosão).

A lógica das vozes presentes nas narrativas reforça o que afirma Romanini (2004) sobre o fato de o jornalismo científico brasileiro narrar bem histórias de pesquisas e sucesso científico. A “vida do laboratório”, contudo, é pouco – ou superficialmente – explorada. No caso do projeto *Ciência USP*, o dia a dia dos laboratórios não se faz presente, posto que a ênfase se dá na apresentação dos resultados de pesquisas.

O caráter de temporalidade, comum às notícias midiáticas mais tradicionais, construídas pelos veículos hegemônicos de comunicação, não é tão evidente nas redes analisadas. Como os estudos publicados não são datados, foge-se da lógica factual de produção. Além disso, poucos assuntos presentes no contexto da mídia tradicional ganham foco nas publicações, que extrapolam temáticas ligadas à própria USP.

Assuntos ampliados, que envolvam determinantes sociais da saúde, por exemplo, são pouco explorados em tais meios. Por fim, também a interdisciplinaridade das ciências é pouco contemplada nas publicações, no que se refere ao registro de posts que envolvem diversas áreas do conhecimento.

Ao investigar o modo como o projeto *Ciência USP* lida com as multipossibilidades da ambiência digital, de maneira a propor e disseminar discussões e experiências públicas sobre as ciências, procurou-se, aqui, uma espécie de “duplo movimento” in-

vestigativo: de um lado, compreender as bases e a natureza editorial da Divulgação Científica pretendida pela referida iniciativa; de outro, detectar alguns dos sentidos e a "tez" da composição multifacetada de vozes, fontes e disputas de poder envolvidas em tal processo.

Com base na análise do jornalismo científico multiplataforma desenvolvido pelo *Ciência USP*, verificamos que diferentes plataformas fazem parte do projeto, envolvendo, principalmente, redes sociais, tão importantes no cenário digital atual.

As redes do projeto apresentam grande alcance, com números significativos de seguidores, e distintas possibilidades de interação, que se mostram presentes, principalmente, por meio de comentários. Tais processos interacionais, entretanto, não é tão forte no *Instagram*, e os comentários tendem a vir de pares científicos. Ainda assim, consideramos que os públicos dialogam com as veiculações.

As características da cobertura das ciências pelo projeto envolvem benefícios da pesquisa, por meio, principalmente, de reportagens que mencionam conquistas, e, em alguns casos, promessas da atividade científica. As vozes presentes no projeto são: cientistas/professores universitários (ou representantes de institutos de pesquisa e universidades nacionais e internacionais), especialistas e médicos (para temas específicos que envolvem o campo da saúde). As vozes da sociedade comum, entretanto, pouco se fazem presentes nas publicações.

A prática multiplataforma é, de fato, muito usada pelo projeto, ao reforçar as possibilidades de diálogo entre ciência, sociedade e democracia. Na prática, entretanto, as distantes características e especificidades de cada plataforma são pouco aproveitadas, e as publicações acabam replicadas nas plataformas integrantes do *Ciência USP*. Ainda assim, consideramos que o projeto reforça o diálogo e a discussão em torno de experiências entre ciências e indivíduos. Trata-se de iniciativa de Divulgação Científica que funciona como pano de fundo para análise de toda e qualquer disputa de poder no cenário científico, em um mundo cada vez mais centrado em ambientes digitais.

Referências

BELOCHIO, Vivian; BARICELLO, Eugenia; ARRUDA, Tanise. Aplicativos autóctones em franquias jornalísticas: a possível transformação de rotinas produtivas na convergência com meios digitais. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (Orgs.). **Jornalismo móvel**: linguagem, géneros e modelos de negócio. Covilhã: Livros LabCom, 2017.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

BRONOWSKI, Jacob. Interpretações da natureza. In: BRONOWSKI, Jacob. **Magia, ciência e civilização**. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 9-28.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo, lobby e poder. **Revista Parcerias Estratégicas**, n. 13, dez. 2001.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico** – Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

COLOMBO, Furio. A notícia científica. In: COLOMBO, Furio. **Conhecer o jornalismo hoje**. Lisboa: Editorial Presença, 1998. p. 96-111.

COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010.

DESTÁCIO, Mauro Celso. Breve ensaio sobre as peculiaridades do texto de Divulgação Científica. **Revista Eletrônica Espiral**, ano 1, n. 4, jul./set. 2000. Seção Papiro. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/esprial/papiro4.htm>. Acesso em: 17 mar. 2005.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira. Diálogo possível. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010. p. 43-51.

GUIMARÃES, Eduardo. O acontecimento para a grande mídia e a Divulgação Científica. In: GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001a.

GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001b.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LEITE, Marcelo. O atraso e a necessidade – Jornalismo científico no Brasil. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosaldo. A divulgação da ciência é direito do cidadão. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010. p. 23-24.

MOSLEY, M.; LYNCH, J. **Uma história da ciência**: experiência, poder e paixão. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

ORLANDI, Eni P. Divulgação – A descoberta entre a ciência e a não-ciência. In: GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001.

PETER-PETERS, Hans. A interação entre jornalistas e peritos científicos – cooperação e conflito entre duas culturas profissionais. **Revista de Comunicação e Linguagens – Jornalismo 2000**, Nelson Traquina (Org.), Lisboa, p. 213-235, 2000.

REIS, José. **A ciência e o homem**. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-ciencia-e-o-homem.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROMANINI, Vinicius. Parem as máquinas! Relações entre tecnologia, informação e desenvolvimento sustentável. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.) **Formação & informação científica**. Jornalismo para iniciados e leigos. p. 109-110.

SILVA, Josimey Costa. Fiat Lux. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa – Convergências possíveis**. Natal: Ed. Fapern, 2010. p. 25-29.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a Divulgação Científica – Subjetividade e heterogeneidade no discurso da Divulgação Científica**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

Recebido em: 22 ago. 2023
Aprovado em: 23 out. 2023